

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Plínio Salgado: O discurso integralista, a revolução espiritual
e a ressurreição da nação.**

PATRICIA SCHMIDT

FLORIANÓPOLIS

2008

PATRICIA SCHMIDT

**Plínio Salgado: O discurso integralista, a revolução espiritual
e a ressurreição da nação.**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Artur César Isaia

FLORIANÓPOLIS

2008

Para Milton, Delci, Priscila, Jonatan e João.

AGRADECIMENTOS

À minha família e ao meu companheiro, pela força e pelo amor.

Ao meu orientador Professor Doutor Artur César Isaia, pela atenção, dedicação, carinho e por ter sempre acreditado no meu trabalho.

À banca examinadora: Professora Doutora Maria de Fátima Fontes Piazza, Professor Doutor João Eduardo Pinto Bastos Lupi, e a Professora Doutora Gisele Zanotto pelas contribuições valiosas que enriqueceram meu trabalho. Dedico-lhes grande admiração e respeito.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina pelas críticas e sugestões que propuseram ao meu trabalho, em especial às professoras Maria de Fátima Fontes Piazza, Joana Maria Pedro, Cristina Sheibe Wolff.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação que sempre estiverem prontos a me auxiliar, em especial à Maria Nazaré Wagner, sempre atenciosa.

À professora Ana Maria Colling, pela amizade e carinho.

Aos colegas do mestrado, especialmente Cezar Karpinski, Claudia Nichnig, Maíse Zucco, Francimar Petrolí, Ricardo Neumann, Miguel Angel Rodriguez, Adriana Vieira, Jeisa Rech, Marcos Arraes pelo companheirismo e pelas palavras de incentivo.

À querida amiga Rosane Neumann pelas importantes sugestões e palavras de apoio.

Aos funcionários do Centro de Documentação AIB/PRP de Porto Alegre pela atenção.

A Capes pelo financiamento que possibilitou este trabalho.

Resumo:

Neste estudo, discutiremos como Plínio Salgado, durante a Ação Integralista Brasileira (1932-1937), buscou legitimação de seu discurso político no discurso religioso, num pensamento centrado no espiritualismo cristão, onde proclama uma doutrina de redenção, uma “*revolução espiritual*” onde o lema: “*Deus, Pátria e Família*” passa a constituir o cotidiano dos “Camisas-verdes”.

Palavras-chaves: Integralismo, espiritualismo, sacralização.

Abstract

On this study, we will discuss how Plínio Salgado, during the Integralist Brazilian Action (1932-1937), searched for the legitimation of his politician speech in the religious speech, and on conception centered on Christian spiritualism, where proclaims the redemption doctrine, a “spiritual revolution”, where the moto “God, Motherland and Family” constitutes the everyday life of the “Green-Shirts.”

Key-works: Integralism, spiritualism, sacralization.

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
CAPÍTULO 1 – AMBIENTAÇÃO CULTURAL DE PLÍNIO SALGADO	13
1.1 Década de 20: Cenário de transformações.....	14
1.2 Nas trilhas do movimento modernista.....	20
1.3 Os primeiros romances: <i>O Estrangeiro</i> e <i>O Esperado</i>	31
CAPÍTULO 2 – REVOLUÇÃO ESPIRITUALISTA PLINIANA	56
2.1 Contra-Revolução: Idade Média e Revolução Francesa no discurso pliniano.....	57
2.2 Contra-Revolução e Integralismo.....	65
2.3 Concepção Pliniana de Revolução.....	74
2.4 A Revolução Espiritualista Pliniana e a Operatividade.....	93
2.5 O Estado Integral.....	100
CAPÍTULO 3 – ENTRE O SACRIFÍCIO CRISTÃO E A RECONSTRUÇÃO NACIONAL: A SACRALIZAÇÃO DE PLÍNIO SALGADO E DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA	109
3.1 A construção de uma comunidade de sentido: Símbolos e ritos da Ação Integralista Brasileira.....	110
3.2 Ritos e cerimônias especiais.....	117
3.3 A sacralização da imagem de Plínio Salgado e da Ação Integralista Brasileira nas páginas das revistas Anauê! e Panorama.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
FONTES	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159

Considerações Iniciais

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos¹.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) está inserida no contexto histórico nacional e internacional da década de 30, período marcado por um processo de transição que já vinha se delineando na década anterior, desde o nível socioeconômico perpassando também no domínio cultural, social e político. O período pode ser compreendido como específico da conjuntura histórica mundial, em que “novas formas de controle social foram engendradas com vistas à preservação da ordem ameaçada por conflitos sociais. Num movimento simultâneo e internacional, as sociedades européias e americanas buscaram soluções específicas, adequadas a suas realidades históricas”². Mas este quadro já começava a se configurar após a Primeira Guerra Mundial, onde a ordem liberal passou a ser questionada. Com a ascensão do fascismo e do comunismo, a extrema-direita e a extrema-esquerda passaram a representar duas forças que disputavam entre si a tarefa de reordenar o mundo:

... nos anos 30, os regimes fascistas, o nazismo, o stalinismo, não necessariamente identificados entre si, intercambiam febrilmente fórmulas e experiências que pretendem congelar os focos de tensão da história e resolver, definitivamente a questão social...³

No cenário nacional, várias transformações estavam ocorrendo, principalmente mudanças nos padrões culturais vigentes até então, além do esgotamento de um modelo oligárquico agro-exportador, que passa a abrir caminho para uma crescente industrialização e urbanização que irão modificar a formação social: expansão do operariado e de camadas médias. Floresce uma renovação estética e um nacionalismo cultural com a Semana da Arte Moderna, acompanhado de uma renovação católica (aproximação da igreja com os intelectuais).

¹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, 10ed. Rio de Janeiro:Graal, 1979, p 8.

² CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em Cena. Propaganda Política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Papyrus, 1998, p.22. Para saber mais sobre o período em questão consultar HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³ LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. São Paulo:Papyrus, 1986, p.13.

Acreditamos que havia neste período uma disposição totalitária no cenário mundial:

Essa disposição totalitária (...) ela se deixa entrever enquanto referida, fundamentalmente, não a um regime, e sim a uma ideologia que sustenta a imagem de uma sociedade una, indivisa e homogênea; advoga um controle social que normalize, uniformize e totalize o conjunto da vida social em nome de um valor dominante que pressupõe a identificação entre o público e o privado (...) que não prescinde do fantasma do inimigo para manter coeso o corpo social⁴.

Os períodos de crise e desequilíbrios apresentam-se como os mais propícios para o surgimento de movimentos e líderes que propõem mudanças sociais, econômicas, culturais profundas, procuram mobilizar e distinguir/uniformizar um grande contingente de indivíduos através de seus discursos e da materialização dos mesmos: símbolos, ritos, uniformes, hinos. Estes indivíduos assumem a obrigação de obedecer sem questionar e defender com a própria vida os ideais do movimento e glorificar o seu líder. A constituição da AIB está inserida neste contexto como veremos no decorrer deste trabalho.

Preocupamo-nos em estudar a Ação Integralista Brasileira como um movimento político com suas dimensões culturais por acreditar que não se pode mais analisar a história política desvinculada da história cultural, como nos lembra Stuart Hall: “o político tem a sua dimensão cultural (...) toda prática social tem condições culturais ou discursivas de existência”⁵. A possibilidade de abordar e tentar desvendar os significados sociais e culturais de um movimento político é desafiador, mas a história que se faz presente nos possibilita novos temas de pesquisa relacionados à cultura política⁶, das representações políticas constituídas por imagens, símbolos, mitos, ritos, análise de práticas discursivas que constituem sujeitos, como bem afirma Peter Burke ao citar J.B.S Haldane: “A nova história começou a se interessar por virtualmente toda a

⁴DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário: Imaginário Político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro:Ed UFRJ; Belo Horizonte: Ed UFMG, 1997, p.16.

⁵ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, 22(2), 15-45, jul./dez, 1997. p.33-34.

⁶ Entendemos por cultura política um conjunto de elementos que permitem aos indivíduos constituírem sua identidade, já que é interiorizada pelos indivíduos e que acaba por determinar as suas motivações políticas. É um “discurso codificado em que o vocabulário utilizado, as palavras-chave, as fórmulas repetitivas são portadoras de significação, enquanto ritos e símbolos desempenham, ao nível do gesto e da representação visual, o mesmo papel significante”. BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (orgs). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editora Estampa, 1998, p.351.

atividade humana. ‘Tudo tem história’⁷. E a história cultural assume sua importância no fazer historiográfico atual, contribuindo para uma interpretação mais abrangente de fatos antes reduzidos a uma história econômica e social, pois abrange o real vivido e pensado, as práticas sociais e suas representações, por isso a cultura não pode ser pensada como uma instância complementar, mas como instância mediadora da própria vida da sociedade.

Assim, acreditamos que o estudo dos aspectos culturais de um movimento político como o Integralismo possa ocupar um lugar importante entre as temáticas nas Ciências Humanas, pois foi um movimento que, apesar de uma curta duração legal (1932-1937), se tornou amplo, permitindo várias formas de investigação nos campos social, político, cultural, por isso que não pode ser considerado apenas um “Fascismo Caboclo”:

...é necessário perceber que a adesão de seus militantes deve ser compreendida a partir da trajetória do movimento e das aspirações expressas pelos aderentes (...) um movimento que mobiliza expressivos contingentes populares não pode ser reduzido a mera ‘mistificação’⁸.

O movimento integralista apresenta-se como um movimento complexo, com várias dimensões de análise possíveis. Partindo desta perspectiva, a proposta deste trabalho é estudar o discurso pliniano, e a partir daí, verificar como as publicações na imprensa partidária integralista, em especial as revistas *Anauê!* e *Panorama*, colaboraram na construção de uma imagem sacralizada do movimento integralista e do chefe nacional – Plínio Salgado, apelando para imagens e símbolos religiosos visando legitimação e formação de uma comunidade de sentido⁹.

A abundância de livros doutrinários de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e tantos outros, serão cruciais para a formação do ideário integralista, principalmente entre os dirigentes do movimento. No entanto, as idéias integralistas tinham na imprensa uma maneira mais abrangente de sensibilizar e conquistar novos adeptos. Esta idéia está de acordo com Capelato, conforme veremos adiante.

Importante salientarmos que não estamos nos propondo a fazer um estudo da

⁷BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo:UNESP, 1992.p.11.

⁸CALIL, Gilberto. **O Integralismo no Pós-guerra. A formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2001, p.16.

⁹BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi V.5**. Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda 1985.

imprensa partidária integralista, mas por meio desta imprensa, vislumbrar como era propagado o discurso pliniano durante os anos de 1932 a 1937, período de legalidade do movimento, através das duas revistas partidárias de circulação nacional, visando à construção de uma imagem sacralizada tanto do movimento quanto do chefe nacional.

Devido à quantidade de obras doutrinárias dos principais líderes integralistas, optamos por focar apenas as principais obras doutrinárias de Plínio Salgado, já que este foi considerado idealizador do movimento e chefe nacional, mas temos em mente que mesmo as principais idéias convergiam entre os dirigentes do movimento, havia alguns pontos de divergência. Plínio era mais espiritualista, preocupado com questões filosóficas, já Miguel Reale preocupava-se mais com a constituição do Estado, sua organização prática. Gustavo Barroso voltara-se mais para o anti-semitismo.

Mesmo que no início o Integralismo fosse visto apenas como uma caricatura do fascismo europeu e relegado para o segundo plano na análise historiográfica, existem vários estudos feitos sobre o Integralismo que enfocam a Ação Integralista Brasileira, e depois de 1945, o Partido de Representação Popular (PRP), tanto a nível nacional, quanto internacional¹⁰. A nível nacional pode-se destacar os estudos de Helgio Trindade, Ricardo Benzaquem de Araújo, José Chasin, Gilberto Vasconcelos, Marilena Chauí, René Gertz¹¹ como precursores dos estudos sobre o Integralismo no Brasil, enfocando as condições históricas que possibilitaram seu surgimento, organização do movimento, suas características ideológicas, sua proximidade com o fascismo numa proposta historiográfica mais voltada para os aspectos políticos não havendo ainda a interpretação de como os militantes tornavam a doutrina integralista parte real de suas práticas sociais.

A dissertação de mestrado de Ivo Canabarro dos Santos¹² sobre o integralismo

¹⁰Um exemplo é do brasilianista, BROXSON, E.R. **Plínio Salgado and Brazilian Integralism (1932-1938)**, escrito em 1972.

¹¹ TRINDADE, H. **Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30**; ARAÚJO, R.B. **Totalitarismo e Revolução – o Integralismo de Plínio Salgado**; CHASIN, J. **O integralismo de Plínio Salgado – forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio**; VASCONCELOS, G. **A ideologia curupira – análise do discurso integralista**; CHAUÍ, M. **Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira**. GERTZ, R. **O fascismo no sul do Brasil**. Gertz difere dos demais por analisar a AIB na região sul e sua ligação com grupos étnicos, já que os estudos realizados até então viam o movimento nacionalmente. Há também trabalhos regionais como a tese de doutoramento da pernambucana Giselda Brito Silva. **A lógica da suspeição contra a força do sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco**. Recife, 2002. e a tese de Carmencita H.M Ditzel que investigou o Integralismo em Campos Gerais, PR: **Manifestações autoritárias: O Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955)**. Em Santa Catarina podemos encontrar a dissertação de mestrado de Lauci Aparecida Cavalett, que analisa o Integralismo e o Teuto-brasileiro em Joinville, de 1930-1938.

¹² CANABARRO, Ivo dos Santos. **Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: o caso do integralismo em Ijuí**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. (Coleção trabalhos acadêmico-

na cidade de Ijuí aproximar-se da Nova História Cultural, principalmente ao fazer uso de fontes como a fotografia, o jornal, depoimentos orais e na análise do imaginário que permeava a doutrina Integralista em torno da representação da família.

Com as análises mais voltadas para a micro-história, novos questionamentos surgiram: a questão das “Blusas Verdes” (mulheres que aderem ao movimento) na análise da categoria de relação de gênero, da educação na formação do militante, na análise dos símbolos e ritos¹³, o Integralismo no pós-guerra¹⁴. A questão do resgate de memórias também tornou-se uma importante forma de análise do movimento¹⁵.

No que se refere à imprensa partidária como fonte de pesquisa há alguns trabalhos, como a de Rogério Souza Silva que utiliza a Revista *Anauê!* e a vinculação de imagens como forma de consolidar o discurso integralista¹⁶, Rodrigo Oliveira aponta o anticomunismo na imprensa partidária, fazendo uma análise de como se estruturava o organograma da imprensa integralista.¹⁷

No ano de 2007 foi lançado um importante livro intitulado: *Estudo do Integralismo no Brasil*¹⁸. Este livro buscou justamente focar a diversidade das manifestações da AIB pelo país sob a ótica de diversos pesquisadores que nos auxilia na ampliação do conhecimento sobre o tema.

Através desta revisão bibliográfica busca-se demonstrar a importância dos estudos em torno do Integralismo, debatido em várias áreas do conhecimento, fundamentando as investigações, como no caso da análise cultural de um movimento político que passou a fazer parte do cotidiano de milhares de militantes “Camisas

científicos. Série dissertação de mestrado).

¹³Obra que analisa os ritos e símbolos assim como a imprensa integralista é da filósofa Rosa Maria Feiteiro Cavalari. **Integralismo: Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo:Edusc, 1999.

¹⁴CALIL, G Gilberto. **O integralismo no Pós-guerra. A Formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre:Edipucrs, 2001. Outro pesquisador que deteve sua análise do Integralismo no pós-guerra foi: CRISTOFOLETTI, Rodrigo. **As Celebrações do Jubileu de Prata Integralista (1957-1961)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis, São Paulo, 2002.

¹⁵ A obra: **Velhos Integralistas: A memória de militantes do Sigma**, realizado por Carla Luciana Silva e Gilberto Calil no ano de 2000 em Porto Alegre, se constitui uma importante referência.

¹⁶ SILVA, Souza. Rogério. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê*. In: **Revista Brasileira de História**, dezembro de 2005, vol 25, n 50.

¹⁷ OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. **“Perante o tribunal da história”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**, 2004. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

¹⁸SILVA, Giselda Brito. (org). **Estudos do Integralismo no Brasil**, Pernambuco: Ed: UFRPE, 2007. Este livro abriga diversos temas como: as origens do integralismo, integralistas e católicos, estudo de gênero acerca da participação das mulheres no movimento, entre outros.

Verdes”, encantados pelo discurso da “revolução de espírito” proposta pelo seu Chefe Nacional divulgados nas revistas integralistas.

O interesse pelo tema vem desde a graduação. Primeiramente tudo foi novidade ao pesquisar o Integralismo, pois as leituras até então eram muito superficiais. A primeira impressão foi de um movimento fascista, que sonhava conquistar o Brasil, e que agregou muitos adeptos. Mas o questionamento se fez: Como, onde, por quê tantos adeptos? Que dispositivos foram utilizados pelo movimento para cooptar tantos militantes?

Ao lermos *Chatô: O Rei do Brasil*, de Fernando Morais, passamos a questionar o poder que a imprensa exerce, como manipula os fatos; e o poder que exerce sobre os indivíduos sem que estes possam ter consciência deste poder. A partir deste momento, vislumbramos a mídia com “outros olhos”, muito mais críticos e assim surgiu o interesse em pesquisar como esse poder era exercido sobre as pessoas ditas “comuns”. Continuamos pesquisando o integralismo no trabalho de conclusão de curso, onde enfatizamos o *Uso da História Oral e da Fotografia na Construção Historiográfica do Integralismo em Ijuí*, já que o acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana, em Ijuí, possui um acervo iconográfico e também de depoimentos orais muito ricos sobre o movimento. Neste acervo, pesquisamos também o jornal *Correio Serrano*, periódico ijuiense que anunciava a propaganda integralista. Mesmo não sendo nosso objetivo inicial, não pudemos deixar de observar que a imprensa foi fundamental em Ijuí para que o discurso doutrinário chegasse efetivamente até o militante. Mas como este discurso era propagado na imprensa partidária do movimento a nível nacional? Também entrevistamos um ex-militante que se mostrou saudosos ao lembrar que: Deus, Pátria e Família era o único modelo a seguir na conturbada década de 30. As motivações para levar a pesquisa adiante continuaram: como foi possível à imprensa partidária propagar um discurso que se inserisse nas práticas cotidianas dos militantes? Que recursos foram utilizados? Quais imagens do Chefe nacional e do movimento foram sendo construídas?

Para tentar elucidar estas interrogações, e outras que surgiram durante a realização do presente trabalho, se faz necessário recorrer aos seus fundamentos teóricos.

Partimos do pressuposto que havia um imaginário político durante a vigência da Ação Integralista que influenciou a produção discursiva pliniana, alicerçado em valores como: Família, Propriedade, Pátria, disciplina, ordem, hierarquia. Para

compreender de forma mais abrangente este contexto e estes pressupostos aceitos como verdades por muitos, recorreremos à noção de imaginário social a partir de Bronislaw Baczko que vislumbra - o como:

...a produção de representações da ‘ordem social’, dos atores sociais, e das suas relações recíprocas (hierarquia, dominação, obediência, conflito, etc) bem como das instituições sociais, em particular as que dizem respeito ao exercício do poder, às imagens do ‘chefe’, etc (...) Com efeito, todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar.¹⁹

O imaginário social é um regulador da vida social, é também essencial para legitimar o poder, por isso que “cada sociedade precisa de imaginar e inventar a legitimidade que atribui ao poder (...) todo poder tem de se impor não só como poderoso, mas também como legítimo”²⁰. Acreditamos que o imaginário e o real não são opostos, pois contribuem para a formação do social, já que “nenhuma relação social e (...) nenhuma instituição política são possíveis sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem”²¹. Seguimos o pressuposto que o imaginário interfere em toda a constituição das formas discursivas, instaurando papéis, normas, valores e verdades. Além disso, traça estratégias de legitimação.

Prepusemo-nos a vislumbrar como Plínio Salgado buscou legitimar seu discurso político/doutrinário. Assim, outro fundamento teórico imprescindível para a presente análise é a noção de discurso, entendido como:

...transmissão de informação mas como efeito de sentidos entre interlocutores, enquanto parte do funcionamento social geral. Então, os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, as condições de produção, constituem o sentido da seqüência verbal produzida. Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação (...) há nos mecanismos de toda formação social regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações dessas situações no interior do discurso. É o lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, que é constitutivo da significação discursiva.²²

A partir desta idéia, vislumbramos o discurso pliniano como um discurso

¹⁹ BACZKO, Bronislaw. Op.cit., p.309.

²⁰ Idem, ibid, p.310.

²¹ Ibid, p.301.

²² ORLANDI, P. Eni. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso.** 2 ed. Campinas. SP: Pontes, 1987, p.26.

autoritário. Para tanto, nos detivemos à leitura de relação de interlocução típica do discurso autoritário em Orlandi:

No discurso autoritário, o referente está ‘ausente’, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo (...) para ordenar exige-se uma certa relação hierárquica entre quem ordena e quem obedece; para interrogar, há também a exigência de certas condições e o direito de interrogar, exercido por uma autoridade, converte-se em poder de ordenar...²³

Objetivamos manter sempre a historicidade dos processos discursivos, sabendo que no contexto histórico da década de trinta, vários discursos relacionavam-se entre si, compondo-se (por exemplo: da Igreja Católica com a intelectualidade leiga, ou dos intelectuais com o governo, entre outros). Os sentidos produzidos pelos discursos não podem ser vislumbrados como sendo “naturais”, ou como “verdades absolutas” visto que os discursos são produzidos por sujeitos multifacetados, que objetivam criar significados dentro de um determinado contexto cultural. Discurso é uma prática.

Também pudemos observar que os discursos podem ser resignificados, adotando valores já consagrados. Assim, o discurso político pode apelar para outros discursos, pois:

...todo discurso é incompleto e seu sentido é intervalar: um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social, e se institui na relação entre formações discursivas e ideológicas.²⁴

Alcir Lenharo auxiliou-nos a compreender a utilização da religião, do imaginário cristão por Plínio Salgado como uma forma de legitimar seu papel e seu discurso enquanto chefe da Ação Integralista e assim, ampliar o número de adeptos. Lenharo esclarece-nos que:

A sacralização da política visava dotar o Estado de uma legitimidade escorada em pressupostos mais nobres que os tirados da ordem política, funcionando como um escudo religioso contra as oposições não debeladas. Da mesma forma, os canais convencionais, alimentados pela religiosidade, podiam ser utilizados como condutores mais eficientes dos novos dispositivos de dominação que o poder engendrava.²⁵

Além da sacralização da política, havia a necessidade de recorrer a outros métodos de legitimação e de suporte material ao discurso pliniano: os ritos e os

²³ ORLANDI, P. Eni. Op. cit., p.15-18.

²⁴ Idem, ibidem, p.240.

²⁵ LENHARO. Op cit.p.18.

símbolos, que se tornam eficazes quando estão assentados a uma comunidade de imaginação/sentido. Por isso:

O nascimento e a difusão dos signos imaginados e dos ritos coletivos traduzem a necessidade de encontrar uma linguagem e um modo de expressão que correspondam a uma comunidade de imaginação social, garantindo às massas, que procuram reconhecer-se e afirmar-se nas suas ações, um modo de comunicação. Por outro lado, contudo, esse simbolismo, esse ritual fornecem um cenário e um suporte para os poderes que sucessivamente se instalam, tentando estabilizar-se.²⁶

Correlacionando com a afirmativa de Baczko, Peter Berger nos diz que: “Cada mundo requer, deste modo, uma ‘base’ social, para continuar a sua existência como um mundo que é real para estes humanos reais. Essa ‘base’ pode ser denominada de estrutura de plausibilidade”.²⁷

A utilização do mito político nos auxilia na compreensão da personalização do poder, onde o líder, o chefe do partido, tende a tomar a fisionomia do “Salvador”, do “Guia”. Raoul Girardet nos esclarece que os mitos surgem em momentos de ruptura ou de contestação, assumindo um caráter explicativo, além de possuir uma “potência mobilizadora” já que o mito político “... é instrumento de reconquista de uma identidade comprometida. Mas ele aparece também como elemento construtivo de uma certa forma de realidade social”²⁸.

Os estudos de Roger Chartier serão de fundamental importância na compreensão da construção de sentidos pelos impressos integralistas, pois: “o controle da significação e a imposição do sentido são sempre uma questão fundamental das lutas políticas ou sociais e um instrumento maior da dominação simbólica”²⁹. A construção de sentido é sempre plural e depende “... das estratégias de escritura e de edição, mas também das possibilidades e imposições próprias a cada uma das formas materiais que sustentam os discursos, e das competências, das práticas e das expectativas de cada comunidade de

²⁶BACZKO, Bronislaw. Op.cit., p.324.

²⁷BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985 (Religião e manutenção do mundo).p.58. A AIB encontra está plausibilidade histórica no cenário nacional. A influência da expansão do ideário fascista europeu faz da década de trinta no Brasil um período propício para a ascensão de idéias radicais de direita. Após a revolução de 30, se instala um clima de agitação, principalmente pelo crescente apelo ao temor pela instalação do comunismo no país, além do surgimento de novas formações sociais e políticas. Portanto, a estrutura de plausibilidade da década de 30 para a ascensão de movimentos como a AIB não era, como sugere Trindade, um “fato isolado, mas resulta da cristalização das idéias radicais de direita no Brasil nos anos 30 e da convergência dos movimentos precursores que Salgado buscará integrar” TRINDADE, Op.cit., p 98. Grifos nossos.

²⁸GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.183.

²⁹CHARTIER, R. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2002, p.252.

leitores”³⁰. Partimos do pressuposto que a imprensa partidária da AIB se insere neste controle de significação, na imposição de sentido, na construção da imagem do chefe nacional. Para Chartier a escrita jamais é neutra pois: “Controlar sua produção, emprego, significação, é um poderoso instrumento de poder”³¹.

A opção pelo uso da imprensa partidária como fonte para analisar a construção de uma imagem sacralizada de Plínio Salgado e da AIB se insere na perspectiva de ver que “A Imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela *se trava uma constante batalha pela conquista de corações e mentes*”³². Os meios de comunicação em massa permitem a manipulação dos imaginários sociais e agem como força reguladora da sociedade Maria Helena Capelato, citando Bronislaw Baczko, auxilia a pensar a imprensa como um dispositivo de fabricação e manipulação dos indivíduos: “os meios de comunicação fabricam necessidades, abrindo possibilidades inéditas à propaganda que se encarrega, ela mesma, de satisfazê-la.”³³

As revistas, inseridas neste contexto, constituíram-se meios de comunicação eficazes na manipulação de valores, atendendo tanto aos interesses mercadológicos quanto políticos: “... texto e imagem, embalados no atraente e prático formato ‘revista’, modelaram o quadro social, manipularam idéias, conformaram ideários”³⁴.

A interpretação dos discursos expressos nas revistas permitirá acompanhar o movimento dos ideais que circulam na época estudada, porém, como nos alerta Ana Luiza Martins, a fonte requer cuidados, por isso para utilizar as revistas como fontes históricas devemos ter em mente que “... os apelos que transportam e induzem o pesquisador a configurações quase pictóricas do passado, tal como um espelho disforme, refletem imagens falsas, imagens de superfície, que requerem investigação e

³⁰Idem ibidem p.115.

³¹ Ibid, p.254.

³²CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo:Contexto, 1988, p.13.grifos nossos.

³³BACZKO apud CAPELATO, Op cit, p.36. Para saber mais consultar sobre a comunicação em massa consultar: MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX (O Espírito do Tempo)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975. Nesta obra, Morin nos dá a exata dimensão da expansão da chamada “cultura de massa”, da “sociedade industrial” ou “sociedade de massa”. Para Morin, a cultura de massa é uma cultura já que é constituída por um “corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas” MORIN, Op.cit., p.11.

³⁴MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da USP: FAPESQ, 2001, p.562.

decodificação”.³⁵

Quanto ao “corpus” documental e sua utilização analisamos primeiramente os romances de Plínio Salgado que antecederam o movimento integralista, em especial os romances *O Estrangeiro* (1926) e *O Esperado* (1931). Seguimos analisando as principais obras doutrinárias plinianas que fundamentam o ideário integralista entre 1932 a 1937, e após nos centramos na análise revistas partidárias de circulação nacional: a revista *Anauê!* e *Panorama*, que compõem o acervo do Centro de Documentação AIB/PRP em Porto Alegre. A partir das informações contidas nestas fontes, optamos por dividir o presente trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo nos detivemos na análise da ambientação cultural de Plínio Salgado durante as décadas de 20 e 30, enfocando o cenário de transformações nos padrões culturais vigentes até então no Brasil. Posteriormente fizemos um breve histórico da trajetória de Plínio até sua inserção no movimento modernista, momento que os intelectuais assumem a “missão” de repensar o Brasil, de encontrar soluções para os problemas nacionais, objetivando construir uma identidade genuinamente nacional. O nacionalismo literário deste período implicou na tomada de posições políticas que se definiram mais claramente durante a década de 30, como no caso da AIB. Finalizamos este capítulo analisando os dois primeiros romances plinianos: *O Estrangeiro* (1926) e *O Esperado* (1931) que vislumbramos como prenunciadores do discurso do futuro líder dos integralistas.

No segundo capítulo, nos dedicamos à análise das principais obras doutrinárias de Plínio que fundamentaram seu discurso, tanto as obras que se dirigiram às elites intelectuais quanto às obras dirigidas às camadas populares. Nestas obras buscamos perceber as várias nuances da revolução defendida por Plínio, que seria responsável pela instalação de uma “nova ordem” e de um novo estado: O “Estado Integral”. Analisamos a concepção espiritualista desta revolução e sua ligação com o pensamento contrarrevolucionário: antidemocrático, antiliberal, voltado para a defesa de princípios como ordem, hierarquia, tradição. Abordamos o caráter mobilizante da revolução espiritualista pliniana, por isso nos detivemos na sua operatividade.

No terceiro capítulo analisamos, num primeiro momento, os protocolos e rituais da AIB como forma de materializar o discurso pliniano bem como possibilitar a

³⁵Idem, *Ibidem.*, p.17.

construção de uma comunidade de sentido entre o movimento e os militantes através da utilização de símbolos e ritos que se aproximavam dos rituais cristãos, garantindo legitimidade e normatização das condutas dos militantes, como também a formação de uma ordem hierárquica bem definida. Num segundo momento nos detivemos na análise da utilização da imprensa partidária integralista, em especial as revistas de circulação nacional: *Anauê!* e *Panorama*, e sua participação na construção de uma imagem sacralizada do movimento e do chefe nacional - Plínio Salgado, buscando legitimação.

Capítulo 1

Ambientação cultural de Plínio Salgado

Parecia uma procissão vagarosa. Numerosa. De todos os lados da carta geográfica do Brasil. Eram pés nas calçadas, nas estradas, nas campanhas, nos pântanos. Que vinham do Nordeste, que vinham da Amazônia; que se espraiavam pelos planaltos do Centro; que se multiplicavam nas campinas, nas planuras de Goiás, de Mato Grosso. Pelas pastagens de Minas, pelas ruas de café de São Paulo, na ondulação das coxilhas meridionais...

Escutem.... Há um rumor de passos... O Brasil esta andando... São multidões que crescem de todos os lados. Não são barulhos do mar, nem das florestas, nem do vento. Ouço passos andando...³⁶

Para compreender como o pensamento de Plínio Salgado vai se tornar uma doutrina política que irá nortear a Ação Integralista Brasileira, aceita como verdade e seguida por milhares de brasileiros, buscaremos analisar primeiramente a ambientação cultural na qual está se concretizando os seus ideais (início dos anos de 1920 até 1932, quando torna público o Manifesto Integralista), pois acreditamos que para analisar seu discurso, precisamos nos deter primeiramente nos antecedentes desta formação discursiva.

Plínio nasceu a 22 de janeiro de 1895, em São Bento do Sapucaí, interior de São Paulo. Já aos dezoito anos cria, juntamente com os líderes da região, o Partido Municipalista. Se interessando pelo jornalismo, cria o Semanário *Correio de São Bento*. Chega à capital em 1919 e passa a trabalhar no *Correio Paulistano* (órgão oficial do Partido Republicano Paulista) como suplente de revisor, passando depois para o cargo de redator³⁷. Trabalhavam com Plínio no jornal, Menotti Del Picchia (responsável pela

³⁶SALGADO, Plínio. O Esperado. In: **Obras Completas**, V.XII, 1955, p.390. [1ª edição: 1931].

³⁷ Podemos encontrar vários detalhes da vida de Plínio Salgado no livro biográfico escrito por sua filha, Maria Amélia Salgado Loureiro: **Plínio Salgado, Meu Pai**. São Paulo: GRD, 2001. A editora deste livro é a mesma editora da *Enciclopédia do Integralismo*, em 1957, além de outras obras integralistas.

O livro é uma homenagem ao pai, escrito em tom saudosista, Maria Amélia relata suas intenções ao escrever o livro: “Foi uma promessa que fiz a min mesma: não morrer sem deixar escrita uma biografia de meu pai. Sei que uma personalidade como a dele, mesmo para sua filha, é difícil de ser retratada em todas as suas múltiplas facetas , sob todos os seus ângulos. Trata-se, pois, de uma tentativa biográfica

parte das “notas políticas”) e também Cassiano Ricardo, futuros companheiros no grupo modernista verde-amarelo, como veremos a seguir³⁸. Mas antes, iremos percorrer o cenário de transformações que se apresentava diante de Plínio e de seus contemporâneos.

1.1 Década de 20: cenário de transformações

Ao longo da década de 20, um novo cenário se configura no Brasil, tanto na política quanto na cultura. Seria o que se convencionou chamar de gênese do Brasil Moderno. Nicolau Sevcenko nos mostra que o vocábulo moderno possui uma força expressiva ímpar, muito intensificada por amplos contextos como: revolução tecnológica, a passagem do século e o pós-guerra. Moderno é a palavra-origem, o novo absoluto, a palavra-futuro, introduzindo um sentido novo à história, que altera o vetor dinâmico do tempo que aponta para algum lugar no futuro, exercendo um poder simbólico muito grande nas pessoas que passam a conviver com uma profunda e progressiva mudança nos padrões culturais praticados e aceitos como verdades até então: “A palavra ‘moderno’, de recente fluência na linguagem cotidiana, em particular através da presença crescente da publicidade, adquire conotações simbólicas que vão do exótico ao mágico, passando pelo revolucionário”³⁹.

Sevcenko aponta que os anos 20 significaram uma etapa decisiva na iniciativa de definição de um novo padrão cultural. Um novo imaginário social se instala pela presença de novas tecnologias que irá resultar em novas práticas culturais, em novas identidades, em novos questionamentos. As iniciativas de definição de um novo padrão

com seus limites e imperfeições inevitáveis”. LOUREIRO, Op.cit., p.495. Maria Amélia divide a obra em duas partes: primeiramente narra o nascimento, a infância, a vida em família, a adolescência. Posteriormente narra a vida de seu pai em São Paulo, sua atuação na Semana de Arte Moderna, o início da AIB, o golpe de 1937 e a extinção da Ação Integralista até a prisão do pai; sua atuação na cidade natal, São Bento. Apresenta as conquistas do pai, a luta pelos seus ideais. Mesmo apresentando o pai como um herói, a obra nos fornece várias informações importantes sobre Plínio Salgado.

³⁸ Plínio Salgado era membro do Partido Republicano Paulista (PRP), foi deputado estadual pelo PRP em 1928, juntamente com Menotti Del Picchia e militaram no interior do PRP. Maria Amélia narra a atuação de Plínio no interior do partido: “A atuação de Plínio Salgado dentro do PRP obedecia a um firme propósito: tentar criar, dentro dos muros de um dos partidos estaduais mais fortes, uma corrente renovadora” LOUREIRO, Op.cit., p.156. Plínio e demais intelectuais ligados ao PRP formaram a “Ação Renovadora Nacional”, para tentar mudar o perfil do partido, mas não obtiveram sucesso: “... a impossibilidade de fazer algo novo dentro dos velhos quadros partidários e sociais do país”.

Plínio permanece no Correio Paulistano até 1924, quando ocorre uma cisão no PRP, voltando mais tarde a escrever como colaborador. Posteriormente produz uma coletânea com seus principais artigos publicados no *Correio Paulistano*, intitulado: *Discurso às Estrelas*, como, segundo Loureiro, já pode-se vislumbrar um prenúncio de sua obra *O Estrangeiro*.

³⁹SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p.227.

cultural buscavam mediar os confrontos sociais e reorganizar os sistemas simbólicos das coletividades devido à mudança de intensidade da vida na metrópole moderna. Para Sevcenko:

O recondicionamento dos corpos e a invasão do imaginário social pelas novas tecnologias adquirem, portanto, um papel central nessa experiência de reordenamento dos quadros e repertórios culturais herdados, composta sob a presença dominante da máquina no cenário da cidade tentacular.⁴⁰

Neste panorama de transformação de cenários, de referências culturais, os homens foram remetidos para o que Sevcenko chama de “gestão dos níveis de inconscientes das comunidades humanas”⁴¹, uma psicologia industrial e social que se instala, onde a população citadina passa a ser solicitada a integrar uma nova realidade:

A multiplicação ciclópica das escalas do ambiente urbano tinha como contrapartida o encolhimento da figura humana e a projeção da coletividade como um personagem em si mesmo (...) escalas de padronização que não respeitavam quaisquer níveis de vínculos consangüíneos, grupais, como patrícios ou culturais, impondo uma produção avassaladora de mercadorias, mensagens, normas, símbolos e rotinas...⁴²

A metropolização irá gerar fenômenos massivos que causarão impactos nos padrões culturais como a prática de esportes (gerador de emoções, estímulos, adestramentos), o uso de automóveis e aviões para divertimento nas camadas mais ricas da sociedade, a indústria cinematográfica como forma de lazer, assim como a indústria fonográfica que insere novos costumes ao ouvir música (passa-se a usar a vitrola no lugar do gramofone) e também na proliferação de ambientes de dança, o crescimento da indústria editorial, a proliferação de drogas (estimulantes, depressoras e perturbadoras) como o café, o álcool, o cigarro, a cocaína, morfina entre outros que fizessem com que os indivíduos acelerassem seus ritmos de vida, ganhassem rapidez, reflexos para acompanhar a vida da metrópole, acompanhando esta avidez por estímulo e competição ocorre a profusão de casas de jogos e também da prostituição:

As condições tumultuosas em que se operava a metropolização em São Paulo, acrescidas da aguda tensão social e política, mais a vertigem irrefreável das novas tecnologias, eram de monta a deixar todos e cada um dos seus habitantes em palpos de aranha. Se por acaso, apesar disso tudo, alguém por si próprio não se achasse tenso o suficiente, lá estavam então os estimulantes, os esportes, as diversões mecânicas, os cinemas, os automóveis e bondes em fúria nas ruas, os vôos rasantes dos aviões ou as danças de ritmo sincopado, onde qualquer um poderia buscar a sua dose extra de tensão artificial. As emoções se tornaram baratas.⁴³

Outro autor que nos possibilita uma visão das mudanças ocorridas nos anos 20 é Sergio Miceli que descreve as transformações mais significativas no âmbito econômico

⁴⁰Idem, p.18.

⁴¹Ibid, p.99.

⁴² Ibid, p.19.

⁴³SEVCENKO, Op. cit., p.224-225.

(crise do setor agrícola, aceleração do processo de industrialização e urbanização, maior intervenção do Estado na economia), no âmbito social (consolidação da classe operária, expansão no número de profissionais com formação em nível superior, técnicos especializados, pessoal administrativo em setores públicos e privados), no âmbito político (revoltas militares, declínio político das oligarquias, abertura de novas organizações partidárias expansão dos aparelhos do Estado) e também em âmbito cultural (criação de cursos superiores, expansão da rede de instituições culturais públicas). O sistema oligárquico estava em ruínas, não conseguindo mais absorver este novo cenário “em ebulição”:

Vivendo num mundo onde as coisas não têm definição (...) os personagens desse mundo em ebulição carecem, com urgência, de um eixo de solidez que lhes dê base, energias e um repertório capaz de impor sentidos a um meio intoleravelmente inconsistente. Acresce a essa inconsistência o potencial destrutivo concreto representado pelo súbito advento de tecnologias revolucionárias no dia-a-dia por uma estrutura econômica frágil e sem flexibilidade, um quadro político instável e um estado de conflito social quase fora de controle, em meio ao panorama de abalo crítico deixado pela guerra: inflação disparada, greves crônicas e crescentes, agitação operária, estado de sítio.⁴⁴

Realmente a conjuntura social, política, econômica e cultural abria caminho para os questionamentos, dúvidas e angústias da população em geral. A década de 20 será de novos questionamentos que irão permanecer pelas próximas décadas, trazendo a tona novos atores que também queriam participar das decisões e outros que vão buscar impor uma ordem ao caos reinante na modernidade que assombra, fazendo valer suas verdades, surgindo como líderes carismáticos (principalmente a partir da década de 30, cenário que se insere a Ação Integralista Brasileira), como escreve Maria Odila Silva no prefácio à obra de Nicolau Sevcenko⁴⁵:

No alvoroço de mudanças que exigia inovações e criatividade, erguiam-se em contraposição tendências ameaçadoras de mobilização para a ação coletiva e uniformizadora, que viriam a gerar o planejamento, a massificação, o corporativismo autoritário. O espaço aberto para o provisório e as inovações em São Paulo tornava-se perigosamente propício a forjar identidades através da exploração do ideal de uma *raça nova de homens disciplinados*.

O processo político dos anos 20 foi condicionado principalmente pelas mudanças socioeconômicas do país. Após a Primeira Guerra Mundial a presença da camada média urbana na cena política tornou-se mais visível. Esta camada social almejava um governo liberal, ao invés de compactuar com a desgastada política oligárquica. Defendiam eleições não fraudulentas e respeito aos direitos individuais.

Contra os arranjos da oligarquia paulista e mineira, formou-se uma oposição

⁴⁴ Ibid, p.31.

⁴⁵ Ibid, p.15. Grifos nossos.

liderada pelos políticos gaúchos (liderados por Borges de Medeiros), apoiados pelos baianos, pernambucanos e cariocas: Era a Reação Republicana, que tinha como candidato Nilo Peçanha, contra Artur Bernardes, candidato do eixo São Paulo - Minas.

Durante a disputa eleitoral veio à tona a insatisfação militar. No exército acreditava-se que Bernardes era antimilitar. Em 1922 a situação se agrava, quando ocorre a prisão de Hermes da Fonseca e o fechamento do Clube Militar, pois este condenou a utilização pelo governo de tropas do exército para intervir na política local de Pernambuco.

Estes fatores acabaram por precipitar a eclosão do Movimento Tenentista, que envolveu oficiais de nível intermediário do exército. As revoltas militares marcaram os anos de 1922 a 1927. O ano de 1925 dá início à marcha da Coluna Prestes, liderada pelo capitão Luís Carlos Prestes, que decidiu percorrer o Brasil para propagar a idéia de revolução e contestar a política oligárquica.

Entre 1917 a 1920, um ciclo de greves de grandes proporções surgiu nas principais cidades do país, em especial no Rio de Janeiro e São Paulo⁴⁶, influenciadas principalmente pelo agravamento da carestia, reflexo da Primeira Guerra Mundial, e também pela influência causada pelos ideais revolucionários oriundos da Revolução Russa de 1917. No meio operário a Revolução Russa representou um prenúncio de “novos tempos”, e no ano de 1922 era fundado o Partido Comunista do Brasil (PCB). Seus fundadores provinham, em sua maioria, do anarquismo. Até 1930, o PCB foi um partido predominantemente operário, com número limitado de militantes.

Não podemos deixar de mencionar que é também durante a década de 20 que ocorre a reação espiritualista, que influenciará sobremaneira a ação e doutrinação pliniana já que uma das ênfases discursiva de Plínio será espiritualista. Com o crescente processo de laicização que se processava na sociedade, principalmente entre os intelectuais, e a separação, pelo regime republicano (1890), do Estado e da Igreja, limitando o poder de ação da Igreja em pontos estratégicos da sociedade, a Igreja Católica se vê obrigada a reagir. É o movimento de “renascimento espiritual” que se processa no Brasil⁴⁷. Após a Primeira Guerra Mundial houve um retrocesso no

⁴⁶ Durante a Primeira República o movimento operário começou a se organizar, mas permanecia esparsa, e não representava ainda uma real ameaça à elite.

⁴⁷ E que possui grande influência do renascimento espiritual francês no início do século XX, “de caráter antimoderno, antiburguês e pela nostalgia da Idade Média”, como veremos no segundo capítulo. TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo, Difel, 1979, p.30.

processo de laicização⁴⁸, ocorrendo, segundo Héglio Trindade⁴⁹, “uma eclosão de conversões, de vocações religiosas e de apostolado católico”.

Já no início da década de 20, a Igreja Católica sentia a necessidade de retomar seu espaço de influência, principalmente por sentir a queda das tradicionais oligarquias. Acreditava que, através de uma rede de organizações de intelectuais leigos, pudesse gerir o processo de laicização, mas primando sempre pelo respeito à hierarquia eclesiástica. Sergio Miceli aponta para a preocupação que a Igreja Católica nutria em manter sua presença em áreas estratégicas da sociedade:

Ao mesmo tempo que procuravam reformar as obras tradicionais de caridade, as associações leigas, as ligas destinadas ao culto e à oração, os círculos e congregações voltados ao recrutamento de ‘vocações’, os altos dignitários do clero se empenharam em preservar e expandir a presença da Igreja em áreas estratégicas como o sistema de ensino, a produção intelectual, etc.⁵⁰

Começou a se processar uma espécie de “troca de favores” entre a Igreja e o Estado. Para que a Igreja pudesse continuar intervindo em setores como a educação, sindicatos, encenava grandes cerimônias religiosas que beneficiam a imagem dos políticos junto do povo, numa espécie de legitimação do poder dos dirigentes através da sacralização dos personagens e de suas atitudes. Miceli assinala que era corrente na época a expressão: “A união da cruz e da espada”, pois havia a presença de eclesiásticos no congresso, em banquetes, e de políticos em procissões, solenidades, “bem como por ocasião das páscoas especiais para os militares, os intelectuais, os estudantes, os operários, com ampla distribuição de sacramentos nas ruas da capital, em presença do episcopado, das grandes figuras da elite política e burocrática, civil e militar...”⁵¹.

Para estreitar os laços entre a Igreja e os intelectuais foram criados, sob a liderança do arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, a Revista: *A Ordem* (1921) e o *Centro Dom Vital* (1922), que representaram segundo Ângela C. Gomes, a “materialização organizacional do projeto de expansão da Igreja”⁵². É presença marcante na formação destas organizações o pensamento do filósofo Farias Brito⁵³, que influenciava diretamente a juventude católica como Jackson de Figueiredo⁵⁴ e também

⁴⁸Em 1917 cresce a militância nacionalista expressa em Revistas como *Brasiléia*, de orientação católica, além da formação da Liga de Defesa Nacional.

⁴⁹TRINDADE, Op. cit., p.30.

⁵⁰MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil, 1920-1945*, São Paulo. Difel, 1979, p.51.

⁵¹GABAGLIA, apud, MICELI, Op. cit., p.52.

⁵²GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*, Rio de Janeiro, FGV, 1999, p.52.

⁵³Farias Brito era um crítico do pensamento dominante da época. Farias Brito falece em 1917.

⁵⁴Em 1916 ocorre a sua conversão ao catolicismo do ex-anarquista Jackson de Figueiredo, que exerce muita influência entre os intelectuais nacionalistas no modernismo (inclusive em Plínio Salgado).

Plínio Salgado, que sempre evocou esta influência em suas obras, como nos diz Héglio Trindade⁵⁵: “Plínio Salgado evoca sempre a influência de Farias Brito sobre a concepção do universo e do homem no ‘Manifesto Integralista’ de outubro de 1932”.

O Centro D.Vital e a revista *A Ordem* foram dirigidos por Jackson de Figueiredo, entre 1921 a 1928, onde se pode observar um predomínio da linha político-doutrinária, numa proposta contra o liberalismo, o socialismo e a revolução; opunham-se aos comunistas, tenentistas, protestantes, espíritas e maçons. A revista defende a autoridade e a contra-revolução inspirada no pensamento tradicionalista europeu de Joseph Maistre, Louis de Bonald, Charles Maurras.

A partir de 1928, quem assume a direção da revista é Alceu Amoroso Lima – Tristão de Athayde - que modificará o enfoque da mesma, direcionando-a para o catolicismo. Entre 1929-1930 não ocorre tanta ênfase à política, mas questiona o caráter nacional brasileiro. Em 1929 foi criada a Ação Universitária Católica, Instituto Católico de Estudos Superiores. Já em 1931, a política torna-se centro dos debates na revista, onde se passa a defender uma “reconstitucionalização do país como obra cristã”⁵⁶.

Importante salientar também que se formou em torno da Revista *Festa*⁵⁷ uma rede de sociabilidade entre intelectuais simbolistas⁵⁸ e lideranças leigas da militância católica que passaram a se autodenominar “modernistas espiritualistas”, buscando resgatar a tradição brasileira autêntica:

O grupo *Festa* assume o espiritualismo e o universalismo na arte, não renegando o epíteto de novos simbolistas e procurando capitalizar a tradição que vinha do romantismo. Nacionalistas – leitores-admiradores de Alberto Torres e Euclides da Cunha – e universalistas; subjetivistas eu, sob sugestão de Proust, trabalhavam o objetivismo; modernos e tradicionalistas; enfim, ‘modernistas espiritualistas’, como se designavam, para demarcar seu

⁵⁵ TRINDADE, Op. cit., p.31.

⁵⁶ Importante salientar que a partir de 1935, através da Ação Católica, a revista passa a defender ainda mais a união entre o clero e os leigos, mas mesmo assim, defende que a atuação dos católicos deve estar atrelada à hierarquia católica. Em 1937, intensifica seu anticomunismo e defende o estado corporativo. A partir de então, a atuação da Igreja no governo Vargas é marcante, pois identifica-se com os ideais de um estado autoritário como: hierarquia, ordem, dever, autoridade. A revista teve uma atuação marcante na história do país, e mesmo tendo uma periodicidade irregular, conseguiu chegar até os anos de 1980. Para saber mais: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; MEDEIROS, Sabrina; VIANNA, Alexander M. (orgs). **Dicionário crítico do pensamento da direita. Idéias, Instituições e Personagens**. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad, 2000. p.343.

⁵⁷ Segundo estudo de Ângela de Castro Gomes, a revista *Festa* circula de 1927-29, com o subtítulo de “Mensário de arte e pensamento” e volta cinco anos depois e circula de julho de 1934 a agosto de 1935 com o subtítulo: “Revista de Arte e Pensamento”. Escreviam na revista: Nestor Vitor, Andrade Muricy, Tasso da Silveira, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima (ligados ao centro Dom Vital), Ronald de Carvalho, Mario de Andrade, Plínio Salgado. GOMES, Op.cit., p.56.

⁵⁸ Os simbolistas eram “inovadores justamente neste sentido espiritualista, manejando instrumentos que buscavam comover, ‘tocar’ o público”. GOMES. Op.cit., p.39. Os simbolistas ficaram mais restritos à estética e menos aos problemas sociais.

espaço.⁵⁹

Os intelectuais que se identificam com a renovação espiritualista irão posteriormente inclinar-se para as vertentes conservadoras e nacionalistas do modernismo, sob influência de Alberto Torres e Jackson de Figueiredo.

É nesta ambientação de renovação espiritualista e transformações sócio-econômicas, políticas e culturais que Plínio Salgado inicia seu engajamento no movimento modernista⁶⁰.

1.2 Nas trilhas do movimento modernista

O marco simbólico de ruptura com o padrão cultural aceito até então é o ano de 1922 através da Semana da Arte Moderna⁶¹, mas estas rupturas vêm se processando mundialmente deste o primeiro pós-guerra, que indica saturação dos modelos vigentes, principalmente o modelo liberal. Porém faz-se necessário ressaltar que nem o modernismo nem a Semana da Arte Moderna mudaram repentinamente a mentalidade alimentada por anos de conservadorismos.

O ano de 1922 realmente é marcado por vários episódios importantes não só em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, focos do movimento modernista. Em São Paulo estavam ocorrendo os festejos do Ipiranga, no Rio de Janeiro ocorria a Exposição Internacional; a modernidade está pedindo passagem: “A modernidade da nação e seu futuro projetado estão no cerne de todos os acontecimentos, bastante freqüentados pela literatura acadêmica, que é consensual ao assinalar as disputas e a multiplicidade de propostas de modernidade então em pauta”⁶².

No artigo publicado na *Revista Novíssima*⁶³ em 1924, Plínio deixou transparecer sua preocupação em questionar a modernidade: “Aí estão os aeroplanos, o telégrafo sem fio, o telefone, o cinema, o automóvel, dilatando o tempo à força da velocidade,

⁵⁹GOMES, Op. cit., p.60.

⁶⁰Que na análise de Héglio Trindade (1979. p.43), num primeiro momento era discreto, mas que se acentua nas correntes “pós-modernistas”. Já na análise de Maria Guelfi, Plínio Salgado expressa vários traços parnasianos no início de seu engajamento com o movimento modernista “Não falta, porém, alusão a Cronos, personagem da mitologia grega, provando que Plínio Salgado ainda está preso a uma visão de mundo bem parnasiana”. GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. **Novíssima: Estética e Ideologia na década de vinte**, São Paulo, Ed: USP, 1987, p.166.

⁶¹ Importante acrescentar que os escritores que participaram da Semana de 1922, segundo observações de Sérgio Miceli, contaram com o auxílio do mecenato burguês exercido diretamente por famílias abastadas e cultas.

⁶²GOMES, Op.cit., p.49.

⁶³Revista estético-ideológica que adentra o modernismo e vincula os ideais dos grupos antropofágico e verde-amarelo. Maria Guelfi afirma que o tom nacionalista ufanista acompanha as publicações do grupo dos verde-amarelos na Revista: “...cores da bandeira brasileira distribuídas pelas capas, em tarjas, molduras, títulos e mesmo ilustrações...” GUELFÍ. Op.cit., p.138.

colocando dentro dele a máxima soma de emoções”⁶⁴. A “soma de emoções” a que se refere Plínio Salgado acaba sendo atrelada à crescente imposição de um processo normativo à multidão de pessoas que adentram o espaço urbano, numa busca de sentido para o turbilhão de novidades impostas pela modernidade:

O cinema, assim como os bondes, os estádios, alinha multidões de estranhos enfileirados ombro a ombro num arranjo tão fortuito e normativo como a linha de montagem. Os bondes, contudo, lhes dão mobilidade, os estádios estímulos, o cinema fantasias e as linhas de montagem subsistência. Assim, o ser anônimo só se preenche de sentido quando se articula com os seus equivalentes.⁶⁵

Analisar este marco histórico que foi o modernismo (e a própria questão da modernidade) é fundamental para compreensão de como foi se formando o pensamento nacionalista de cunho autoritário que irá culminar na formação do Estado Novo, e em movimentos com a AIB, principalmente se analisarmos o grupo dos *verde-amarelos*⁶⁶.

Todas as transformações que acompanharam a modernização do país acabam por instaurar uma nova necessidade: pensar um “novo Brasil”, voltado para uma cultura de cunho nacional. Os intelectuais encaram este repensar como uma “missão”, em buscar o “brasileiro”, o popular, o nacional⁶⁷. Era preciso construir uma nação moderna. Para Milton Lahuerta, a perspectiva de missão dos intelectuais já surge na Primeira República, mas se aprofunda e ganha novos significados ao longo dos anos 20:

O questionamento da ordem faz-se com base num ângulo de visão genericamente modernista, que, buscando o ‘brasileiro’, recoloca com muita força a preocupação com o nacional e o tema do popular. Esse impulso se desdobra na Revolução de 30 e no Estado Novo, implantando um padrão cultural que vai politizar a produção cultural...⁶⁸

Mas o autor assinala que o esforço concentrado neste período em desenvolver pesquisas sobre cultura popular e iniciativas pela instauração de uma arte que

⁶⁴ SALGADO, 1924, apud GUELFY, Op.cit., p.166.

⁶⁵ SEVCENKO, Op.cit., p.95.

⁶⁶ É o próprio Plínio Salgado que nos explica o significado da denominação “verde-amarelo”: “Éramos nacionalistas e procurávamos os temas de brasilidade nas cores das paisagens de nosso país. Aprofundávamos na interpretação étnica e sociológica, sentimental e criativa da raça brasileira e trazíamos um sentido político baseado na compreensão de nossas realidades”. SALGADO, apud, VELLOSO, Mônica Pimenta. **Mito da Originalidade Brasileira. A trajetória intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 20 ao Estado Novo)**. Dissertação de Mestrado PUC-RJ, 1983, p.32.

⁶⁷ Alberto Torres, referência no campo intelectual autoritário, já enfatizava que os intelectuais deveriam ser uma “força social” onde os problemas nacionais deveriam ser resolvidos por soluções próprias, sem influência internacional, servindo de modelo para intelectuais como Plínio Salgado.

⁶⁸ LAHUERTA, Milton. Os Intelectuais e os anos 20: Moderno, Modernista, Modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de. COSTA, Wilma Peres da (org). **A Década de 1920 e as origens do Brasil Moderno**. São Paulo, Ed: Unesp, 1997, p.95. Para saber mais consultar a obra de MORAES, Eduardo Jardim de: **A Brasilidade modernista: sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Para o autor, a obra de Graça Aranha, *Estética da vida*, modifica os rumos do movimento modernista em 1924, pois propicia o aparecimento do “solo ideológico” onde surgiu o nacionalismo na literatura. Nesta obra, o autor dedica um capítulo a “Versão de Plínio Salgado” dentro do movimento e sua atuação no grupo verde-amarelo, sua defesa em prol de uma cultura genuinamente nacional.

imprimisse uma identidade brasileira autêntica, de resgate das tradições, não significou algo antigo, mas moderno, pois se voltava contra a influência europeia, “um empenho para forjar uma consciência soberana, nutrida em raízes próprias”⁶⁹.

Devemos enfatizar que este apelo para o moderno na valorização do nacional, do popular, em se afastar do europeísmo é uma forma de criar novos elos, novas comunidades de sentido afetadas pelas mudanças nos padrões culturais causados pela urbanização e pela cosmopolitização no caso de São Paulo. Por isso:

Introduzir novos laços, a pretexto de resgatar elos, seria uma forma de forjar vínculos simbólicos que substituíssem nexos sociais e políticos que os novos tempos e suas condições haviam corroído. Corrosão essa que vinha ocorrendo tanto nas relações entre as pessoas e grupos quanto nas consciências individuais e nas identidades coletivas⁷⁰.

Mas como Plínio vislumbrou o ano de 1922? Para ele, a revolução literária e artística havia acendido o espírito de rebeldia na sua geração, levando-os a derrubar velhos estilos de ritmo e forma, mas também o próprio ritmo político do país. Era um nacionalismo novo, diferente do nacionalismo do século XIX, de cunho ufanista, mais voltado para a glorificação das riquezas naturais. O nacionalismo desta geração voltou-se para os reais problemas nacionais, tanto que para Plínio: “O Brasil começou a interessar, com a sua paisagem, a sua gente, suas lendas e tradições, seus dramas, sua luta, seus mistérios africanos e tupis, seu linguajar, suas toadas e canções, a índole e a cadência de suas vozes bárbaras”⁷¹.

Observando o discurso de Plínio, concordamos com a historiadora Mônica P. Velloso quando esta assinala que “A defesa do nacionalismo literário implica necessariamente a tomada de posição políticas que irão se definir com mais clareza ao longo da década de 30, quando estas posições se vinculam as propostas políticas em relação ao Estado”⁷². Até porque o próprio Plínio colocou a literatura e a política *pari passu*. A literatura, a estética convergindo para a política, para um “abrir os olhos” para o “verdadeiro” Brasil: o Brasil do interior, com suas paisagens, sua gente – o caboclo – reflexo da mestiçagem, as lutas e dramas, numa busca em encontrar o nacional, afastando-se das influências estrangeiras.

Plínio defendia que o Brasil não se constituía em uma verdadeira nação justamente porque a influência externa descaracterizava o “verdadeiro Brasil”. Necessitávamos uma concepção integral de Pátria, já que no Brasil predominava uma

⁶⁹SEVCENKO, Op.cit., p.237.

⁷⁰Ibid, p.237.

⁷¹SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: **Obras Completas**, V. X, 1955, p.13. [1ª edição: 1935]

⁷²VELLOSO, Op. cit., p.30.

concepção apenas parcial da nação:

Falta-nos a ‘consciência nacional’, a concepção integral de Pátria. Para o brasileiro, que é a Pátria? – Oito milhões de quilômetros quadrados. Apenas. Quando se diz Brasil, a imagem imediata é a da carta geográfica: o grande coração róseo entre o azul do Oceano e os retalhos coloridos das Repúblicas sul-americanas. É a concepção parcial da nação. Tudo o mais é cosmopolitismo, adaptações de leis, de modas, de costumes, de maneiras, estilos, preferência artística⁷³.

Durante a década de 20, o grupo verde-amarelo irá assumir seu caráter político a partir da defesa do autoritarismo como condição para a “independência cultural e política do país”⁷⁴. Plínio declarou que o movimento verde-amarelo e o movimento da Anta representaram a preparação para a Ação Integralista.

Neste período, a revista *Novíssima* representou um lócus de sociabilidade dos intelectuais modernistas, como aponta Maria Amélia Salgado Loureiro, que afirma que Plínio Salgado colaborava com a revista através de críticas literárias e confirma as divisões que se esboçavam entre os grupos modernistas. Maria Amélia refere-se então às memórias do pai:

. ‘Ai temos Oswald de Andrade, Mário de Andrade, inspirando-se nas reformas integrais da França e da Itália, avançando talvez, mas despertando o espírito brasileiro para a grande revolução: Menotti Del Picchia, propagandista incansável, espírito menos intransigente, mais conciliador; Renato Almeida, Ronald de Carvalho, orientando a Arte Moderna para um nacionalismo novo (...) Cassiano Ricardo e Francisco Patti, abrindo franco debate às questões estéticas nas colunas de *Novíssima* (...) Oliveira Vianna a desenvolver o estudo mais notável que já se fez da alma da nossa gente’⁷⁵.

Ao escrever este artigo, Plínio reforça ainda mais a rivalidade entre os grupos modernistas e também nos demonstra a bandeira de luta do verde-amarelismo: o nacionalismo novo, além de apontar seus futuros colaboradores como Del Picchia e Cassiano Ricardo.

Para Maria Amélia S. Loureiro, Plínio fundou o que chama de “*Anti-Academia Verde-Amarela*”, em que o pai desejava libertar a literatura brasileira de todos os vícios de estrangeirismo, como podemos ver na descrição:

...Plínio funda a ‘Anti-Academia Verde-Amarela’, que prega a interdependência como o traço de união entre os seus escritores, bem como a liberdade e a individualidade de cada um. E lembra que as grandes obras são feitas sem rodeios nem discussões, acrescentando que entre os acadêmicos como os vanguardistas se perderam em ‘discussões e experimentos inúteis’, ambos esquecendo a ‘Vida e a Humanidade’. E afirma que o ‘Verde-amarelismo’ surgiu para ‘fazer-fazendo’. Nada de discutir erros de português nem teorias vanguardistas. Nada de imitar Leconte, Lisle ou Marinetti. Somente a liberdade verde-amarela poderá salvar a literatura brasileira desses

⁷³ SALGADO, 1924, apud GUELFY, Op.cit., p.161.

⁷⁴VELLOSO, Op.cit., p.31.

⁷⁵SALGADO, 1924, apud LOUREIRO, Op.cit., p.128.

vícios⁷⁶.

As declarações de Plínio reforçam a necessidade de não vislumbrar o movimento modernista como um bloco monolítico⁷⁷, pois havia cisão, alteridade e disputa entre os grupos, já que vai se desdobrando e assimilando novos elementos. Formaram-se assim duas alas dentro do movimento⁷⁸: a corrente antropofágica liderada por Oswald de Andrade e a corrente dos verde-amarelos composta por Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo.

No entanto, Mônica P.Velloso nos alerta que havia um ponto de convergência entre as duas alas: seu caráter nacionalista, que visava à construção de uma cultura nacional: “A questão que se coloca para os modernistas é a da construção de uma cultura nacional. O que vai diferenciar radicalmente os grupos é a concepção do nacional e conseqüentemente a via de acesso que indicam para alcançá-lo”⁷⁹.

Para os verde-amarelos, era necessário romper com a herança cultural europeizante, integrar o Brasil à modernidade, mas sem romper, pelo contrário, valorizar as tradições nacionais. Cassiano Ricardo busca esclarecer as particularidades da ala verde-amarela:

... queríamos opor um ‘ismo’ brasílico bem contagiante, bem visual, aos ‘ismos’ europeus que alguns arautos da Semana começaram, de novo, a importar. Oswald havia descoberto o Brasil na Europa; queríamos descobrir o Brasil no Brasil mesmo; somar mais Brasil dentro do Brasil.⁸⁰

A corrente antropofágica, por sua vez, valorizava o nacional, porém para o grupo isso não implicava a resistência total aos novos valores transnacionais. O clima entre as duas alas do movimento não era nada pacífico, a crítica dos verde-amarelos lançada por Ricardo não ficou impune pelo grupo dos antropofágicos, nas palavras de Oswald, publicado no *Correio da Manhã*:

Andam alvoroçados os arraiais literários da Paulicéia com os manifestos de ‘Pau-Brasil’ e de ‘Verde-amarelo’. A galharda contenda começa a ecoar por todo o país, demonstrando claramente a existência de um poderoso núcleo de intelectuais por estas bandas, que não obstante o ciúme verde-lavado de uma certa crítica botiqueira vai fazendo sentir a sua preponderância definitiva nas questões de arte brasileira...⁸¹

Marca fundamental do grupo verde-amarelo é a reação a tudo que possa ser

⁷⁶Ibid, p.146-147.

⁷⁷Na literatura, como aponta Ângela C Gomes, o modernismo é dividido em dois momentos: “primeiro tempo modernista, aquele da vanguarda agressiva, demolidora e radical e que, apesar das distinções internas estava unida contra o passadismo...” e instala-se o “segundo tempo, mais conforme à reconstrução e ao reconhecimento de tradições intelectuais”. GOMES, Op.cit., p.53.

⁷⁸A cisão no grupo modernista se dá com a publicação do manifesto de Oswald de Andrade: “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, publicado no *Correio da Manhã* em março de 1924, seguida pelo “Manifesto anti pau-brasil” que não concordava com a posição do grupo liderado por Oswald.

⁷⁹VELLOSO, Mônica Pimenta. Op.cit., p.27.

⁸⁰RICARDO, 1970, p.36-7 apud GUELFY, Op.cit., p.139.

⁸¹ANDRADE, 1924 apud, GUELFY, Op.cit., p.140.

importado, como o liberalismo e o comunismo (que irão se transformar em “inimigos” da nação durante a década de 30). A independência de qualquer modelo “alienígena” aprimoraria a unidade e a organicidade do país. Para o Brasil, a solução era afastar-se de tais idéias: “Constantemente ameaçado pelas idéias alienígenas, o Brasil, para assegurar a sua originalidade, precisa recorrer ao governo forte que o libertará das invasões externas”⁸².

Para se resgatar o verdadeiro nacional, o grupo dos verde-amarelos propunha o *sentir* a nação e não *pensar* a nação: “a via analítica é descartada porque implica na ingerência de categorias racionais que irão mediatizar o conhecimento. O brasileiro precisava sentir sua nação como parte de seu próprio ser: o nacional não deve ser deduzido, mas induzido, intuído e sentido”⁸³. Eduardo J. Moraes converge para a afirmação de Mônica P. Velloso: “o saber livresco é identificado primeiro ao saber de importação. Em segundo lugar, temos a recusa da forma dedutiva de apreensão do real. Opondo-se a esta, vê-se a valorização da intuição”⁸⁴. Na análise do autor, a intuição defendida pelo grupo verde-amarelo possibilitaria entender intimamente o caráter nacional e serviria de base para “fundar teoricamente o integralismo. O iniciado, o chefe, poderá dirigir o país de posse da chave do caráter nacional”⁸⁵.

Este “sentir” a nação acaba por deixar a população fora de uma participação mais efetiva, demonstrando desta maneira, o que pretendiam os futuros dirigentes dos movimentos de extrema direita: que o povo se espelhasse em um chefe que iria pensar a nação, enquanto que para o povo restava sentir-se parte dela, de maneira consensual, como afirma Cassiano Ricardo em 1926:

Ser brasileiro é *sentir*, cada um de nós, que não poderia viver sem elas (identificações nacionais) porque elas *entraram na substância* de nossas ações, *determinam o curso* da nossa existência vegetativa ou intelectual, *detiveram os nossos passos, perfumaram as nossas aspirações*, fizeram florir o tesouro de nossa *personalidade própria*.⁸⁶

Assim os integrantes do grupo verde-amarelo procuram criar na concepção de brasilidade alicerçada nos sentimentos: havia no Brasil uma grande unidade sentimental que garantia a totalidade da nação: “A unidade nacional só se possibilita como consequência de uma grande unidade de sentimentos...”⁸⁷.

O grupo verde-amarelo defendia a instauração de um pensamento genuinamente

⁸²VELLOSO, Op.cit.; , p.31.

⁸³Ibid, p.33.

⁸⁴MORAES, Eduardo. Op.cit., p.128.

⁸⁵Idem, Ibid, p.128.

⁸⁶RICARDO, apud, VELLOSO, Op.cit., p.49. Grifos da autora.

⁸⁷SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: Op.cit., p.58.

nacional. Plínio já reforçava sua crença na necessidade de se instalar uma “campanha de nacionalização de nossa vida mental e de nossos costumes”⁸⁸, e é durante sua atuação no movimento integralista que ele vai tentar modificar a vida mental e os costumes nacionais a partir dos adeptos do movimento, apropriando-se de um conjunto de símbolos e ritos, além de um discurso sacralizador como poderemos ver no decorrer do trabalho.

Dando segmento ao ideal de um “verdadeiro pensamento nacional”, Plínio Salgado, juntamente com Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, irá reunir uma coletânea de publicações intitulada: *O Curupira e o Carão* (editora Hélios, 1927). Segundo Velloso, o curupira foi resgatado pelos verde-amarelos da mitologia tupi-guarani. O Curupira ou Caapora era conhecedor dos segredos da floresta, representava o “duende selvagem” que a protegia de todos os invasores, “o curupira é respeitado e temido pela sua força e mistério”⁸⁹.

O Curupira representaria o próprio modernismo, o novo, já o Carão simboliza o ultrapassado. Claro que na visão do grupo o vencedor é o curupira, que instalaria no país uma nova forma de pensá-lo, não desprezando o passado, a tradição, e protegendo o país da invasão de modelos estrangeiros.

No imaginário pliniano, o Curupira era o símbolo do espírito nacional, de sua unidade étnica. Em tom metafórico Plínio descreve como o mito Curupira iria sair do sertão para invadir as cidades, modificando o pensamento nacional, libertando o país da escravidão mental:

O Curupira é a própria alma nacional, na sua inquietude, renovando-se cada noite (...) Mais do que símbolo nacional, símbolo humano que supera a D.Quixote e a todas as outras criações – o ‘Curupira’ há de descer um dia do sertão, lá onde está a voz que chama (...) montando a anta, seu cavalo e o totem da raça tupi, para a invasão das Cidades e a *grande revolução do pensamento nacional*, de que somos pobres batedores, destinados ao sacrifício. Só então, será proclamada a nossa independência mental...⁹⁰

Podemos perceber que no imaginário pliniano as influências estrangeiras ainda não haviam chegado ao sertão, mas invadiam as cidades, escravizando todas as instâncias da vida cosmopolita. Por isso que o Curupira, símbolo da alma nacional iria sair do interior em direção às cidades, ao litoral, libertando a todos da escravidão. Na análise dos primeiros romances de Plínio poderemos perceber que este imaginário está muito presente, estruturando suas obras.

⁸⁸ VELLOSO, Op. cit.; p.34.

⁸⁹ Ibid, p.41. A escolha do mito curupira segundo a autora é justamente uma prenúncio de conservadorismo, já que o duende possui pés voltados para trás.

⁹⁰ SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: Op.cit., p.52. Grifos do autor.

Também podemos observar no trecho acima a referência a outro símbolo da mitologia tupi: a anta⁹¹, que foi eleita pelo grupo verde-amarelo o símbolo máximo da brasilidade. Ao publicar no *Correio Paulistano* um artigo intitulado: “*Matemos o verde-amarelismo*”, Plínio anunciava o fim do grupo, surgindo em seu lugar o “Movimento da Anta”. Já no artigo escrito para *O Jornal*, Plínio delineia a nova feição do movimento e explica o significado simbólico da Anta: “A Anta é o totem brasileiro, pois foi o índio a base da formação nacional, como está sendo a base da Raça Futura, que sairá do casamento de todas as raças imigrantes (...) A Anta não quer sistematizar nada, apenas agir destruindo tudo o que é erudição para que um dia possa se construir a nossa cultura”⁹².

No depoimento de Raul Bopp, grande admirador de Plínio e um dos participantes das reuniões na pensão onde Plínio se hospedava⁹³, o símbolo escolhido, a Anta, representava a nova consciência nacional, e aponta que o Movimento da Anta⁹⁴ foi como um precursor do Movimento Integralista:

Era o símbolo, de sentidos genuinamente brasileiro, que Plínio procurava, para criar no nosso país uma *nova consciência de nacionalidade*. A Anta constituiu posteriormente, tema de um ‘Manifesto’, com um conteúdo de idéias, que se prendiam às tendências de um movimento, que Plínio tinha em elaboração.⁹⁵

Neste momento o grupo voltou-se para o resgate do nacional com base nos estudos indianistas. Concordamos com as constatações de Eduardo J. Moraes que nos diz:

No movimento da Anta, que constitui, segundo Plínio Salgado, uma correção do verde-amarelismo, o índio vem desempenhar uma função de integração do caráter brasileiro. Simbolicamente o índio tem a possibilidade de representar aquilo que é genuinamente nacional. Mais do que isto, no pensamento de Plínio Salgado, o índio ocupa o lugar da integração dos elementos aparentemente díspares que compõem a brasilidade⁹⁶.

⁹¹A raça tupi dizia-se descendente da anta, maior mamífero da América. Mônica P. Velloso nos esclarece acerca da utilização da história deste símbolo pelo grupo para legitimar o início do processo de mestiçagem: “A história da anta passa a ser a história da nacionalidade brasileira que se inicia quando os tupis descem dos Andes em direção ao planalto de Piratininga. Na chegada, deparam com os portugueses, dando-se início, então ao processo de mestiçagem. Pelo ‘matrimônio das raças’, o Brasil começaria a realizar o seu destino que é o retorno às origens”. VELLOSO, Op.cit., p.58.

⁹²SALGADO, apud, GUELF, Op.cit., p.179.

⁹³Maria Amélia descreve estas reuniões na pensão da avenida Brigadeiro Luís Antônio em seu livro, onde podemos observar o que se discutia e quem estava com Plínio neste momento e que foram seus principais colaboradores: “quase todas as noites realizavam-se ali tertúlias literárias e políticas, onde compareciam muitos intelectuais como Raul Bopp (...) Augusto Frederico Schmidt, (...) Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia. Conversavam sobre tudo (...) O assunto predileto porém, era a literatura, mas, em decorrência dos acontecimentos europeus (...) o regime comunista, o assunto derivava para a política”. LOUREIRO, Op.cit.,p.150.

⁹⁴O movimento da anta acaba por se dividir: Plínio funda o *Integralismo* e Cassiano Ricardo funda o *Bandeirismo*.

⁹⁵BOPP, 1966, p.51, apud GUELF, Op.cit., p.180, grifos nossos.

⁹⁶MORAES, Op.cit., p.131.

O próprio Plínio fez questão de deixar-nos seu testemunho deste momento: “Em consequência do estudo do índio, o mistério da Unidade Nacional absorveu-me”⁹⁷. Na concepção pliniana a unidade nacional repousava na identidade das raízes étnicas, “que fizeram de quarenta milhões de homens uma só família perfeitamente caracterizada pelas suas tendências, pelos sentimentos e aspirações”⁹⁸.

O elemento *tupi* representava para Plínio o “denominador comum” da nossa identidade, a “raça” que contribuiu enormemente para a formação da nacionalidade. O sentimento de brasilidade também era herança da primeira raça que havia habitado o país e que conseguiu prevalecer frente às imigrações: “O sangue negro, o português, o espanhol, o italiano, o alemão, o asiático, tudo aqui entrou, mas não o destruiu. Modificou-o para melhor”⁹⁹. Observamos que Plínio via com positividade a mestiçagem, sintetizada na figura do *caboclo*, exemplo do verdadeiro homem nacional, o “homem síntese” que nos remete ao “homem integral”: espiritual, moral e físico, defendido posteriormente na AIB. Plínio acreditava que o caboclo brasileiro estava “destinado a um grande papel no mundo”¹⁰⁰.

Por isso, no que concerne à mestiçagem no Brasil, Plínio via como preconceito qualquer elogio à superioridade racial. Além disso, criticava aqueles que se preocupavam com as conclusões estrangeiras acerca da nossa constituição étnica e denunciava que “Repudiamos as nossas três origens”; mas isto precisava acabar, pois precisávamos nos orgulhar da nossa origem, que derivava da fusão das três raças: o índio, o negro e o branco. Segundo Plínio, éramos um povo sem preconceitos:

Nós somos um povo que começou a existir desde a morte de todos os preconceitos, quando as três raças se fundiram, irmanadas, no exército selvagem de negros, de índios e de brancos (...) a meiga ingenuidade do índio, raça infantil em permanente comunhão cósmica (...), misturava-se à onda negra trazida das florestas da África no bojo dos navios (...) E o branco arremessou de si todos os preconceitos para abraçar seus irmãos.¹⁰¹

Devido à confraternização harmoniosa das três raças formadora do povo brasileiro, herdamos nossos “temperamentos” e a nossa “capacidade” para o sacrifício:

Nossa Pátria nasceu da confraternização das raças, das grandes núpcias históricas que fundiram numa só aspiração e num só sentimento as três humanidades. Daí, talvez, a origem do temperamento brasileiro, do nosso gênio hospitaleiro e meigo, pacífico e bondoso; da nossa sensibilidade

⁹⁷SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: Op. cit.; p.16.

⁹⁸Idem, *ibid*, p.38.

⁹⁹*Ibid*, p.47-48.

¹⁰⁰*Ibid*, p.48. Veremos no decorrer deste trabalho a ênfase dada à figura do caboclo nos primeiros romances de Plínio, onde este privilegia as qualidades inatas do caboclo, que sempre aparece como personagens fortes que dão aulas de brasilidade, de amor à Pátria.

¹⁰¹SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade. In: **Obras Completas**, Vol. V, 1955, p.126.[1ª edição1935].

lânguida e doce; dos nossos costumes suaves; da nossa capacidade para o sacrifício.¹⁰²

O nacionalismo exacerbado, a valorização da mestiçagem, a busca por um pensamento genuinamente nacional, a valorização do interior do país, uma concepção particular do processo histórico nacional são elementos que acompanharam toda a trajetória do escritor de romances, mas também do político, líder de movimento integralista.

No período que antecedeu a Revolução de 30, Plínio Salgado, a convite de Alfredo Egídio de Souza Aranha (com quem já trabalhava), viaja à Europa como uma espécie de preceptor de seu cunhado, na necessidade de “dilatar o seu horizonte intelectual”; e ao partir, Plínio reafirma a Menotti Del Picchia e Mario Graciotti que voltaria para fazer a revolução:

Por onde passou durante sua viagem, Plínio Salgado concitou os jovens brasileiros que encontrava pelo caminho, à ‘nossa revolução’, que deveria ser, preliminarmente, cultural. ‘Estava eu em 30, convencido da urgência de uma revolução do pensamento nacional, da consciência das massas brasileiras’, afirmaria mais tarde.¹⁰³

Plínio permanece viajando por seis meses. Anos mais tarde, conforme Maria Amélia, faz um resumo de suas impressões e de como esta viagem foi de fundamental importância para formar seu ideário:

Vira a renovação política da Turquia, o fascismo na Itália, lera uma vasta literatura comunista que armazenara em Paris, estudara a social-democracia alemã, examinara a pequenina Bélgica, meditara no Egito sobre o imperialismo inglês, examinara a anarquia dos espíritos na Espanha e a nova ordem em Portugal, e tudo me mostrava a morte de uma civilização, o advento de uma nova etapa humana¹⁰⁴.

A Revolução liderada por Getúlio Vargas não é vista por Plínio com bons olhos. Para ele, haviam duas questões centrais: a doutrina (liberal) e sua ligação pessoal com o PRP e com Júlio Prestes. Escreveu vários artigos criticando a “revolução liberalesca, chefiada por velhos ratões politiqueiros e mesclada por elementos da esquerda radical [ao referir-se a Luis Carlos Prestes]”¹⁰⁵. Em 14 de outubro de 1930, Plínio escreve uma carta a Augusto Frederico Schmidt. Em um dos trechos da carta, Plínio revela suas angústias, dúvidas, frente à ação dos revoltosos de 30, criticando o caráter liberal, a disputa travada entre estados, enfim, o desequilíbrio instalado no país:

...As tropas do sul batem as fronteiras de São Paulo. Que idéias trazem? Com que programas vêm? Eles marcham com essa bandeira vaga, imponderável, indefinível, de LIBERALISMO. Que é o liberalismo? E nós, que vamos ao encontro delas, combatemos em nome de quê?

¹⁰²Idem, Ibid, p.126-127.

¹⁰³ LOUREIRO, Op.cit., p.161.

¹⁰⁴ Ibid, p.163. Grifos nossos.

¹⁰⁵ Ibid, p.164.

...Se vencermos, o que faremos? Manteremos as instituições para possibilitarmos novas revoltas e nova confusão? (...)

Há um desequilíbrio evidente na evolução política, econômica e social dos Estados. Nós temos transplantado, para um outro plano, a mesma equação de Canudos.

Aí vem a política dos Pampas, marchando contra a política de São Paulo. Não temos outra coisa senão animar antagonismos.¹⁰⁶

Em 1931, Plínio e outros intelectuais paulistas publicam no *O Jornal*, do Rio de Janeiro, o *Manifesto da Legião Revolucionária*, onde questionam a situação na qual se encontrava o país; criticado por alguns, mas elogiado por outros como: Oliveira Vianna, Tristão de Ataíde, Azevedo Amaral, que defendiam idéias autoritárias. Porém, o Manifesto não conseguiu manter-se no cenário político. Plínio acreditava que precisava um veículo, um meio material que expressasse seus ideais nacionalistas, espiritualistas, então, em carta enviada a Augusto F. Schmidt, assinala a necessidade de criar-se um jornal:

Esse jornal terá um caráter de nacionalismo radical. É o que, no momento, se pode fazer.

Como V. sabe, eu preciso de um ponto de apoio. Neste instante, eu me sinto imensamente desamparado de elementos materiais para qualquer ação prática. Esse jornal será o primeiro impulso.

Esse jornal deve atuar de modo a dividir bem nitidamente a massa brasileira em dois campos distintos – o dos que pretendem subordinar o Homem à Máquina; e o dos que querem subordinar a Máquina ao Homem. A minha ação política, nesse sentido, será bem forte, e isso já será um começo de organização, e afirmação de uma mentalidade que, evoluindo para uma expressão político-social definida e eficiente, poderá ainda um dia dizer ao mundo uma palavra nova. (...).

Quero, logo que seja iniciada a minha ação jornalística...¹⁰⁷.

Podemos perceber que Plínio está preocupado em formar a base de sua divulgação doutrinária: a rede de jornais e revistas. Neste ano é fundado o jornal *A Razão* (com duração de um ano, já que foi incendiado), onde Plínio escrevia diariamente críticas ao modelo de sociedade e política vigentes.

O engajamento de Plínio Salgado no movimento modernista, assim como os artigos, seus romances refletem os pilares discursivos do futuro líder dos integralistas. Neste momento, o que buscamos é nos inserir no imaginário pliniano às vésperas do lançamento do Manifesto de Outubro de 1932 que oficializou a AIB, mas também para podermos compreender com mais profundidade os seus primeiros romances.

Cabe ressaltar que ao analisarmos os primeiros romances de Plínio, vislumbramo-os como reflexos de sua ambientação cultural, de sua rede de sociabilidades e acreditamos como Sandra Pesavento, que a literatura coloca o campo da ficcionalidade para dentro dos domínios da escrita da história como uma possível

¹⁰⁶SALGADO, apud LOUREIRO, Op.cit., p.166.

¹⁰⁷Ibid, p. 175.

representação do imaginário que perpassa a vida do autor:

o historiador se reveste de uma função de criação, ao selecionar documentos, compor um enredo, desvendar uma intriga, recuperar significados. Estaríamos, pois, diante da presença da ficcionalidade no domínio da história, assim como da imaginação na tarefa do historiador. O historiador não elimina de todo o seu compromisso com a veracidade, mas a leitura que realiza de uma época é um olhar entre os possíveis. Por outro lado, pode-se dizer que o discurso literário, consagradamente tido como o campo referencial de realização do imaginário, comporta também a dimensão da veracidade.¹⁰⁸

Seguimos a premissa da historiadora e pensamos que “tanto a literatura como a história correspondem a *representações da realidade* e buscam, através da narrativa, oferecer uma leitura plausível e convincente dos fatos”¹⁰⁹ e por isso optamos por analisar as obras de Plínio que antecede a AIB, entendendo que será de fundamental importância como prenúncio de seu discurso político.

1.3 Os primeiros romances: *O Estrangeiro e O Esperado*.

Plínio Salgado convoca, em 1926, os brasileiros para que estes abrissem mão da servidão estrangeira e se voltassem para suas raízes, e neste mesmo ano, lança seu primeiro romance sob influência do modernismo: *O Estrangeiro*. Maria Amélia conta que Plínio estava temeroso de publicar seu livro (que já estava sendo pensado desde 1922), porém conta novamente com o apoio de Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia que organizam uma editora: “Cassiano e Menotti haviam fundado uma gráfica-editora, a Hélios Ltda., e resolveram lançar a coleção ‘Verde-Amarela’, começando com os seguintes livros: *Chuva de pedra* (poesias), de Menotti; *Borrões de Verde-Amarelo*, de Cassiano; e o *Estrangeiro*”¹¹⁰.

O *Estrangeiro* teve boa aceitação e se esgotou em menos de um mês. Em depoimento à Revista *Cruzeiro* em 1972, Salgado aponta sua obra como um marco: “A forma diferia de tudo quanto até então se editara no gênero, o estilo inovava pela síntese, expressões sincopadas, pinceladas rápidas, técnica revolucionária”¹¹¹. Salgado afirma posteriormente que a sua obra foi o seu primeiro Manifesto Integralista, mas também um “desabafo” em um momento de angústia vivida pelo autor inserido no contexto conturbado dos anos 20:

Este livro é, antes de tudo, um desabafo. Nele se notará que se quis dizer alguma coisa. Se não atingiu o objetivo, nem por isso deixa esta crônica de

¹⁰⁸PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz de, PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1997. p.27-28.

¹⁰⁹PESAVENTO, Op. cit., p.27. Grifos nossos.

¹¹⁰LOUREIRO, Op. cit., p.142.

¹¹¹ SALGADO, 1972, p.90-1, apud GUELFY, Op. cit., p.168.

ser oportuna. Pelo menos, como depoimento, num instante de tamanha inquietude e necessidade de discussão.¹¹²

Plínio já define no prefácio da obra o que pretende abordar: a vida em São Paulo, tanto no interior como na capital do estado, ascensão dos colonos italianos e decadência de antigas famílias; a ênfase na missão do “novo bandeirismo” e do papel do caboclo; a busca pela nacionalidade, o papel dos artistas entre outros temas já recorrentes no questionamento do autor antes da publicação do livro. Plínio deixa claro o que busca criticar e defender através de seus personagens:

Este livro procura fixar aspectos da vida paulista nos últimos dez anos.
 Vida rural, vida provinciana e vida na grande urbs.
 Ciclo ascendente do colono (os Mondolfis); ciclo descendente das raças antigas (os Pantojos).
 Marcha do caboclo para o sertão e novo bandeirismo (Zé Candinho); deslocamento do imigrante nas suas pegadas e novo período agrícola (Humberto); regresso dos antigos fazendeiros para a capital e novos elementos para o funcionalismo público e classes liberais (ainda os Pantojos)...
 Aspectos mentais. O nacionalismo latente, corporificado no mestre-escola [Juvêncio de Ulhôa]. O charlatanismo da política imperante (Major Feliciano). O alheamento dos intelectuais [Eugênio Fortes].¹¹³

O personagem central segundo Plínio é o imigrante russo Ivan. Ele sai da Rússia com a intenção de encontrar uma “Pátria Nova” no Brasil. Depara-se primeiramente com a dificuldade de imigrantes não-italianos de encontrar emprego na cidade e decide ir para o campo.

No decorrer de toda obra, Plínio insere sua visão da história do Brasil, em “pinceladas rápidas” como o próprio afirmou. Além de fatos históricos, Plínio busca retratar um Brasil de natureza exuberante, num tom claro de ufanismo. Era desta forma que o mestre-escola Juvêncio vislumbrava o Brasil antes da chegada dos portugueses: terra virgem, sem males e crimes:

E, então, tudo era selva, onde dormia o Mistério.
 Bandos de periquitos, projeções verdes da terra, estampavam-se no céu, ainda inocentes de crimes.
 Continuação indefinida da manhã úmida e verde em que a arca de Noé encalhou na montanha.
 Altas palmeiras emergindo das florestas oceânicas, estilizando a alma sentimental da rude natureza meridiana (...)
 Manhãs de janeiro! Cheiro molhado de terra moça e virgem (...) Foi o aroma afrodisíaco da Atlântida que acordou o instinto pagão dos velhos povos desvirginadores, adormecido nos séculos claustrais do Misticismo...
 Eram assim as lições de Juvêncio.¹¹⁴

Mas Juvêncio não via com bons olhos a chegada dos estrangeiros que acabaram com o verdadeiro Brasil:

Cataclisma de raças; sedimentação de caracteres civilizadores: sobre o rastro

¹¹²SALGADO, Plínio. **O Estrangeiro**. São Paulo. Ed: Hélios, 1926, p.9.

¹¹³Idem, Ibid, p.7-8.

¹¹⁴Ibid, p.28-29.

do selvagem, o rastro do mameluco; depois sobre a terra desvirginada e domada, o colono estrangeiro estabilizando a agricultura...
Abriu-se um dilema: ou caminhar, ou ser absorvido. Ir de encontro ao Mistério, ou desaparecer...¹¹⁵

Em outro momento, Plínio busca criticar como os estrangeiros conseguem prosperar e ir além em suas conquistas; na fala do personagem Ivan, Plínio afirma que os italianos pagaram suas conquistas com o seu sangue. Já o povo brasileiro ficou em uma situação que classifica como deprimente:

-Esses estrangeiros, concluiu, chegam aqui com uma trouxa às costas, e logo são fazendeiros, prefeitos, delegados, chefes políticos. Deprimem os brasileiros (...) Os italianos pagam fortuna e posições, com sangue (...) a moeda do imigrado está nas suas veias. Em compensação, os povos que assim pagam à terra o preço da vida, compram a vida eterna...¹¹⁶

Para abordar o avanço dos imigrantes italianos sobre os brasileiros, Plínio narra como um brasileiro: Indalécio perde suas terras, que são compradas pela família de prósperos imigrantes: os Mondolfis, e também perde sua dignidade, honra e acaba morrendo de desgosto.

O personagem Juvêncio prioriza a vida no campo em detrimento à vida na cidade o que é justificável, já que Plínio e os seus contemporâneos enfatizavam que é na vida do interior que se encontraria a essência do nacional, do povo brasileiro. Raoul Girardet ao analisar os mitos e mitologias políticas nos esclarece que o mito do “sonho rural” é estruturado a partir da visão da terra como protetora do homem diante da degradação do tempo, assegurando-lhe as condições para uma vida “autêntica”. Ocorre uma idealização, uma sacralização do campo como, segundo Girardet, um símbolo da “pureza de espírito e de coração”¹¹⁷. A oposição entre campo e cidade é clara por tudo que a caracteriza. O campo representa “pureza (...) amplidão dos horizontes, a liberdade de olhar (...), a lentidão e a regularidade dos gestos ancestrais, a dignidade das atitudes, a paz das certezas imemoriais;”¹¹⁸, já a cidade representa “miasmas da doença, o amontoamento humano, o aprisionamento da multidão (...), a agitação estéril, o desmazelo, a angústia das ambições sempre insatisfeitas”¹¹⁹.

Plínio nos demonstra sua predileção pelo campo ao afirmar que a cidade não abria espaço para pessoas como Juvêncio, que tinham a “chama” nacionalista em seu coração, que possuía, em toda sua “modéstia”, a predestinação de fundar a “Pátria Integral”:

¹¹⁵Ibid, p.30.

¹¹⁶Ibid, p.91-92.

¹¹⁷GIRARDET, Op.cit., p.114.

¹¹⁸Idem,Ibid p.114.

¹¹⁹Ibid, p.114.

Em S. Paulo, a sua condição modesta, o seu temperamento insociável, ilharam-no, no meio obscuro. Incorrera no desagrado dos velhos, que montavam guarda à forma clássica e às 'idéias equilibradas'... Banindo do espírito as veleidades literárias, mergulhando na vida prosaica do interior, ateou um novo fogo no seu coração. Ouviu o apelo do seu sangue e a voz da sua terra. Imaginou trabalhar – modesto mestre-escola – pela criação da Pátria Integral, com sua consciência própria, sua aspiração, seu tipo definido.¹²⁰

A cidade não poderia mesmo servir de palco para a fundação da Pátria Integral já que tudo era individualismo. Não era na cidade que poderia se encontrar o verdadeiro caboclo, o homem síntese proposto por Plínio. No entanto, Plínio busca demonstrar que a cidade não era mais o lugar do mestre-escola porque nela se encontravam idéias conservadoras, a arte na metrópole era "... sintética, simultânea, dinâmica, intencional, recreio rápido de gente atarefada..."¹²¹, e Juvêncio não poderia compactuar com este tipo de arte, de literatura e nem com as idéias consagradas, pois representa no discurso pliniano o "novo", portador de idéias próprias e não de estrangeirismos, por isso sua adesão ao interior se faz de modo rápido já que sente "... as pancadas do coração alvoroçado da sua terra..."¹²² quando é nomeado para trabalhar em uma escola em Mandaguary. Para Juvêncio, a escola poderia desempenhar o centro de gravidade "nos burburinhos das raças".

Além de uma distinção traçada pelo autor entre campo e cidade, a obra abriga uma distinção entre o caboclo e o imigrante: "Um caboclo não se humilha assim. Não é como o italiano submetido. Nasce para derrubar, em combate singular, canjaranas e guarantãs. Lançar fogo nas roçadas fica olhando as labaredas jibóia na noite espavorida..."¹²³. A figura do caboclo Zé Candinho é idealizada por Plínio sempre de uma forma que o coloque em posição superior ao estrangeiro: "Zé Candinho era um Apollo de ferro enferrujado. Vermelho-pardo, feições bonitas. A foice e o machado adormeceram-lhe junto à trouxa. E como apanhar café o envergonhava, Hercules fez-se domador de burros"¹²⁴. O verdadeiro caboclo era aquele que não se deixou contaminar pelo estrangeirismo e que tinha a força em se dirigir para o verdadeiro Brasil, onde o país nasceu: o sertão:

E agora o rio turvo era uma estrada de barcas. Cavalo negro dos Bandeirantes.

¹²⁰SALGADO, Plínio. Op.cit., p.107.

¹²¹Idem, p.54. Girardet afirma que o tema do abandono da aldeia pelo jovem do campo para ir viver na cidade já era tema caro à literatura no século XVIII. Plínio, no romance em questão, coloca seu personagem em caminho oposto, Juvêncio volta para o campo, já que a cidade não comportava pessoas como ele, espiritualistas, munidas de ideais nobres.

¹²² SALGADO, Plínio. Op.cit., p.55.

¹²³Idem, p.34.

¹²⁴Ibid, p.47.

Os homens desceram por ele ao coração do País.
 O Payaguá, demônio do mato, montou no Caapora e veio. Troaram tacapes,
 silvaram serpentes zunindo em arcos.
 Mas os homens desceram e penetraram o sertão, com mapas riscados no céu
 de estrelas
 Foi assim que nasceu nosso País.¹²⁵

Juvêncio imbuído de resgatar o verdadeiro Brasil se defronta com os imigrantes na pequena Mandaguari; estes são descritos como não capazes de tomar decisões pelo bem comum, mas mesmo assim assumem postos de comando deixando os verdadeiros brasileiros em situação inferior:

Em Mandaguari, onde prosperava a colônia italiana e grande parte da população era estrangeira, sentia o espírito nacional intangido nas reuniões familiares do velho rábula.
 A passividade acomodatória dos imigrados indicava-os para comporem, com os caboclos analfabetos, os diretórios municipais submissos a comissão central de um partido que sempre governou S. Paulo.¹²⁶

Mandaguari representa para o autor uma pequena célula doente dentro do organismo porque lá tudo se voltava para interesses individuais, favorecimentos eleitoreiros. Juvêncio passa a defrontar-se com a elite local e é transferido para o sertão adentro, para Cedral onde: “... está a Voz-que-chama: o íman do sertão, que irmana todo o país na unidade política e que o definirá na unidade futura de uma raça forte”¹²⁷.

Podemos observar que o objetivo predominante ao abordar este tema dos imigrados em situações de privilégio é criticar o sistema partidário, marca do idealismo pliniano que o autor deixa claro em mais uma lição do mestre-escola:

-Não é admirável o fato de não termos partidos. Não há partidos sem o povo e, em S. Paulo, ainda não há povo, mas elementos em combate para a fixação da coletividade tipo. Nossa consciência não se orienta ainda num sentido definitivo. Adiamos pois, o problema das idéias para quando tivermos resolvido o do progresso material, da organização econômica (...) Precisamos de estradas, de escolas. Todo sentimento de divergência partidária, resto do antigo caráter que, apenas provisoriamente, se expressara, será antecipação desastrosa.¹²⁸

A questão levantada pelo personagem nacionalista expressa uma crítica constante no discurso pliniano que é a falta de um povo, e quando fala que “ainda não há povo”, refere-se a um povo genuinamente nacional, voltado para os problemas nacionais, já que o país vive, segundo ele, emaranhado no estrangeirismo, no individualismo e no materialismo. Mesmo que não deixe expresso nitidamente estas críticas no livro, Plínio as utiliza de forma sutil, nas entrelinhas.

A aversão ao estrangeirismo contamina os artigos produzidos por Juvêncio que conclama a formação de um “... exército de tradições e instintos da terra”, que abarcasse

¹²⁵Ibid, p.57.

¹²⁶Ibid, p.71.

¹²⁷Ibid, p.252.

¹²⁸Ibid, p.71-72.

todos os sonhos de uma nação que estava por vir. A Pátria poderia até aceitar o estrangeiro, mas não poderia em hipótese alguma deixar-se dominar, pois o elemento primeiro, o povo que formou o país precisava prevalecer já que representa a alma, o sangue da nação:

- A Pátria quer assimilar; mas nunca se deixará subjugar. É através da luta com a natureza, dos trabalhos e sofrimentos, que cada raça nova entra aqui na torrente em que se agitam, ainda imprecisas, as formas da nação vindoura. Não é possível que desapareçam os que estavam, os que eram primeiro, os que haviam acumulado no sangue o espírito da terra.¹²⁹

Mesmo com críticas ao estrangeirismo reinante, a falta de patriotismo, de voltar-se para o verdadeiro Brasil, Juvêncio era um homem que acreditava no país, mesmo afirmando que desde a proclamação da República, o país estava em estado de “hibernação” mas que vivenciava a “... véspera do Novo Brasil, retemperado pelo sangue novo. Tudo isso é natural. Eu tenho fé no Brasil”¹³⁰.

Num segundo momento Plínio transfere Ivan, a família Pantojo e a família Mondolfis para a cidade (transferências recorrentes entre famílias do campo que lucraram com a cafeicultura). A família Pantojo é descrita como tradicional e rica, mas no decorrer da trama vai perdendo tudo com jogatina, mulheres e bens supérfluos (crítica ao materialismo). Plínio compara a decadência moral e material dos Pantojos com a decadência de um Brasil velho, baseado em oligarquias que tentavam sustentar seu prestígio. Era um “... fim de raça doloroso, que agoniza...”¹³¹.

Ivan começa a trabalhar em uma fábrica, apoiado pelos Pantojos e começa a prosperar, mas permanece sempre com suas dúvidas e infelicidades já que havia largado sua terra natal, sua amada para ir viver na “Pátria-Nova”, mas não se sentia um imigrante que pudesse ajudar o país a progredir. Em uma greve geral, a fábrica gerida por Ivan não adere, onde este se questiona de como o individualismo reinava naquele ambiente, onde os funcionários são movidos pela ambição, um “pequeno mundo com sentimentos egoísticos”.

Com esta declaração, Plínio aponta o porquê do título da obra: *O Estrangeiro*. Ivan não consegue sentir-se realizado e feliz porque sempre será um estrangeiro dentro do Brasil, pois não consegue encontrar a essência da nacionalidade, de seus ideais. Ele não conseguiu em momento algum se desvencilhar de sua pátria, pois se preocupava com tudo que acontecia na Rússia: “Sentia crescer, dentro do peito, o outro Ivan, sangue

¹²⁹ Ibid, p.111.

¹³⁰ Ibid, p.115.

¹³¹ Ibid, p.230.

da sua raça e alma de seu povo fustigado de inclemências”¹³². O personagem vislumbra que no Brasil ainda não há uma alma coletiva, porque aqui reinava a individualidade e o ideal revolucionário dissipava-se rapidamente:

- Não temos ainda uma alma coletiva. Por enquanto, cada um de nós constroem o seu próprio *eu*. Somos a pluralidade heterogenia... Por isso, com a mesma facilidade com que o povo paulista vier a aderir a uma revolução vitoriosa, desinteressar-se-á por ela no dia seguinte.¹³³

O próprio Ivan afirmaria que ele era o estrangeiro, enquanto Humberto, mesmo sendo italiano, não era estrangeiro porque daria seu sangue, sua descendência pelo bem do país, pelo seu crescimento. É descrito como um aliado:

Sou o estrangeiro, completou Ivan. O vão decifrador de enigmas... Porque Humberto, apesar de ser italiano não é um estrangeiro. O italiano traz aqui uma força de íntima coesão, que o mantém de pé e o faz aliado da terra. Eu, nada trouxe, senão a minha dúvida.¹³⁴

Plínio demonstra mais uma vez seu idealismo e o caráter de predestinação de seus personagens, principalmente na figura de Juvêncio e de Humberto quando diz que ambos seriam o futuro da nação, “... linhas mestras da civilização esboçada em S. Paulo”. Enquanto que estes representam a salvação da nação, o idealismo do imigrante russo é descrito como velho, “... sem um amparo de fé, no abismo de sua cultura...”¹³⁵.

O personagem Ivan não teve um final de realizações e felicidade. Acaba se suicidando já que sua vida fora uma sucessão de tentativas frustradas, por não se sentir nem russo e nem brasileiro. Juvêncio conclui: “Ele aprendeu o idioma, porém não penetrou o seu íntimo sentido. Por isso seu sonho teve a vida incerta e fugaz...”¹³⁶.

Com o personagem do poeta Eugênio Fortes, Plínio também critica a posição cômoda do artista, pois enquanto há uma disputa ferrenha por poder, vantagens, posições o poeta se encontra em sua “torre de marfim”, alheio aos problemas nacionais. Desta forma, podemos observar que esta posição de Plínio vem ao encontro de seus ideais modernistas, da atuação do intelectual na sociedade. Em um diálogo com Juvêncio, o poeta diz que o artista preocupa-se com a face transitória da vida. Mas num tom de reprovação, Juvêncio diz que não: “- Não, reconvinha Juvêncio, a Arte deve ter uma *função civilizadora*; não pode ser uma conseqüência do ambiente, mas uma força, nas mãos do Homem, dirigindo os homens. Eugênio sorria, trancado na sua torre de marfim”¹³⁷.

¹³²Ibid, p.201.

¹³³Ibid, p.203-204. Grifos do autor.

¹³⁴Ibid, p.231.

¹³⁵Ibid, p.254.

¹³⁶Ibid, p.328.

¹³⁷Ibid, p.230. Grifos nossos.

Ao criar a escola “Dante Alighieri”, de imigrantes italianos, Plínio busca confrontá-la com a escola “Reunidas” onde Juvêncio trabalhou. A primeira servia aos interesses dos italianos e não dos brasileiros, não se preocupando, como Juvêncio, com os problemas nacionais. A escola “Dante Alighieri” era descrita como materialista, estrangeira e prosperava apesar disto porque estava localizada onde “... a preocupação do conforto e os luxos do espírito e do corpo derivavam do materialismo e de uma civilização delirante”¹³⁸.

Ao traçar o destino de seus personagens, Plínio traça diante dos olhos de seus leitores o seu discurso, beneficiando os personagens do campo. Zé Candinho prosperava, pois não se deixou contaminar pelos grandes centros, enquanto que os habitantes dos grandes centros encontravam-se “... chocados, ao desequilíbrio das cidades improvisadas”.¹³⁹ Plínio descreve o urbanismo como “... a morte da nacionalidade. Porque é a morte do homem transformado no títere cosmopolita. O homem degrada-se em contacto com o homem; só a íntima correspondência com a Natureza o eleva da condição universal de símio”¹⁴⁰. Novamente podemos observar a glorificação do campo, da natureza em detrimento à cidade, e também a crítica mordaz ao materialismo.

Plínio deixa mais nítida ao leitor as intenções de suas críticas no livro, quando transfere suas interrogações ao personagem Juvêncio, como podemos vislumbrar:

Porque decaem as antigas famílias do seu vetusto esplendor? [alusão à família Pantojo] (...) Porque se alastra no país a multidão dos dialéticos e dos causídicos? Porque as nossas artes não se afirmam numa bárbara originalidade? O ambiente criado pelo cosmopolitismo dissolvente! A civilização estrangeira é uma toxina secretada pelo adventício, para anular todos os meios de defesas do organismo nacional, como o fenômeno biológico das invasões mortais das bactérias... O luxo de Paris amacia as arestas (...) A Sorbone e os cafés de Montmartre aliam-se à rue de La Paix e ao Maxim's. Depois, vieram os *yankees* e nos ofereceram um ideal de convencionalismos. (...) e Comte traçou o lema da nossa bandeira.¹⁴¹

Fazendo alusão à nacionalidade perdida pela “contaminação” estrangeira, Plínio cria uma situação em que Juvêncio, acompanhado pelo Caboclo Zé Candinho, leva em uma caminhada pela mata dois papagaios que recebera de presente do patriarca italiano Carmine Mondolfi, que cantavam o hino fascista de Mussolini. “... uma grande amargura entrou no coração do mestre-escola...”¹⁴². Este tentou em vão restabelecer o vínculo com a natureza deteriorada pela influência estrangeira, então conclui que todos

¹³⁸Ibid, p.303.

¹³⁹Ibid, p.303.

¹⁴⁰Ibid, p.304.

¹⁴¹Ibid, p.304.

¹⁴²Ibid, p.305.

os indivíduos que se deixavam influenciar pelo estrangeirismo eram indignos, sem amor pela Pátria: “ – Indignos todos os seres que falam como os papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da terra!”¹⁴³.

Mesmo com a invasão estrangeira tão criticada pelo personagem que dá voz ao autor, havia uma salvação: voltar-se para o sertão e para o caboclo, os “soldados da Pátria” o poder que esta “raça” representa:

- Nós somos uma Pátria que tem soldados vadeadores de rios, pântanos, florestas e desertos. Nós somos uma raça que tem sertanistas e vaqueiros inabaláveis como pregos batidos na dura madeira de todas as inclemências, para segurar no continente o mapa do Brasil. E somos um povo que tem jangadeiros que fazem de uma esteira de caibros couraçados do Espírito da Terra!¹⁴⁴

Diante do progresso do materialismo utilitário, apenas um novo bandeirismo poderia fixar “...os limites morais do país...”¹⁴⁵.

Plínio surpreende no desfecho da obra quando narra que Ivan fora um personagem criado pelo mestre-escola Juvêncio de Ulhôa e que toda a história fora obra de Juvêncio: “Ivan era criação de Juvêncio, avultado no meio banal dos outros personagens. Mas sentia que pusera muito de si mesmo em Ivan... a face ignorada da sua inviolável personalidade”¹⁴⁶. A dúvida percorre as últimas páginas em que Juvêncio se interroga se não seria ele criação de Ivan já que era seu oposto, mas concluiu que Ivan existia apenas em seus sonhos. Podemos perceber que o autor questiona-se sobre si mesmo, apontando que sua voz realmente era o mestre escola Juvêncio de Ulhôa, mas podemos sentir a presença de Plínio e de seu discurso em todos os momentos.

Em 1935, prefaciando o seu livro *Despertemos a Nação*, Plínio remeteu-se ao romance em questão e é desta forma que o autor descreve sua obra:

O drama do meu povo apoderou-se de min. As dores, os misteriosos tumultos de uma sociedade em formação, as lutas políticas, os caldeamentos étnicos, cosmopolitismo e nacionalismo, civilização artificial e instintos bárbaros da floresta, angústias do pensamento e vagas ansiedades coletivas, tudo isso constituiu, dia a dia, uma orquestra perene que me empolgava no turbilhão de músicas estranhas.¹⁴⁷

Podemos perceber no discurso pliniano as dicotomias que acompanhamos ao percorrer as trilhas de seu romance, mas que também irão acompanhar toda a vida do líder integralista. Além disso, Plínio frisou que o seu romance já se constituía o embrião do seu pensamento político: “Penso que ‘O Estrangeiro’ foi o momento de transição. A sua forma exprime a influência da revolução literária, mas, no seu fundo, delineia-se a

¹⁴³Ibid, p.306.

¹⁴⁴Ibid, p.307.

¹⁴⁵Ibid, p.308.

¹⁴⁶Ibid, p.327.

¹⁴⁷SALGADO, Plínio. *Despertemos a Nação*. In: **Obras Completas**, V. X, 1955, p.9. [1ª edição 1931]

revolução política”¹⁴⁸.

Já a sua obra *O Esperado* (1931)¹⁴⁹ é lançada frente a um cenário de mudanças, angústias, questionamentos, que percorrem a vida dele e da maioria de seus contemporâneos. Plínio valeu-se de sua apropriação¹⁵⁰ da realidade que influencia sobremaneira a formação de seu imaginário anti-cosmopolita, anticomunista, antimaterialista.

Porém, para compreender a obra de Plínio Salgado como inserida em um momento histórico de transição e questionamentos, na busca de sentidos frente a uma realidade em constante transformação, partimos da premissa de Roger Chartier que a “significação de um texto é sempre uma produção historicamente situada, dependente das leituras, diferenciadas e plurais, que lhe atribuem um sentido”¹⁵¹. *O Esperado*, assim como *O Estrangeiro* e outros romances do líder integralista, possuem uma historicidade, e para uma compreensão mais abrangente, faz-se necessário considerar também que esta presente análise é uma reinterpretação, como tantas outras, já que as apropriações da obra, como afirma Chartier, são plurais: “O essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos – em formas impressas possivelmente diferentes podem ser diversamente apreendidos, manipulados, compreendidos”¹⁵².

Neste segundo romance, Plínio consegue de maneira muito perspicaz inserir sua apropriação da realidade nas falas dos personagens que vivem, de várias formas, o “caos da metrópole”, pois tenta desta forma impor um sentido, como nos alerta Chartier: “O controle da significação e a imposição de sentido são sempre uma questão fundamental das lutas políticas ou sociais e um instrumento maior de dominação simbólica”. Seguindo suas premissas, pensamos que a escrita não é neutra e “... controlar sua produção, emprego, significação, é um poderoso instrumento de poder”¹⁵³.

O próprio autor no prefácio à segunda edição da obra tenta delimitar suas intenções como também a insere no momento histórico de quando é produzida: “ ‘O Esperado’, surpreendo a inquietação dos que pensam e sofrem nas *metrópoles tentaculares*. Esboça-se aí a chave decifradora das angústias econômicas na atuação do capitalismo internacional, enquanto se enunciam os índices do materialismo e do

¹⁴⁸ Idem, Ibid, p.11.

¹⁴⁹ Plínio começa o romance no Brasil, mas conclui a obra em Paris, em 1930, durante sua viagem à Europa.

¹⁵⁰ Apropriação, segundo Chartier (2002), são os usos e interpretações que inscritos nas práticas específicas que os produzem constroem sentido.

¹⁵¹ CHARTIER, Roger. Op.cit., p.50.

¹⁵² Idem, Ibid, p.70.

¹⁵³ Ibid, p.252-254

espiritualismo nacionais”¹⁵⁴.

Para melhor compressão das angústias que acompanhavam os moradores das metrópoles no início do século XX, iremos recorrer ao imaginário urbano que prevalecia neste período histórico e assim, buscar compreender o pensamento de Plínio e perceber como ele re-apresenta a metrópole no decorrer de seu romance¹⁵⁵. Sandra Pesavento nos diz que:

...a cidade é em si uma realidade objetiva com suas ruas, construções, monumentos, praças, mas sobre este ‘real’ os homens constroem um sistema de idéias e imagens de representação coletiva (...) Ou seja, através de discursos e imagens, o homem re-apresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. Há, pois, um deslizamento de sentido, uma representação do outro que não é idêntica, porém análoga, uma atribuição de significados que expressam intenções, desejos, utopias, mitos.¹⁵⁶

A metrópole: São Paulo, não deixa de ser uma das personagens do romance, já que Plínio sempre se remete a ela no decorrer de toda obra, como sofrendo a influência maléfica da cultura estrangeira, como um emaranhado de ferro e aço, como “*sinfonia de cimento armado*”, onde as multidões circulam como “*massas humanas*” em meio às novas tecnologias:

... a cidade que se abria a seus pés. Lá, no fundo, as fábricas enormes, os bairros operários na fumaça tênue; e a torre da Luz, hirta, mostrando os ponteiros implacáveis dos ritmos urbanos; e os viadutos burburinhantes; e as igrejas de pedra mística; e nuvens confusas de veículos, de massas humanas confusas, em movimento; e os arranha céus como perguntas.¹⁵⁷

Na sua interpretação, o homem, vivendo na metrópole tentacular, torna-se “escravo da máquina” perdido em meio aos novos costumes advindos com a modernidade. Salgado busca frisar que o consumo tomou conta da vida dos cidadãos

¹⁵⁴SALGADO, Plínio. O Esperado. In **Obras Completas**, V. XII, 1955, p.19. O fio condutor da obra é a tentativa de instalação de um grupo internacional no Brasil (The Syndical England e American Hinterland’s), que, para alcançar seus objetivos financeiros vale-se da ganância dos homens envolvidos em partidos políticos que fazem qualquer coisa por dinheiro e prestígio individual, não levando em consideração a soberania nacional, numa clara luta que possui como arena a grande metrópole paulistana, travada entre materialismo e espiritualismo.

¹⁵⁵José Augusto Avancini (1997, p.57), ao pesquisar as imagens da cidade na prosa de Mário de Andrade, afirma que o poeta também situa-se no imaginário urbano do início do século XX, e torna a cidade de São Paulo uma de suas personagens: “A cidade de São Paulo aparece em quase todos os seus livros de poesia. É a preocupação central de sua obra poética: ora a cidade é o espetáculo multifacetado da modernidade desejada e buscada em 1922, ora é a constatação dos desequilíbrios e desenganos de um desenvolvimento desarmonizado e injusto...”. Para saber mais sobre o imaginário urbano na prosa de Mario de Andrade, consultar a coletânea organizada por Célia F de Souza e Sandra J. Pesavento, Op.cit.,

¹⁵⁶ PESAVENTO. Op.cit., p. 26.

¹⁵⁷SALGADO, Op.cit, p.39. Importante salientarmos que o imaginário em torno das cidades como sendo a “reduzora das almas e corrupção dos corpos” era uma constante também no pensamento de Rousseau. Para ele, os homens não eram feitos para viverem amontoados, pois quanto mais viviam juntos, mais se corrompiam e dizia: “As cidades são o abismo da espécie humana”. O retorno à terra poderia recuperar os homens, regenerar os costumes corrompidos pela vida moderna nas grandes metrópoles. Citações de Girardet, Op.cit, p.115.

das grandes metrópoles em mais uma crítica clara ao materialismo:

...o homem é o escravo da máquina. Que são as densas populações, senão a massa tributária dos consumidores de estoques? A máquina cria necessidades novas, confortos desconhecidos, superficialidades inéditas impositivas. (...) Há novos costumes, porque há novas máquinas, e aperfeiçoam-se as máquinas para se exacerbarem os costumes. Essas multidões que trabalham e sofrem, que se agitam, que choram, que raivam, derramam o suor cotidiano para consumir a produção, que a concorrência impõe, habilmente, ou violentamente, através dos hábitos adquiridos. Homem é escravo da máquina...¹⁵⁸

Há uma simetria na descrição dos personagens que vivem na metrópole, principalmente na ênfase dada pelo autor na corrupção, ambição, individualismo, materialismo. Avelino Prazeres é um exemplo típico. Este personagem é descrito por Salgado como sendo um indivíduo corrupto na política, de idealismos falsos, que só pensa em sua ascensão, materialista e individualista: “Na mocidade, necessitando objetivara sua ambição numa atividade pública, armou-se de todo o material de idéias e de fórmulas, como quem vai construir um edifício. (...) frases campanudas e o respeito feiticista pelos ídolos democráticos – tudo isso tinha sido como a alvenaria, o reboco, o cimento, o ferro, o madeirame, as tintas, com que ele elevava o prédio majestoso da sua individualidade”¹⁵⁹.

A metrópole vencida pelo materialismo destrói os homens dando-lhes a impressão de uma vida prodigiosa, mas não passando, não visão de Salgado, de meros “heróis humilhados”:

... debaixo dos arranha-céus, os paralelepípedos são almas petrificadas de heróis humilhados sobre os quais rodam torpedos, e limusines, encarando, malcriados, o sol. Porém há mais orgulho de vitória nas pedras pisadas e gastas do que nos automóveis trabalhados com raiva nas oficinas e ridicularizados na rua...¹⁶⁰

Já o campo estava sofrendo as conseqüências do que o autor chama de “marcha civilizadora”, mas que na verdade representa uma crítica ao litoral dominado pelo interesse do capitalismo internacional. A expansão geográfica de São Paulo é descrita por Plínio Salgado como necessária para o capital estrangeiro, e este fora denominado pelo autor de “grileiros”, “novos bandeirantes”, que não se importavam em destruir famílias como a do personagem João Tinoco, que representa o próprio Brasil, sendo invadido pelo interesse capitalista:

¹⁵⁸SALGADO, Plínio. O Esperado. In: Op.cit., p.267. Maria Stella Bresciani, em seu artigo: Cidade, cidadania e imaginário In: PESAVENTO, Sandra. Op.cit., p.16, alerta que a própria condição do *homem moderno* que vive o impacto da fragmentação, do efêmero e das mudanças caóticas forma *sua sensibilidade*, no centro da experiência de tempo, espaço e causalidade sentidos e equacionados como transitórios, fortuitos e arbitrários (grifos da autora).

¹⁵⁹SALGADO, op.cit., p.77.

¹⁶⁰Ibid, p.86.

Era a Marcha Civilizadora (...) Era preciso que São Paulo, como as outras cidades litorâneas, crescesse depressa (...) os ‘grileiros’ chamavam-se os ‘novos bandeirantes’. Eles vinham reduzir a policultura sem recursos ao domínio irresistível do café. Traziam estradas de ferro e progresso de asas velozes. E, entretanto, havia o drama de João Tinoco, mulher e filhos...¹⁶¹

A idealização do campo também será uma marca neste romance assim como no romance *O Estrangeiro*. O campo é descrito como um lugar onde os avanços tecnológicos não tinham chegado, e por isso, um lugar que ainda poderia ser encontrado um tipo ideal de brasileiro: João Tinoco, “caboclo forte de olhar bondoso e súplice...”¹⁶² que estava sendo expulso de suas terras pela ganância dos estrangeiros aliados aos políticos, mas mesmo assim, João Tinoco permanece com sua fé inabalada mesmo diante da injustiça de perder sua terra diante da necessidade de expansão da grande metrópole pelos capitalistas. Na fala do personagem João Tinoco: “homens da cidade não tem coração. Não hai justiça para os pobres, mas Deus é grande.”¹⁶³. Ao nos depararmos com esta ênfase dada por Plínio na honradez, bravura de seu personagem caboclo, nos dirigimos novamente a Girardet e à construção do mito em torno do “sonho rural”, da reverência pela vida no campo, onde o camponês desempenha um papel muito importante. Para o autor o camponês representa “... aquele que conhece a exata medida do tempo, do qual cada gesto comporta uma plenitude de significação, que sabe por instinto o que pertence ao domínio das realidades essenciais”¹⁶⁴. Plínio preocupou-se em descrever minuciosamente as dificuldades que os homens e mulheres do campo tinham para sobreviver já que estavam esquecidos pelos governos:

Colchões, amarrados, cobertores roxos desbotados, camas de embira, mesinhas de caixão de querosene, panelas de três pés, gamelas rachadas, pratos de estanho, canecas de lata de azeitona (...) mulheres magruças de cara espantada; mulatas de gaforinha; caboclas chatas amarelentas de olhar apalermado...¹⁶⁵.

Mas o cenário na grande metrópole era outro, de luxos de consumo e supérfluos, numa típica reunião de capitalistas alheios ao caos reinante:

Sentaram-se todos no *fumoir* e puseram-se a falar de seus negócios. Ao passarem as taças de ‘champagne’ pela sala, as senhoras tratavam de costureiros, de vestidos, de automóveis e de modas. (...). O *jazz-band* rompeu como um delírio (...). Toda aquela sociedade brilhante dançava, palestrava e ria, as taças de ‘champagne’ entre os dedos de anéis cintilantes, no convés de um navio, que adernava, porque trazia, no fundo dos porões, onde arfavam e gemem os suados foguistas de bordo, - a hélice partida...¹⁶⁶

¹⁶¹Ibid, p. 250-251.

¹⁶²Ibid, p.198.

¹⁶³ Ibid, p.251. Quando Plínio Salgado dá voz aos personagens do campo, demarca sua maneira rude de se expressar, num vocabulário diferenciado dos personagens da cidade. Expressões em francês e inglês são recorrentes nas descrições dos ambientes citadinos numa alusão ao avanço da cultura estrangeira no país.

¹⁶⁴GIRARDET, Op.cit, p.113.

¹⁶⁵SALGADO, Plínio. O Esperado. In: Op, cit., p.260.

¹⁶⁶Idem, Ibid, p.158.

Na visão de Plínio Salgado o cinema moldava os comportamentos das famílias como da personagem Dona Antoninha. O cinema era o símbolo da vida moderna, onde a ambição norteava a vida na metrópole:

O cinema é um grande civilizador. É a escola de nossos filhos. - Para as moças, nem fale (...) aprendem a vestir-se, aprendem as atitudes distintas e elegantes. Tornam-se, sem o sentirem, moças de merecimento. - E ficam sabendo o que é a vida moderna, a realidade da vida, a fim de não irem caindo trouxamente num casamento infeliz. A ambição é tudo, para que uma família vá subindo no conceito social.¹⁶⁷

O contraste entre estes dois cenários é nítido. Enquanto os homens e mulheres do campo tentam sobreviver de alguma forma, os homens e mulheres da cidade, impregnados de consumo e cultura estrangeira levam suas vidas sem se preocupar com o bem comum, só com a ascensão social. Esta sobrevalorização do campo em detrimento à cidade expõe mais nitidamente a aversão de Plínio ao litoral, representado como estando contaminado pela cultura estrangeira e por isso que defende o redescobrir do Brasil, da verdadeira nacionalidade no retorno ao sertão, como já podemos vislumbrar durante sua atuação no grupo verde-amarelo.

Num diálogo entre personagens, Salgado busca apontar uma solução para todos os problemas que se encontra nas formas já tradicionais de política. Um dos personagens, Gomes Barros, liberal, afirmava que o “voto secreto e a república parlamentar salvariam o país”, porém um outro personagem, Infantini, replica ao afirmar que os problemas do país são outros: “Não será nem o PRP, nem os liberais que os resolverão”. Outros questionam: “Será o comunismo? (em tom desdenhoso)¹⁶⁸. (...) O fascismo?...” Infantini responde: “Quem sabe? Quem poderá dizer que coisa falta ao Brasil? Quem adivinhará que *ausência* o mundo moderno deplora? A civilização nos deu tudo, todos os aperfeiçoamentos e confortos. Mas parece que nos levou alguma coisa...”¹⁶⁹.

Estes diálogos ocorriam no “Clube Talvez”¹⁷⁰, lócus de sociabilidade criado por Plínio Salgado, onde reúne seus personagens preocupados com o “reerguimento nacional”. O Clube nasceu como “Clube Nacional dos Torneios Esportivos”, mas na verdade era ali que se “discutiam os comensais os problemas da humanidade e da

¹⁶⁷Ibid, p.176.

¹⁶⁸Todas as vezes que Salgado se refere ao comunismo é com um tom jocoso, com desdém, como uma fórmula errônea de resolver os problemas. O personagem que se envolve com o anarquismo acaba destruindo a família e sendo preso, já que quer resolver tudo com violência e despreparo.

¹⁶⁹ Idem, Ibid, p.159. Grifos do autor.

¹⁷⁰O Clube poderia ser visto como simples local de jogo, mas na verdade era, como descreve Salgado: “... o *rendez-vous* das idéias e pensamentos novos da cidade” (p.65, grifo do autor). Na origem do nome está a dúvida diante da permanência ou não do clube: “O Clube acaba? (...) talvez.(...) A geringonça fecha?(...) talvez (...) E o clube ficou batizado”. Ibid, p.66.

nacionalidade, expendendo idéias avançadas, às vezes subversivas”¹⁷¹.

Maria Amélia fornece-nos uma informação importante, ao narrar as tertúlias literárias e políticas de Plínio como uma fonte inspiradora para a criação do fictício “Clube Talvez”:

As tertúlias, muitas vezes, continuavam à mesa dos cafés, discutindo Kant, Hegel, Comte, Spencer (...) onde abordavam o problema do ‘ser’(...) Eram incansáveis Hamlets, que jamais chegavam a nenhum acordo (...) O que urgia era criar a História, polarizar todas as energias dispersas dando-lhes finalidade, mas uma finalidade objetiva, concreta, próxima (...) o que se propunha estava nas íntimas perguntas que se erguiam no silêncio dos espíritos irrelevantes: o que é o Homem? Qual seu destino? (...) Portanto o problema era, poder-se-ia dizer, religioso, pois envolvia uma concepção de vida e de mundo.

Esse ambiente foi o inspirador de um dos capítulos mais interessantes do romance de Plínio Salgado, *O Esperado*, sob o título de ‘*O Clube Talvez*’.¹⁷²

Salgado descreve os frequentadores do Clube como pessoas que em seu íntimo precisavam conversar, trocar idéias, “pensamentos novos”. Era um Clube heterogêneo, como descreve o autor, mas que verdadeiramente representavam a cidade e suas angústias:

... formou-se um grupo heterogêneo de estudantes, operários, pintores, músicos, jornalistas, pequenos funcionários, comerciantes e industriais que liam livros (...) diferenças de posição, de culturas, de títulos, de raças, de temperamentos e sensibilidades. Pelejas inconscientes de ancestrais, rancores subterrâneos dos opostos (...) O Clube Talvez parecia ansiar por uma confissão coletiva. Era a única expressão homogênea da cidade, aquela heterogeneidade de cérebros que assentava sobre instintos comuns.¹⁷³

Podemos perceber uma analogia entre o Clube Talvez e o posterior movimento integralista. A AIB seria o lugar das idéias novas, um grupo primeiramente heterogêneo, mas que iria se homogeneizar tendo Plínio como chefe e a sua doutrina como manual de conduta. O Integralismo propagará que aceita em suas fileiras todos aqueles que buscam o reerguimento nacional, resgatando o espiritual esmagado pelo materialismo reinante, uma solução para todos aqueles que não conseguiam seu lugar diante das instituições e partidos tradicionais, já que os políticos não passavam de meros “fantoques” nas mãos do capital internacional:

... Nós atribuímos todos os males aos governos e todos odeiam os dirigentes da Nação. Que representam, porém, os políticos, míseros fantoches, que julgam dirigir, quando na realidade, agem acionados por forças obscuras, indefinidas, que se originam do próprio espírito da sociedade? E há, na verdade, uma grande aflição...¹⁷⁴

A AIB representaria a força da união contra a grande aflição que ronda a grande metrópole, e também uma alternativa frente ao cenário político impregnado de

¹⁷¹Ibid, p.65.

¹⁷² LOUREIRO, Op.cit., p.151. Grifos nossos.

¹⁷³ SALGADO, Op.cit., p.66-68.

¹⁷⁴ Idem, Ibid, p.150.

interesses individuais. Todos os indivíduos deveriam anular-se frente ao bem comum, para que surgisse um “personagem maior”, que na obra era o Clube Talvez, como busca frisar o autor:

... a anulação, pelo atrito constante, de todos os personagens surgiria a afirmação de um personagem maior (...). Sim, todos eles, no Clube Talvez, eram personagens de segundo plano. Nenhum se alteava, numa grande situação de comédia ou tragédia. (...) O Clube Talvez, na sua pluralidade, constituiria um personagem singular na individuação mais ampla dos tipos sociais do país.¹⁷⁵

Um dos freqüentadores do Clube Talvez mais destacado por Salgado é Evangelino Tupã. Com este personagem Salgado quer demonstrar que alguns homens conseguiam captar a angústia que vivia o homem moderno, pelo seu distanciamento dos valores morais e espirituais: “Evangelino Tupã compreendia que toda a agitação da cidade, como todo o anseio do país resultavam do afastamento do homem das forças elementares dos agentes obscuros da natureza e do espírito. O homem moderno, pensava (Evangelino Tupã) vem perdendo o ritmo harmonioso que evidencia a gloriosa procura do Infinito...”¹⁷⁶.

Os nomes dos personagens dos romances plinianos indicam sua conduta moral, como Avelino “Prazeres”, homem ganancioso, materialista, dedicado aos prazeres que o dinheiro e o poder podem proporcionar, assim como “Gavião” Teixeira, jornalista, que está sempre sobrevoando para conseguir um lugar que lhe garanta os interesses; Edmundo “Milhomens”, que representa a própria multidão de homens que buscam um lugar na grande metrópole, que se angustiam com a modernidade; “Evangelino Tupã”: personagem espirituoso que encontra na música brasileira suas raízes, que são a fusão das três raças, como veremos no decorrer do texto, alguém que se preocupa com o destino da nação, entre outros.

Evangelino Tupã representava o personagem que conseguia também compreender a verdadeira essência do povo brasileiro, numa clara alusão de Salgado do mito da fusão das três raças: indígena, negra e branca:

Tupã pesquisava na música brasileira o sentido da alma brasileira (...) O Brasil constituía certamente o ‘rendez-vous’ das Eras Humanas. O diálogo de atabaque da cadência africana do Congo e de Guiné e dos rufos chocalhantes dos ritmos tamoios, onde a voz das cantigas da nau Catrineta se alongava nas distâncias continentais. Os elementos para a personalização de um povo....¹⁷⁷

Mas logo o personagem se questiona: havia no Brasil um povo? Havia uma raça?

¹⁷⁵ Idem, p.306.

¹⁷⁶ Ibid, p.335.

¹⁷⁷ Ibid, p.336.

Para estas perguntas, o personagem medita: “Não havia uma raça definida, nem uma nacionalidade decisiva – pensava de si para consigo o músico – mas, evidentemente, existia o sentimento comum de uma ânsia comum, de uma dor comum... E esse, vinha, assim dizer, do atrito sob os impositivos de fenômenos universais...”¹⁷⁸. Nesta passagem, Plínio Salgado deixa novamente transparecer sua visão de mundo, como em todo decorrer da obra, quando dá voz aos seus múltiplos personagens. Esta indefinição, essa ânsia comum perpassa a obra do autor do *O Esperado*, mas também da base doutrinária do futuro chefe da Ação Integralista Brasileira. Salgado se refere ao povo e a nacionalidade como algo que ainda precisa ser construído, já que até então só representou os interesses estrangeiros, e não do verdadeiro Brasil.

Outro personagem freqüentador do Clube Talvez que adquire ênfase na obra de Salgado é Marcos, um homem que nasceu para ser líder, realmente preparado para tudo, que sempre possui uma visão à frente de seu tempo, como descreve o autor:

Marcos trazia consigo o espírito vitorioso da construção. O homem nascido para organizar e dirigir uma batalha, para delinear planos de edifícios e ir das fundações ao último andar, com a mesma fé e a mesma força, não exaltadas, mas afinadas num mesmo tom. Tinha a mentalidade medíocre dos que não fracassam, dos que não param no caminho. Espírito claro das apreensões imediatas, objetivação, equilíbrio permanente. As dores isoladas não o detinham. As suas próprias mágoas não o detinham.¹⁷⁹

Voltando-nos neste momento para a nossa interrogação inicial: O Esperado era antimessiânico? A questão surgiu ao nos depararmos com a negação do líder integralista. Plínio introduz de forma muito bem trabalhada a noção de “Esperado” que dá nome a obra. Busca enfatizar que não é um messias, mas um estado de espírito que deveria atingir todos no país. Neste momento é o escritor que fala e não o futuro chefe dos integralistas.

Os freqüentadores do Clube acreditam que poderia ser um rapaz, que viria para salvar a nação de suas angustias, muitos inclusive percebem sua presença, mas Salgado utilizando uma linguagem emotiva leva o leitor da obra a realmente ver o Esperado não como uma pessoa mas como uma nova idéia, um consolo:

... todos lamentaram que não estivesse presente um rapaz que vinha ao Clube (...) Porque cada um sentia a necessidade de um espírito gêmeo, uma inteligência absolutamente irmã, uma compreensão absolutamente idêntica à sua, a respeito da vida e da sociedade. Alguém que arrancasse a alma angustiada da solidão, do emparedamento de uma concepção de vida aflitivamente particular. Um consolo para cada inquietude, um confidente para cada dor.¹⁸⁰

Mas os mais preparados, espiritualizados, já sentiam que o Esperado era um

¹⁷⁸ Ibid, p.336.

¹⁷⁹ Ibid, p.92-93.

¹⁸⁰ Ibid, p.335.

estado de espírito, uma voz: “Evangelino Tupã, acreditava, como Bauer e os amigos do Clube Talvez, na aparição misteriosa do Esperado. Mas, para ele, não era um homem, a transplantação do velho messianismo lusitano: era uma voz. Faltava uma voz na tormenta do mundo”¹⁸¹.

Na obra, Evangelino Tupã diz que a Nação estava a espera de “alguém” que pudesse intervir no seu destino, mas Marcos, o portador das palavras sábias afirma que este “alguém” deveria ser cada brasileiro e que o próprio estado caótico do país iria fazer com que este “Esperado” chegasse:

Mas este, não estará em nós mesmos? Os messias não chegam nunca de surpresa: os povos é que marcam o dia da sua chegada. Quando eles aparecem, encarnados num homem, a sua existência já estava constatada antecipadamente. O nosso, por exemplo, já existe. É um estado de espírito. Um dia ele se revelará sob a forma de um rapaz, que conviverá conosco, amavelmente.¹⁸²

Salgado busca apresentar no romance à ascensão de um “personagem maior”, numa alusão a doutrina integralista, do próprio movimento, e que cada indivíduo deveria almejar o bem comum e não o individualismo: “... a fisionomia do seu tempo devia decorrer da contribuição de todos os fatores, por menores que fossem; e que, da anulação, pelo atrito constante, de todos os personagens, surgiria um personagem maior”¹⁸³.

Marcos além de propagar entre os frequentadores do Clube novas idéias de salvação, mantinha a fé na força do homem, mesmo que este estivesse entregue ao consumo: “Que belo e forte é o homem! E como tem capacidade para vencer, dominar e servir-se de todas as energias obscuras que querem destruí-lo! E quando cria os monstros de aço que o acometem, como o homem sabe surdir da sua batalha e da sua dor! O homem existe para ser belo e forte!”¹⁸⁴.

Os personagens espiritualistas são caracterizados como preocupados com a religião, com sentimentos nobres, com o casamento por amor, fidelidade, com o trabalho honesto, com a valorização do campo em detrimento à cidade, preocupados em solucionar os problemas nacionais.

Há um personagem que Salgado faz viver os dois opostos - materialismo x espiritualismo: Edmundo Milhomens, jovem batalhador, recém formado em direito, chega na cidade à procura de uma colocação no mercado de trabalho, tenta manter uma

¹⁸¹Ibid, p.344,

¹⁸²Ibid, p.98.

¹⁸³ Ibid, p.306.

¹⁸⁴Ibid, p. 269.

vida honesta, mas acaba tendo que ceder a trabalhos inescrupulosos para se manter, mas sempre está se questionando a respeito dos homens, sobre os rumos da humanidade: “A sociedade parecia uma engrenagem, que arrastava, que levava, irrevogavelmente, transformando, como um maquinismo terrível, todas as rebeliões em subserviências humilhadas...”, Edmundo queria resistir a esta engrenagem, mas tinha que sustentar a família, porém desejava apenas ser um escritor: “...porque um mundo turbilhante bramava no seu espírito. Mas todos exigiam dele que fosse um grande funcionário, um homem público...”¹⁸⁵.

Salgado busca aproximar Edmundo do homem do campo representado por João Tinoco, considerado livre, numa clara alusão aos benefícios do campo em detrimento à cidade, e também ao repúdio à advocacia, criticada no decorrer da obra como uma instituição entregue aos interesses capitalistas: “Edmundo desejaria ser um lavrador, como João Tinoco para respirar a liberdade. A advocacia repugnava-o: era a processualidade dos combates do regime capitalista, pelas aspirações mais materiais da espécie, - os interesses egoísticos em choque.”¹⁸⁶.

Salgado também critica em sua obra o casamento por interesse, a infidelidade que este tipo de união acarreta. Os personagens descritos como materialistas estão todos às voltas com casamentos distantes das bases espiritualistas defendidas pelo escritor, como nesta parte da obra em que o filho de Avelino Prazeres, Pluto, se revolta diante de um casamento por interesse, sem sentimentos, mas logo é avisado por Laurentino Canoa¹⁸⁷, que na modernidade não há mais vez para romantismos, que tudo não passa de negócio:

O casamento é um negócio como outro qualquer (...) Já se passou a época do romantismo, caímos numa realidade cada vez mais evidente. O amor independe do matrimônio: é uma crise fisiológica passageira e o homem deve ser livre para a sua expansão (...) Casar não é escravizar-se, meu caro! Devemos fazer do matrimônio um instrumento de harmonização de interesses, alicerce da felicidade material...¹⁸⁸

Fica evidente no desfecho da obra quem vence a batalha entre materialismo e espiritualismo. Para a maioria dos personagens materialistas, Salgado dá um final

¹⁸⁵Ibid, p.254.

¹⁸⁶Ibid, p.254-255. Ao ter que compactuar com a expulsão do caboclo João Tinoco, Edmundo acaba se desgostando mais ainda de sua função e desiste do cargo de delegado nomeado pelo senador Avelino Prazeres e decide ouvir os conselhos de Marcos, já que também era freqüentador do Clube Talvez. Casa-se com Nina, moça de família, espiritualista e preocupada com o bem estar de todos. Salgado proporciona um final prodigioso para o homem que renuncia os bens materiais e as vantagens de um cargo público e torna-o um homem rico.

¹⁸⁷Este personagem é caracterizado como materialista ferrenho, discípulo de Avelino Prazeres, não mede esforços para conseguir vantagem em tudo, até que consegue afastar o senador e tomar seu lugar na política e na negociação com o grupo estrangeiro liderado pelo personagem Mr. Simpsons.

¹⁸⁸Ibid, p.165-166.

infeliz: falidos, arruinados moralmente, perdem seus cargos, os casamentos por interesse arruinam. O que aparece como solução no Clube Talvez, reduto das idéias novas? A Revolução, que proporcionaria um novo rumo ao destino do país:

Os comensais do Clube trocavam idéias sobre a oportunidade de uma revolução que viesse criar novos rumos, uma situação nova, inaugural. Todos estavam de acordo quanto à necessidade de uma revolução. Mas cada qual desejava fazer ‘a sua’; não se conformava com o predomínio de qualquer dos amigos ou comensais, que se erigisse em chefe.¹⁸⁹

Em alusão ao bandeirismo, que é visto com positividade como verificamos acima, Salgado, fazendo uso de uma linguagem épica, de heroísmo, proporciona um final ilustre a um dos personagens: Rodrigo Jorge, descendente de bandeirantes. Mesmo envolvido em tramas de poder, ganância e materialismo, Rodrigo Jorge deixa falar mais alto seu bravo sangue bandeirante e vai contra o projeto de Laurentino Canoa e sai como vitorioso:

Depois...Rodrigo Jorge escutava os passos pesados de sapatões pesados de gigante: Raposo Tavares no meio das onças bravas (...) Olhos vivos de águia, o peito largo de tigre (...) destacado, no céu limpo, como uma torre humana. (...) Desfilavam todas as Bandeiras, surgiam diante de seus olhos as figuras lendárias dos heróis. E cresciam cantos de Iaras, trons de pocemas, atabaques, retintins, rufos de maracás. Estouros de bacamartes, assobios de flechas, e tacapes e baques, conflitos de terra, batalha valorosa de ancestrais...¹⁹⁰

Em um dos capítulos finais: “*Olhos na Treva, vozes na Tempestade*”, Salgado mais uma vez utiliza-se de uma linguagem metafórica para descrever que o Brasil e seu povo não possuíam uma “cara”, era apenas uma “massa” que se movia numa escuridão imensa, servindo aos interesses dos politikeiros que estavam comandando os seus interesses materiais. Na descrição de uma massa operária que declara greve geral, a cidade de São Paulo é imersa em uma grande escuridão, onde somente os olhos dos freqüentadores do Clube Talvez enxergavam e somente suas vozes poderiam ser ouvidas na multidão. Marcos, o líder predestinado, dialoga com Evangelino Tupã, apontando que a multidão era somente braços, que não podia se ver uma “cabeça”, alguém que os pudesse guiar nas trevas:

A escuridão é absoluta! Só enxergo braços se agitando. Venha ver: uma massa de trevas, onde não se divisa uma cabeça. Há somente braços... É o Ofício das Trevas! Gritou Evangelino Tupã... Nesse instante, na treva da cidade sem iluminação, na treva do temporal, na treva delirante dos espíritos, aqueles poucos amigos, tão heterogêneos, tão contraditórios, irmanavam-se. Eles eram os únicos olhos na Treva. A única voz na Tempestade.¹⁹¹

Esta única voz na tempestade, a esperança de uma luz no caminho da massa a

¹⁸⁹Ibid, p.297.

¹⁹⁰Ibid, p.381-382.

¹⁹¹Ibid, p.387-388.

mover-se pela metrópole era uma alusão ao que seria no ano seguinte: a marcha integralista, já anunciada pelo seu chefe, com um “rumor de passos” descrito em um delírio de Edmundo Milhomens prevendo o futuro:

Parecia uma procissão vagarosa. Numerosa. De todos os lados da carta geográfica do Brasil. Eram pés nas calçadas, nas estradas, nas campanhas, nos pântanos. Que vinham do Nordeste, que vinham da Amazônia; que se espriavam pelos planaltos do Centro; que se multiplicavam nas campinas, nas planuras de Goiás, de Mato Grosso. Pelas pastagens de Minas, pelas ruas de café de São Paulo, na ondulação das coxilhas meridionais... Escutem... Há um rumor de passos... O Brasil esta andando... São multidões que crescem de todos os lados. Não são barulhos do mar, nem das florestas, nem do vento. Ouço passos andando...¹⁹²

Após percorrer as “trilhas” dos romances plinianos, concordamos com a afirmação da historiadora Ana Brancher, que a história e a literatura podem auxiliar-se. E, remetendo-se ao historiador Nicolau Sevcenko, a historiadora nos diz que no Brasil as mudanças ocorridas na história foram registradas pela literatura, mas principalmente mudanças que se transformaram *em* literatura: “os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras possibilitando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear, exprimir”¹⁹³. Foi exatamente isso que ocorreu neste estudo: uma forma mais ampla de buscar compreender o discurso pliniano.

Sob influência do modernismo Plínio lançou seus primeiros romances, voltados para uma maior valorização da cultural nacional, mas principalmente do homem nacional. Seus romances, como o próprio afirmara, representaram seu “desabafo” em um momento de redirecionamentos no cenário nacional e de questionamentos e angústias na vida do autor. Suas obras literárias representaram a sua apropriação da realidade nacional, sua visão da história do Brasil. Acreditamos assim como Raoul Girardet que:

...cada modo de sensibilidade – ou de pensamento – político corresponde, assim, uma certa forma de leitura da história, com seus esquecimentos, suas rejeições e suas lacunas, mas também com suas fidelidades e suas devoções, fonte jamais esgotada de emoção e de fervor.¹⁹⁴

Plínio, assim como uma gama de outros intelectuais de sua geração¹⁹⁵ (“a geração que Alberto Torres sonhou”) defendia um papel atuante dos intelectuais na

¹⁹²Ibid, p.390. Desta forma Salgado termina sua obra, como ele mesmo declarou: um “prognóstico” da situação de crise pela qual passava o país, principalmente moral e espiritual.

¹⁹³BRANCHER, Ana. História na Literatura, História e Literatura. In: BRANCHER, Ana (org). **História de Santa Catarina. Estudos Contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p.209.

¹⁹⁴GIRARDET, Raoul. Op.cit., p.98.

¹⁹⁵ Entendemos o conceito de geração a partir de Jean-François Sirinelli que nos alerta para os cuidados no uso do termo, pois além de ser um “fator biológico” é também um “fator cultural” inserido em um determinado contexto histórico e determinado pelo sentimento de pertencimento a uma determinada “faixa etária com forte identidade diferencial”. Para saber mais ver SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e Abusos da História Oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.132.

sociedade. Estes necessitavam sair da sua “torre de marfim” e pensar o país, buscar, como desejava Alberto Torres, “soluções nacionais para problemas nacionais”, percebendo que o “país legal” estava muito longe do “país real”. Portanto, vislumbramos os romances de Plínio Salgado como uma forma de protestar, de alertar e também de se engajar na luta contra o domínio de uma “cultura alienígena”, estrangeira, que “infectava”, como uma “doença”, as cidades brasileiras.

Por isso que nos dois romances, Plínio sacraliza o campo em detrimento à cidade, que no seu imaginário era “tentacular”, uma “sinfonia de cimento armado”. Para o autor dos romances, assim como para o político, faltava um povo genuinamente nacional, já que nas cidades idealizadas em seus romances, prevaleciam figuras egoístas, materialistas, despreocupadas em solucionar os problemas nacionais. O campo ainda não se encontrava “infectado” pelo estrangeirismo, por isso abrigava o “verdadeiro Brasil” e o “verdadeiro brasileiro”: o caboclo, o “homem integral” que possuía em seu peito a “chama nacionalista”, mas, sobretudo não se deixava dominar pelo materialismo desagregador.

Em vários trechos dos romances, Plínio usou uma linguagem metafórica, buscando assegurar que havia uma “luz” nas “trevas”, que havia “rumores de passos” na multidão massificada, que estava surgindo uma “cabeça” (entendemos a sua doutrina), que pudesse “ressuscitar” a nação. Percorrendo as “trilhas” dos romances anteriores à fundação da Ação Integralista Brasileira nos deparamos com “crônicas da vida brasileira”¹⁹⁶ e já podemos vislumbrar as diretrizes de um pensamento novo que estava sendo criado para tentar solucionar os problemas nacionais.

Mas o intelectual engajado precisava colocar em prática seus ideais, sair da “torre de marfim”, e um ano após publicar seu romance *O Esperado*, mais precisamente em março de 1932, Plínio e demais intelectuais como Cândido Motta Filho, Mário Graciotti, João Leães Sobrinho, e vários estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo irão fundar a SEP: *Sociedade de Estudos Políticos*, com a intenção de arregimentar intelectuais, jovens e discutir uma solução para o Brasil. Para Plínio, a SEP reuniu “... os primeiros apóstolos do Integralismo”¹⁹⁷. Na SEP, Plínio começou a divulgar os princípios fundamentais que iriam nortear a Ação Integralista Brasileira (neste momento, a AIB era uma seção da SEP). Os intelectuais reunidos em torno da SEP defendiam a unidade da Nação, o princípio da autoridade, a consulta às tradições

¹⁹⁶ TRINDADE, Héglio. Op.cit., p.55.

¹⁹⁷ SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: Op.cit., p.23.

históricas, e um programa de organização das classes produtoras.

Em outubro de 1932 é lançado o Manifesto Integralista. Em tom sacralizador, Plínio afirmou que o Manifesto, como “Deus queria”, nasceu das “cinzas da luta épica” e da “terra embebida em sangue”, e como resultado dos dramas intelectuais que afligiam o futuro líder dos integralistas: “Assim foi que o manifesto, escrito em maio, veio chamar-se ‘de outubro’. Ele era a síntese de todas as fases de um longo drama intelectual, acrescido do intenso espiritualismo que os sofrimentos inspiraram”.¹⁹⁸

O Manifesto de Outubro de 1932 visava atingir um público amplo: os operários, os sindicatos, os “homens de cultura e pensamento”, a mocidade “das escolas e das trincheiras” e também as classes armadas. O Manifesto estruturou-se em dez tópicos que buscavam definir a concepção integralista acerca da concepção do homem, da Nação, da autoridade, do nacionalismo, dos partidos políticos, da família, dos municípios, questões sociais, e finalmente o que representava o futuro Estado Integral.

O primeiro tópico visava definir a concepção integral do Homem e do Universo. A primeira frase do manifesto afirma o predomínio do espiritual na concepção pliniana: Deus é que dirige os destinos dos povos. Já ao homem, este vale pelo seu trabalho, pelo sacrifício em prol da família e da pátria; os bens materiais não fundamentais, não engrandecem o homem. Todos os homens e classes deveriam viver em harmonia. Neste tópico, Plínio afirmou que o pensamento integralista era eminentemente nacional, que emanava das “raízes cristãs da nossa História e está no íntimo de todos os corações”¹⁹⁹ – um sentimento que uniria todos os brasileiros.

No tópico seguinte, Plínio buscou demonstrar o que os integralistas entendiam por “Nação Brasileira”. Esta deveria ser: “organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz”²⁰⁰. Desta forma, Plínio já anunciava seu projeto de um estado forte, centralizador, que não iria admitir fragmentação, disputas regionais, divisão entre classes sociais, por isso, defendia que a nação brasileira deveria organizar-se em classes profissionais, onde cada indivíduo deveria estar inscrito. O terceiro tópico foi enfático

¹⁹⁸Idem, Ibid, p.23.

¹⁹⁹SALGADO, Plínio. O Integralismo perante a nação. In: **Obras Completas**, V. IX, 1955, p.96. [1ª edição: 1948]. Neste livro editado após o término da AIB, Plínio reúne uma série de documentos como: Manifesto de Outubro (1932), Diretrizes Integralistas (1933), Estatutos da AIB (1934), Carta de Natal de dezembro de 1935, Manifesto Programa da AIB (1936), alguns de seus discursos, além de frases de membros do clero defendendo os ideais integralistas e a relação do Integralismo com a Igreja Católica. Mesmo não integrando nosso estudo deste trabalho, devemos salientar que após 1945, com a fundação do Partido de Representação Popular (PRP), Plínio buscava reabilitar-se perante a opinião pública, principalmente afastando a imagem de fascista, antidemocrático. Para saber mais consultar CALIL, Op,cit.

²⁰⁰ Idem, Ibid, p.96.

ao afirmar que para uma nação prosperar e viver em paz era imprescindível que se respeitasse o “Princípio de Autoridade”. Disciplina e hierarquia eram as únicas maneiras de evitar a desordem. Para Plínio, o Brasil necessitava naquele momento de “hierarquia, confiança, ordem, paz, respeito...”.²⁰¹

No quarto tópico Plínio enfatizou que era dever do integralismo combater qualquer influência estrangeira dentro do país, principalmente o cosmopolitismo que representava na concepção pliniana o “mal de morte para o nosso nacionalismo”²⁰². Isto não significava que os integralistas estavam contra os estrangeiros que viviam no Brasil e que estavam “integrados em nossa própria vida de povo”²⁰³, mas sim aos hábitos cosmopolitas, o não reconhecimento dos negros, dos caboclos, dos escritores nacionais pelos homens que viviam nas cidades cosmopolitas. O movimento integralista representava um movimento nacionalista que primava por tudo que fosse verdadeiramente nacional: sua gente, seus costumes, defendendo a verdadeira união de todos os brasileiros “num só espírito”.

Plínio defendeu com veemência que o movimento que estava fundando estabeleceria no Brasil uma cultura, uma civilização, um modo de vida. Para que pudessem concretizar este ideal, não iriam se aliar a qualquer partido regional, até porque Plínio enfatizou que o movimento integralista não os reconhecia, apenas reconheciam a nação. No quinto tópico, Plínio manifesta sua aversão pelo partidarismo, descrito como um “mal egoísta”, desagregador da nação que deveria ser una e forte. Podemos acreditar que para os integralistas, poder dividido era poder enfraquecido, devendo estar centralizado.

No sexto tópico, o manifesto buscou demonstrar que os integralistas eram contra qualquer espécie de politicagem, de conspiração, afirmando que o movimento integral era um movimento “cultural, moral, educacional, social, às claras...”²⁰⁴.

Já a questão social só poderia ser resolvida mediante a cooperação de todos. Defendiam o direito à propriedade, ameaçada pelo capitalismo e pelo comunismo. Além de ameaçar a propriedade, estes inimigos declarados da nação iriam escravizar os operários e contra isso que se colocava a Ação Integralista, defendendo no sétimo tópico de seu manifesto, o seu compromisso em elevar as condições de vida do operariado, do soldado, do marinheiro, do camponês.

²⁰¹Ibid, p.97.

²⁰²Ibid, p.98.

²⁰³ Ibid, p.98.

²⁰⁴ Ibid, p.102.

Plínio dirigiu-se à família no oitavo tópico do manifesto já que esta representava a “base da felicidade na terra”²⁰⁵, o sustentáculo do estado. A defesa das famílias representava a bandeira de luta do movimento integralista. Já os municípios (nono tópico) representavam a reunião de todas as famílias, sede das classes produtivas, onde cada indivíduo deveria estar inserido.

No último tópico Plínio faz a defesa do estado integralista: uno, forte, com base nas famílias, nas classes e nos municípios.

Assim, podemos acreditar que o manifesto de outubro pode realmente ter uma boa aceitação já que propunha o “renascimento”, “ressurreição” da nação brasileira que se encontrava dividida, à beira do caos, tendo que viver temendo o perigo eminente representado pelo capitalismo e pelo comunismo. Pode representar uma proposta interessante para um povo que temia a desagregação, buscava por uma identidade, por um estado forte que resolvesse os principais problemas da nação.

Acreditamos que o manifesto simbolizou um marco por colocar o ideário pliniano de uma forma mais declarada, objetiva, para um público mais amplo, aproveitando-se do clima de instabilidade e indecisões em que vivia a população paulistana após vivenciar a revolta constitucionalista. No entanto, sabemos que todos os pontos defendidos no manifesto já estavam muito presentes nos romances de Plínio e continuarão legitimando e alicerçando sua revolução espiritualista.

²⁰⁵ Ibid, p.106.

Capítulo 2.

Revolução Espiritualista Pliniana

A Alma de um povo só se desperta com coragem, com fé, com energia, numa arregimentação contínua, em permanente doutrinação, em disciplina perfeita, e esperança renovada, em sugestão espiritual (...) A Alma de um povo só se desperta pela propaganda de idéias sadias, generosas, de coragem, de força, de ambição nacional...²⁰⁶

A revolução ocupou um plano central nos discursos políticos construídos nos anos 30 no Brasil:

...Desde o advento da era moderna, ela toma esse lugar e nele continua no mundo atual (...) A revolução não apenas determinou a fisionomia política do século XX e se constituiu enquanto uma de suas questões políticas básicas. Ela se tornou também o destino do mundo moderno, vinculando-o ao seu próprio destino como mito.²⁰⁷

Há uma amplitude das construções imagéticas em torno da idéia de revolução. Baczko nos lembra que a dimensão simbólica da revolução exerce influência sobre do imaginário político e social, pois: “fazer a revolução implica necessariamente abrir-se ao imaginário que ela produz, partilhar os mitos e esperanças que dela brotam, vivê-la como um momento único em que ‘tudo se torna possível’”²⁰⁸.

A revolução pode representar uma transformação brusca, uma mudança radical nas relações, valores, instituições, símbolos, mitos nas várias instâncias sociais²⁰⁹, mas pode ser utilizada nos discursos totalitários, onde representam:

...acontecimento absoluto, fundação de um mundo no qual os homens dominariam inteiramente as instituições, concordariam no conjunto de suas atividades e de seus fins, de um mundo no qual o Poder se dissolveria no fluxo das decisões coletivas, a lei no fluxo das vontades, de onde o conflito seria eliminado, essa idéia pactua secretamente com a representação totalitária; a crença em uma sociedade que se ordenasse organicamente, como inteiramente de dentro de si mesma, reenvia a uma referência inteiramente externa, à posição de um grande Outro que abarcaria o conjunto e o constituiria como Uno.²¹⁰

²⁰⁶ SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: Op.cit., p.163-164.

²⁰⁷ DUTRA, Eliana. **O Ardil Totalitário. Imaginário Político no Brasil dos Anos 30**. Rio de Janeiro. Ed: UFRJ; Belo Horizonte. Ed: UFMG, 1997, 33.

²⁰⁸ BACZKO. Op.cit, p.303.

²⁰⁹ MAYER, Arno J. **A Dinâmica da Contra-Revolução na Europa, 1870-1956. Uma estrutura analítica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.126.

²¹⁰ LEFORT, Claude. **A Invenção Democrática. Os Limites do Totalitarismo**. São Paulo: Brasiliense,

A revolução idealizada por Plínio projetava um Estado Integral, resultado da revolução interior, espiritual de um povo mobilizado e consciente na busca de sua unidade, sua identidade, como veremos no decorrer desta análise. Primeiramente nos deteremos no pensamento contra-revolucionário francês e como este concebia a Idade Média e a Revolução Francesa e perceber como influenciou o discurso pliniano e sua concepção de revolução.

2.1 Contra-revolução: Idade Média e Revolução Francesa no discurso pliniano

O pensamento contra-revolucionário baseou suas críticas na igualdade, na democracia liberal, no Estado impessoal, na desintegração da ordem e da unidade. Para os pensadores contra-revolucionários franceses, as tradições, a concepção espiritual haviam começado a desintegrar-se com a Revolução Francesa.

Cândido Rodrigues, citando Romualdo Dias nos diz que:

A partir do debate que se estabelece no meio católico em fins do século XVIII e início do XIX, forma-se uma mentalidade que teria como atitude principal a ‘recusa absoluta dos princípios revolucionários’, bem como a condenação do mundo moderno como aquele que rejeitava a ‘autoridade da Igreja’ e afastava Deus como princípio de ordenamento da sociedade.²¹¹

Um dos primeiros a questionar a Revolução Francesa foi Edmund Burke, que a percebeu como “produto de uma razão filosófica abstrata, que teria como corolário a desordem e a violência”²¹², encarando-a como um desdobramento da Reforma e da filosofia iluminista. Para Rodrigues, era em nome da ordem e da tradição que Burke iniciou seu combate à Revolução:

De forma detalhada, aborda os pontos fundamentais que animavam o movimento revolucionário, como a questão da igualdade, dos direitos do homem e da soberania popular; alerta contra os perigos da democracia em *abstrato* e da mera regra do número; questiona o caráter racionalista e idealista do movimento, salientando não se tratar simplesmente do fato de a Revolução provocar o desmoronamento da velha ordem, mas, sim, de causar a deslegitimação dos valores tradicionais, o que ocasionaria a destruição de toda uma *herança* de recursos materiais e espirituais arduamente

1983, p.126.

²¹¹DIAS, 1996, p.30-31, apud RODRIGUES, Cândido Moreira. **A Ordem - uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)**. Belo Horizonte:Autêntica/ FAPESP, 2005, p.39. O autor adentra no pensamento conservador e contra-revolucionário que constituíram a matriz ideológica do laicato católico em torno da revista em questão, além de influenciar outros intelectuais da corrente espiritualista conservadora no Brasil e no mundo. Rodrigues remeteu-se no primeiro momento a Edmund Burke (1729-1797) que marcou seu pensamento pelo conservadorismo e pela tradição. Descendia de uma família católica. Tornou-se escritor em meados do século XVIII, e sua obra *Reflexões sobre a Revolução em França* atingiu grande repercussão, porém fora publicada após sua morte. Por conceber a sociedade como “encarnação da ordem moral de origem divina” Burke colocava-se como “fiel defensor da hierarquia social, das prescrições, dos direitos herdados e da continuidade histórica; e como crítico ferrenho das idéias e práticas da Revolução Francesa, tornou-se o expoente máximo do pensamento conservador” KINZO, 2000, p.22-23, apud RODRIGUES, Op.cit., p.23-38.

²¹²RODRIGUES, op.cit., p. 24.

conquistados pela sociedade ao longo dos tempos.²¹³

Burke acreditava que os princípios abstratos da Revolução (liberdade, igualdade) não poderiam ser aplicados para resolver os problemas reais. No momento que os revolucionários pretenderam derrubar a monarquia francesa e romper com a tradição, estavam “subvertendo a ordem natural”²¹⁴.

O pensamento conservador de Edmund Burke irá repercutir entre os contra-revolucionários franceses, em especial Louis-Ambroise De Bonald e Joseph Maistre.

De Bonald²¹⁵ vislumbrava a Revolução Francesa como sendo influenciada pela Reforma, pelo protestantismo e pelo ideal iluminista, por isso “De Bonald interpreta e critica o projeto republicano democrático como fruto do ateísmo”. Condena a idéia de igualdade civil e de representação popular. Para ele, a sociedade deve ser essencialmente unificada e uniforme (...), e não dividido...”²¹⁶

De Maistre²¹⁷ seguia o pensamento de Louis-Ambroise de Bonald e afirmava que a Revolução Francesa era o “flagelo de Deus” e a criticava como portadora de um poder satânico: “Há na Revolução Francesa um caráter satânico que a distingue de tudo o que vimos e talvez de tudo o que veremos”²¹⁸. De Maistre propunha uma outra revolução, a qual o próprio definiu como contra-revolução:

Ao invés de uma comoção violenta... uma certa estabilidade... um bem-estar universal, anunciarão a presença da soberania. [...] O estabelecimento da Monarquia, que chamamos *contra-revolução*, não será pois uma revolução *contrária*, mas o *contrário da revolução*”.²¹⁹

De Maistre também acusava o protestantismo, representado como “pai espiritual da Revolução Francesa”²²⁰ e o individualismo como ameaça à harmonia social.

Rodrigues conclui que havia consenso entre os pensadores contra-revolucionários que afirmavam ser a igualdade uma abstração, já a desigualdade representava a verdadeira realidade:

²¹³ Idem, Ibid, p.26. Grifos do autor.

²¹⁴ Ibid, p.31.

²¹⁵ Bonald (1754-1840) ao publicar sua obra Teoria do poder político e religioso em 1796, irá caracterizar-se como uma “partidário da contra-revolução e grande crítico do regime liberal-democrático” RODRIGUES, Op.cit.,p.40. Elegeu a monarquia como regime ideal, primava pela tradição, pela concepção do todo orgânico, tendo como célula a família. Para Bonald a constituição da sociedade civil era fruto do “equilíbrio entre o poder político e religioso”. Idem, Ibid, 42. Vai condenar intensamente a idéia de soberania popular, assim como o individualismo.

²¹⁶ RODRIGUES, Op.cit.; p.44.

²¹⁷ Joseph de Maistre (1753-1821), assim como Bonald, lutou pelo regime monárquico, refutava com veemência a idéia revolucionária. Para ele, “a fidelidade à Igreja Católica Romana era o único meio de estabilidade social” (Rodrigues, 2005, p.51). Tinha em mente que somente a religião poderia atribuir o poder e legitimar a política.

²¹⁸ DE MAISTRE, 1979, p.55-63, apud RODRIGUES. Op.cit., p.54.

²¹⁹ DE MAISTRE, 1979, p.157, apud RODRIGUES. Op.cit., p.56. Grifos nossos.

²²⁰ Idem, Ibid, p.57.

Não somente De Bonald mas também Burke e De Maistre haviam refutado a idéia defendida pelos revolucionários franceses, dos ‘direitos dos homens’, por considerarem a igualdade uma abstração e a desigualdade uma realidade, tomando como falso um regime que afirmava todos os homens serem iguais. Para eles, além disso, os direitos do homem e a democracia não seriam apenas uma ‘mentira’ mas também uma aberração niilista.²²¹

A partir deste rápido percurso através do pensamento contra-revolucionário, enfatizando a repulsa pela Revolução Francesa, vislumbramos que as idéias estão sempre em movimento²²², e são apropriadas de diversas maneiras, dependendo do contexto que estão inseridas. O pensamento contra-revolucionário influenciou toda uma gama de intelectuais autoritários. José Luis Beired assinala que a crise percebida pela intelectualidade no início do século XX fora interpretada como sendo de longa duração e também aponta que a Revolução Francesa representou um marco já que desordenou as tradições:

Para a maioria da direita nacionalista, seu início coincidiu com o questionamento da ordem feudal e o advento do Renascimento e da Reforma Protestante; tratava-se de um processo de decadência do Ocidente, no qual outro evento, a *Revolução Francesa*, fora um marco decisivo ao destruir a ordem tradicional e abrir as portas para o domínio do liberalismo e de todo um conjunto de valores questionadores do Antigo Regime.²²³

Ao analisarmos o discurso pliniano, podemos avaliar que este também apropriou-se do pensamento contra-revolucionário acerca da negação dos princípios elementares da Revolução Francesa. O período era visto como sendo da ascensão da sociedade burguesa que havia apenas produzido “ficções”, abstrações. Para Plínio:

Desde a Enciclopédia e, principalmente, depois da Revolução Francesa, a sociedade burguesa começou a criar ficções, que através de todo o século XIX, até o começo deste, vieram denominando-se: ‘soberania nacional’, ‘sufrágio universal’, ‘civismo’, ‘liberdade’, ‘livre-pensamento’, palavras que se transformaram em tabus.²²⁴

Plínio também encarou a Revolução Francesa como um “erro” dentro dos processos revolucionários assim como a Reforma, por isso, via a crise contemporânea como sendo o resultado de um erro filosófico que derivava da concepção científica de longa duração:

A crise contemporânea é o resultado de um erro filosófico derivado da concepção científica do mundo. O Renascimento abriu ao Homem os horizontes da ciência. Vieram os métodos de investigação, poderosos e felizes. Mas a mentalidade humana, à força de experimentação e do critério científico, sofreu um deslocamento do sentido totalista do Universo. Com o correr do século mais recente, a concepção integral (que aliás não chegou a ser uma realidade completa na Idade Média e no Estado anterior à

²²¹ Ibid, p.50.

²²² ALONSO, Ângela. ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento. A geração de 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

²²³ BEIRED, José Luis. **Sob o Signo da Nova Ordem: Os Intelectuais Autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)**. São Paulo: Loyola, 1999, p. 71. Grifos nossos.

²²⁴ SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade. In: **Obras Completas**, Vol: V, 1955, p.99. [1ª ed:1935].

Revolução Francesa)veio cedendo terreno ao espírito desagregador.²²⁵

No seu discurso, Plínio assinalava que o pensamento moderno havia marcado profundamente a política de seu tempo e que a Revolução Francesa “criou a soberania do povo, meramente política, abandonando à *desordem* as expressões econômicas e espirituais”²²⁶. Plínio afirmava que toda revolução acabaria em ruínas, em anarquia se não houvesse um 18 Brumário: “O 18 Brumário não é um golpe de morte sobre a revolução: é a própria revolução que encontrou seu centro de equilíbrio”²²⁷.

Se a Revolução Francesa caracterizou-se como uma geradora da desordem espiritual e social, alicerçada em valores ficcionais, a Idade Média representou no pensamento contra-revolucionário um marco, carregado de simbolismos, já que remetia a imagem da ordem, de um tipo de civilização harmoniosa, equilibrada. Alguns intelectuais vislumbravam-na como uma “Idade de Ouro”, um modelo²²⁸, já que no presente reinava as dúvidas e angústias frente às mudanças, busca-se um passado que acaba por tornar-se um mito mobilizador.

Girardet salienta que ocorreu durante o período entre – guerras do século XX um “retorno à Idade Média”, visando “definir um tipo de sociedade que recusasse ao mesmo tempo os princípios do individualismo liberal e os do estadismo totalitário”²²⁹.

Para o contra-revolucionário francês Joseph de Maistre a Idade Média já representava um modelo, pois “neste período, encontra a fundamentação para a sua concepção de ordem social perfeita, em que o indivíduo estava submetido ao coletivo, em que a vontade e interesses individuais se identificavam com a vontade geral”²³⁰.

O discurso pliniano aproximou-se novamente do pensamento contra-revolucionário já que afirmava que a Idade Média havia sido a época em que predominou uma perfeita consciência de mundo, principalmente no sentido moral e total do homem, sem exclusão dos valores espirituais, onde o centro de tudo era

²²⁵SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: **Obras Completas**, V. VII, 1955, p.34-35. [1ª ed: 1934].

²²⁶ Idem, p.35. Grifos nossos.

²²⁷ Ibid, p.63.

²²⁸ Beired assinala que os intelectuais ancorados no terreno filosófico católico foram os que mais idealizaram a Idade Média, que representava “a ordem e a primazia dos valores espirituais”, principalmente no campo intelectual católico argentino, atacando o ateísmo e o racionalismo. No Brasil, mesmo atacando o ateísmo e o racionalismo, Beired assinala que os intelectuais católicos em geral não apresentaram uma visão tão idealizada da Idade Média como sendo um modelo para o presente. Para Tristão de Athaide, constituía-se um “erro crasso a idéia de que a Igreja e os católicos estivessem com o pensamento fixo na Idade Média. Suas preocupações deveriam estar voltadas para o futuro, para a nova fase da história, que Athaide denominava Idade Nova”. Beired, Op.cit., p.72-73.

²²⁹ GIRARDET, Raoul. Op.cit., p.110.

²³⁰ RODRIGUES. Op.cit., p.58-59.

Deus²³¹.

A Idade Média integrava a “Humanidade Monoteísta”²³², onde havia o predomínio da concepção espiritualista assentada no domínio do cristianismo, prevalecendo um equilíbrio entre as concepções materialistas e espiritualistas:

É a Segunda Humanidade, que se desdobrará, dominando os âmbitos dos Impérios, até cristalizar-se na civilização cristã da Idade Média, em que a compreensão das contingências econômicas, materiais, se harmonizou com a idéia das finalidades sobrenaturais.²³³

Nesta “Segunda Humanidade”, todos os elementos haviam se fundido na mesma idéia: a *totalitária*, que “abarca toda a compreensão do Universo e todos os movimentos humanos”. Ricardo B. de Araújo assinala que na idéia totalitária, havia a busca pela homogeneização dos comportamentos, a dissolução das distinções que caracterizava-se pela fusão:

a civilização monoteísta consegue dissolver as distinções e barreiras que separavam os homens, homogeneizando o seu comportamento em função de uma moral religiosa que pregava, como valor mais alto, a busca de uma existência piedosa, fraterna e estritamente disciplinada.²³⁴

Mesmo valorizando a Idade Média pelo predomínio da concepção espiritual, Plínio não defendia um retorno empírico à Idade Média:

Evidentemente que a Idade Média possuiu o seu ritmo, que parece hoje aos temerosos de enfrentar os fatos e o sentido imperativo do Tempo, o único verdadeiro sistema das expressões e movimentos sociais. Nós não podemos, entretanto, regressar à Idade Média, que desapareceu definitivamente na Renascença. A própria terra não poderia regressar ao ponto por onde transitou um minuto antes, descrevendo sua órbita no espaço.²³⁵

²³¹ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.86.

²³² Plínio buscou legitimar seu discurso recorrendo a uma forma peculiar de descrever o processo histórico. Na sua obra *A Quarta Humanidade*, pudemos observar que dois planos essenciais, porém antagônicos, coexistiam no decorrer do processo civilizatório: o espiritualista e o materialista. Ao se referir à concepção materialista, Plínio enfatizava que para esta não existia Deus, não existia alma, diferentemente da concepção espiritualista. Ao descrever as duas concepções, Plínio buscava provar que enquanto prevalecesse a concepção de vida materialista, a humanidade tendia a desagregar-se, aflorando apenas os instintos e não a consciência. Na concepção pliniana existiriam quatro civilizações e ou humanidades, onde três já existiam, e a quarta estava para se formar. A primeira civilização ele denominou de *politeísta*, a segunda de *monoteísta* e a terceira de *ateísta*. A quarta seria a *Integralista*. Na primeira civilização havia a multiplicação de deuses e o homem encontrava-se totalmente subordinado à natureza. Já na segunda civilização havia uma harmonia entre matéria e espírito por isso prevalecia uma nova forma de ver o homem e a sua relação com o sobrenatural; o homem era concebido na sua expressão integral. Plínio lançou mais intensamente suas críticas sobre a terceira civilização, pois representava a fase onde a humanidade vivenciava o predomínio do material, do experimental, da razão. Enquanto a Humanidade Politeísta era marcada pela *adição*, a monoteísta pela *fusão*, a ateísta era marcada pela *dissociação*, pela *desagregação*, atingindo seu auge durante a Revolução Francesa, prosseguindo até o século XX. Diante de suas críticas ferrenhas acerca da humanidade ateísta, Plínio busca abrir caminho para legitimar a suposta necessidade da humanidade de abrir caminho para a futura Quarta Humanidade: a Integralista, baseada no primado do espírito. Para que realmente a quarta humanidade pudesse se concretizar era necessário que se fizesse a revolução integral e a partir dela o Estado Integral.

²³³ SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade. In: Op.cit., p.32

²³⁴ ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e Revolução. O Integralismo de Plínio Salgado.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p.37-38.

²³⁵ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.85.

O que Plínio propõe é que se analise cada época em seu contexto, e explica o porquê de referir-se a Idade Média no século XX:

Quando dizemos que este século XX manifesta a tendência de reatar o critério integralista da sociedade medieval, é preciso que seja esclarecido que nos referimos exclusivamente ao *sentido da concepção*, e não à *concepção* mesma da sociedade, tão certo que o século XIX alargou todas as fronteiras, devassou todos os limites e não podemos negar o que ele representou como fase da transformação política a que assistimos.²³⁶

Para tornar mais clara esta questão, recorremos a Girardet que nos diz não haver a necessidade de um retorno empírico à “Idade de Ouro”, pois esta construção mítica se encontra em um outro nível: o da “não-história”, porque não está ligado a qualquer periodização:

O tempo de referência não está mais ligado, então, a qualquer periodização, ele escapa à cronologia, condena à inutilidade todo esforço de memória. A noção de ‘antes’ torna-se uma espécie de absoluto, liberto de toda dependência com relação à sucessão dos séculos e dos milênios. A visão da Idade de Ouro confunde-se irredutivelmente com a de um tempo não-datado, não-mensurável, não-contabilizável, do qual se sabe apenas que se situa no começo da aventura humana e que foi o da inocência e da felicidade.²³⁷

Compreendemos que Plínio objetivava incorporar os ensinamentos, a conduta moral vivida durante a Idade Média, porém procurando interpretá-los à luz da ciência política de seu tempo. Por isso Plínio fala do “*sentido da concepção*” e não da *concepção* mesma da sociedade medieval. Se fosse incorporado o sentido da conduta moral e política da Idade Média se estaria respeitando uma concepção de vida e não de uma temporalidade.

Antes do racionalismo científico reinante no século XIX, Plínio vislumbrava o mundo social como sendo simples, em que predominava o senso de hierarquia. O século XIX representou a ruptura, a perplexidade frente a noções completamente abstratas produzidas, como já salientamos, pela Revolução Francesa:

Depois de Kepler e Copérnico, quebraram-se as paredes de cristal dos sistemas astronômicos antigos, e, na sociedade, também se partiram as paredes dos privilégios. Da Revolução Francesa em diante, a perplexidade do Homem ao considerar os espaços estelares corresponde à perplexidade com que considera um novo panorama político, onde a Liberdade e a Igualdade representam algo como a lei da atração e da repulsão de Newton...²³⁸

O panorama vivenciado por Plínio no século XX representava um reflexo da desagregação de inúmeras concepções de existência marcadas pelo materialismo, portanto, é compreensível a recorrência à mitificação da “Idade de Ouro” como sendo a ideal: harmoniosa, espiritualista, que respeita o senso de hierarquia que leva à ordem e

²³⁶ Idem, p.86.

²³⁷ GIRARDET, Raoul. Op.cit., p101.

²³⁸ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.86.

a ordem à unidade:

Com algumas nuances, todo sonho, toda recordação, toda evocação de uma idade de ouro qualquer parece, com efeito, repousar sobre uma única e fundamental oposição: a do outrora e do hoje, de um certo passado e de um certo presente. Há o tempo presente e que é o de uma degradação, de uma desordem, de uma corrupção das quais importa escapar. Há, por outro lado, o ‘tempo de antes’ e que é o de uma grandeza, de uma nobreza ou de uma certa felicidade que nos cabe redescobrir.²³⁹

Contra tudo isso, o homem atormentado do século XX tendia segundo Plínio, a uma busca por um novo equilíbrio, um objeto comum, uma “terceira via”:

A ciência destruiu o sentimento de subordinação do Homem e da Sociedade a uma Causa, a um Fim. Não lhe deu em troca nada que pudesse substituir esse firme e seguro alicerce onde outrora repousava o espírito humano, hoje atormentado por supremas angústias. E todo o panorama do século XIX é o de forças mentais em rebelião à procura de um novo equilíbrio.²⁴⁰

Faremos neste momento uma ligação com a *imagem do corpo político no totalitarismo*²⁴¹ para ampliarmos a nossa compreensão acerca do pensamento contra-revolucionário, da sua crítica às instituições democráticas, aos princípios defendidos pela Revolução Francesa e pelo elogio à Idade Média.

Para Lefort, o totalitarismo só pode ser esclarecido no momento que se captar sua relação com a democracia, pois quando o totalitarismo derruba-a, ao mesmo tempo, apodera-se de seus traços e lhe traz um prolongamento fantástico. Porém, Lefort nos coloca diante de uma questão: Por que o totalitarismo iria derrubá-la? O autor mesmo responde, remetendo-se à imagem do corpo político.

O autor leva-nos à sociedade do Antigo Regime que representava para si uma unidade, e sua identidade como a de um corpo que encontrava sua figuração no corpo do rei e este representando a cabeça - numa alusão a origem medieval da teologia-política - onde a imagem do corpo do rei possuía um duplo sentido: mortal e ao mesmo tempo imortal, individual e coletivo que se escorou, primeiramente, sobre a do Cristo. Lefort observa que mesmo sendo apagados os traços da “realeza litúrgica... o rei conservou o poder de encarnar no seu corpo a comunidade do reino (...) investida pelo sagrado, comunidade política, comunidade nacional, corpo místico”²⁴².

No entanto, a partir do século XVIII, esta representação será gradativamente minada, onde aparecerão novos modelos de sociabilidade que irão se impor como consequência do individualismo, do progresso da igualdade e da administração do Estado de forma independente, impessoal. Porém, estes novos modelos de sociabilidade

²³⁹ GIRARDET, Raoul. Op.cit., p.105.

²⁴⁰ Idem, ibid, p.88. Subentende-se, uma nova revolução.

²⁴¹ LEFORT, Op.cit.

²⁴² Idem, Ibid, p.117.

colocaram em xeque a noção de unidade, ao mesmo tempo orgânica e mística que representava o corpo do rei, que era uma garantia de integridade.

A revolução democrática eclode justamente quando o corpo do rei encontra-se destruído, “quando cai a cabeça do corpo político, a corporeidade se dissolve”²⁴³. Ocorre o que Lefort chama de “desincorporação dos indivíduos”. Segundo o autor, a democracia moderna é o regime no qual tende a apagar-se a imagem do corpo; neste regime, este termo é inadequado, pois encontra seu motor propulsor na igualdade de condições. São nestes termos que Lefort reconhece a revolução democrática:

Reconhecemos a revolução democrática moderna, no melhor dos casos, por esta mutação: não há poder ligado a um corpo. O poder aparece como um lugar vazio e aqueles que o exercem como simples mortais que só o ocupam temporariamente ou que não poderiam nele se instalar a não ser pela força ou pela astúcia... A democracia inaugura a experiência de uma sociedade inapreensível, indomesticável, na qual o povo será dito soberano, certamente, mas onde não cessará de questionar sua identidade.²⁴⁴

Na tentativa de resistir nos primeiros tempos à ascensão da democracia, e com ela a decomposição da sociedade, a burguesia, para Lefort, vai voltar-se para as instituições e para os valores proclamados tais como: Propriedade, Família, Estado, Autoridade, Pátria, Cultura, sendo representados como “muralhas contra a barbárie, contra as forças desconhecidas de fora que podem destruir a sociedade”²⁴⁵.

Mesmo desprezando os valores burgueses, percebemos a recorrência no discurso pliniano ao que Lefort chamou de “muralhas contra a barbárie”: Pátria, Sociedade, Família, além de elementos positivos que caracterizariam a doutrina integralista como: Esperança, amor, vida, progresso, dignidade em detrimento aos elementos negativos que caracterizavam seus inimigos: covardia, desilusão, ódio, renúncia, submissão, imposições políticas. Assim, cumpria ao homem se considerar:

... Não como um indivíduo absorvente, hipertrofiando-se em proclamações de direitos e anseios de liberdade, que só aproveitam aos mais fortes, porém como um ser pensante e raciocinador, capaz de compreender os impositivos da harmonia social para a efetivação da felicidade de cada um e, por conseqüência, uma personalidade, que aceita, com dignidade e por espontânea vontade, a disciplina e a hierarquia, porque compreende que só assim poderá evitar a crueldade das lutas sem respeito à autoridade da Nação.²⁴⁶

Portanto, para que a revolução integralista pudesse se concretizar, havia a necessidade da participação consciente do militante, sua vontade de querer vencer os impositivos materialistas e restaurar o primado do espírito; aceitar sem questionar que a

²⁴³ Idem, Ibid, p.117.

²⁴⁴ Ibid, p.118.

²⁴⁵ Ibid, p. 118-119.

²⁴⁶ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: **Obras Completas**, V. IX, 1955, p.26. [1ª edição 1933].

harmonia social dependia da abnegação de cada um em aceitar a disciplina e a hierarquia, preocupando-se com a felicidade da nação e não com egoísmos individualistas.

Ao enfatizar a análise do pensamento contra-revolucionário francês, percebendo como este influenciou a intelectualidade brasileira, acreditamos que a revolução defendida por Plínio é na verdade uma *contra-revolução*, já que a contra-revolução não se processa em momentos de equilíbrio no cenário político, social, econômico, mas quando há instabilidade, cisões, desordem no *status quo* predominante, quando não há mais um caráter conciliatório na política, mas principalmente pelo seu caráter mobilizante, formador de uma nova mentalidade, pela idéia de um “novo equilíbrio”. Por isso iremos analisar o fenômeno contra-revolucionário e o Integralismo e perceber como ambos se aproximam em vários pontos.

2.2 Contra-revolução e Integralismo

Para ampliar nossa compreensão, nos voltaremos para Arno Mayer. O autor aponta que tanto a revolução como a contra-revolução propõem soluções para o caos numa reordenação geral da sociedade. Deste modo, busca deixar claro que a contra-revolução não é apenas uma oposição ou uma repressão à revolução, mas possui um caráter operativo, não é estática, pois transcende a restauração da ordem e do *status quo ante*. Em tempos de turbulência, cada país conta com um potencial contra-revolucionário.

Com Mayer, podemos ver que:

Os contra-revolucionários pregam a *ordem, hierarquia, autoridade, disciplina, obediência, tradição, lealdade, coragem, sacrifício e nacionalismo*. Em outras palavras, os apelos em prol da conversão, regeneração e disposição psíquicas tirados de idéias, símbolos e mitos tradicionais e já conhecidos. Seus fundamentos doutrinários menos manifestos são também os do conservadorismo e da reação: uma visão pessimista da natureza humana; o cerceamento da razão e do racionalismo; a negação da igualdade, a precedência da comunidade sobre o indivíduo; a suspeita do que é novo e inovador; e um conceito hobbesiano da comunidade internacional.²⁴⁷

A análise de Eliana Dutra converge para a compreensão da contra-revolução quando nos diz que “o forte investimento em imagens que traduzem o triunfo da injustiça, do terror absoluto, da escravidão material e moral e do despotismo político se presta à caracterização de um presente em crise. Como se sabe, faz parte do trabalho de

²⁴⁷ MAYER, Arno. Op.cit., p.66.

revolucionários, e também de contra-revolucionários...”²⁴⁸. Além do apelo à crise generalizada, ocorre também à utilização de conteúdos do pensamento tradicional pelos contra-revolucionários:

É contra a revolução que o anticomunismo se manifesta através de determinados conteúdos, tais como a *defesa da integridade nacional*, da *pátria soberana*, da *civilização cristã*, da *família*, da *moral*, da *propriedade*, da *ordem*. E é através deles que o imaginário anticomunista sintoniza-se com o universo contra-revolucionário da década de 30 e torna-se uma de suas expressões no Brasil.²⁴⁹

No conceito moderno de revolução, esta representa um novo começo, e era justamente o que pretendia o movimento integralista: Um “Novo Brasil”, uma “Nova Humanidade”, “Ritmo Novo”, “Nova Mentalidade” como fica expresso nas palavras de Plínio:

Só agora. Porque Revolução é transformação de consciências, é novo ritmo social, é mudança de mentalidade, é formação de mentalidade nova, é recomposição de energias, é palavra que fala com nexo firme, é gesto que se anima de harmonias e se exprime em eloquência.²⁵⁰

A “política de crise” é o centro do fenômeno contra-revolucionário, assim como a revolução também aflora nestes momentos de desequilíbrio, por isso estão “simbioticamente” relacionadas: “A revolução e a contra-revolução foram proclamadas semelhantes não só em suas conseqüências, mas também em suas origens políticas, fatores sociais, na personalidade de seus agentes, nos métodos, na organização, no estilo e nos objetivos”²⁵¹. Alcir Lenharo, ao analisar o projeto contra-revolucionário nos diz que tanto o projeto revolucionário quanto o contra-revolucionário compartilham soluções semelhantes para enfrentar os problemas na sociedade. “Nesse sentido, projetos políticos antagônicos, aos convergirem para termos comuns, articulá-los de modo similar e investir contra os mesmos ideários, ‘participam do mesmo universo da contra-revolução’”²⁵².

A “política da crise” aparece claramente no discurso pliniano, ainda mais quando nos deparamos com o cenário brasileiro da década de 30 descrito por Plínio:

Nação desorganizada, onde o homem se encontrava completamente desamparado, à míngua de toda a proteção do Estado; nação dividida em 21 nações, governada por tiranetes; nação sem finalidade moral, só cogitando do objetivo do lucro pessoal e do comodismo, não podia deixar de ser o teatro das inglórias batalhas de oligarquias, que carreavam no seu bojo a massa amorfa e sem capacidade de reação intelectual dos votantes. Entretanto, a marcha inexorável da exploração internacional prosseguia

²⁴⁸ DUTRA. Op.cit., p.99.

²⁴⁹ Id, ibid, p.66. Grifos nossos.

²⁵⁰ SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: **Obras Completas**, V. VII, 1955, p.221. [1ªedição 1936].

²⁵¹ MAYER, Arno. Op.cit., p.23.

²⁵² KAZUMI, 1984, apud, LENHARO, Alcir. Op.cit., p.187.

sempre, sem tréguas; e chegamos a 1930 completamente encalacrados de dívidas, com o problema do desemprego a inquietar-nos, a questão social a se esboçar, clara e eloqüente (...) Não éramos uma Nação, não éramos uma Pátria, mas uma feira de interesses regionais e individuais. Não seguíamos idéias, mas homens. O Brasil tinha chegado ao auge da corrupção política.²⁵³

Podemos perceber neste trecho que a “crise” pela qual estava passando o país era fruto do materialismo, que gerou até então uma pseudo-nação, sem moralidade, onde prevaleciam os interesses regional-oligárquicos e individuais, onde não existiam “idéias”, entendemos “doutrinas”, que pudessem dirigir a “massa amorfa”, para que esta tivesse uma reação contra todo mal que assolava o país²⁵⁴. A crise, a desordem pela quais estava passando toda a sociedade era moral, política, social, mas também de pensamento e de idéias: “Nossa crise maior é a do pensamento. Sem que esta seja resolvida, não podemos solucionar o problema da Nação”²⁵⁵.

Durante situações de crise ocorre a proliferação de líderes que se utilizam das dificuldades sociais, econômicas e psicológicas dos cidadãos que estão em busca de um centro direcionador. Plínio acreditava que faltava no Brasil um verdadeiro homem público, um “chefe” onde pudessem se conjugar as virtudes dos homens superiores, com alto senso teórico e prático, com capacidades políticas. Mas afirmava que este homem apenas poderia surgir a partir de um movimento nacional, já que:

Sem criar um movimento em todas as províncias, não temos o direito de esperar “um homem”. Pois o chefe exprime uma consciência, uma cultura, uma unidade de propósitos, e enquanto estas não forem criadas, não se terá estabelecido a corrente de pensamento, o estado de espírito propício ao aparecimento de um intérprete da Nação.²⁵⁶

Assim, buscava distinguir o Integralismo de outros movimentos nacionalistas por ser um movimento que primava por um alto sentido cultural e sentimental: “O Integralismo não se baseia num homem, porém num sistema de idéias”, em que o chefe representava “um simples soldado, que eventualmente exprime o princípio de autoridade”²⁵⁷. Porém, veremos que este princípio de autoridade era fundamental para a estruturação do estado integral.

No entanto, parece que Plínio tem consciência que as épocas de crise fazem surgir líderes, movimentos que se beneficiam com o momento para se promover, tanto

²⁵³ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.63.

²⁵⁴ Beired aproxima a interpretação da crise pelos integralistas da interpretação dos católicos. Ambos vislumbravam-na “como resultado das idéias revolucionárias, materialistas e atéias”. BEIRED. J. Luis. Op.cit., p.84

²⁵⁵ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.9.

²⁵⁶ SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: Op.cit., p.101-102.

²⁵⁷ SALGADO, Plínio. Páginas de Ontem. In: Obras Completas, V. X, 1955, p.191. Neste livro: *Páginas de Ontem* (1955), Plínio reuniu capítulos de outros livros como: *A Doutrina do Sigma* (1935); *Páginas de Combate* (1937) e *Cartas aos Camisas Verdes* (1934) em que o próprio autor classifica como “capítulos permanentes”.

que irá utilizar a rede de impressos integralistas para construir uma imagem sacralizada do movimento e de si próprio enquanto chefe nacional dos integralistas, como veremos no próximo capítulo. Para ele, é os medíocres que tentam se beneficiar da revolução para promover a desordem e a indisciplina:

Nos períodos de desorganização, que sucedem à derrubada de uma ordem velha, multiplicam-se os grupos e os partidos, os quais não passam de dissimulações habilidosas de prejuízos do Passado, que se valem dos valores medíocres da Revolução, operam os mais variados fatores, todos incapazes de subsistir, todos fomentadores da desordem e da indisciplina, da confusão que possibilita a permanência vitoriosa dos falsos valores.²⁵⁸

Obviamente, em nenhum momento Plínio dá a entender que também foi um destes a se beneficiar com o momento de crise, já que consegue angariar muitos adeptos das classes que temiam o caos, a desorganização nacional produzida pelos inimigos que ameaçavam a identidade da nação. Mas Plínio constantemente nega o caráter messiânico vinculado à sua imagem, e também nega ser o chefe do movimento por ambição pessoal. Utilizando-se da metáfora de uma árvore, e de um constante apelo sentimental, Plínio se auto-representava como uma “raiz obscura” porque conforme o movimento ia crescendo, sua figura ficaria representando o começo de tudo, mas na “Grande Árvore” que era o movimento Integralista, com sua “seiva” que representava a doutrina do Sigma, a raiz inicial iria multiplicar-se através da mocidade integralista. Observemos o seu discurso:

Não estou chefiando este movimento por ambição pessoal. À proporção que ele cresce vou-me sentindo desobrigado perante a História.

Quero ser a raiz obscura enterrada no coração da Pátria.

A Grande Árvore já está de pé. A seiva que alimenta não sobe através de mim apenas. Eu já me multipliquei em numeras raízes. Que raízes são essas? A mocidade da Pátria²⁵⁹.

Plínio alertava que os homens que não eram capazes de ser audaciosos, que pudessem conduzir o povo, organizar a nação nada mais seriam que “homens medíocres”, geradores de todos os problemas, de toda confusão. Mas a utilização deste adjetivo tem um propósito: a crítica ao partidarismo tão presente no discurso pliniano. Para Plínio a “multiplicação dos partidos é o estertor da mediocridade”²⁶⁰. Devemos salientar que:

...os líderes contra-revolucionários acusam os partidos e a política partidária pela *destruição da unidade* entre estado e sociedade, promovem a organização de seus adeptos em ligas e movimentos; e argumentam que estes estão acima de partidos e de classes. Em outras palavras, não

²⁵⁸ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.64.

²⁵⁹ SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.229-230.

²⁶⁰ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.65. Buscaremos desenvolver a questão do anti-partidarismo quando abordarmos o Estado Integral já que representa um ponto de convergência no movimento.

desprezam nem rejeitam as inovações da mobilização e organização política que se destinam aos tempos de maior participação popular. Ao contrário, propõem a exploração e adaptação dos novos métodos da política de massas em benefício de seus próprios interesses.²⁶¹

A “mediocridade revolucionária” acabaria por atrapalhar, interromper o ritmo da história; os inimigos da revolução são aqueles que não são capazes de dirigi-la, como nos diz Plínio: “Os maiores inimigos das revoluções são exatamente aqueles que as fizeram e não sabem dirigi-las. Porque estão sacrificando uma oportunidade histórica, porque estão retardando a imposição de uma ordem absolutamente nova”²⁶².

Outro ponto importante a destacar na tentativa de compreender o pensamento contra-revolucionário é sua aproximação do conservadorismo e da reação. Mayer vislumbra esta aproximação a qual denomina de “tríade anti-revolucionária”: Os reacionários são críticos implacáveis da sociedade vigente, rejeitando o mundo que os cerca. Possuem um pessimismo total sobre o presente e o futuro; são hostis às tecnologias, indústria, educação, urbanização; acreditam na volta de um passado romantizado e mitificado e defendem a restauração das instituições (monarquia, igreja, propriedades). Para Mayer, este retrocesso em direção a um “mundo perdido e saudoso”²⁶³ é utilizado para mobilização a ação política no presente. Já os conservadores são aceitos como “sensatos da idade madura, de equilíbrio”. Em momentos de estabilidade se identificam com o *status quo*, mas em momentos de crise vão buscar articular-se, não propondo algo novo (teoria), mas que assegure a manutenção das instituições sociais tradicionais, assim como a moral e os costumes. Suas ações serão modificadas conforme as circunstâncias.

Para os conservadores, o homem é fraco, irracional, pecador por natureza, e na sociedade tudo se organiza organicamente, e qualquer modificação coloca em perigo a estrutura. A desigualdade é inata e a estratificação social é necessária, os direitos e deveres são ditados pela elite que se apega ao direito de propriedade e herança para manter-se no poder.

A tríade anti-revolucionária demonstrada por Mayer coopera entre si principalmente de uma forma utilitária, mas cada um busca defender seus interesses específicos: “os reacionários, de fazer recuar os ponteiros da história; os conservadores, de retomar com firmeza as suas inúmeras sedes de poder; e os contra-revolucionários,

²⁶¹ MAYER, Arno. Op.cit., p.86. Grifos nossos.

²⁶² SALGADO, Plínio. Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.66.

²⁶³ MAYER, Arno. Op.cit., p.58.

de adquirir o controle do estado e do governo”²⁶⁴.

Podemos perceber em vários pontos que o chefe integralista aproxima seu discurso da tríade anti-revolucionária defendida por Mayer, compondo-se com as três. Quando fala com pessimismo sobre a sociedade vigente, desconfiando de tudo que possa ser inovação como, por exemplo, a indústria, urbanização, valorizando um passado romantizado e mitificado, e é neste passado que se encontrariam as soluções para o presente (bandeirismo, raça tupi, por exemplo), onde o passado é utilizado para estimular ações no presente, vislumbramo-o como reacionário. Quando busca defender a tradição, principalmente em relação aos costumes e a moral, vislumbrando o homem com pessimismo, tido como irracional, fraco, onde na sociedade tudo é interligado organicamente, legitimado pela ordem divina e pela história percebemo-o como conservador.

Neste momento podemos considerar que toda base discursiva que Plínio usa para legitimar sua “revolução de espíritos” está alicerçada na contra-revolução: ordem, disciplina, tradição, sacrifício, nacionalismo. Para designar o oposto da revolução integralista, Plínio usa termos como: desorganização, indisciplina, confusão, materialismo. Há necessidade de indicar o caminho apropriado para uma verdadeira revolução:

Em contraposição ao conceito exclusivo do materialismo histórico, reivindicamos, para a Revolução, o seu caráter ético. Sustentamos o primado da Idéia. A idéia precedeu o desenvolvimento das forças materiais da sociedade, porque estas mesmas obedeceram ao seu impulso inicial na Revolução anterior (...) A Idéia Revolucionária é sempre de ordem moral: compreende uma concepção de justiça e de equilíbrio que é presente em todos os movimentos da História.²⁶⁵

Para os contra-revolucionários os valores tradicionais são atingidos por influências conspiradoras: “combinação da glorificação das atitudes tradicionais e dos padrões de comportamento com a acusação de que estes estão sendo corrompidos, subvertidos e profanados por agentes e influência conspiradoras...”²⁶⁶. Podemos vislumbrar esta concepção de conspiração, ameaça constante na base discursiva de Plínio, pois este vislumbra o materialismo e os ideais estrangeiros como fatores que corrompiam os valores tradicionais do povo brasileiro, profundamente ligados à

²⁶⁴ Idem, Ibid, p.76.

²⁶⁵ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.39. Plínio pretendeu deixar claro como entendia a origem da *moral*, um dos fundamentos da revolução, e acreditamos ser importante descrevermos sua concepção, pois Plínio irá usá-la para legitimar suas ações doutrinárias. Ele acreditava que onde houvesse moral no espírito humano, esta seria transmitida através da revelação e da tradição, e que a inteligência humana era relativa, sujeita a erros, menos erros morais, como sendo parte inerente à constituição humana.

²⁶⁶ MAYER, Arno. Op.cit., p.73.

concepção espiritualista. Por isso, era imprescindível que: “... o brasileiro se expanda de forma que não se anulem, sob as influências cosmopolitas, as forças íntimas que estão no recesso do espírito e são a garantia da sua própria personalidade”²⁶⁷.

Além disso, os representantes da contra-revolução: “... denunciam, de maneira implacável e furiosa, todos os aspectos da vida, instituições e cultura contemporâneas. Jactam-se de possuir as soluções que propiciarão um milênio de permanente estabilidade e segurança...”²⁶⁸. Ao depararmos com esta análise, nos reportamos ao “nascimento” da Quarta Humanidade: a “Nova Civilização”. Esta civilização representava, no imaginário pliniano a “luz” que tiraria a humanidade das “sombras/trevas”. A partir deste pressuposto, podemos novamente vislumbrar a proximidade do discurso pliniano ao contra-revolucionário já que afirmava com veemência que o seu projeto era superior a todas as concepções de mundo em voga por possuir uma visão de mundo realista, totalitária.

Todas as concepções foram parciais, obedeceram ao sentido de análise do século XIX; mas nós vivemos o *século da unidade, o século integral* (...) somos os primeiros *homens novos* do século XX. O nosso pensamento integralizador oferece-nos os elementos para a realização da síntese sociológica de que resulta a Nova Economia e a Nova Política.

A nossa concepção de mundo, sendo totalitária e realista, leva-nos a considerar o homem, não um animal superior, segundo o entendem os materialista, nem tão pouco um ‘cidadão cívico’, à semelhança da liberal-democracia, mas um ser complexo, com tríplice aspiração: material, intelectual e moral.²⁶⁹

Seguindo esta concepção, Plínio afirmava que o Estado Integral viria: “... responder, neste momento, a uma angustiada situação dos povos”²⁷⁰.

O Integralismo promoveria a união nacional, pois iria: “... acabar, de uma vez para sempre, com as guerras civis, as masorcas, as conspirações, os ódios, os despeitos, unido todos os brasileiros no alto propósito de realizarem uma Nação capaz de impor-se ao respeito no Exterior”²⁷¹. Mais uma vez, há clara alusão pela busca do “povo uno”, de uma identidade social, onde deveria prevalecer o interesse na coletividade e não no egoísmo individual.

No imaginário político dos anos 30, o *bem* era representado como sendo de interesse da coletividade:

O interesse da coletividade é o que diz respeito à propriedade, à família, à religião, tal como na organização vigente (...) *pátria, família, religião, ordem são postos enquanto valores-chave, miragens do bem* a prenunciar

²⁶⁷ SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade. In: Op.cit., p.125.

²⁶⁸ MAYER, Arno. Op.cit., p.71.

²⁶⁹ SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade. In: Op.cit., p.103. Grifos nossos.

²⁷⁰ Ibid, p.111.

²⁷¹ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit, p.77.

um oásis onde proteção e segurança são promessas incessantes e amuletos contra o mal para aqueles que nele se abrigam.²⁷²

Serão estes “bens”, estes “amuletos contra o mal” que irão compor todo imaginário integralista, tanto no seu lema, quanto no cotidiano do militante, que deveria ser guiado pela doutrina integralista, promovendo a união nacional contra os interesses oligárquicos regionais e também contra o egoísmo individual, faces da “força do mal” – o materialismo.

No item X das Diretrizes Integralistas (1933), Plínio deixa claramente expresso o pressuposto do coletivo em detrimento do individual, ao declarar que:

O Integralismo, proclamando, assim, os direitos intangíveis da personalidade humana, e por isso mesmo, insiste na obrigação impreterível que cabe a todo indivíduo de cumprir à risca todos os deveres que resultam de sua vida em sociedade; declara, portanto, *todo indivíduo subordinado na esfera das suas atividades, aos interesses superiores da coletividade*, que, por sua vez, condicionam e favorecem a legítima expansão da sua personalidade e a satisfação de suas mais nobres aspirações.²⁷³

O indivíduo inserido dentro do imaginário totalitário necessitava da criação de um objeto comum para poder criar sua identidade: “O indivíduo se identifica com o poder total da organização e seu desejo de onipotência vai ser realizado através da criação de um objeto comum que todos devem amar com o qual devem se identificar e em seu nome se submeterem”²⁷⁴. No nosso estudo vislumbramos que a doutrina integralista servia de guia, de objeto comum, fornecendo aos militantes as diretrizes pelas quais deveriam identificar-se e submeter-se, principalmente distinguindo o integralista de seus inimigos declarados. Nas palavras de Plínio:

Nós não ensinamos ao operário a doutrina da covardia, da desilusão, do ódio, da renúncia, como o comunismo, ou a anarquia; a doutrina da submissão, do ostracismo inevitável, da conformação com as imposições dos políticos, como a democracia liberal. Nós ensinamos a doutrina da coragem, da esperança, do amor à Pátria, à Sociedade, à Vida, no que esta tem de belo e de conquistável, da ambição justa de progredir, de possuir os bens, de elevar-se, de elevar a família. Não destruímos a pessoa, como o comunismo; nem a oprimimos, como a liberal - democracia; dignificamo-la.²⁷⁵

Desta forma objetivava-se que o militante se sentisse implicado em um *nós*, gerando a um sentimento de pertencimento. Porém, Lefort alerta-nos que existia na verdade, uma “*ficção* da unidade, da identidade, da substância do social” e mostra-nos que ela conduziria ao “isolamento dos indivíduos levado ao seu mais alto grau, à dissolução do Sujeito...”²⁷⁶. Plínio afirmava que o Integralismo havia surgido para “salvar” o povo brasileiro de dois males que levariam a desintegração do “*nós*”: o

²⁷² DUTRA, Eliana. Op.cit., p.67. Grifos nossos.

²⁷³ SALGADO, Plínio. O Integralismo Perante a Nação. In: Op.cit., p.117-118. Grifos nossos.

²⁷⁴ DUTRA, Eliana. Op.cit., p.24.

²⁷⁵ SALGADO, Plínio. Op.cit., p.104-105.

²⁷⁶ LEFORT, Op.cit., p.87-88. Grifos nossos.

separatismo e o comunismo por que: “Caminhar para o separatismo é marchar para a falência de uma geração, para a vergonha de uma Pátria. Seguir o comunismo é abdicar de toda a dignidade humana”²⁷⁷.

Seguindo estes pressupostos, devemos salientar outro aspecto do pensamento contra-revolucionário presente no discurso pliniano: o apelo à mudança de atitude, de aperfeiçoamento, já que as propagandas contra-revolucionárias “... acentuam mais as profundas mudanças de atitude, mentalidade e perspectiva, do que das estruturas econômicas e sociais”²⁷⁸. Plínio dirige-se aos Camisas-verdes como um chefe vigilante, atento frente à exigência de mudança de mentalidade, para que não permanecessem com uma mentalidade do século XIX, que agonizava. Assim, seriam dignos da Revolução, aptos a lançar uma “Ordem Nova” – a Humanidade Integralista!

Camisas-verdes!...

Sei que ainda transigis muito com vossas vaidades e respeito humano. Compreendo que haja mesmo instantes de covardia diante das imposições de uma sociedade tirânica na sua estupidez grosseira, na sua pervertida concepção do mundo e da vida. Deveis, porém, reagir, violentar os costumes. Sim: vossa obra é de violência contra os costumes.

Se fordes os primeiros a vos submeter a eles, como sereis dignos da Grande Revolução?

Se estais de acordo, se acompanhais quanto se faz em torno de vós, não pertencereis aos Tempos Novos, porém, aos Tempos Agonizantes de uma Civilização que nós teremos de destruir até seus fundamentos, para lançarmos uma Ordem Nova no mundo.²⁷⁹

Como vimos em citação anterior, a própria revolução integralista idealizada por Plínio consistia na transformação de consciência, na mudança de mentalidade, em não seguir os costumes então corrompidos pelo materialismo. Na sua obra *A Doutrina do Sigma* (1935), Plínio afirmou que “A Ação Integralista Brasileira é um movimento revolucionário, não no sentido comum que se empresta a esta expressão, porém num sentido mais alto e profundo”²⁸⁰. Ao remeter-se à “revolução” procurava distingui-la das demais que se diziam revolucionárias, afirmando que:

Quando falamos em ‘revolução integralista’ não nos referimos à arregimentação de forças heterogêneas e confusas, tangidas unicamente pelos descontentamentos coletivos e objetivando exclusivamente o assalto ao poder. Este movimento (...) é o mais cultural de todos os movimentos sociais e nacionalistas contemporâneos.²⁸¹

Por isso, Plínio delineou dois planos da revolução integralista: o plano espiritual e o plano cultural.

No plano espiritual o objetivo é *mediato*, porque para atingi-lo eram necessários

²⁷⁷ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.72.

²⁷⁸ MAYER, Op.cit., p.73.

²⁷⁹ SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.314-315.

²⁸⁰ Idem, ibidem, p.117.

²⁸¹ Idem, Ibid, p.117.

anos de doutrinação, de educação constante do povo, de esforço de cada um. Já o plano cultural deveria ser *imediatos*, por que: “... o Brasil necessita, desde logo, de uma *transformação do Estado*, mediante a qual poderemos, como queria Alberto Torres, assumir nova atitude em face dos problemas”²⁸².

Plínio dirige-se ao caráter psicológico da revolução que defendia, dizendo que não louvava e nem condenava as revoluções, mas apenas aceitava-as; o progresso do espírito se realizaria ao “ritmo das revoluções”, pois havia uma necessidade constante de revolução que dependiam dos impositivos espirituais.

No entanto, no que consistia a concepção pliniana de revolução já que em um primeiro momento percebemo-na como sendo um contra-revolução? Suas obras doutrinárias mostraram-nos que a sua concepção de revolução foi complexa e por isso optamos por analisá-la sob seus vários aspectos: como sendo a busca pelo equilíbrio; seu apelo às elites intelectuais, à juventude, às famílias. Como sabemos, havia a necessidade constante de mobilização e participação consciente do militante no movimento integralista, por isso apontaremos também a revolução espiritualista pliniana e sua operatividade que culminará no projeto de “salvação nacional” através do “Estado Integral”.

2.3 Concepção Pliniana de Revolução

Plínio marca sua concepção de mundo pelo antagonismo do pensamento e da matéria, do subjetivo e do objetivo. O subjetivo representava o espiritual, já o objetivo, o material. Ao analisar os processos revolucionários, Plínio afirmava que a revolução era um ponto de equilíbrio entre o objetivo/subjetivo, material/espiritual: “Revolução é tendência de harmonização de dois mundos. É procura de um equilíbrio”. Ou em outras palavras: “... gravitação harmoniosa entre os contrários”²⁸³. Toda vez que o materialismo sobrepunha-se ao espiritualismo, a revolução apresentava-se como sendo irremediável: “Sempre que uma força venha a hipertrofiar-se em detrimento a uma oposta, rompe-se necessariamente o equilíbrio. Entre o instante do deslocamento e o da nova posição estável, medeia o período que costumamos chamar de revolução.”²⁸⁴.

Beired converge sua análise do ideário integralista para a noção de reequilíbrio como explicação para a emergência das revoluções e nos diz que:

²⁸² Ibid, p.117. Grifos do autor.

²⁸³ Idem, Ibid, p.26.

²⁸⁴ Ibid, p.44.

É muito interessante a tese de Salgado – coincidente com a dos outros ideólogos integralistas – de que a necessidade de reequilíbrios no processo histórico explicava a emergência das revoluções. Necessárias, cíclicas e reguladoras das sociedades (...) Assim, os movimentos de direita no século XX eram entendidos como tentativas ‘revolucionárias’ de busca de um novo equilíbrio social que restaurasse o prestígio da inteligência e o primado do Espírito.²⁸⁵

Na concepção pliniana não poderia haver “unilateralismo”: científico ou espiritual, demonstrando que a revolução primava pelo equilíbrio e pela visão de totalidade do homem como deixa-nos bem claro no seu discurso que:

O Homem não é apenas estômago. O Homem é espírito e inteligência; é sentimento; é dignidade e personalidade.

O socialismo materialista pretende deformar o homem apagando nele caracteres que lhe são profundamente inerentes. É o unilateralismo científico, tão absurdo quanto seria um unilateralismo espiritualista que pretendesse obrigar o ser humano a viver uma vida imaterial, fora da dependência fisiológica.²⁸⁶

Percebemos novamente que o discurso pliniano não deixou de apelar à imagem do corpo, da deformação, da desagregação, tão necessário para cooptar maior número de adeptos e convencê-los da importância da revolução e da visão do homem idealizada por ele. Claude Lefort auxilia-nos na compreensão da inserção do imaginário pliniano dentro da dinâmica totalitária quando diz que o totalitarismo estava fundamentado na representação do *Povo - Uno*, onde não poderiam existir divisões a não ser entre povo e seus inimigos. Consistia em uma divisão entre interior e exterior, mas nunca uma divisão interna. A sociedade deveria ser homogênea, onde era permitido ao Estado, e somente ele, se destacar, dirigir e organizar a sociedade. Mas como manter esta sociedade coesa, aceitando ser dirigida? Lefort nos responde que:

... a constituição do povo - Uno exige a produção incessante de inimigos. Não apenas é necessário converter fantásticamente adversários reais do regime ou opositores reais em figuras do Outro maléfico, é preciso inventá-los (...) O inimigo do povo é considerado como um parasita ou um dejetos a eliminar. (...) A perseguição dos inimigos do povo é exercida em nome de um ideal de profilaxia social (...) *o que está em causa é sempre a integridade do corpo.* Tudo passa como se o corpo devesse assegurar-se de sua identidade própria expulsando os dejetos.²⁸⁷

Plínio converge seu discurso para a necessidade de se criar o inimigo, o “outro maléfico” e assim legitimar sua concepção de revolução : “A intransigência da Idéia-Força [espírito] deve ser extremada. Seus processos devem ser ostensivos, de sorte a criar inimigos, pois *o inimigo é condição fundamental do êxito*”²⁸⁸. O perigo, o inimigo externo era representado no imaginário pliniano pelo materialismo, que se fosse realmente se concretizar iria destruir a integridade de todos os indivíduos, pois passaria

²⁸⁵ BEIRED. Op.cit., p.75. Grifos nossos.

²⁸⁶ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.50. Grifos nossos.

²⁸⁷ LEFORT. Op.cit., p.112-113. Grifos nossos.

²⁸⁸ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.63. Grifos nossos.

a controlar integralmente a vida, desconsiderando os domínios do espiritual. Então, a sociedade passaria a ser gerida apenas pelos instintos inconscientes, e não pela idéia que é consciente.

Assim, os homens que agem influenciados pelos instintos, rompem com o equilíbrio entre o espírito e a matéria. Por isso, para defender a integridade social fazia-se necessário uma revolução que não poderia ser biológica e determinista, mas *espiritual*:

O critério a que subordino minha crítica, não exclui, pois, a necessidade e permanência das Revoluções. Mas essa necessidade não é biológica e essa permanência não obedece ao determinismo materialista; pelo contrário: uma e outra se explicam segundo os impositivos do Espírito humano, mundo a parte, perpetuamente criador e modificador, agindo paralelamente ao desenvolvimento das forças materiais das sociedades, contendo em si mesmo a sua própria dialética, exprimindo-se segundo o seu próprio sentido.²⁸⁹

Porém, deixa claro que equilíbrio não é estagnação, imobilidade; equilíbrio é harmonia dos movimentos, integridade:

As sociedades, como tudo o que obedece às leis do movimento aspiram ao repouso, considerando este como uma harmonia dos movimentos. O repouso não pode ser a imobilidade, mas o equilíbrio...

Tudo tende ao equilíbrio, por que o equilíbrio é a integridade, é a forma do repouso no movimento.²⁹⁰

O Homem Integral representaria este equilíbrio, já que Plínio vislumbra-o convivendo com as aspirações materiais e as espirituais, harmonicamente:

... O Homem não nasceu apenas para comer e procriar; nem tão pouco para só estudar ou produzir obras de arte; nem para viver uma vida exclusivamente contemplativa e espiritual.

O Homem vive para tudo isso. É justo que tenha conforto material, que se alimente, que se vista, que se reproduza; é razoável que se dedique a ciência, à arte, ao pensamento; é natural que nutra aspirações transcendentais. Tudo isso *harmonizado*, de acordo com as tendências de cada um e debaixo de um critério superior de espiritualidade e de interesse nacional, social e humano, realiza o *Homem Integral*²⁹¹.

Parece-nos óbvio o predomínio da harmonia em detrimento ao desequilíbrio, à desordem, já que seguindo os pressupostos totalitários apontados por Lefort, não poderia haver cisões internas, pois estariam ameaçando o “ser integral”. Eliana Dutra vai ao encontro desta análise e nos diz que a ruptura, a desestruturação da imagem do corpo abriu espaço para que o discurso totalitário fosse aceito como verdade e como salvação frente à possível desintegração do povo – uno:

O apelo ao temor arcaico da desfiguração (...) a nosso ver, confere êxito à representação do uno, à denegação da divisão social, à busca de identidade através do corpo político (...) A lógica totalitária é enriquecida, ganha assim novo sentido e a imagem do corpo político também (...) contra a fantasia de

²⁸⁹ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.24-25.

²⁹⁰ Idem, Ibid, p.32.

²⁹¹ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.47. Grifos nossos.

desfiguração da identidade, se contrapõe a fantasia do ego único, do ser uno e indivisível, reatualizada no totalitarismo na imagem do Povo Uno.²⁹²

Para Lefort ocorre um “fechamento” do discurso em torno do partido, que representa o “corpo ideal de revolucionário, que passa através de cada um de seus membros”, onde “cada um vê-se implicado em um *nós* que impõe uma clivagem com o fora (...) enquanto o militante é incorporado, o suposto real é destinado à assimilação”²⁹³. Então, restava ao militante unir-se à doutrina que vislumbrava o ser como um todo, fornecendo-lhe uma identidade, para que não aderisse à revolução comunista, que só via o homem unilateralmente, como uma máquina.

A revolução idealizada por Plínio seria uma revolução que emanaria do Interior²⁹⁴, um ato do homem, porque Plínio acreditava que o homem poderia realmente agir no mundo exterior, dominado pelas leis da natureza, pela força jovem de seu interior. Assim, no discurso pliniano:

O homem é novo, quando se rejuvenesce pela ação criadora do seu *mundo interior*; e quando ele se sente suficientemente jovem, interfere, atua, modifica, na ânsia de renovar a face da terra.

Revolução é ato do Homem e não da Humanidade.

Revolução é ato de força, portanto, de juventude. Movimento revolucionário é movimento de mocidade. Da eterna mocidade dos heróis.²⁹⁵

Plínio enfatizou sua preocupação em definir o que julgava ser a “Revolução Interior”:

Quando se fala em Revolução Interior, muitos (é tal a perda do senso das proporções e dos exatos lineamentos da criatura humana) julgam que me refiro a um asceticismo que só os santos podem atingir. E, como não o podem atingir, transigem, a todos os instantes, e se degradam...²⁹⁶

Podemos perceber que Plínio buscou demonstrar que a Revolução Integralista poderia ser realizada pelo cidadão comum, e não apenas pelos “santos”, porém, deveria haver uma mudança profunda de atitude, um enquadramento dentro do que chama de “virtudes cristãs”, além de seguir os ditames do ideário integralista. Assim, partindo de uma revolução interior, os integralistas chegariam, com força, autoridade à “Grande Revolução” que estenderia a revolução integralista pelo Brasil e pelo mundo:

O que eu quero de vós é simplesmente uma compreensão serena,

²⁹² DUTRA. Op.cit., p.20-21.

²⁹³ LEFORT. Op.cit., p.112, grifos do autor.

²⁹⁴ No entender de Ricardo B. de Araújo (1987, p.83), não podemos igualar a revolução interior, espiritual defendida pelo integralismo com a revolução pregada pelo laicato católico. Araújo concluiu que o conservadorismo católico, mesmo estando em vários momentos muito próximos aos integralistas, principalmente Tristão de Athaide, Octávio de Faria, nunca chegaram a aderir de forma duradoura, profunda ao movimento, assim: “A revolução espiritual e interior, que ambos também pregavam, era antes de mais nada uma revolução ‘pelo alto’, uma ‘recatolicização das elites’, aristocrática e autoritária, muito distante da interpretação totalitária do cristianismo, fundada numa perspectiva homogeneizante e mobilizadora, que marcava o projeto de Plínio”.

²⁹⁵ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.55.

²⁹⁶ SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.315.

equilibrada, sensata, ponderada, da vida. No Estado, daremos a César o que é de César e a Deus o que é de Deus: na vida privada, aplicaremos a mesma regra, com o senso profundo das virtudes cristãs.

Realizai a vossa revolução assim, que ela é fácil. E, realizada, estaremos em condições de objetivar com energia, força, autoridade de ferro, a revolução no campo do direito público e do direito privado, da ética da administração nacional e das relações internacionais.²⁹⁷

Devemos levar em consideração que a “força do mundo interior” apresentava-se como a única força capaz de vencer o inimigo invisível que atuava sobre o inconsciente, sobre os instintos: o materialismo. Este inimigo poderia levar os homens à escravidão, à desagregação. Por isso a necessidade da revolução interna, espiritual. Quem combatia o Integralismo, estava combatendo “... *a secreto serviço dos escravizadores do Brasil*”²⁹⁸.

Eliana Dutra aponta que: “A invisibilidade torna o inimigo ainda mais ameaçador e a sociedade, ainda mais mal-assombrada pela insegurança. É como um poder invisível, e superior ao mundo terreno (...) O invisível é a treva criminoso e cruel, invisíveis são os planos sinistros e fatais”²⁹⁹. Porém, Dutra acrescenta que a invisibilidade do inimigo, sua astúcia acaba por fortalecer o combate, dando-lhe legitimidade de agir em prol da “salvação”, apontando que: “... se o inimigo é tão extraordinário, mais extraordinário será o combate e mais prazer trará a luta”³⁰⁰.

Ricardo B. de Araújo complementa esta constatação ao apontar que no discurso pliniano, havia a necessidade de uma revolução interior para vencer o inimigo invisível: “... é justamente por enfrentar um inimigo oculto dentro de suas vítimas, escravizando-as sem que elas percebam, que a revolução idealizada por Plínio deve ser, antes de mais nada, uma revolução interior”³⁰¹.

Constatamos que o discurso pliniano utilizou-se do par antitético visível/invisível para legitimar suas ações. A “batalha” dos integralistas não era contra um inimigo aparente, mas exatamente contra “forças” que se organizavam no interior dos homens, como “venenos” dominando o consciente, causando desequilíbrio e desagregação, colocando-se contra o movimento de “libertação da Pátria”:

Esta batalha que estamos ferindo não tem nada de comum com todas as outras batalhas. As forças que agem contra nós não são aquelas que aparentemente se organizam à nossa frente.

Rancores profundos vibram vigilantes no fundo das massas humanas. (...) É a inteligência organizada dos latrocínios e das conspirações sistemáticas do caráter nacional. Esses fundos venenos jamais se manifestam

²⁹⁷ Idem, Ibid, p.315-316. Grifos nossos.

²⁹⁸ Ibid, p.298. Grifos nossos.

²⁹⁹ DUTRA. Op.cit., p.58.

³⁰⁰ Idem,Ibid, p.65.

³⁰¹ ARAUJO. Op.cit., p.63.

ostensivamente, jamais nos ferirão face a face. Ao seu serviço estarão todos os inconscientes todos os vaidosos, todos os desequilibrados e degenerados. Esses é que agirão. Esses é que tomarão para si o triste papel de inimigos de um movimento que tem por objetivo principal a liberação da Pátria.³⁰²

Plínio estruturou seu discurso definindo quem representava o “Bem” e que representava o “Mal”, como cada um caracterizava-se, como cada um agia:

Entre o Bem e o Mal não há imparcialidade possível. A luta é sem trégua. Só os métodos são diferentes. Enquanto o mal é sinuoso, covarde e torpe, o Bem é franco, é corajoso e fere de frente, sem ódio, sem rancor, como se cura um câncer cauterizando-o (...).

Temos uma obra de Cultura e de Humanidade a realizar. Os perversos procurarão impedir-nos. Precisamos esmagá-los.

Responderemos: o Bem é a independência econômica de uma Nação escravizada grupos financeiros; o Bem é a salvação de uma Pátria gangrenada pelo comunismo (...) o Bem é a criação de uma mocidade sadia, otimista, forte, ativa (...) o Bem é, finalmente, o culto de Deus e a implantação definitiva de uma Civilização baseada na Bondade.

Quem não souber o que é o Bem é porque já se tornou um mau, ou, pelo menos, um inconsciente.³⁰³

O par antitético bem/mal foi e continua sendo amplamente utilizado em várias instâncias do social, pois é constituinte do imaginário social. No caso do discurso pliniano, o par bem/mal foi utilizado como recurso de diferenciação do movimento em relação ao comunismo/liberalismo, mas, além disso, podemos observar no trecho acima que Plínio buscou cooptar mais adeptos ao afirmar que quem escolhesse o “Bem”, era consciente, fazia parte daqueles que desejavam a salvação da Pátria, a independência econômica, cultuava a Deus, tinha bondade, otimismo. Acreditamos que através da manipulação do imaginário social através dos pares antitéticos, o discurso conseguia credibilidade em várias camadas sociais. Quem não gostaria de “salvar a nação”, ser bondoso, otimista, sem rancor, cultuar a Deus, querer a independência econômica?

Eliana Dutra esclarece-nos que o trabalho de estruturação das forças afetivas que atuam na vida social se dá através da operação de uma série de pares antitéticos e entre estes a oposição bem/mal. Analisando a figuração do “inimigo” comunismo e o anticomunismo, a autora remete-se a utilização da oposição bem/mal na esfera política como garantia de um “amplo espectro de significações”, ocorrendo a “manipulação do imaginário (...) no sentido de se constituírem imagens em torno dessas categorias de valor que ameaçam esse ordenamento do mundo. Assim é que a figura do inimigo aparece construída como a encarnação do mal, e comunistas e anticomunistas não irão

³⁰²SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.255..

³⁰³Idem, Ibid, p.276-277. Obviamente que o Integralismo representava o “Bem”, pleno de bons sentimentos, como uma obra de cultura e humanidade, a salvação da Pátria, por isso os inimigos, o “Mal”, a “gangrena comunista”, ameaçava a integridade do povo - uno como uma doença que ameaça um corpo sadio buscaria derrotá-los, esmagá-los

dispensá-la”³⁰⁴.

Acompanhando a dinâmica antitética presente no imaginário político dos anos 30, Plínio irá classificar as revoluções como sendo “objetivas”, “subjetivas” ou “subjetivas-objetivas”. No discurso pliniano, as revoluções subjetivas efetivavam-se:

...mediante um *movimento de idéias*, operando no campo da filosofia, da sociologia, da política, *transformações mentais*, que orientam novos processos de análise, de investigações, de dedução, novas concepções da dinâmica social: é o caso da invasão do império grego no Império Romano, do Cristianismo, da Reforma, da Renascença, finalmente da Enciclopédia, *movimentos tipicamente espirituais*.³⁰⁵

Já em se tratando das “revoluções objetivas”, estas se efetivavam:

...através de atos de força, isentos de sentido ideológico, apenas a hipersensibilidade agravada pelas situações de desequilíbrio pré-revolucionárias: são revoluções em que ninguém sabe exatamente o que pretende, e que investem desordenadamente contra uma ordem anterior sob falsas alegações de causas aparentes (é o caso típico das revoluções sul-americanas entre as quais enquadramos a brasileira de 1930).³⁰⁶

Como revoluções subjetivas-objetivas, Plínio vislumbrava a conjugação das revoluções descritas acima, em que exemplificou com a “revolução de Lenine e, até certo ponto, a de Mussolini”.

O chefe dos integralistas descreveu quatro formas de revolução, onde a revolução *objetiva* poderia: proceder, coincidir, anteceder e finalmente anteceder, coincidir e continuar as revoluções subjetivas. Quando procede diretamente da revolução subjetiva, a revolução objetiva é caracterizada como sendo uma “revolução da cultura”; quando coincide representa um “golpe técnico”; quando antecede é uma “revolução dos gênios”, porém, quando antecede, coincide e continua é um “palco das mediocridades”³⁰⁷.

Outra distinção que Plínio enfatiza é em relação à ação e o pensamento, entre o “movimento armado” e o “movimento de idéias”. O movimento armado é visto como um “*reflexo*”, enquanto que o movimento de idéias é sempre *consciente*.

Na sua percepção, afirmava que a distinção entre a revolução objetiva e a subjetiva era essencial porque no Brasil prevalecia uma revolução objetiva, isenta de ideais concretos, onde ninguém sabia realmente o que estava defendendo, muito diferente da revolução idealizada por ele, que enquadramos no molde subjetivo de revolução justamente por caracterizar-se como sendo um “movimento de idéias”, de “transformações mentais”, que compreendemos como sendo transformações interiores,

³⁰⁴ DUTRA. Op.cit., P.35-36.

³⁰⁵ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.46-47. Grifos nossos.

³⁰⁶ Idem, ibid, p. 47.

³⁰⁷ Ibid, p.49.

apresentando-se como uma nova forma de conceber o social, como um movimento que enfatiza o espiritual sustentado por ideais doutrinários que são os ideais integralistas. Além disso, podemos afirmar com convicção que Plínio concebia a revolução integralista como sendo subjetiva quando nos diz, como já citado anteriormente que representavam “*uma Humanidade Nova. As Humanidades que nos antecederam procuraram o infinito no ‘objetivo’. A nossa procura-o no ‘subjetivo’*”.

A Revolução tem de lutar contra os fatos, não para negá-los, mas para subordiná-los ao seu ritmo.

É aí que se evidencia o *caráter subjetivo* da Revolução. Pois ela não se conforma com o desenvolvimento das forças materiais da sociedade; não se submete ao ritmo do materialismo histórico; até falando em nome deste ela age em sentido contrário, precipitando as etapas da marcha de uma civilização.³⁰⁸

No entanto, em sua obra *Palavra Nova dos Tempos Novos* (1936), quando o movimento já havia se concretizado, Plínio afirma que a revolução integralista era ao mesmo tempo objetiva e subjetiva e esclarece-nos a dimensão de ambas:

Somos a única coisa séria, impressionante, no Brasil de hoje, porque somos ‘a Revolução’ (...) somos a consciência de uma época, porque nos libertamos de velhos preconceitos, porque operamos, ao mesmo tempo, uma *revolução objetiva*, de *recrutamento de massas humanas*, e uma *revolução subjetiva*, uma *revolução do pensamento e das consciências*.³⁰⁹

Cabe salientar que quando Plínio concebe a revolução integralista como sendo objetiva e subjetiva, não está se referindo a revolução objetiva condenada por ele (aquela sem sentido ideológico, oportunista), mas objetiva no sentido de mobilização.

Além disso, demonstra como se processava, na prática, esta revolução: “Somos o único movimento nacional que publica livros, que mantém cursos de preparação de nossas elites, que mantém departamentos de pesquisas e estudo de nossos máximos problemas”³¹⁰. Acrescentaríamos também a rede de jornais, revistas, rituais/símbolos, conferências, rede de assistência social, educação: infantil, juvenil e adulta por inúmeras escolas integralistas que demonstram que a revolução possuía uma operatividade, não representou estagnação, mas mobilização.

A revolução integralista não se ligaria em nenhum momento ao materialismo, porque assim, se apresentaria como sendo totalmente contrário ao princípio fundamental de toda revolução, que para Plínio eram representados pelos “atos ideais”. Por isso, afirmava que a revolução marxista representava o contrário da revolução, ou seja, uma “contra-revolução” porque “... se subordina ao critério do fatalismo evolucionista da

³⁰⁸ Ibid, p. 56.

³⁰⁹ SALGADO, Plínio. *Palavra Nova dos Tempos Novos*. In: Op.cit., p.213. Grifos nossos.

³¹⁰ Idem, p.213.

matéria inconsciente”³¹¹. No livro *Psicologia da Revolução*, desenvolve a sua argumentação:

Todas as revoluções são atos ideais, porque toda a alteração da marcha social pressupõe a autonomia da Idéia, o seu valor intrínseco, a sua prevalência sobre as forças desencadeadas pelo determinismo dos fatos. Revolução e materialismo são *antinomia chocante*. A chamada revolução marxista, baseada num conceito materialista da existência é, portanto, uma *contra-revolução*.³¹²

Mas o socialismo derivava do materialismo, onde prevalecia o “unilateralismo científico”, e por isso, traria consigo a desgraça aos seres humanos porque incitava a luta de classes que no imaginário político dos anos 30 representava a degradação e não a unificação, a construção de uma verdadeira nação, ou de um “homem integral”:

O socialismo, portanto, oriundo do marxismo, não pode trazer a felicidade ao gênero humano. O seu sentido não é de construção, mas de manutenção da luta de classes.

O Integralismo considera o marxismo um *ideal anti-revolucionário*, porque se baseia na evolução determinista, que é a filosofia burguesa do século passado, e condena-o como antidinâmico, porque concebe, no futuro, uma sociedade estática e um homem definido segundo um ponto de vista unilateral.³¹³

E era desta forma que Plínio distinguia o “verdadeiro” revolucionário do anti-revolucionário:

Quem proclama o materialismo é anti-revolucionário. Daí o valor ético e espiritual, e a permanência da dinâmica revolucionária. A luta contra a brutalidade. Negar a Deus é submeter-se às leis da matéria. As leis da matéria são o ‘struggle for life’, a seleção dos mais fortes, a adaptabilidade, a evolução. Ser revolucionário é insurgir-se contra as conseqüências dessas leis, quando elas se manifestam em detrimento do *interesse moral* do Homem. Ser revolucionário é dominar e corrigir a natureza. É reconhecer que existe um outro plano no Universo, além do material. Negar esse plano é dar à Revolução uma ética contrária até mesmo a evidentes realidades do experimento científico.³¹⁴

Entretanto, acreditamos ser importante vislumbrar no discurso pliniano como este representava as faces dos “inimigos contra-revolucionários”, que ora estavam visíveis, ora invisíveis, dependia de sua intenção discursiva. Para Plínio a luta econômica baseava-se em dois critérios: o individualista, o liberal-democrático baseado na Revolução Francesa e o critério coletivista, socialista, baseado no marxismo. Estes critérios pretendiam apenas iludir, desordenar, individualizar os seres humanos, negando a concepção espiritual e primando pela concepção material. Os ideais da Revolução Francesa: igualdade, liberdade, fraternidade apenas iriam aumentar os egoísmos pessoais como já apontamos anteriormente. No discurso pliniano, o primeiro

³¹¹ SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. In: Op.cit., p.106.

³¹² SALGADO, Plínio. *A Psicologia da Revolução*. In: Op.cit., p.32-33. Grifos nossos.

³¹³ SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*. In: Op.cit., p.51-52. Grifo nosso.

³¹⁴ SALGADO, Plínio. *A Psicologia da Revolução*. In: Op.cit., p.51. Grifo do autor.

critério:

Pretendendo iludir as massas trabalhadoras, pela ostentação de um fundo moral, baseado na liberdade humana, na igualdade, na fraternidade, na possibilidade de cada um conseguir galgar por si as posições de conforto e de poder, é, em última análise, um critério *materialista*, porque permite que se processe a evolução das forças materiais da sociedade sem nenhuma orientação diretiva do Estado, tornando este um mero mantenedor da ordem pública.³¹⁵

Percebemos que Plínio coloca a sua visão do papel do Estado, um papel diretivo, atuante em todos os âmbitos da sociedade.

Já o segundo critério buscará mostrar:

Às massas trabalhadoras que tudo se baseia no determinismo materialista e que o mundo deve ser encarado segundo o ritmo das forças materiais, é, em última análise, um critério idealista, que pretende, segundo o fanatismo de uma idéia, contrariar a natureza humana, matando no Homem tendências e lhe são próprias, atrofiando-lhe a personalidade, negando-lhe qualquer valor como interferente na marcha social.³¹⁶

Para Plínio, assim como para a maioria de seus contemporâneos, a liberal-democracia representava um sistema decadente, que não havia dado resultados positivos para a humanidade. Era um sistema:

Falido completamente, porque sob a sua exclusiva responsabilidade é que os povos viveram e as nações se governaram no século passado, e os resultados colhidos foram:

- a grande guerra, que sacrificou milhões de vida;
- a tragédia russa; as revoluções sul-americanas; a masorca chinesa; o banditismo no território norte-americano; as perturbações sociais em todo o planeta;
- a chamada 'superprodução' de mercadorias; as legiões de desempregados; que sobem hoje a muitas dezenas de milhões; o pânico do capital e o desespero do trabalho; enfim, a angústia universal.³¹⁷

Demonstrando o quadro desalentador que o liberalismo havia criado, e o desastre que seria a implantação efetiva do comunismo em solo brasileiro, Plínio busca legitimar sua revolução espiritualista marcada pelo equilíbrio harmonioso do corpo social.

Mesmo sendo imprescindível à revolução integralista a participação do militante, sua mudança de mentalidade, este deveria ser dirigido, por isso, além de buscar equilíbrio, na concepção pliniana a revolução deveria emanar das elites.

Importante salientarmos que não foram apenas os integralistas que utilizaram a imagem da crise, da desordem, e a necessidade de uma elite dirigente. No contexto dos anos 30 a maioria da intelectualidade autoritária pautou-se em teorias elitistas que pudessem dirigir a "massa amorfa", o povo irracional³¹⁸.

³¹⁵ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.29. Grifo do autor.

³¹⁶ Idem, Ibid, p.29-30.

³¹⁷ Ibid,p.30.

³¹⁸ Beired aponta para o italiano Vilfredo Pareto como sendo um dos principais teóricos elitistas que

Constatamos em nosso estudo que havia uma clara distinção entre a elite dirigente do movimento e o povo, o militante. A revolução integralista deveria surgir “de cima”, da intelectualidade, dos pensadores, dos estudiosos, tanto que as duas principais obras doutrinárias, *Psicologia da Revolução* (1934) e *O que é o Integralismo* (1933), foram escritas para atingir públicos distintos.

Na primeira obra citada, Plínio direcionava-se para um público intelectualizado, com uma linguagem repleta de eruditismo, para os que: “pretendem influir os destinos do povo (...) é um convite aos intelectuais e aos políticos: para que restauremos o primado do espírito”³¹⁹, já na segunda obra, Plínio redireciona suas intenções para atingir outro público, utilizando, como o próprio escreveu, uma forma simples de escrita, sem erudições: “A presente exposição da doutrina integralista eu a faço para as massas populares, procurando ser o mais simples possível, evitando as terminologias difíceis e me desembaraçando das malhas do eruditismo”³²⁰.

Chartier nos auxilia na compreensão das intenções de Plínio ao escrever duas obras distintas, quando nos diz que nenhuma escrita é impessoal, neutra, que sempre há intencionalidade de impor sentido(s). Chartier afirma que: “O controle da significação e a imposição do sentido são sempre uma questão fundamental das lutas políticas ou sociais e um instrumento maior de dominação simbólica”³²¹.

Salientamos no primeiro capítulo que existia no imaginário de toda uma geração de intelectuais como Plínio Salgado uma auto-representação do intelectual como elite com uma vocação para promover a unidade nacional e também para dirigir as massas. Os intelectuais colocaram-se à disposição como auxiliares na construção da “unidade nacional”, como porta-vozes da busca pela “identidade cultural”. A geração dos anos 20 buscou romper com a herança de dependência e de isolamento que havia marcado a atividade intelectual no período imperial, colocando-se contra uma política de interesses oligárquicos que impediam a consolidação da Nação. Para Alberto Torres, pensador autoritário que influenciou toda a geração, o intelectual não poderia ficar alheio à vida em sociedade, deveria sim, exercer sua “missão” enquanto “força social”. Para Oliveira

influenciaram o pensamento autoritário na América Latina. Para este teórico, os indivíduos eram física, moral e intelectualmente diferentes, sendo que alguns eram superiores, devido à sua função e suas qualidades: “quem possui certas qualidades converte-se necessariamente em elite por possuir uma capacidade superior ao restante para governar. (...) Enquanto as elites agem racionalmente, as massas movem-se de modo irracional e supersticiosamente, comportamentos a ser manipulados pelas elites para a conservação das posições sociais”. BEIRED, Op.cit., p.180.

³¹⁹ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.9.

³²⁰ SALGADO, Plínio. O que é o integralismo. In: Op.cit., p.17.

³²¹ CHARTIER, Op.cit., p.252.

Vianna e Azevedo Amaral, nacionalistas conservadores e autoritários, havia a necessidade de formar uma elite que conduzisse a massa e as reformas para que pudesse se “civilizar de cima”³²². Pécaut nos alerta que a “relação massas-elites invadiu o pensamento político”, e citando Oliveira Vianna nos diz: “A realização de um grande ideal nunca é obra coletiva da massa, mas sim de uma elite, de um grupo, de uma classe, que com ele se identifica, que por ele peleja”³²³. Era através da intervenção do intelectual que o povo iria ingressar na “era da civilização”.

Assumindo um tom sacralizador, Plínio dirige-se aos intelectuais como “apóstolos” de um movimento “salvador” da Nação: “... a fim de que este livro [*Psicologia da Revolução*] desperte novos *apóstolos* de um movimento que considero o único *salvador* da Pátria na hora presente”³²⁴. No que concerne à massa popular, busca auto representar-se como o homem que renunciou tudo em prol do movimento, que adentra os seus lares e instiga os militantes a abrirem mão de qualquer interesse individual ou regional pelo bem maior que representa a construção de uma nação una e indivisa: a Integralista.

...te ofereço este livro, para te dizer, na intimidade de teu lar, que eu tenho abandonado muitas vezes a minha casa, para me por a trabalho pela tua família (...) Esquece a tua Província e lembra as coisas eternas que tens a defender e que são comuns a todos os Brasileiros ...Se te desagregas, enfraqueces a Nação.³²⁵

Novamente podemos salientar o caráter mobilizador do movimento, já percebido por Beired que assinala que os integralistas eram bastante elitistas sim, mas diferentemente da corrente católica e cientificista, “revelaram uma concepção ao mesmo tempo mobilizadora e controladora das massas. Estimulava-se sua participação a um nível jamais pensado pelo resto da direita brasileira ou argentina, mas de modo sempre controlado e hierarquizado”.³²⁶

Mesmo mobilizando as massas, Plínio dirige-se às elites para que estas assumam seu papel de conduzir esta mobilização, promovendo assim a unidade: moral, econômica, política. Como mesmo escreveu, Plínio faz seu “*Apelo às elites*”:

Precisamos realizar a nossa Revolução.
Juntar todos os elementos do imenso laboratório que foi o século passado.

³²² FARIA, Octávio, apud PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990, p.30.

³²³ Idem, Ibid, p.29.

³²⁴ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p. 10, grifos nossos.

³²⁵ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p. 12.

³²⁶ BEIRED. Op.cit., p.181. O autor destaca na sua obra a corrente ideológica cientificista com intelectuais como Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Francisco Campos, que encaravam a realidade social como um fenômeno evolutivo regulado por leis naturais, neste caso, o autor aponta o papel do positivismo, uma das expressões do cientificismo.

Mobilizar as forças intelectuais e morais da Sociedade.
 E dar unidade ao Pensamento.
 Só então poderemos impor unidade moral, unidade econômica e unidade política ao grupo humano a que pertencemos, o qual sofre os mesmos males das sociedades de todos os países fatigados pelas hipóteses científicas.
 Esse papel incumbe às elites intelectuais.³²⁷

A “campanha” integralista começaria pela formação de uma elite dirigente, que formaria a consciência das massas, que traduziria em linguagem acessível a doutrina do Sigma e disciplinaria o povo, já que, com seu “nível intelectual baixo”, não tinha como difundir a doutrina:

A formação das elites dirigentes é o escopo da primeira fase desta campanha. Ela deve firmar certos princípios, que servirão de base à nossa consideração do mundo e dos fenômenos sociais.

Ao mesmo tempo que as linhas gerais do pensamento novo forem se cristalizando nessa corrente de espíritos livres e fortes, devemos ir formando a nova consciência das massas populares, pela divulgação dos conceitos mais elementares, em forma simples e acessíveis. Dessa maneira, chegaremos à fixação de ideais definidos, num povo disciplinado e consciente de seu destino.

A mobilização de pensadores, estudiosos, intelectuais, é condição fundamental do êxito desta campanha. São eles que devem transmitir ao povo o conceito sereno da verdade.³²⁸

Observamos que os elementos básicos deveriam ser “divulgados”, “transmitidos” e não discutidos com a massa popular, demonstrando que a massa popular não iria participar da formação destes “conceitos elementares”, apenas iriam absorvê-los de forma passiva. Além disso, o êxito da Ação Integralista num primeiro momento só seria concreta se partisse da intelectualidade e não do povo, pois seria a intelectualidade que formaria a “verdade” Integralista, o povo deveria aceitá-la naturalmente como “verdade”, disciplinado e consciente de seus deveres para com o destino da Pátria. A massa popular representava um “... *monstro* em perpétua transformação, complexo de paixões numerosas, de sentimentos e opiniões contrastantes (...) O povo é um monstro que se doma com a mesma paciência com que se domam os leões e os tigre.”³²⁹

Na concepção pliniana, a necessidade da maioria ser dirigida por uma minoria é clara, porque “na realidade, não se trata de minoria, e sim de um *pequeno grupo dirigente conduzindo* uma formidável massa larvar de forças obscuras em secreta afinidade com esse pequeno grupo”³³⁰.

Esta “afinidade” passaria pelo que Plínio denominou de “mecânica da psicologia social”, de saber conduzir a força da massa, que é subconsciente, por um “grupo central-

³²⁷ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.179.

³²⁸ SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade. In: Op.cit., p.85.

³²⁹ SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.195. Grifo nosso.

³³⁰ Idem, Ibid, p.199. Grifos nossos.

consciente” – a elite intelectual. Vejamos:

As surpreendentes e aparentes ‘minorias’(…) jogam com tudo o que é *subconsciente*; em tais circunstâncias o grupo central-consciente ganha em eficácia de direção a *diferença* entre a força das ‘inquietações larvares’ da massa humana e a energia das primeiras ‘expressões claras’ do pensamento novo na multidão. Ambas as forças, a da direção-consciente e a da execução subconsciente, elevam o potencial de seu poder, e, daí, o erro de todos aqueles que se mostram surpresos porque, num dado momento histórico, venceu uma *minoría* (...)

Poderíamos reduzir este pensamento a uma fórmula matemática. Trata-se, na verdade, de um estudo daquilo que poderíamos denominar ‘a mecânica da psicologia social’, onde se descobrem as leis do dinamismo dos fatos históricos (...) que fecunda os ignorados limbos...³³¹

Podemos considerar que Plínio chamava a atenção para a força que a Ação Integralista representava naquele momento, mesmo ainda sendo uma minoria, mas uma minoria *consciente* que saberia utilizar com eficácia a “mecânica da psicologia social”, os anseios, os desejos da massa e assim, extrair dela seu poder, para realizar a revolução integralista. Assim entendemos a amplitude da seguinte afirmação: “*A um povo livre, generoso, e heróico não se deve tentar aterrorizar, e sim comover*”³³².

Devemos ficar atentos para observar que no discurso pliniano o povo brasileiro fora declarado como sendo um “*povo-criança*”, imaturo ainda frente à verdadeira situação nacional:

Precisamos tomar o brasileiro como ele é, e não como deveria ser (...). Estudá-lo como um povo que ainda não se definiu; que não atingiu a maturidade; que não cristalizou ainda uma consciência política, nem um sentimento de nacionalidade (...). Aceitá-lo como é: empírico, pessoalista, estadualista, municipalista, volúvel, cheio de entusiasmos efêmeros cortados de períodos de ceticismo deprimente, superficial e imediato (...) enormemente imaginativos...³³³

Mesmo assim, o povo brasileiro era bom, e por isso não deveria ser condenado, mas dirigido, conduzido já que não possuía capacidade de “realização”:

Não lancemos a nossa condenação sobre esse povo, fundamentalmente bom, mas sem nenhuma capacidade de realização, *porque é ainda um povo-criança*, que espera pelo seu Messias, como um menino que confia na guarda e na proteção de um adulto. (...) Saibamos conduzir, na sua complexidade, na sua confusão, com a soma de seus defeitos e incapacidades do momento, sem lhes mentir com falsos liberalismos e hipócritas atitudes demagógicas, saibamos conduzir o povo brasileiro para um grande destino.³³⁴

Para Plínio, existia um clamor do povo por um grupo que o dirigisse, que decifrasse o problema nacional, já que o povo não possuía o “dom da palavra” e a revolução só se concretizaria quando este aprendesse a falar. O Integralismo era a palavra, era a consciência:

³³¹ Ibid, p.200. Grifos do autor.

³³² Ibid, p.230.

³³³ SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: Op.cit., p.115.

³³⁴ Idem, ibid, p.116. Grifos do autor.

Secreto balbuciar de aflitivas dores, de velhas angústias, ele pedia às classes cultas, aos que estudam, aos que se interessam pela vida nacional, que o decifrasse. A Nação sabia, apenas, murmurar confusamente seus desejos, exprimir vagamente os seus anseios. Não tinha o dom da palavra.

Revolução é o dom da palavra das Nacionalidades. Quando uma Pátria aprende a falar, dá-se uma Revolução. Foi o que aconteceu agora. A Revolução de 30 era apenas uma voz desconexa. O Integralismo é uma palavra (...) O Brasil aprende a falar (...) o subconsciente da Nação informou seu consciente. As interjeições transformaram-se em vocábulos. A Revolução começou.³³⁵

Na concepção pliniana a revolução necessitava ser dirigida por uma elite intelectualizada, mas também necessitava a força da juventude, já que a “Revolução é ato de força, portanto de juventude. Movimento revolucionário é movimento de mocidade. Da eterna mocidade dos heróis (...) Revolução é, pois, beleza da mocidade e glorificação do Homem”.³³⁶

A revolução integralista era representada como sendo uma “idéia nova”, uma nova proposta de restaurar o equilíbrio social. Por isso, seria através de um espírito jovem que a revolução poderia tornar-se uma realidade.

Que todos os “Camisas-verdes” de todas as idades não envelheçam. Essa é uma palavra de ordem (...).

As mentalidades crepusculares não entenderão estas palavras. Mas eu não falo aos gastos, aos que já não governam seus movimentos, aos que acompanham a onda e já se conformaram com todas as monotonias. Falo aos que são moços e aos que rejuvenesceram pela libertação da inteligência e pelo milagre da palavra nova.³³⁷

Como podemos perceber, Plínio dirigia-se a uma juventude, ou melhor, para aqueles que não haviam deixado envelhecer-se por idéias pertencentes ao século XIX. Estes seriam os únicos a entender suas palavras, “palavras novas”. No entanto, apelar para a juventude era uma maneira de formar a base de sustentação do movimento, já que: “O estilo e a substância de seus apelos são determinados pela natureza dos adeptos que se propõem reunir”³³⁸.

A mocidade representava também a perpetuação do movimento. Em sua “carta de Natal”, publicada no jornal *A Ofensiva*, em 1935, percebemos claramente esta intenção de perpetuar os ideais integralistas:

E a mocidade que se lança comigo neste ímpeto revolucionário, nesta marcha gloriosa de renovação, de arejamento dos espíritos, nesta luta inebriante porque é cheia de perigos, há de distinguir, nitidamente, o pensamento mais profundo que estas linhas encerram e que eu espero possa valer um dia, aos que terão sobre si o peso dos futuros governos da Nação Brasileira, como um aviso permanente, uma bússola segura, que evitará futuras hecatombes nacionais.³³⁹

³³⁵ Ibid, p.220-221.

³³⁶ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.cit., p.55-56.

³³⁷ SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.187-188.

³³⁸ MAYER. Op.cit., p.70.

³³⁹ SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.298.

A doutrina integralista, assim como as palavras do chefe serviriam de guia para a juventude, já que esta iria futuramente assumir a direção de uma Nação. Percebemos que Plínio descreveu como sendo certa a implantação de seu ideário, como sendo os integralistas os futuros governantes do país tanto que declara que a revolução espiritual idealizada por ele não se processaria instantaneamente, apenas iria concretizar-se nas futuras gerações que estavam recebendo a doutrina do Sigma que consistia em uma “luta subjetiva”, por isso uma revolução interior, e uma “ação objetiva”, já que necessitava de mobilização:

Essa é a revolução interior, a revolução espiritual. Nós sabemos que ela se processará devagar, porque estamos encharcados dos vícios de uma educação materialista (...) Sei que essa Revolução Espiritual durará muito tempo e o seu triunfo completo só se dará nas futuras gerações. É por isso que, paralela a essa transformação do espírito nacional, estamos acionando a Revolução Cultural. Há no Integralismo uma revolução subjetiva e outra objetiva.³⁴⁰

No discurso pliniano, a mocidade deveria combater materialismo, o ceticismo, o comodismo, a melancolia, ser a “energia fecundadora”, um “... arbítrio do espírito indomável”³⁴¹.

Para adentrar no movimento de “renovação espiritual” que Plínio propunha, era necessário rejuvenescer:

Este movimento de renovação espiritual que proponho, conquanto aspire à harmonia e solidariedade humanas, é de energia. *Qualquer homem, de qualquer idade, tendo de entrar para ele, que se rejuvenesça primeiro.* A Nicodemos, Cristo afirmou: é preciso nascer de novo para encontrar a salvação. E nós gritamos: é preciso iluminar-se de perpétua juventude, para formar nossas fileiras.³⁴²

Ser integralistas era ser “moço”. Mas no que consistia “ser moço”? Plínio esclarece-nos:

Ser moço é não formar na cauda dos velhos, por interesse vil ou subserviência. Ser moço é não organizar partidos sem primeiro gritar bem alto o que se pretende fazer. Ser moço é desfraldar a bandeira de idéias novas. Ser moço é ser capaz de renunciar tudo, a começar por si próprio (...). Ser moço é abandonar os gabinetes, as portas das livrarias, o prazer burguês dos clubes, e vir para a luta, gastar a vida, como um meteoro gasta o seu clarão.

Isso é ser moço...³⁴³

Observamos que estas palavras representavam o manual de como ser o “verdadeiro” integralista, o que defender e o que combater, renunciando tudo, inclusive sua condição de sujeito, pelo movimento. Portanto, Plínio pronuncia que o primeiro ato revolucionário do integralista consistia numa atitude de humildade perante a Pátria,

³⁴⁰ SALGADO, Plínio. Doutrina do Sigma. In: Op. cit., p.181. [1ª edição 1935].

³⁴¹ Ibid, p.188.

³⁴² SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.191. Grifos nossos.

³⁴³ Ibid, p. 192-193.

além disso, deveria autovigiar-se o tempo todo:

Em vez de viver apontando defeitos alheios, procurar descobrir os próprios defeitos e corrigi-los (...) Vencer a si próprio, contrariando-se, ciliciando-se a todo o instante em coração e espírito (...) Dominar o comodismo, a preguiça, o ceticismo, a desilusão, o cansaço, a impetuosidade, o egoísmo (...) convencido de que ninguém tem o direito de pretender orientar uma Pátria quando não é capaz de governar-se a si próprio.³⁴⁴

A fórmula parece-nos simples: Fusão de forças. Partindo de um militante que se convence do dever de realizar o autocontrole, aceitar como verdade a doutrina de salvação nacional (representada pela doutrina do sigma), a revolução integral poderia espalhar-se por todo o país. Vejamos, através de um discurso repleto de metáforas e apelos emocionais, esta formulação: “Despertar em si próprio as forças do sentimento nacional porque a fusão de todas as centelhas de patriotismo de cada coração formará a fogueira que incendiará o grande coração da Pátria”³⁴⁵.

No entanto, além de ser uma revolução da mocidade, dirigida por uma elite intelectualizada, decifradora da realidade nacional, a revolução espiritualista pliniana era a “Revolução da Família”.

A família representava um dos elementos da “muralha contra a barbárie” no imaginário político dos anos 30. Ivo dos Santos Canabarro nos auxilia nesta compreensão ao reportar-se ao modelo de Família no discurso dos anos 30, demonstrando-nos que havia neste momento histórico uma preocupação em defender a unidade familiar. Assim, para Canabarro:

Pensar esta possível aproximação da defesa da unidade familiar e o autoritarismo, fazia parte de toda uma estrutura de poder estabelecida pelos governos autoritários; não era apenas uma eventualidade, mas parte integrante das próprias práticas de políticas e governos autoritários, no contexto internacional da década de 30 deste século. Tanto o pensar autoritário quanto os projetos políticos autoritários tinham em comum a defesa da importância da família, colocando-a como célula básica da organização do Estado³⁴⁶.

Além disso, Canabarro frisou em suas análises que o discurso oficial retomou com intensidade a importância da manutenção da unidade familiar para assegurar a estruturação da sociedade: “... a família não existia apenas para si própria, mas deveria estar inserida num projeto mais amplo de organização e hierarquia da sociedade, influenciando um certo tipo de Estado”³⁴⁷.

No imaginário político da década de 30, a revolução comunista, segundo Eliana

³⁴⁴ SALGADO, Plínio. Doutrina do Sigma. In: Op.cit., p.180..

³⁴⁵ Ibid, p.181.

³⁴⁶ CANABARRO, Ivo dos Santos. **Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: o caso do Integralismo em Ijuí**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. (coleção trabalhos acadêmico-científicos. Série dissertações de mestrado), p.84.

³⁴⁷ Ibid, p.95.

Dutra, representava uma grande ameaça à família, assim como à religião e à propriedade. Embora sendo determinadas como instância do real, a autora vislumbra que estas instituições ultrapassam, transcendem as instâncias do real sendo cobertas por um “manto sacralizador”, não passíveis de contestações. Assim:

... Numa ordem das aparências, a idéia da família, da propriedade, da sociedade, da ordem, da pátria, da civilização cristã surge como determinação do real embora pareça transcendê-lo. Isso faz com que essas idéias apareçam cercando a existência da instituição, da família, da propriedade, da ordem (...) sobre as quais se vergam uma vez que atestam sua existência. (...) A idéia, enquanto transcendência, posta como centro da instituição, é que reveste essas instituições de uma sacralidade (...) faz com que se tornem realidades inquestionáveis ³⁴⁸.

Portanto a família, vista como uma realidade incontestável, como muralha contra o inimigo que queria destruir esta realidade, tornou-se uma excelente estratégia política, já que a instituição família é revestida de uma força simbólica muito grande, é como nos diz Dutra, a “célula-mater da sociedade”.

Para Ivo Canabarro, a hierarquia no imaginário integralista deveria começar na família. O pai representava o Chefe, a mulher sua colaboradora, e juntos, deveriam incentivar a educação de seus filhos para livrá-los da marginalidade e para torná-los obedientes, disciplinados porque “... somente assim formariam cidadãos conscientes e preparados para receber os princípios do homem integral, dotados de uma formação científica, moral, cristã e física” ³⁴⁹.

Partindo deste contexto, sabemos que a Família representava, no imaginário integralista, um de seus sustentáculos, já que fora escolhida para compor a trilogia: *Deus, Pátria e Família*. No Manifesto de Outubro de 1932, assim como nas Diretrizes Integralistas observamos a preocupação em demonstrar a importância da Família: “Tão grande a importância que damos às Classes Produtoras e Trabalhadoras, quanto a que damos à Família (...) estímulo de todos os dias, esperança de perpetuidade no sangue e na lembrança afetuosa, eis o que é a família, fonte perpétua de espiritualidade e renovação, ao mesmo tempo projeção da personalidade humana” ³⁵⁰. O Integralismo colocava-se na “defesa da família brasileira”, contra a “desorganização, a prostituição e a ruína...” ³⁵¹.

Nas XI Diretriz Integralista (1933), a família representava: “... a primeira e a mais importante das instituições sociais, pois que por sua natureza, ao mesmo tempo

³⁴⁸ DUTRA. Op.cit., p.69-70.

³⁴⁹ CANABARRO. Op.cit., p.97.

³⁵⁰ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.106.

³⁵¹ Idem, Ibid, p.107.

biológica e moral, é o nascedouro da vida social e o repositório das mais lúdimas tradições da Pátria”³⁵². O Integralismo reivindicava a família naquele momento: “... Os direitos que lhe confere a instituição do ‘bem de família’ e do ‘salário familiar’ na ordem econômica, e do ‘voto familiar’ na ordem política, como justo reconhecimento da sua alta benemerência social e nacional”³⁵³.

Na defesa incondicional da instituição familiar, não seria estranho Plínio declarar que a Revolução Integralista era a “*Revolução da Família*”, onde a revolução se fundamentaria.

Eis por que o Integralismo é a Revolução da Família. E os que se insurgem contra ela é porque já não são homens, são sub-homens...
A família (...) é a base do nosso movimento, porque nela encontramos a presença de Deus, a dor do Homem, o sentimento da Pátria, o princípio da autoridade, a essência da bondade, a grandeza das abnegações e das renúncias, a fonte ética perene onde o Estado haure a sua força e o seu esplendor.³⁵⁴

Diante destes apontamentos, podemos considerar que era imprescindível que a revolução espiritualista pliniana fosse dirigida por uma intelectualidade que possuía como “missão” salvar a nação, decifrar os problemas nacionais e depois levá-los até a massa de forma simplificada para que esta pudesse aderir à doutrina de “salvação nacional”, que representava a luta do “bem” contra o “mal”. Os sustentáculos desta revolução era a família e a juventude, e para que a revolução pudesse tornar-se uma realidade, os homens deveriam realizar uma “revolução interior”, subjetiva, em que abrissem seus corações para a restauração da consciência, já que o materialismo havia deixado os homens inconscientes, instintivos, e não equilibrados, espiritualizados. Por isso à necessidade de autocontrole e de sacrifício pelo bem da Nação.

Na concepção pliniana havia a necessidade de “despertar a alma do povo”, e esta “alma” iria ser desperta através do sacrifício, da dor, mas também através de uma efetiva doutrinação, com disciplina, com propaganda de idéias:

A Alma de um povo só se desperta com coragem, com fé, com energia, numa arregimentação contínua, em permanente doutrinação, em disciplina perfeita, e esperança renovada, em sugestão espiritual (...) A Alma de um povo só se desperta pela propaganda de idéias sadias, generosas, de coragem, de força, de ambição nacional, em contraposição ao (...) cancro do materialismo.³⁵⁵

Podemos observar neste trecho o caráter mobilizante do movimento, já que afirmava a necessidade da doutrinação, da arregimentação contínua, da propaganda efetiva. Portanto, a contra-revolução possui uma operatividade, já que não pode ser vista

³⁵² Ibid, p. 118.

³⁵³ Ibid, p.119.

³⁵⁴ SALGADO, Plínio. Palavra Nova dos Tempos Novos. In: Op.cit., p.238-239.

³⁵⁵ SALGADO, Plínio. Despertemos a Nação. In: Op.cit., p.163-164.

como estagnação (contrário da revolução), mas como uma revolução ao contrário. A revolução proposta por Plínio era uma revolução espiritualista, integral, que possuía como princípios norteadores a ordem, hierarquia, autoridade, obediência, tradição, sacrifício, nacionalismo que instauraria uma “nova ordem”, um “novo equilíbrio”, contrária à revolução comunista que era representada como sendo materialista, desagregadora, inspirada em ideais ainda ancorados em princípios do século passado, de uma ordem velha, fracassada.

Mas como esta revolução poderia ser operacionalizada? No item a seguir vamos estudar a operacionalização do projeto de revolução integral, detendo-nos na educação, assistencialismo, arregimentação feminina e de jovens, articulando-os àquele projeto.

2.4 A Revolução Espiritualista Pliniana e a Operatividade:

Como definimos anteriormente, a contra-revolução não pode ser vista como estagnação, ou apenas como uma “revolução de idéias”. A revolução de espírito necessitava da mobilização, da participação do militante, mesmo sendo uma participação controlada, como já nos alertou José Luis Beired.

Podemos perceber que havia um caráter operativo na revolução defendida por Plínio, uma revolução que necessita de *mobilização*, porém uma mobilização primeiramente interior, espiritual em que predomine a vontade, a consciência de reagir contra os impositivos materialistas para que assim, se possa reinstalar o equilíbrio perdido. Ricardo B. de Araújo deixa-nos claro está constatação do caráter mobilizante da revolução proposta por Plínio quando diz que:

Para o triunfo do espírito, então, é indispensável a *conscientização* e a *participação* de todos para que, unidos, possam intervir e modificar o curso ‘natural’ das leis da matéria. E é justamente essa intervenção que Plínio vai chamar de *revolução*. Desse modo, toda revolução só será considerada por ele como autêntica se implicar em um movimento de idéias, se for comandada por uma doutrina que possibilite a mobilização de todos os seus militantes em função dos princípios defendidos pela concepção espiritualista da existência.³⁵⁶

Mas esta revolução primeiramente interior, de mudança de atitude, deveria ser colocada em prática. A doutrina integralista precisava ser difundida, não apenas idealizada.

O movimento integralista criou vários dispositivos para projetar-se na sociedade. Destacam-se a formação de um amplo sistema educacional, trabalho assistencial, rede de jornais e revistas, além dos comícios, manifestações públicas, ampla utilização de

³⁵⁶ ARAUJO. Op.cit., p. 32. Grifos do autor.

ritos e símbolos que levaram milhares de pessoas a acreditar que a revolução integral era uma realidade tangível, concreta e não pura abstração.

O movimento também se preocupou em organizar-se internamente, tanto que o amplo sistema organizacional do movimento mereceu um volume dentro da *Enciclopédia do Integralismo*, vinte e cinco anos depois do Manifesto de Outubro de 32. Os estatutos e regulamentos demonstram-nos a ordem e a hierarquia, valores tão necessários para uma “verdadeira revolução” integralista.

Contudo, nada melhor que utilizar a educação para doutrinar e mobilizar um povo. No Integralismo não foi diferente. Era através da educação que a revolução interior/espiritual iria tornar-se uma realidade. Nas palavras de Plínio: “Conservamo-nos na linha realista, crentes de que uma obra sistemática de educação individual e da coletividade elevará a média das virtudes morais e cívicas do povo brasileiro (...) Essa obra de educação é que nós chamamos a ‘revolução espiritual’...”³⁵⁷. A “ordem espiritual” apenas iria ser alcançada através da “doutrinação, pela propaganda, pela educação constante, paciente das massas populares”³⁵⁸.

Gustavo Barroso pergunta: “Como se deve exercer a ação integralista?”. O mesmo responde em seu manual *O que o Integralista precisa saber*³⁵⁹: “- Deve ter um sentido cultural e um ritmo moral, aquele expresso pela doutrinação constante, pela reforma da mentalidade do povo brasileiro, este traduzido na disciplina, cuja escola é a milícia dos ‘Camisas-verdes’”

A educação era vista como um dever do Estado por representar a garantia de sua manutenção e estabilidade: “O Integralismo considera a educação intensiva e integral do povo como um dever fundamental do Estado, no interesse da sua própria estabilidade e progresso material e moral”³⁶⁰. Neste sentido, propunha em suas diretrizes um amplo programa educativo:

... O Integralismo defende um programa amplamente educativo: ensino unificado e gratuito nos graus primários e secundários, com obrigatoriedade de matrícula e frequência; intensificação do ensino técnico; barateamento do ensino superior; levantamento do nível econômico, social e moral do

³⁵⁷ SALGADO, Plínio. Páginas de Ontem. In: Op.cit., p.179.

³⁵⁸ Idem, Ibid, p.195.

³⁵⁹ BARROSO, Gustavo. **O que o Integralista precisa saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1936, p.55-56. O livro de Barroso contém perguntas e respostas elaboradas pelo autor e respondidas pelo mesmo sobre as principais diretrizes integralistas. Além disso, Barroso reafirma o discurso pliniano, ao repetir vários trechos dos livros doutrinários básicos de Plínio, além do Manifesto de Outubro. Acreditamos que o livro teve a intenção de atingir o militante de base, ou simpatizante do Integralismo que desejasse saber em detalhes, mas com uma linguagem mais simplificada, os pilares doutrinários do Sigma.

³⁶⁰ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.119.

professorado brasileiro; criação de universidades inspiradas nos princípios de uma filosofia cristã; criação de cursos populares e de alta cultura; estímulo às pesquisas científicas, às belas artes e à literatura (...) respeitando sempre os limites impostos pelos imperativos de ordem moral, social e nacional...³⁶¹

O Integralismo não concebia retirar da família e da religião o direito de educar, por isso defendia que o Estado respeitasse esta duas instituições sacralizadas, devendo prevalecer um regime de cooperação, que levasse em consideração o homem integralmente:

Na execução deste vasto e intenso programa educativo, o Estado jamais poderá ultrapassar a legítima esfera de seus direitos, aniquilando ou mesmo cortando os direitos primordiais da família e da religião sobre a educação das novas gerações; ao invés, procurará enfeixar a participação dessas grandes forças morais da Nação, num espírito do mais franco entendimento e da mais ampla cooperação, a fim de que desta ação conjunta resulte uma formação realmente integral das novas gerações, consentânea com as tradições e sentimentos do povo brasileiro.³⁶²

Como podemos observar também, a educação na ótica integralista encaminhava-se para um duplo sentido: arregimentação das massas populares através da doutrinação, dos “cursos populares” e a formação de uma elite dirigente realizada através da “alta cultura”.

No entanto, como os integralistas vislumbravam a “Educação Integral”? Na ótica de Leopoldo Aires, o Integralismo buscava uma educação total, que abrangesse os aspectos espiritual, físico, cívico e intelectual do homem:

Ao *homem espiritual* ensina os deveres para com Deus, para consigo e para com o próximo; ao *homem cívico* os deveres com a Pátria; ao *homem intelectual* dá-lhe escolas e cultura; ao *homem físico* oferece-lhe meios adequados ao cuidado da saúde, à conservação da robustez, à higienização, à valorização nacional da força muscular; afinal o integralismo propicia ao homem integral tudo aquilo com que ele possa eficientemente contribuir para a glória de Deus, para a honra da Pátria e para a necessidade dos seus filhos.³⁶³

No trecho acima, observamos que ao falar em homem integral, o discurso integralista acompanhou o discurso eugênico, do “homem novo” muito presente no

³⁶¹ Ibid, p.119.

³⁶² Ibid, p.120.

³⁶³ AIRES, Leopoldo. O Sentido da Formação Pliniana. In: **Enciclopédia do Integralismo**, V. IX, Rio de Janeiro, GRD, 1958. p.75. Grifos nossos. A Enciclopédia do Integralismo (*EI*) teve sua primeira edição em outubro de 1957. Segundo o historiador Rodrigo Cristofoletti, a Enciclopédia foi constituída para “propagandar as conquistas integralistas, a *EI* foi concebida visando apresentar ao seu público leitor os feitos de maior relevância do integralismo” CRISTOFOLETTI, Op.cit., p.138. O depoimento do idealizador da Enciclopédia, Gumercindo Dória ao historiador demonstra que esta objetivava constituir-se “obra monumental, escrita por brasileiros de três gerações sucessivas, e que procurará responder a qualquer pergunta de ordem doutrinária ou histórica, relacionada com o grande movimento cultural e político iniciado nos anos 30”. Idem, Ibid, p.143.

A Enciclopédia fazia parte da comemoração dos 25 anos de fundação da AIB, comemoração esta organizada pelo Partido de Representação Popular (PRP), dirigido em sua grande maioria por antigos membros da Ação Integralista, tendo como presidente o próprio Plínio Salgado. Para saber mais consultar: CRISTOFOLETTI, Rodrigo. Op.cit.

imaginário político-cultural da década de 30, que primava pela higiene, pela robustez, pela força muscular e pela busca por um corpo “perfeito”³⁶⁴. Também, podemos observar que no final, Leopoldo Aires liga a imagem do homem integral à trilogia Deus, Pátria e Família como sendo a base da educação proposta pelo movimento.

Em um dos subtítulos de sua obra *A Doutrina do Sigma*, Plínio afirmava que “*Os Integralistas Estudam*”, onde se preocupa em descrever as atividades desenvolvidas pela *Secretaria Nacional de Estudos*:

Orientada pelos grandes lineamentos doutrinários do Sigma adotando um método crítico próprio e objetivando uma finalidade política preestabelecida, funciona em intensa atividade, a nossa Secretaria Nacional de Estudos. Dividimos as tarefas segundo as especialidades. Orientamos as pesquisas, o trabalho das comissões num só sentido. Em todas as Províncias funcionam as Secretarias Provinciais de Estudos, em correspondência com a Secretaria Nacional. São filósofos, sociólogos, economistas, pedagogos, técnicos, que pusemos em constante atividade, pois o nosso movimento é rico em valores culturais. É nesse setor que estamos operando a revolução da cultura, tornando cada vez mais nítida uma doutrina de Estado, criando futuros estadistas pelo recrutamento de valores novos que surgem de uma mocidade inquieta.³⁶⁵

Nesta citação, podemos perceber várias facetas do movimento integralista. Sua estrutura organizacional hierárquica, as orientações devendo seguir “um só sentido”, levando-nos a crer no propósito de manter a unidade do movimento em todo o país. Há novamente expressa a preocupação em formar uma elite intelectual, com vários especialistas para que estes pudessem difundir os valores culturais defendidos pela doutrina do Sigma a partir do controle estatal que proclamasse e conduzisse a “revolução da cultura”, tão necessária para transformar o próprio Estado, mas também preparando futuros integralistas que pudessem dar segmento ao ideal pliniano.

A educação integralista era dividida desta forma: *Doutrinação, Estudos Integralistas e Altos Estudos Integralistas*. Esta divisão representa novamente a hierarquização e distinção entre elite e massa dentro do movimento. A doutrinação era dirigida às massas; os estudos integralistas visavam a formação de técnicos para departamentos de estudos e de doutrinadores para a propaganda nacional da AIB. Já os altos estudos visavam “apenas a cultura superior das elites integralistas ou a habilitação para funções que o Chefe Nacional lhes reservar”³⁶⁶.

³⁶⁴ Para saber mais consultar: SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³⁶⁵ SALGADO, Plínio. Páginas de Ontem. In: Op.cit., p.189.

³⁶⁶ A Preparação das elites integralistas. In: Enciclopédia do Integralismo, p.150. Os cursos dos estudos integralistas eram compostos pelas seguintes disciplinas: História Social Brasileira, Introdução à Sociologia Geral, Noções de Direito Corporativo, História das Doutrinas Econômicas, Noções Gerais de Organizações Políticas, História Militar Brasileira. Nos altos estudos integralistas, os cursos eram: Teoria do Estado, História do Estado, Organização nacional corporativa, Filosofia Social, Filosofia da

A alusão à necessidade de educar a massa no discurso pliniano é constante, tanto que acusa o governo brasileiro de não promover “*cursos populares de doutrina*”, nem o ensino do “amor da Pátria, o respeito à Família, o culto a Deus, em que se combatam os vícios, o comodismo, o oportunismo, o indiferentismo de uma sociedade que apodrece a olhos vistos?”³⁶⁷. Era apenas o Integralismo que possuía reais condições de preparar as futuras gerações, a única força que poderia coordenar as consciências, levando educação até as massas populares porque já mantinha cursos doutrinários em todo o país:

O Integralismo mantém esses cursos em cada um de seus núcleos, arrancando a massa popular dos erros com que a envenenam aqueles que recebem dinheiro do capitalismo internacional para preparar o operário brasileiro à escravidão do soviète. Quer dizer que hoje, no Brasil, *a única força coordenadora das consciências no sentido da 'ordem espiritual e moral' é o Integralismo.*³⁶⁸

Assim, “educação” no discurso pliniano remete-nos diretamente à palavra “doutrinação”, uma educação claramente dirigida, em que a ordem, disciplina, acatamento, desprendimento, mobilização eram as palavras-chaves. A educação promoveria a unidade do movimento, já que diferentes formas de pensar não eram aceitas. Plínio fala-nos da “*escola de disciplina*” onde o “Camisa-verde” aprendia:

... a ser modesto, diligente, respeitoso; adquire um exato conceito da Autoridade; aprende a amar sua Pátria e a tudo sacrificar por ela, inclusive seus interesses e vaidades pessoais; *aprende a sofrer, a calar*, a trabalhar sem alarde; aprende a amar seus companheiros. No dia em que todos os brasileiros forem ‘camisas-verdes’, estará resolvida a primeira questão desse complexo problema da Ordem.³⁶⁹

Desta forma, podemos observar novamente que há, como assinalava Foucault, uma “assujeitamento”. O “*eu*” dissolve-se no “*nós*”. Não havia, como afirmava Plínio, diferenças entre um militante do norte ou do sul. Uma das características do movimento era exatamente a unidade, a ordem. Somente a doutrinação poderia realizar este feito:

Um ‘camisa-verde’ do Amazonas tem a mesma fisionomia interior, a mesma atitude afetiva e o mesmo instinto de solidariedade nacional que os irmãos do Rio Grande do Sul, de S. Paulo ou Sergipe (...) É olhar um Integralista de Mato Grosso e ver um Integralista de Santa Catarina (...) A alma integralista mineira não difere da alma integralista do irmão acreano (...) Essa solidariedade, este bater de coração é um dos esteios da ordem, esteio indispensável à segurança nacional.³⁷⁰

O movimento integralista também voltou suas atenções para a arregimentação feminina que representava a base de sustentação da família e conseqüentemente do próprio movimento.

pedagogia. Foi criada em 1934 o Núcleo Integralista da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de se propagar entre a mocidade acadêmica.

³⁶⁷ SALGADO, Plínio. Páginas de Ontem. In: Op.cit., p.195.

³⁶⁸ Ibid, p.195. Grifos nossos.

³⁶⁹ Ibid, p.197. Grifos nossos.

³⁷⁰ Ibid, p.201.

Esta afirmação converge para o discurso do integralista Belisário Penna que afirmava haver um “papel adequado” à mulher na sociedade:

A mulher encontrará a verdadeira esfera de ação, *adequada ao sexo e aos seus deveres cristãos*, no desempenho das funções do lar e da família, fundamentais para a educação física e moral da prole; da escola, e de tudo quanto tenha relação com esses alicerces das sociedades moralizadas e sadias, tais a assistência social, sobretudo as que visam amparar as mães e as crianças – maternidade, creches, preventórios, lactários, escolas de mães, orfanatos, institutos de artes domésticas. Nada disso impede, antes exige cultura e o aprimoramento do espírito.³⁷¹

Neste trecho, podemos perceber o espaço que as “Blusas Verdes” iriam ocupar dentro da AIB. Além disso, mesmo seguindo os pressupostos vigentes durante os anos 30, que a mulher deveria ocupar-se das tarefas do lar, da educação dos filhos, no Integralismo a educação para as mulheres era vista como algo positivo. Os cursos mais “adequados” às mulheres eram direcionados para as tarefas domésticas. Dentro da AIB havia a *Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos*³⁷² (SNAFP) que tinha por finalidade orientar, dirigir, controlar e arregimentar o trabalho das mulheres e da juventude integralista. Dentro da secretaria nacional, havia o *Departamento Nacional Feminino*, que era dividido em: expediente, cultura física, educação, estudos e ação social.

Na divisão de Expediente, as integralistas deveriam organizar fichas das militantes inscritas, se encarregarem das estatísticas de todas as atividades desenvolvidas, além de cuidar das correspondências. Já na divisão de Cultura Física, ocorria a orientação das Integralistas no que se referia ao desenvolvimento físico mantendo aulas de ginástica além de manter a prática de esportes adequados ao sexo feminino. Na divisão de Educação, as atividades femininas eram orientadas para as seguintes práticas: alfabetização, enfermagem, puericultura, datilografia, culinária, corte e costura, boas maneiras, contabilidade caseira e economia doméstica.

A divisão de Estudos correspondia aos cursos de filosofia, sociologia e pedagogia, além das conferências que deveriam abarcar temas como: economia social, geografia humana, literatura e arte, formação moral e cívica. A divisão de Ação Social, por sua vez, era dividida em lactários, bandeirantes e dispensários, cujo objetivo era melhorar as condições moral e materiais da família brasileira.

Os objetivos do departamento eram bem definidos:

³⁷¹Belisário Penna professou este discurso durante o I Congresso Nacional Feminino, realizado em 1936 e encontra-se na **Enciclopédia do Integralismo**. V. IX, 1958, p.53. Grifos nossos.

³⁷²Importante salientar que em todas as secretarias organizadas dentro do movimento, havia o primado da hierarquia, além disso, todas eram subdivididas em: secretaria nacional, provincial, municipal e distrital, cujo poder máximo emanava do chefe nacional e ia decrescendo.

... Criar uma ‘consciência feminina’ no Brasil, de acordo com os princípios da doutrina integralista, e uma “atividade feminina” ordenada, em todos os campos de ação que lhe são próprios, despertando e habilitando assim a Mulher brasileira para o cumprimento de sua missão na Família e na Pátria.³⁷³

A organização do Departamento Feminino procurou adequar-se à nova realidade social dos anos 30 e por isso não podemos vislumbrar este discurso como anacrônico, desconexo. Tatiana Bulhões esclarece-nos ao afirmar que:

...A aquisição de algumas liberdades pelas mulheres neste momento, como a obtenção de empregos antes restritos aos homens e o direito ao voto, fez a AIB, da mesma forma que o restante da intelectualidade brasileira conservadora da época, adaptar seu discurso repressor e formular uma argumentação, tanto textual quanto imagética, que atraísse a mulher brasileira.³⁷⁴

Na AIB a mulher era responsável pela alfabetização e pela doutrinação de outras mulheres e também de crianças e jovens. Os homens, por sua vez, não eram doutrinados por mulheres.

A educação voltada aos plinianos também fora regulamentada nos estatutos da AIB, já que a revolução integralista só iria se concretizar pela educação de crianças e jovens: “... é preciso na criança preparar o homem (...) ver na criança o plasmador do futuro, nesse sentido educá-la”³⁷⁵. O objetivo primordial da formação pliniana era integrar a criança “na plenitude dos ideais do Sigma”, além de orientar e disciplinar.

No Departamento dos Plinianos³⁷⁶, educação era voltada para dominar todas as fases de desenvolvimento da criança, buscando forjar desde a infância os ideais do Sigma. Os estudos foram divididos em: jardim de infância, alfabetização, escolas profissionais, cultura geral. A divisão de educação abarcava a educação integralista, educação esportiva, educação moral e cívica, educação sanitária, boas maneiras. A divisão das escolas de férias eram constituídas pelas escolas de campo, montanha e beira-mar. A divisão de divertimentos fora constituída de parques infantis, cinemas, teatro e circos, feiras e exposições, excursões, visitas a fábricas, estabelecimentos e museus, jogos esportivos recreativos e educativos, além da divisão de escotismo.

³⁷³ **Enciclopédia do Integralismo**, V. IX, p.174.

³⁷⁴ BULHÕES, Tatiana. Op. cit., p.227.

³⁷⁵ AIRES, Leopoldo. O sentido da formação pliniana. In: **Enciclopédia do Integralismo**, V. IX, p.73-74.

³⁷⁶ Os plinianos eram divididos em grupos que pertenciam as seguintes categorias: Infantis: compreendendo crianças de 4 a 6 anos; Currupiras: crianças de 7 a 9 anos; Vanguardeiros: meninos de 10 a 12 anos e Pioneiros: jovens de 13 a 15 anos. Mais do que definir as categorias dos plinianos, os estatutos nos informam sobre a hierarquia, sobre o uniforme. Os Vanguardeiros, assim que adentrassem as hostes integralistas deveriam prestar juramento à Bandeira do Sigma e fidelidade ao Chefe Nacional. Também tinham que pagar mensalidade (que em 1936 fora fixada em um mil réis), e também pagavam uma “jóia, a critério dos pais e responsáveis”, exceto os “plinianos pobres”. Segundo os estatutos do departamento, as contribuições seriam revertidas em “fundos para a aquisição de material coletivo (...) para a compra do uniforme para os plinianos pobres”. **Enciclopédia do Integralismo**, V. IX, p.186.

O *trabalho assistencial* também se constituiu em uma marca do movimento integralista. Serviu de lócus de divulgação do movimento e também de arregimentação de adeptos. Forneciam alimentos, promoviam eventos como “natal dos pobres” “páscoa dos pobres”, além de possuírem ambulatórios, lactários. Este trabalho era realizado em sua grande maioria por mulheres.

Todos os dispositivos criados para operacionalizar a revolução espiritualista estudados até o momento³⁷⁷ pelo movimento, deveriam convergir para um mesmo ponto: a criação de um modelo de Estado. Mas no que consistiu a concepção de estado pliniana?

2.5 O Estado Integral:

Após proclamar a “revolução integral”, o Integralismo projetava o “Estado Integral”. Plínio concebia como fundamental a constante transformação do Estado. Quando fala-nos de transformação, busca demonstrar que o Estado Integral era a solução para os problemas vigente no Brasil na década de 30 sobre a égide do Estado Liberal. A salvação nacional e humana seriam possíveis somente pelo Integralismo e pelo seu modelo de Estado:

... Nós, integralistas, lançamos as fórmulas definitivas de salvação nacional e humana, exprimindo realidades: “O Estado orgânico”, a “organização corporativa da Nação”, a “economia orientada”, a “representação corporativa”, o “homem integral”, o “realismo político”, a “harmonia das forças sociais”, a “finalidade social”, o “princípio da autoridade”, o “primado do espírito”.³⁷⁸

Assim, ficou estabelecido que:

Esse é o Estado que se inspira na concepção integralista do homem; o Estado que rejeita o mecanismo socialista, porque este pretende tornar-se uma finalidade e não um meio; o Estado que rejeita o liberalismo democrático, porque este passa a constituir uma negação de si mesmo, pela hipertrofia oligárquica e domínio dos mais fortes; o Estado que rejeita os esquemas ideocráticos, de qualquer natureza, quando eles se baseiam em exclusivismos e em pontos de vista unilaterais; o Estado, que compreende a Nação como um trecho da Humanidade por cuja felicidade na Justiça, cujo aperfeiçoamento nos progressos culturais, cujo bem estar oriundo do desenvolvimento técnico, cujos objetivos espirituais decorrentes dos impositivos da essência humana, ele deve constantemente velar.³⁷⁹

Podemos observar que Plínio busca diferenciar e elevar o Estado integralista, rejeitando, desprestigiando o Estado socialista e o liberal-democrático. Estas formas de Estado seriam unilaterais por não considerar o homem na sua totalidade: mente, corpo e

³⁷⁷ Outros dispositivos: a imprensa partidária, assim como a simbologia e ritualista integralista serão estudados no terceiro capítulo deste trabalho.

³⁷⁸ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.37.

³⁷⁹ SALGADO, Plínio. A Psicologia da Revolução. In: Op.,cit., p.73-74.

espírito. Novamente o objetivo primordial é o espiritual, mas o Estado Integral deveria continuar buscando o equilíbrio entre matéria e espírito. No discurso pliniano, o Estado Integral seria o começo da “Nova Civilização”, ou da “Quarta Humanidade”.

No décimo item do Manifesto de Outubro de 1932 ficou estabelecido que o Estado Integralista não poderia conter qualquer tipo de divisão: entre partidos políticos, entre estados, luta de classes, caudilhismos, facções locais. Antagonismos também não seriam permitidos, principalmente entre o governo e o povo, entre o governo e os intelectuais. Desta forma, podemos afirmar que o Estado Integralista vislumbrava a sociedade como uma “massa homogênea”, sobre controle exclusivo do Estado. O Estado realizaria a “unidade integral da Nação”³⁸⁰.

Além de representar o elo promotor da união integral da nação, o Estado Integral seria o protetor da “célula-mater” da sociedade: a família. Isto porque no discurso pliniano, a família é que cria “as virtudes que consolidam o Estado. O Estado mesmo é uma grande família, um conjunto de famílias”³⁸¹. Era para “defender a família (...) que desejamos o Estado Forte”. A instituição familiar serve como legitimadora da formação de um estado “forte”, entendemos como autoritário, centralizador, hierarquizado.

Já Gustavo Barroso traduz como os integralistas iriam organizar o Estado Integral:

Organizam-se antes de tudo as corporações profissionais; a estas incumbe eleger seus próximos representantes. São estes que escolhem o Chefe da Nação, ao qual deve ser dada completa autoridade. Organizado, assim, o Estado, este não pode permitir que se formem fora do seu círculo de ação quaisquer forças que o possam ameaçar. Tudo deve ser visionado, vigiado, orientado pelo Estado Integralista.³⁸²

O Estado Integral na concepção de Gustavo Barroso reflete nossa afirmação, já que deixa nítido o papel do Estado forte: que vigia, orienta, centraliza o poder e controla toda sociedade. A sua organização estaria fundamentada no corporativismo, e nenhuma manifestação de força fora do Estado seria permitida por “ameaçar” a integridade do mesmo. Por isso, Plínio justifica que o Estado Integralista iria exercer uma “fiscalização direta” sobre: “... O cinema, o teatro, a imprensa, o rádio, todos os veículos do pensamento que estão hoje atentando contra a liberdade, forçando o povo a submeter-se aos caprichos dos capitalistas internacionais, de burgueses materialistas, de espíritos anárquicos, de agentes de Moscou”³⁸³. Mais uma vez, em tom nacionalista, Plínio

³⁸⁰ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.116.

³⁸¹ Idem, p.107.

³⁸² BARROSO. Op., cit., p.46.

³⁸³ SALGADO, Plínio. O que é o integralismo. In: Op., cit., p.120.

declara seus inimigos afirmando que o perigo vinha do exterior, e que o Estado deveria “proteger” o povo de qualquer ameaça, pois sabia o poder que os meios de comunicação e a arte exercem sobre o imaginário social, tanto que não abriu mão de utilizá-los para legitimar o movimento integralista.

No entanto, devemos salientar que esta concepção integralista de Estado estava inserida no contexto dos anos 30. Jose Luis Beired nos diz que havia uma convergência de idéias que uniu a direita nacionalista que vislumbrava o Estado como sendo o espaço privilegiado da mudança. Os intelectuais buscaram pressionar ou participar dele. Porém, como aponta o autor: “O objetivo era instaurar um novo regime político em que o Estado fosse ao mesmo tempo corporativo, autoritário, intervencionista e nacionalista”³⁸⁴.

A intelectualidade nacionalista de direita no Brasil acreditava que o corporativismo seria a solução frente ao panorama de crise do modelo liberal-democrático e de mudanças nas mentalidades nacionais:

A divisão da sociedade em inúmeras correntes políticas e intelectuais, o poder crescente dos movimentos sociais das classes subalternas, as transformações dos padrões tradicionais de moralidade, entre outros fenômenos inerentes ao advento da modernidade, tiveram como contrapartida uma reação política e intelectual de direita que *viu no corporativismo a possibilidade de restaurar a unidade do corpo social.*³⁸⁵

No entanto, no que consistiu a “solução corporativista”? Para Beired:

Cumpriria a função de organizar a sociedade em categorias – ou partes funcionais – não-competitivas, integradas a um todo solidário, de modo a extirpar os confrontos políticos e classistas, favorecendo a instauração de relações sociais solidárias, sob a tutela de um Estado autoritário, forte, tutor da sociedade, capaz de impor-lhes direção e de lutar contra os mais variados interesses particularistas. Apenas o exercício da autoridade permitiria a restauração da disciplina, da obediência e da hierarquia no interior da sociedade corrompida pela influência estrangeira.³⁸⁶

Na perspectiva de Alcir Lenharo, o projeto corporativo representou o “troco contra-revolucionário ao clima revolucionário predominante na primeira metade do século passado”³⁸⁷. Remetendo-nos novamente a representação do “povo - uno”, o projeto corporativista seria uma nova forma de “corporização da sociedade (...) que a terceira via encaminhava para a superação da ‘anarquia liberal’ e o estancamento do avanço do comunismo”³⁸⁸. Por isso que Plínio concebeu o Estado Integral sem divisões, sem antagonismos, porque, inserido no projeto corporativista, queria “estirpar”

³⁸⁴ BEIRED. Op.cit, p.104

³⁸⁵ Idem, Ibid, p.104. Grifos nossos.

³⁸⁶ Ibid, p.104.

³⁸⁷ LENHARO. Op.cit., p.187.

³⁸⁸ Idem,Ibid, p.189.

da sociedade o modelo liberal que havia deixado o país em péssimas condições econômicas, políticas e morais por haver promovido a desmoralização dos valores nacionais: “Foi obra do liberalismo e é contra ele que se levanta o Integralismo, com sua concepção de Estado”³⁸⁹. O Estado Liberal era o causador de todas as desordens porque ser “... fraco, anêmico, gelatinoso”³⁹⁰.

Plínio deixou muito claro a opção integralista pelo corporativismo em seu discurso quando declara que:

... O Integralismo substituirá a representação partidária pela verdadeira representação, que é a representação corporativa. Só a corporação exprime os legítimos interesses da Nacionalidade, não só porque constitui uma expressão econômica, mas principalmente porque representa uma expressão ética.³⁹¹

Plínio legitima seu discurso a favor da solução corporativista utilizando novamente o nacionalismo e a ética, exprimindo que o corporativismo ia além das soluções econômicas, como sendo uma forma de reação frente à desmoralização dos valores nacionais causados por uma política liberal, estrangeira e corrosiva da Pátria, procurando banir do cenário nacional a “abstração” democrática representada pelo sufrágio universal: “O Sufrágio Universal subordina todo um sistema de realidades sociais a uma pura abstração, isto é, ao conceito da soberania oriunda das fontes primárias da ‘vontade geral’. A este preconceito artificioso e utópico se condiciona toda a organização nacional, (...) É um critério erradíssimo...”³⁹².

Se a democracia liberal era negativa, pura abstração, uma outra espécie de “democracia” fora projetada pela intelectualidade de direita: A “*Democracia Orgânica*”³⁹³. Esta seria a democracia vinculada ao Estado Integral:

Nós, integralistas, que pretendemos realizar a verdadeira democracia que não é a liberal, mas a orgânica, em consonância com o ritmo dos movimentos nacionais, condenamos todas as formas de liberalismo, porque atendam contra a dignidade humana e conduzem as massas para a degradação, como conduzem o homem à animalização completa. Combatemos o voto desmoralizado e a liberdade sem lastro...³⁹⁴

O *voto* no discurso pliniano constituía: “a grande mentira que serve de instrumento à opressão das massas trabalhadoras, iludidas na sua boa fé”³⁹⁵. Mas

³⁸⁹ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.66.

³⁹⁰ Idem, Ibid, p.38.

³⁹¹ Ibid, p.75-76.

³⁹² Ibid, p.33-37.

³⁹³ Como Plínio não se preocupou em deixar claro em seu discurso o conceito de “democracia orgânica”, nos voltamos para a análise de Beired. Sobre a sua ótica, esta “modalidade política” representava a sociedade como sendo algo “concreto e organizado”, a partir de seus grupos naturais e por isto entendida como sendo superior à democracia liberal. Beired, Op.cit., p.109.

³⁹⁴ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.44..

³⁹⁵ Idem, Ibid, p.31.

novamente buscamos frisar que o imaginário em torno do sufrágio universal insere-se num contexto mais amplo. Lefort nos fornece a dimensão da repulsa dos contra-revolucionários pelo sufrágio universal; estes acreditavam que o sufrágio representava a *dissolução do social*. “O perigo do número é mais que o perigo de uma intervenção das massas na cena política. A idéia do número como tal opõe-se à da substância da sociedade. O número decompõe a unidade, aniquila a identidade”³⁹⁶. A democracia liberal representava a decomposição da sociedade, o individualismo, e por isso que os contra-revolucionários, no nosso caso, os integralistas, buscavam formar uma sociedade indivisa, sem antagonismos, como um Estado forte, tutelar.

A repulsa recaia também contra os partidos políticos que ameaçam o projeto de uma sociedade *una*, mas neste ponto necessitamos abrir um parêntese. Esta repulsa acaba sendo contraditória já que a AIB acaba se tornando um partido político. Em um primeiro momento AIB designava-se como uma sociedade civil. Já no ano de 1934, no I Congresso Integralista Brasileiro que se realizou em Vitória, a AIB assume em seu estatuto o caráter político de movimento. Em 1935, no II Congresso Integralista realizado em Petrópolis, além de uma sociedade civil, a AIB passa a se declarar um *partido político*, cujas finalidades acabam sendo ampliadas. Além de funcionar como “centro de Estudos e Educação Moral, Física e Cívica”, passa a funcionar como um partido político e como tal declarava realizar “a reforma do Estado, por meio de uma nova cultura filosófica e jurídica” e o povo asseguraria:

- a) o culto a Deus, da Pátria e da Família;
- b) a Unidade acional;
- c) o princípio da Ordem e da Autoridade;
- d) o prestígio do Brasil no exterior;
- e) a Justiça Social (...);
- f) a paz entre as Famílias Brasileiras e entre as forças vivas da Nação, mediante o sistema orgânico e cristão das corporações;
- g) a Economia que garanta a intangibilidade da Propriedade (...);
- h) a liberdade da pessoa humana dentro da ordem e da harmonia social;
- i) a união de todos os brasileiros.³⁹⁷

Como já havíamos salientado anteriormente, os contra-revolucionários eram contra a representação partidária e o próprio chefe dos integralistas declarou-se contrário a esta representação como vimos no trecho acima. O partidarismo apenas aumentava a desorganização, os egoísmos, os interesses das oligarquias regionais e de seus “velhos caudilhos”, por isso que o Integralismo não entraria em “combinação com partidos regionais”, não colaboraria com nenhuma organização partidária que quisesse

³⁹⁶ LEFORT. Op.cit., p.118.

³⁹⁷ SALGADO, Plínio. O Integralismo perante a Nação. In: Op., cit., p.133-134.

dividir a nação. Gustavo Barroso também acompanha a concepção anti-partidária de Plínio, afirmando que todos os partidos eram nocivos porque dividem o povo, “o qual deve estar unido e coeso no esforço supremo pela grandeza nacional”³⁹⁸. Mas então, como compreender esta relação ambígua entre achar nociva toda representação partidária, porém acabar por assumir, em seus estatutos, sua condição de partido político?

Sabemos que para os integralistas poderem disputar as eleições municipais do ano de 1934 precisavam mudar sua designação, de uma sociedade civil para um partido político, já que era a única forma de disputar cargos eletivos; além disso, nos anos de 1934-1935 muitos núcleos integralistas estavam se formando e a arregimentação de eleitores intensificou-se por todo o país. Acreditamos que esta posição ambígua dos integralistas se explica se considerarmos que se tornando um partido político poderiam legalmente inserir-se nas disputas pelos poderes locais para assim assumir o controle do país nas próximas eleições à presidência e daí sim extinguir os partidos políticos tornando-se os únicos dirigentes da Nação negociando apenas através das corporações. O “*Manifesto Programa*” da AIB de 1936 já estava sendo elaborado visando às eleições presidenciais³⁹⁹. Neste Manifesto, os integralistas deixam claro sua opção pela substituição dos partidos políticos pelas corporações:

...quando condena os partidos é porque visa substituí-los pelas corporações, órgãos que em nossos dias são os únicos capazes de captar e exprimir a vontade popular. (...) O Estado Integral será um Estado Forte (...) lançamos à Nação os lineamentos gerais de um programa de governo, pelo qual nos bateremos, desde já, como Partido Político de âmbito nacional (aliás o único existente no país), comparecendo a todas as eleições municipais, estaduais e federais, e preparando-nos para o lançamento de uma candidatura integralista às próximas eleições para a Presidência da República.⁴⁰⁰

Por isso o corporativismo não poderia ficar apenas na teoria, devendo operar no cotidiano dos militantes, promovendo assim a “democracia orgânica” partindo dos lares dos militantes, de seus municípios⁴⁰¹, onde homens e mulheres deveriam inscrever-se

³⁹⁸ BARROSO. Op., cit, p.51.

³⁹⁹No dia 12/06/1937, durante uma sessão das “Cortes do Sigma”, Plínio Salgado foi proclamado candidato à presidência. Sobre a “Cortes do Sigma”: foi criada em 1936, era presidida pelo Chefe Nacional e representava dentro da hierarquia do movimento o mais alto órgão: “As Cortes do Sigma são a depositária da pureza da Doutrina Integralista e responsáveis pela perpetuidade do Movimento. Seus membros juraram, perante Deus e perante o Sigma, fazer transmitir às gerações futuras a chama sagrada do Integralismo”. **Enciclopédia do Integralismo**, V. XI, 1958, p.108.

⁴⁰⁰ SALGADO, Plínio. O Integralismo Perante a Nação. In: **Obras Completas**, V. IX, 1955, p.154-155.

⁴⁰¹Que representavam no discurso pliniano “uma reunião de famílias”. Os municípios deveriam ser autônomos, mas respeitando a hierarquia do Estado Integral: “O município, portanto, sede das famílias e das classes, será administrado com honestidade, será autônomo, e estará diretamente ligado aos desígnios nacionais” numa reação frente ao federalismo, condenado pelos integralistas. SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.109.

nas suas respectivas classes produtivas para que assim não dependessem de nenhum chefe político, cabos eleitorais ou “caudilhos”. Cada classe produtiva iria eleger seu representante às câmaras municipais, já que “Extintos os partidos, o governo municipal repousará na vontade das classes”⁴⁰². Barroso reafirma que o Integralismo não estava extinguindo a democracia, pelo contrário, estava realizando a “verdadeira democracia” por que: “O Integralismo torna o voto consciente e livre, porque consagra o voto dentro da Corporação, onde o cidadão está garantido moral e materialmente”⁴⁰³.

Mas um aspecto muito importante para a realização do Estado Integral era respeitar, e acima de tudo, aceitar o “*Princípio da Autoridade*”. Para que uma Nação pudesse progredir, dizia Plínio, ela necessitava estar consciente do Princípio da Autoridade, pois este princípio que iria dirigir a nação, beneficiando a todos:

Precisamos de Autoridade capaz de tomar iniciativas em benefício de todos e de cada um; capaz de evitar que os ricos, os poderosos, os estrangeiros, os grupos políticos exerçam influência nas decisões do governo, prejudicando os interesses fundamentais da Nação. Precisamos de hierarquia, de disciplina, sem o que só haverá desordem. (...) A ele devem ser facultados os meios de manter justiça social, a harmonia de todas as classes, visando sempre os superiores interesses da coletividade brasileira.⁴⁰⁴

Como podemos vislumbrar, o Princípio de Autoridade caminhava lado a lado do respeito à hierarquia e a disciplina. No entanto, como a elite intelectual integralista iria impor sua disciplina? Gustavo Barroso responde:

Pela *hierarquia*, pela consciência da própria dignidade de cada um. O homem digno se une pelo pensamento e pelo pensamento se subordina a um ritmo indispensável à marcha social. Sem consciência de suas próprias necessidades e finalidades, o homem é incapaz de ser disciplinado. Mas aquele que compreende os supremos interesses da Pátria, da Família, do Indivíduo, esse prefere a disciplina por espontânea vontade, à opressão que poderá vir da prepotência oligárquica do liberalismo, ou à tirania do Comunismo. *Ou a Nação se disciplina, ou morre.*⁴⁰⁵

Barroso deixa-nos bem claro que não havia realmente alternativa aos indivíduos a não ser tornarem-se disciplinados, não só para o bem de cada um, mas principalmente pelo “*bem comum*”, o bem da Nação, que era representada pela figura do Estado. Além disso, cada integralista deveria estar preparado para assumir um posto de comando dentro do movimento, e isso só se realizaria pela disciplina.

Partindo das afirmações de Michel Foucault⁴⁰⁶, sabemos que a disciplina é uma

As Classes Produtoras, os Municípios e as Famílias seriam os pilares de sustentação do Estado Integral e por isso Plínio deu-lhes ênfase no Manifesto de 1932. Também não podemos nos esquecer que o primeiro partido fundado por Plínio em São Bento do Sapucaí era o Partido Municipalista.

⁴⁰² SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.108.

⁴⁰³ BARROSO. Op. cit, p.51

⁴⁰⁴ SALGADO, Plínio. O que é o Integralismo. In: Op.cit., p.97.

⁴⁰⁵ BARROSO. Op. cit, p.52.

⁴⁰⁶ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1987, 10^a edição, p.105.

“tecnologia política” uma maneira de gerir os homens, controlá-los. Percebemos no discurso de Gustavo Barroso, assim no discurso pliniano, uma ênfase na autodisciplina que acabava tornando os militantes aptos a aceitar os regimes de verdades impostos pelos dirigentes do movimento. A autodisciplina do militante garantiria a manutenção da ordem, da hierarquia, por isso que se não houvesse um regime disciplinar diário entre os militantes a Nação, o todo, corria risco de “morrer”, de se fragmentar e por fim ao ideal de Estado Forte, porque o Estado é forte quando consegue impor-se pelo consenso, quando não há disputas, quando o “corpo social” não está ameaçado de dissolução.

Também não podemos deixar de frisar que no imaginário político dos anos 30 a justificativa de impor disciplina, ordem, hierarquia, foi amplamente utilizada em nome do ideal do “*bem comum*” pela intelectualidade, como sendo uma forma de legitimar seu discurso. Os regimes que buscavam estabelecer-se neste período convergiam seu discurso para a busca de uma finalidade ética para o Estado. Plínio, assim como Barroso e Reale declararam inúmeras vezes que o Estado Integral era o Estado ético, diferente do Estado Liberal, considerado sem finalidade. Seguindo esta perspectiva, Beired esclarece-nos que para direita nacionalista “... o bem comum desempenhava um papel-chave na definição da legitimidade dos modelos políticos formulados, na medida em que imprimia um *sentido ético* ao Estado. (...) o Estado nacionalista agia orientado por certos ‘fins nacionais’, apresentados de forma homóloga à própria realização do bem comum”⁴⁰⁷.

Em tom sacralizador, preparando-se para concorrer à presidência da República, Plínio faz um discurso junto às Cortes do Sigma demonstrando o caráter transcendente do Estado Integral, que emanaria do próprio Cristo:

Para min, no mais íntimo refofo do meu coração, e no recôndito mais misterioso da minha alma, o Estado Integral transcende das formas políticas e do próprio pensamento filosófico. Porque o Estado Integral, essencialmente, é para min o *Estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo.*⁴⁰⁸

Um estado que transcenderia às formas políticas vistas até então só poderia ser guiado por um chefe com características providenciais, um guia, um salvador, que promovesse a “ressurreição” do Brasil.

Após analisarmos vários aspectos da revolução espiritualista pliniana, sua operatividade, e a idealização de estado “integral” como sendo o modelo saneador

⁴⁰⁷ BEIRED. Op. cit, p.189.

⁴⁰⁸ SALGADO, Plínio. O Integralismo Perante a Nação. In: Op.cit., p.201. Grifos nossos.

para a falência do estado nos moldes liberais, vislumbramos a constante recorrência à sacralização da política como forma de legitimação do discurso pliniano. Mas havia a necessidade de criar uma comunidade de sentido em torno do discurso e da imagem de Plínio. Por isso que o líder dos integralistas recorreu a outras formas de legitimação que também estão ligadas à sacralização da política: a simbologia e a ritualística integralista. Porém, para que a doutrina idealizada por Plínio chegasse efetivamente até o militante, foi necessário estruturar uma rede de impressos que padronizasse os ideais do movimento e os transformasse em regras de conduta entre militantes, consolidando o discurso pliniano, criando uma comunidade de sentido em torno da simbologia e da ritualística do movimento, propiciando a construção de uma imagem sacral do líder Plínio Salgado e do movimento. Veremos a seguir quais foram as estratégias utilizadas para alcançar estes objetivos.

Capítulo 3

Entre o sacrifício cristão e a reconstrução nacional: a sacralização de Plínio Salgado e da Ação Integralista Brasileira.

Vivemos uma época maravilhosa da história do mundo, em que as massas pedem algo de novo, anseiam por altos idealismos e palpitam inquietas, reclamando a projeção magnética dos heróis! – Estamos fatigados de mediocridades e de normalidades monótonas: queremos alguém que saiba seduzir e arrastar as multidões, convidando-as para as perigosas conquistas de grandes sonhos nacionais e humanos!

Plínio Salgado⁴⁰⁹.

Para iniciarmos este capítulo, partimos do pressuposto que os símbolos são construtores do imaginário social. Os múltiplos imaginários traduzem-se em visões de mundo que coexistem, superpõem-se ou excluem-se enquanto forças reguladoras do cotidiano. O real é construído pelo imaginário: nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição dos sentidos. “Os sistemas simbólicos em que assenta e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações”⁴¹⁰. Assim, as funções dos símbolos são classificar e introduzir valores, referências, pois acabam por moldar os comportamentos individuais e coletivos, se tornando uma razão de existir e agir dos indivíduos. Nas palavras esclarecedoras de Bazcko:

Um só e mesmo código permite fazer concordar as expectativas individuais, exprimir as coincidências e as contradições entre as experiências e as esperanças, e ainda sustentar os indivíduos em ações comuns (...) A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera no e por meio do simbolismo⁴¹¹.

Agindo desta forma, os símbolos e ritos também são eficazes para guiar os

⁴⁰⁹SALGADO, Plínio, apud, JOSETTI, Rodolpho. Sentido Cultural e artístico do Integralismo *In: Enciclopédia do Integralismo*, V.II, 1958, p.120. Plínio proferiu este discurso no Instituto Nacional de Música, em comemoração ao terceiro aniversário do Primeiro Congresso Integralista, realizado em Vitória no ano de 1934.

⁴¹⁰ Bazcko. Op.cit., p.311.

⁴¹¹ Idem, ibidem, p.311.

indivíduos para a ação comum, mas para realmente tornarem-se eficazes, os símbolos e ritos necessitam de uma comunidade de imaginação ou comunidade de sentido, pois assentados em uma comunidade de sentido, os indivíduos podem internalizar referências, aceitando-as como verdades, reconhecendo-se, afirmando-se. Para Bazcko:

O nascimento e a difusão dos signos imaginados e dos ritos coletivos traduzem a necessidade de encontrar uma linguagem e um modo de expressão que correspondam a uma comunidade de imaginação social, garantindo às massas, que procuram reconhecer-se e afirmar-se nas suas ações, um modo de comunicação. Por outro lado, contudo, esse simbolismo e esse ritual fornecem um cenário e um suporte para os poderes que sucessivamente se instalam, tentando estabilizar-se.⁴¹²

Assim, acreditamos que os símbolos e ritos constituíram-se elementos fundamentais na legitimação do discurso pliniano⁴¹³, já que os discursos materializam-se justamente através símbolos, alegorias, rituais e mitos. A partir da materialização dos discursos, poderemos perceber a construção de modelos de condutas e estilos de vida no Integralismo, que utilizou o simbólico e o ritual como códigos unificadores e reguladores da normatividade, do que era ou não permitido.

3.1. A construção de uma comunidade de sentido: Símbolos e Ritos da Ação Integralista Brasileira

Observaremos, através da descrição dos símbolos e ritos integralistas, como o movimento procurou se estruturar, criar uniformidade, cuidar de cada pequeno detalhe, e com isso, internalizar referências entre seus adeptos, construindo sua identidade, além de colaborar na construção da imagem do chefe nacional como o detentor do poder de normatizar estas condutas.

Os protocolos e rituais da AIB tinham como finalidade:

Codificar os dispositivos gerais e mais importantes de seus Regulamentos e estabelecer normas, fórmulas e usos que regulem os atos públicos e os cerimoniais integralistas e bem assim fixar honras, regalias, direitos e deveres relativos a todas as autoridades do Sigma.⁴¹⁴

Plínio preocupou-se em decodificar os significados dos símbolos integralistas e por isso dedicou-lhes um capítulo dos protocolos e rituais. Primeiramente codificou o significado da letra sigma, eleito o símbolo do movimento, marca registrada em todos os produtos integralistas, assim como na imprensa partidária. *Sigma* correspondia à letra

⁴¹² BAZCKO, Op.cit., p.324.

⁴¹³ Os símbolos e rituais integralistas foram devidamente protocolados em vinte capítulos por Plínio Salgado em 2 de abril de 1937, momento que o movimento se expandia e preparava a candidatura de Plínio à presidência. Posteriormente foram publicados na Enciclopédia do Integralismo. Protocolos e Rituais. In: **Enciclopédia do Integralismo**, volume XI. Tomo II. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1957.

⁴¹⁴ **Protocolos e Rituais da Ação Integralista Brasileira**, capítulo I, artigo 1. In: Op. cit., p.77.

grega que indica soma, é “a letra com a qual os primeiros cristãos da Grécia indicavam o nome de Cristo (Soteros)”⁴¹⁵. O Sigma servia para lembrar que o movimento buscava integrar as forças nacionais.

Outro símbolo era representado pela *bandeira* integralista. Esta era azul e branca, ao centro destacava-se o símbolo do Sigma em preto. As cores escolhidas também tinham seus significados: “O azul da nossa bandeira simboliza a atitude do pensamento integralista. A cor branca é ainda a resultante da mistura de todas as cores, e o Sigma (...) a integralização de todas as forças sociais na suprema expressão de nacionalidade”⁴¹⁶. Os protocolos frisavam que a bandeira do Sigma estava abaixo da bandeira nacional, e quando a bandeira do movimento estivesse em alguma solenidade pública, deveria estar ao lado da bandeira nacional, e só poderá ser içada a meio mastro em funerais ou sob ordem do chefe nacional.

Os *distintivos* eram de uso obrigatório, e carregavam os símbolos do movimento. A letra Sigma aparecia em maiúsculo, sobre o mapa do Brasil em azul. Para as mulheres o distintivo era um pouco diferente: era a bandeira nacional e integralista, cruzadas e enlaçadas, tendo no centro o Sigma preto sob uma esfera branca. Os plinianos usavam uma “bandeira-distintivo”.

O *uniforme* integralista era peça fundamental na padronização dos militantes⁴¹⁷. A camisa seria de cor verde inglês, a gravata de cor preta, gorro verde da cor da camisa, com distintivo idêntico ao do braço; calças pretas ou brancas; para as mulheres, saias brancas ou pretas. Cintos e sapatos de preferência pretos. Era proibido usar a camisa verde com suspensórios, e também usar a camisa “arregaçada”. Nos distritos e núcleos rurais era permitido usar calça caqui. Os tecidos para a fabricação do uniforme deveriam ser de procedência nacional. Os plinianos deveriam usar a mesma camisa, mas ao invés da gravata preta, um lenço branco, calça branca ou azul, e casquete integralista preto. A camisa verde para os que desempenhavam algum posto de comando era obrigatória sempre, já para os militantes, a obrigatoriedade era nas desfiles e solenidades oficiais, reuniões, mas a camisa verde deveria estar sempre pronta para ser usada, já que “Sendo ela um símbolo do seu idealismo, todo integralista deve sentir orgulho de envergá-la”⁴¹⁸.

⁴¹⁵ Ibid, capítulo III, artigo 12, p.78.

⁴¹⁶ Ibid, capítulo III, artigo 13, p.79.

⁴¹⁷ O uniforme foi criado em junho de 1934, pelo Ministério da Guerra.

⁴¹⁸ Ibid, capítulo IV, artigo 32, p.83.



Figura 1: Família integralista de Santos/SP ostentando seu uniforme. *Anauê!* n.11, setembro 1936,p.35.

Quando estivesse usando a camisa, o integralista era proibido de: ingerir bebidas alcoólicas em lugares públicos, dançar, exceto em festas integralistas, jogar ou assistir jogos de azar, freqüentar cassinos. Durante o período do carnaval seu uso era proibido. Quem desrespeitasse estas normas estaria cometendo um grave erro de consciência e disciplina. Se algum integralista fosse preso por prática de crime comum, deveria despir imediatamente a camisa, mas se fosse preso por perseguição política, deveria adentrar o cárcere com a camisa.

Outro acessório utilizado mereceu seus protocolos: As insígnias. Insígnias ou passadeiras eram utilizadas para designar os cargos ocupados pelos integralistas, e desta forma, a organização hierárquica. Não havia distinção entre homens e mulheres, que deveriam usar as passadeiras em solenidades oficiais; os plinianos, por sua vez, usavam insígnias especiais, assim como os esportistas.

A camisa verde, assim como os distintivos, e outros acessórios de vestimenta marcavam a distinção dos membros do movimento em relação aos cidadãos ditos “comuns”. Representava uma marca identitária, um orgulho, por isso não era permitido usá-la em situações que colocassem em dúvida a conduta do militante, pois todos deviam servir de exemplo a ser seguido, e com isso cooptar mais adeptos.

Além da bandeira e do uniforme oficiais, o movimento integralista tinha o seu *hino* oficial intitulado “Avante”⁴¹⁹. Segundo os protocolos da AIB, as organizações integralistas tais como as de cunho esportivo, as femininas, as plinianas, etc, poderiam criar canções, hinos, porém, as letras seriam avaliadas, não havia a possibilidade de não passar uma cópia ao chefe provincial porque tudo na organização integralista precisava

⁴¹⁹ Letra e música de Plínio Salgado.

ser controlada, padronizada, dentro do seu código de ética. Assim como a bandeira nacional estava acima da bandeira integralista, o hino nacional, considerado de louvor a Pátria, estava acima do hino integralista, justamente para legitimar o nacionalismo e o patriotismo defendidos pelos integralistas. Por isso era obrigatório para todos os militantes ter conhecimento das letras dos hinos nacional e integralista; as letras deveriam ser decoradas. No entanto, por não concordarem com a segunda parte do hino nacional, com o “deitado”, os integralistas cantavam apenas a primeira parte.

As *saudações* e sinais de respeito também foram normatizados. O *gesto* integralista, fundamental por garantir a identificação dos adeptos com o movimento, assim como símbolo de disciplina e hierarquia, foi minuciosamente descrito: “soerguimento brusco do braço direito, até a posição vertical; palma da mão voltada para frente, com os dedos unidos; braço esquerdo arriado naturalmente”⁴²⁰. O gesto deveria representar alegria, reverência, continência e principalmente uma prova de respeito. Era executado quando a pessoa estivesse em movimento ou parada, individual ou coletivamente, sempre de pé, exceto quando o militante estivesse enfermo, a cavalo, ou se estivesse em qualquer veículo.

A saudação “*Anauê*” acompanhava o gesto na maioria das situações. O significado de “*Anauê*” está nos protocolos e todo integralista tinha obrigação de saber:

É um vocábulo tupi que servia de saudação e de grito de guerra àqueles indígenas. É uma palavra afetiva que quer dizer: ‘você é meu parente’. Como o Integralismo é a Grande Família dos ‘Camisas-Verdes’ e um Movimento Nacionalista, de sentido heróico, *Anauê* foi a palavra consagrada em louvor ao Sigma (...). Serve ainda para exaltar, afirmar, consagrar e manifestar alegria⁴²¹.

A saudação em público só poderia ser pronunciada quando estivessem no lugar trinta pessoas e deveria ser provocada pela autoridade de maior graduação presente e nunca por um simples militante, demonstrando novamente o alto grau de hierarquia. A saudação deveria partir do subordinado ao seu superior. Quando os militantes estivessem diante do chefe nacional, o *Anauê* deveria ser pronunciado da seguinte maneira: “Companheiros!... Ao Chefe Nacional, três *anauês*”⁴²². Apenas ao chefe nacional os militantes iriam gritar três *anauês*, para as demais autoridades, dois ou um *anauê*. Se, em situações excepcionais, o chefe julgasse que algum militante merecesse três *anauês*, este deveria sentir-se honrado. Em solenidades, o chefe nacional deveria pronunciar quatro *anauês* em homenagem a Deus, demonstrando que acima do chefe

⁴²⁰ Ibid, capítulo VII, artigo 52, p.87.

⁴²¹ Ibid, artigo 54, p.88.

⁴²² Ibid, p.88.

nacional, só Deus.

A saudação integralista representava acima de tudo um sinal de respeito dirigido às autoridades, que também deveria ser feita diante da bandeira nacional e integralista, ao hino nacional e integralista, aos “Camisas-Verdes” em marcha, aos integralistas falecidos. A saudação fazia parte do cotidiano dos militantes: quando dois integralistas se encontrassem, deveriam saudar-se com um anauê.

Se o militante estivesse frente a frente com o chefe nacional, deveria proceder da seguinte maneira: “Quando, qualquer integralista, em público, divisar a pessoa do Chefe Nacional, deverá tomar, imediatamente, a posição de sentido e aguardar a passagem da Autoridade suprema; ao ser defrontado pelo Chefe, far-lhe-á a devida saudação”⁴²³. A posição de sentido, ainda utilizada nas organizações militares, simbolizava, entre os integralistas, respeito incondicional sendo sempre utilizada quando os militantes estivessem em um ritual, ou na presença de autoridades do Sigma.

O aperto de mão também foi normatizado. Era proibido o aperto de mão entre os integralistas se no recinto houvesse mais de três militantes; então se executava o gesto de saudação. Se ao passar pela rua, o militante avistasse a bandeira nacional, deveria fazer o gesto integralista. Durante os desfiles promovidos pelo movimento, os espectadores deveriam estar de braços erguidos; quando estivessem cantando o hino nacional e o integralista, ou junto à bandeira nacional e integralista o gesto deveria ser feito, porém sem pronunciar o “anauê”.

O significado de “Anauê” nos remete ao indianismo, sempre presente na trajetória de Plínio, tanto como intelectual modernista, como político. Desta forma compreendemos a escolhas do uniforme integralista, da saudação, do hino, bem como dos discursos proferidos durante as cerimônias e festas em que há uma ritualística de exaltação à Pátria e de suas riquezas. Percebemos que Plínio buscou criar uma comunidade de sentido, alicerçada no imaginário nacional, preconizado pela utilização de símbolos já aceitos como ícones da nossa nacionalidade, como o índio, as matas, as riquezas de uma terra em que “se plantando tu dá”.

Além de normatizar o comportamento do militante, os protocolos também regularam minuciosamente as sedes integralistas, na disposição de sua mobiliária, da propaganda do movimento, das imagens do chefe nacional e no número mínimo de participantes para abrir uma sede. Em nível de município deveriam ter no mínimo

⁴²³ Ibid, artigo 55, p.89.

cinquenta escritos, e em nível distrital, trinta membros inscritos.

Na entrada das sedes havia um cartaz dizendo:

Antes de transpores esta porta, consulta o teu coração: és capaz de renunciar prazeres, ambições, interesses, a própria vida, pela grandeza da Pátria? Se ele te dizer 'sim', então entra, e encontrarás aqui teus irmãos e tua glória!⁴²⁴.

O cartaz objetivava atingir os indivíduos que ainda não haviam se decidido a aderir definitivamente ao movimento, que apenas simpatizavam com os ideais integralistas. Utilizando um apelo claramente emotivo, o cartaz enfatizava que o indivíduo não deveria perguntar à razão, mas sim ao coração, aos seus sentimentos, se estava realmente preparado para adentrar àquela porta e seguir um padrão de conduta: de renúncia, de sacrifícios para que assim pudesse atingir a glória aderindo a um movimento que, motivado pelo sentimento de todos seus adeptos, iria salvar a Pátria.⁴²⁵

Outro cartaz que todas as sedes deveriam possuir transmitia a seguinte mensagem: “O Integralista é o soldado de Deus e da Pátria, Homem Novo do Brasil que vai construir uma grande nação”⁴²⁶. Neste cartaz colocado no interior da sede os integralistas buscavam demonstrar as transformações pela quais os indivíduos antes considerados “comuns” haviam passado: através da revolução interior, espiritual, haviam se transformado em “homens novos”, em soldados, prontos para acatar as ordens superiores, prontos para construir a grandeza da nação. Mas não era um simples soldado, porque lutava em nome de Deus e da Pátria.

Acreditamos que a utilização de cartazes nas sedes integralistas, tanto externos quanto internos, serviu como propaganda, mas também como lembrete, já que sempre que o militante ou o simpatizante da causa integralista visse os cartazes, mais forte seria a internalização dos ideais integrais: era uma das estratégias de materializar o discurso integral, abrangendo um grande número de pessoas. Também representou um grande apelo à ação comum, pois tanto Deus como a Pátria carregam forte carga simbólica por serem símbolos que geram apelo a esta ação, pois servem como motivação, possuindo uma grande potência unificadora, pois são reconhecidos como verdades, conseqüentemente geram normatividade, comportamentos.

As sedes também deveriam possuir um relógio de parede e sobre este deveria estar a seguinte frase: “*A Nossa hora chegará*”, lembrando que o tempo conspirava a favor dos integralistas e que estes iriam assumir o comando da nação. Também deveriam

⁴²⁴ Ibid, p.95.

⁴²⁵ Importante lembrarmos que os membros do movimento verde-amarelo já divulgavam a idéia de *sentir* a nação e não *pensar* a nação.

⁴²⁶ Ibid, capítulo VIII, artigo 86, p.95.

possuir uma biblioteca integralista com as principais obras doutrinárias. Além destas obras, era imprescindível ter o Manifesto de Outubro, os Estatutos da AIB, as Diretrizes Integralistas, além de outros regulamentos em nível de secretarias e o jornal “A Ofensiva”, e as revistas *Panorama* e *Anauê!*.

Outras exigências recaíam sobre as sedes integralistas. Na parte externa deveriam estar colocados dois mastros para as bandeiras nacional e integralista. Além disso, os dirigentes das sedes deveriam se esforçar para organizar uma galeria com fotos dos “mártires” integralistas mortos em combate, para lembrar aos demais que estes haviam sacrificado suas vidas pelo bem da nação. Seus exemplos deveriam permanecer sempre vivos no cotidiano de cada militante, pois se estes tivessem que renunciar a própria vida, seriam lembrados e glorificados na posteridade. Os nomes das sedes não poderiam ser de pessoas vivas, mas deveriam ser dos mártires do movimento, ou de heróis nacionais, de feitos históricos, de nações indígenas.

Era indispensável a todas as sedes ter em local visível a foto do chefe nacional, e junto com a imagem do chefe a imagem do Cristo crucificado, em lugar de honra. Desta forma, demonstravam quais eram os “guias” dos soldados do sigma: Cristo e Plínio Salgado.

As sessões integralistas também seguiam rígidos protocolos, mantendo como meta a hierarquia. O chefe nacional era sempre o último membro a compor a mesa de reuniões. Todas as sessões iniciavam com o hino integralista. O membro que fosse proferir um discurso deveria estar de pé, e não poderia ler seu discurso; ler o discurso era somente privilégio do chefe nacional. No final da reunião, o chefe pronunciava o seguinte diálogo:

- Brasileiros! De quem é o Brasil?
- Nosso!
- Integralistas!
- Pronto!
- Quem poderá deter a marcha do exército verde?
- Ninguém!
- Camisas Verdes!
- Pronto!
- Pelo Brasil, Futura Potência entre as Potências, que nós construiremos com a energia do nosso espírito, com a força de nosso coração e com a audácia do nosso braço, três anauês!
- Anauê! Anauê! Anauê!⁴²⁷

As concentrações integralistas também eram regidas pelos protocolos. Todo militante convocado não poderia deixar de comparecer às “concentrações de Camisas-Verdes”. Quem faltasse estava cometendo erro grave e poderia ser punido: “O

⁴²⁷ Idem, capítulo IX, artigo 128, p.105-106.

Integralista que faltar a uma concentração geral sem motivo de enfermidade ou de alta relevância, plenamente justificados, cometerá falta grave que deverá ser lançada em sua ficha”⁴²⁸. Podemos perceber com esta afirmativa que o militante não estava livre para comparecer ou não aos eventos promovidos pelas autoridades do movimento. O militante tinha a sua participação como obrigatória se não quisesse ser punido, demonstrando assim que ao aderir ao movimento integralista o militante estava aderindo também a um severo regimento de normas de condutas.



Figura 2: concentração integralista em Ponta Grossa/PR em 1935. Revista *Anauê!*, n.2, maio de 1935, p.33.

A vida privada e pública do militante era gerida pelo movimento tanto que os protocolos também contemplaram ritos especiais como: batizados, casamentos, funerais. Do início ao final da vida, o movimento estava presente no cotidiano da família do militante.

3.2 Ritos e cerimônias especiais

Na ótica foucaultiana, o ritual apresenta-se como um definidor de papéis dentro do discurso, pois qualifica os indivíduos que falam, define posições e formula enunciados. Além disso, o ritual define:

Gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários (...) políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.⁴²⁹

⁴²⁸ Ibid, artigo 134, p.107.

⁴²⁹ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996, p.39.

Em busca de materializar seu discurso, e uniformizar/normatizar comportamentos, Plínio Salgado criou protocolos especiais para determinados ritos, principalmente àqueles que mais se aproximaram dos ritos cristãos como: batizado, casamento, funerais, acentuando seu caráter hierárquico, seu ordenamento disciplinado como nas procissões, onde os fiéis⁴³⁰:

Perambulam lentamente e cantam, entoam hinos e sentem sua própria felicidade. Todos agem de forma semelhante; não se pode deixar de perceber uma certa uniformidade em seus destinos (...) Eles são muitos, estão juntos e muito próximos(...) Certamente esta é a forma de massa mais mansa e menos danosa que se possa imaginar...⁴³¹

Além da padronização, os ritos geram um sentimento de pertencimento nos indivíduos que se sentem pertencendo a uma comunidade, criam relações de sociabilidade. Os símbolos e ritos exercem força afetiva, pois fazem apelo à memória coletiva, a tradições ritualísticas “que conferem o selo de autoridade divina ou científica a esquemas sociais dados, à circulação de verdades aceitas como tal”⁴³².

Os rituais como o batismo, o casamento e o funeral foram readaptados, ligando-se aos ideais integralistas. O ritual do batismo poderia ser solicitado por todos os integralistas e funcionava da seguinte maneira: Os presentes à solenidade deveriam estar devidamente uniformizados. Os Plinianos, do núcleo ao qual pertencem os pais da criança, deveriam estar devidamente uniformizados ao lado da pia batismal. O passo seguinte é receber o sacramento pelo sacerdote: “No momento que a criança receber a benção do sacerdote, todos os Plinianos e integralistas presentes erguerão o braço, em silêncio”⁴³³.

No final do ato religioso, a criança era envolta na Bandeira Integralista e apresentada às pessoas fora do templo onde ocorria a benção dizendo: “Companheiros!... F... (nome da criança), recebeu o primeiro sacramento da Fé Cristã. Ao futuro Pliniano, o primeiro Anauê!”⁴³⁴. Depois de dizer estas palavras, todos os presentes ergueriam os braços e formariam uma ala, onde todos passariam ao sair do templo.

No que diz respeito ao casamento, tanto o civil quanto o religioso foram atrelados às tradições e aos ideais integralistas de servir à Pátria e ao movimento. No ato civil, a noiva deveria apresentar-se com a blusa verde do uniforme integralista. No ato

⁴³⁰ No caso dos integralistas, seus desfiles, suas cerimônias de batizado, casamento, seus funerais.

⁴³¹ CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed UNB, 1983, p.172.

⁴³² SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: SWAIN, Tânia Navarro (org). **História no plural**. Brasília: editora UNB, 1994., p.48.

⁴³³ Ibid, artigo 155, alínea IV, p.113.

⁴³⁴ Ibid, artigo 155, alínea V, p.113.

religioso, a noiva deveria estar vestida conforme as tradições, portando seu vestido de noiva, de véu e grinalda. O noivo no ato civil deveria vestir sua camisa verde. Se o ato fosse realizado durante o dia, deveria usar sua calça branca; se de noite, calça preta. No ato religioso o noivo deveria estar uniformizado: camisa verde e calça preta. O ato civil poderia ser realizado na sede do núcleo integralista que os noivos pertenciam. O ato religioso deveria ser realizado na Igreja ou Templo.

Os convidados deveriam estar devidamente uniformizados, tanto no ato civil como no religioso. Após o final do ato civil era proferido o seguinte discurso:

- Integralistas! Nossos companheiros F. e F. acabam de se unir perante a Bandeira da Pátria, assumindo em face da Nação Brasileira as responsabilidades que tornam o matrimônio, não um ato egoístico de interesse de cada um, mas um ato público de interesse da Posteridade, da qual se tornam perpétuos servidores. Pela felicidade do novo casal, erguemos a saudação ritual em nome do Chefe Nacional. Aos nossos companheiros F. e F. , três anauês!⁴³⁵

Durante o ato civil, as Bandeiras Nacional e Integralista deviam estar presentes e em destaque.

Na cerimônia religiosa, a organização foi minuciosamente protocolada e ficava assim disposta:

Os Integralistas formarão ala em toda a nave, até ao altar-mor, ficando as 'Blusas-Verdes' à direita e os 'Camisas-Verdes' à esquerda de quem entra. Os Plinianos e Plinianas serão colocados no lugar mais conveniente, podendo empunhar galhardetes com as cores nacionais e do Sigma. Os membros da família e as autoridades de maior graduação deverão colocar-se na capela-mor, onde poderão também ficar pessoas gradas não integralistas.⁴³⁶

Mesmo se o chefe nacional não estivesse presente na solenidade, ele era sempre lembrado, como se lá estivesse. A maior autoridade presente dizia: "O Chefe Nacional considera-se presente a esta cerimônia e deseja todas as felicidades ao novo casal"⁴³⁷.

⁴³⁵ Ibid, artigo 156, p.114.

⁴³⁶ Ibid, p.115.

⁴³⁷ Ibid, p.115.



Figura 3: Casamento Integralista. Revista *Anauê!* n.14, abril de 1937, p.60

Todo integralista que falecesse recebia honras fúnebres. Um guarda devidamente uniformizado velaria a câmara do integralista morto. O caixão era coberto com uma bandeira integralista, levando uma bandeira nacional, dependendo da situação oficial do morto. Os integralistas acompanhavam o enterro devidamente uniformizados, e no cemitério deviam proceder a “chamada do morto”, permanecendo todos alinhados e em silêncio junto à sepultura. A autoridade de maior graduação diria:

Vai baixar à sepultura o corpo do nosso companheiro F... (nome do falecido), transferido para as Milícias do Além. Fará um pequeno panegírico do morto, findo o que dirá: - Vou fazer a sua chamada; antes, porém, peço um minuto de concentração em homenagem ao companheiro falecido (...) esgotado o minuto de silêncio o presidente fará a chamada do morto: Companheiro F... Todos os integralistas responderão: - ‘Presente!’ – No Integralismo ninguém morre! Quem entrou neste Movimento imortalizou-se no coração do ‘Camisas-Verdes’!...Ao companheiro F... (falecido) três Anauês!⁴³⁸

Os rituais atrelados à tradição cristã serviram para que o movimento integralista ficasse ainda mais presente na vida de seus militantes, formando novos membros, novas famílias integralistas, já que esta ritualística cristã marca até hoje a trajetória de vida da maioria dos indivíduos, assim como sua memória. O batismo já garantia mais um futuro membro, o casamento comprometia o casal à causa integralista e o ritual fúnebre transferia o morto para as “Milícias do Além”, reforçando que nenhum integralista morria, pois era imortalizado nos corações dos demais e sempre utilizado como exemplo de sacrifício e renúncia como apontamos anteriormente.

⁴³⁸ Ibid, artigo 157, p.116. O sinal de luto entre os integralistas era uma fita crepe preta cobrindo o símbolo do sigma no braço.

Havia outras cerimônias especiais que também representavam ritos de passagem para os integralistas como o momento de serem aceitos como militantes, quando fossem prestar o juramento, ou quando fossem excluídos do movimento.

Para que novos integralistas fossem aceitos deveriam ser apresentados por um militante integralista de conduta reconhecida no movimento, que estivesse em ordem com seus papéis, quite com o pagamento e que não estivesse cumprindo penalidade. Depois disso, o novo integralista deverá responder a questão: “Já pensou maduramente na responsabilidade que irá assumir?”⁴³⁹. Se a resposta fosse afirmativa, o integralista deveria esperar noventa dias para fazer o juramento, outra etapa importante para o seu ingresso definitivo no movimento. Este tempo de espera era feito para homenagear o chefe nacional que teve que esperar até outubro de 1932 para tornar público o movimento.

O *Juramento* deveria ser proferido em frente à foto do chefe nacional, na presença de no mínimo dez integralistas. O novo membro deveria jurar erguendo seu braço direito e pronunciando as seguintes palavras: “Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do chefe nacional e dos meus superiores”⁴⁴⁰. Apenas os militares estavam dispensados de proferir o juramento porque “O Chefe nacional entende que a nacionalidade estaria falida no dia em que um militar precisasse repetir um juramento que já fez de servir à Pátria. O Integralismo é considerado pelo Chefe como a única doutrina salvadora da nação”⁴⁴¹. Novamente podemos observar o predomínio dos símbolos de consagração: Deus e a Pátria, a ao seu lado, o chefe nacional.

Já os plinianos ao ingressarem na Juventude Integralista iriam professar o seguinte juramento:

Prometo ser um soldadinho de Deus, da Pátria e da Família; prometo ser obediente a meus pais, a meus mestres e a meus chefes; prometo ser amigo de meus irmãos, colegas e companheiros, prestando-lhes serviços, defendendo-os e amando-os; prometo ser aplicado nos estudos para tornar-me útil a Deus, à Pátria e à Família; prometo cumprir o regulamento dos Plinianos.⁴⁴²

Desde cedo os princípios de ordem, obediência, disciplina eram inculcados nos jovens plinianos, expresso em seu juramento. O jovem militante já tinha como princípio de vida ser útil à causa integralista: Deus, Pátria e Família e o dever de seguir sem

⁴³⁹ Ibid, capítulo X, artigo 145, p.109.

⁴⁴⁰ Ibid, artigo 146, p.110.

⁴⁴¹ Ibid, artigo 147, p.111.

⁴⁴² Ibid, artigo 148, p.111.

discutir o regulamento.

Outro compromisso na vida do militante integralista era prestar juramento à Bandeira Nacional, proferido em tons de ufanismo patriótico em solenidades; obrigatório a todos os integralistas:

- Bandeira da minha Pátria:
Prometo servir ao Brasil –na hora da alegria e na hora do sofrimento, - no dia da glória – e no dia do sacrifício. – Prometo respeitar – a liberdade, - a justiça – e a lei. – Prometo defender - na sua pureza – o legado moral e na sua integridade, - o patrimônio territorial - que recebi de meus antepassados. – Salve Bandeira do Brasil!”⁴⁴³

No ritual de exclusão, os protocolos são bem definidos: toda exclusão que fosse a pedido seria considerada uma expulsão, já que o militante que pedisse para sair do movimento “falta ao compromisso de um juramento por Deus e pela honra”⁴⁴⁴. Esta forma de expulsão equivalia a uma traição, um ato covarde. Somente o chefe nacional tinha poderes de expulsar algum membro do movimento.

Quando fosse decretada a expulsão do integralista, a autoridade máxima da sede irá dizer as seguintes palavras: “ – Integralistas!... Nosso companheiro F..... é morto; ele faltou a sua fé, e à sua palavra de honra” e os presentes responderão: “Seja esquecido!”⁴⁴⁵. Em seguida era queimada a ficha do integralista na presença de todos.

Os integralistas que falecessem não eram considerados excluídos do movimento, já que iriam ser transferidos para as “*Milícias do Além*”. Podemos constatar que o militante que pedisse para sair do movimento era considerado morto, já que profanou seu juramento a Deus, um ato de extrema covardia e desonra, por isso acreditamos que esta estratégia fora utilizada para que nenhum militante tivesse a coragem de pedir para sair do movimento, já que estaria indo contra o próprio Deus. Porém, o integralista que falecesse continuava sendo considerado um membro do movimento. Desta forma o movimento conseguia manter os familiares do falecido atrelado à causa integralista, não perdendo a adesão destes possíveis eleitores.

No movimento integralista também havia feriados e dias festivos oficiais, que serviram para criar uma maior identificação do militante à memória histórica do movimento, mas também para reforçar o grau de hierarquia e de uniformidade. Foram decretados os seguintes feriados integralistas: dia 7 de outubro, marcado pela primeira tiragem do Manifesto Integralista (1932); o dia 23 de abril, marcado pelo primeiro desfile integralista (ocorrido em 1933, pelas ruas de São Paulo).

⁴⁴³ Ibid, artigo 149, p.111.

⁴⁴⁴ Ibid, artigo 150, p.112.

⁴⁴⁵ Ibid, artigo 154, p.112.

Já o dia 28 de fevereiro era de festa (comemorativo ao I Congresso Integralista Brasileiro de Vitória, em 1934) Neste dia, em todos os núcleos integralistas deveriam se realizar inaugurações, torneios esportivos, e “práticas de atos nobres de caridade cristã”⁴⁴⁶. Também ocorria na noite deste dia festivo a “*Vigília da Nação*”: A autoridade máxima presente deveria, às 21 horas, convidar todos os presentes a ficar em silêncio por um minuto, para concentrar o pensamento em Deus e na Pátria, pedindo “... a Deus que inspire o Chefe, proteja os Integralistas, abençoe a bandeira azul e branca do Sigma e conduza os ‘Camisas-Verdes’ ao triunfo”⁴⁴⁷. Findo um minuto, a autoridade dizia: “O Integralismo está vivo em todo o território da Nação Brasileira. A Pátria despertou. Pelo Brasil grande e forte, ergamos três anauês!”⁴⁴⁸. A cerimônia da vigília da nação acabaria com um juramento ao chefe nacional, reforçando mais uma vez entre os militantes a importância da figura do chefe nacional e também o primado da hierarquia.

Um dos mais importantes cerimoniais foi intitulado “*Noite dos Tambores Silenciosos*”, para lembrar a extinção das milícias integralistas. Ocorria no dia 7 de outubro, em todos os núcleos, obedecendo ao seguinte ritual: às 21 horas a autoridade máxima do núcleo abria a sessão, porém, a presidência seria ocupada pelo integralista mais pobre, mais humilde, que representava o chefe nacional. Cantava-se o hino integralista e após realizava-se a chamada dos “mártires” do Integralismo, respondendo todos: “presente”. Todos deviam renovar seu juramento. Depois era lido o Manifesto de Outubro. Quando fosse exatamente meia noite, a autoridade dizia: “É meia noite. – Em todas as cidades da imensa Pátria, nos navios, em alto mar, nos lares, nos quartéis, nas fazendas e estâncias, nas choupanas do sertão (...) os Integralistas do Brasil irão se concentrar por três minutos em profundo silêncio”⁴⁴⁹. Em quanto isso os tambores rufavam.

Mentalmente os integralistas deveriam fazer a seguinte oração: “Oração dos Tambores”:

Senhor, escutai a prece dos três mil tambores que estão rufando neste instante em todo mapa da Pátria.

Ajudai-nos a construir a Grande Nação Cristã; inspirai-nos nas horas da dúvida e da confusão; fortalecei-nos nas horas do sofrimento, da calúnia e da injustiça; esclarecei nossos inimigos para que eles compreendam quanto desejamos a sua própria felicidade; defendei nosso Chefe e nossa Bandeira e levai-nos ao triunfo, pelo Bem do Brasil.⁴⁵⁰

⁴⁴⁶ Ibid, capítulo XI, artigo 163, p.117.

⁴⁴⁷ Ibid, artigo 166, p. 118.

⁴⁴⁸ Ibid, p.118.

⁴⁴⁹ Ibid, artigo 167, p.118-119.

⁴⁵⁰ Ibid, p.119.

Decorrido os três minutos, os tambores cessavam e o presidente da sessão dizia:

Esta cerimônia acaba de ser realizada em todas as cidades e povoados de todas as Províncias do Brasil. O Chefe está falando neste momento na capital do país. A sua voz exprime o Pensamento e o Sentimento de um milhão de Camisas Verdes vigilantes que montam guarda às tradições da Pátria e cujos corações batem, como um milhão de tambores que nenhuma força poderá fazer calar, porque eles pertencem a Deus e anseiam pela grandeza da posteridade nacional!⁴⁵¹

Após o pronunciamento da autoridade era lida a poesia “A Noite dos Tambores Silenciosos”. A poesia descreve todo o ritual descrito acima, de forma a rememorar a história do Brasil, os grandes feitos bandeirantes, a raça tupi, a grandeza da Pátria, de forma ufanista. O passado da nação estava presente no cerimonial. Naquele momento a “alma da Pátria” estava presente em todos os militantes. Terminando a leitura da poesia, cantava-se o hino nacional.

No encerramento o presidente podia pedir três anauês ao Brasil e quatro a Deus, mas era a única vez ao ano, já que somente o chefe poderia encerrar uma solenidade desta forma.

Novamente podemos observa nos rituais integralistas à utilização de técnicas já consagradas na tradição cristã, que já constituíram uma comunidade de sentido, como a introspecção na hora de fazer uma oração, o silêncio para fazer pedidos a Deus, a alegação de que a nação grandiosa que esperavam construir era cristã.

Neste ritual, os “tambores silenciosos” representavam os corações integralistas que batiam em prol da defesa da Pátria e de suas tradições.

No dia 23 de abril outro ritual é protocolado: as “*Matinas de Abril*”, comemorado pela Secretaria Nacional de Educação. Ocorria da seguinte forma: Meia hora antes do nascer do sol os Camisas Verdes deveriam colocar-se de frente para o sol. A autoridade do núcleo dirige a cerimônia pedindo aos integralistas que para saudar o Brasil erguendo o braço. Três fortes anauês são proferidos. Cantam o hino integralista e permanecem por dois minutos com os braços erguidos e em silêncio. Findo os dois minutos todos ficavam em posição de sentido enquanto a autoridade falava:

‘Camisas-Verdes!’Este sol iluminou quatro séculos da História Brasileira; iluminou a primeira marcha dos integralistas e iluminará a vitória do Sigma! Assim como esperamos, hoje, esta alvorada, aguardamos confiantes o Dia do Triunfo! Pelo Brasil! Pelo Estado Integral! Três anauês!⁴⁵²

Após a resposta dos anauês, um clarim ou uma banda de clarins executava uma alvorada, cantavam o hino nacional e após faziam o juramento ao chefe nacional.

⁴⁵¹ Ibid, p.119.

⁴⁵² Ibid, p.124.

Havia procedimentos padrões a executar: Em todas as cerimônias, os núcleos deveriam mandar telegrama ao chefe nacional para comunicar o número de presentes, também em todas as festas integralistas ou festas cívicas nacionais, as bandeiras do sigma e a nacional deveriam ser hasteadas nas sedes.

Os integralistas tinham o dever de cultuar todas as datas cívicas nacionais para “homenagear a memória dos grandes vultos da Pátria”⁴⁵³. Porém, deveriam estar previamente autorizados a comparecer, e também iam uniformizados, como nos rituais integralistas.

As viagens, embarque, desembarque, recepção do chefe nacional seguiam um ritual⁴⁵⁴. Por onde passasse o chefe nacional sempre era considerado “visita”, por isso todas as suas despesas deveriam ser custeadas pelo núcleo que o convidou. As recepções ao chefe deviam ser festivas, exceto quando a visita fosse de inspeção. Quando o chefe partia, todos os integralistas do local deviam estar presentes, cantando o hino “Avante”. Ocorria também o seguinte pronunciamento: “Integralistas! Pelo Brasil!... Pelo Estado Integral!...Em fidelidade ao Chefe Nacional, diante da vida e diante da morte! Três anauês!”⁴⁵⁵.

Se o chefe nacional tivesse que parar em algum ponto do percurso, a autoridade local deveria recepcioná-lo mediante um ritual onde todos cantavam o hino “Avante” e gritavam três anauês, mas havia também um número mínimo de integralistas para que o ritual de recepção acontecesse: trinta integralistas.

Se o chefe nacional permanecesse em uma cidade, está era declarada: “capital do Integralismo, porque está presente o Chefe Nacional”⁴⁵⁶. A bandeira integralista era hasteada na sede em questão.

Todos os meios de transportes utilizados exclusivamente para transportar integralistas levavam junto ao nome o adjetivo “verde”: “Navio Verde”, “Lancha, Verde”, “Trem Verde”. Havia condutas a serem cumpridas para utilizar o “Trem Verde”: Este deveria sempre que possível desfraldar a bandeira do movimento. Ninguém poderia ser transportado sem estar devidamente uniformizado. Durante as viagens os integralistas deviam cantar hinos integralistas e patrióticos e no momento que o trem chegasse na fronteira de alguma província eram ditos dois anauês e três ao

⁴⁵³ Ibid, artigo 171, p.125.

⁴⁵⁴ O chefe nacional só aceitava visitar uma cidade se lá fossem concentradas no mínimo 1.000 pessoas. Nas capitais a concentração deveria ser maior: 5.000 pessoas no mínimo

⁴⁵⁵ Ibid, capítulo XIV, artigo 189, p129.

⁴⁵⁶ Ibid, artigo 194, p.131.

chefe nacional.

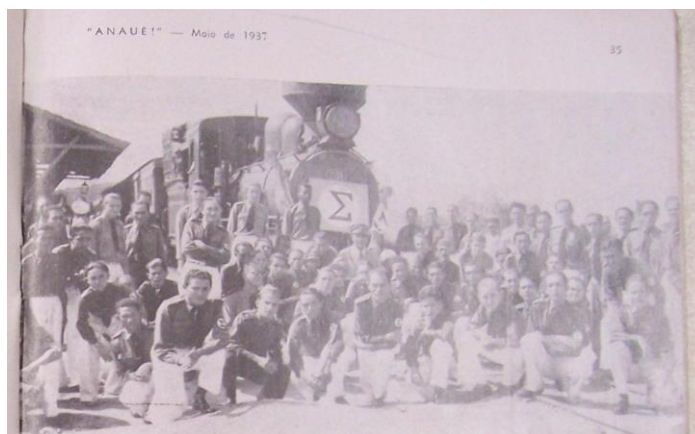


Figura 4: “Trem Verde”. Revista *Anauê!* n.15, maio de 1937, p.35.

Já o capítulo XVIII dos protocolos e rituais foi dedicado as “*Regras de Conduta*” a serem seguidas pelos integralistas, pois os integralistas eram brasileiros diferenciados dos demais. Segundo os protocolos o integralista representava:

Um homem devotado a Deus, à Pátria e a Família. Tem uma grande missão histórica a cumprir. Sua vida deve servir de paradigma.

O Integralista deve ser franco, esforçado, pontual, corajoso e despido de vaidade. Deve praticar todas as virtudes que dignificam o homem e abster-se de tudo que o possa comprometer perante a sociedade (...). Deve ainda o Integralista evitar qualquer ostentação de luxo ou de opulência, ou a exibição dos costumes paganizados tão comuns na sociedade burguesa.⁴⁵⁷

Os vícios de qualquer espécie não eram permitidos: jogos, bebidas, faltar com o dever de esposo e pai, participar de “rodinhas de politiqueiros”, ou da desordem.

Dando seqüência, o capítulo XIX foi dedicado à “Consciência do Dever”. O capítulo enfatiza que a força do Integralismo estava justamente na “Consciência do Dever” do Camisa- Verde. Mas está consciência deveria partir do próprio militante: “Essa consciência, cuja noção nos obriga, por vezes, aos maiores sacrifícios, é imposta pelos Integralistas a si próprios. O ‘Camisa-Verde’ deve ter alta noção da própria dignidade”⁴⁵⁸. Esta regra imposta as militantes de dever estar consciente de sua participação no movimento já era considerada condição primordial para que a revolução integralista se efetivasse e é reforçada novamente nos protocolos, como na rede de impressos integralistas.

A autoridade integralista tinha como primeiro dever impor-se ao respeito de seus subordinados, devendo tratá-los com brandura, mas advertindo-os quando necessário. Qualquer ordem superior deveria ser acatada sem contestações:

“A honra Integralista impõe que *todos obedçam sem discutir* ou

⁴⁵⁷ Ibid, capítulo XVIII, artigo 225, p.137.

⁴⁵⁸ Ibid, capítulo XIX, artigo 229, p.138.

comentar ordens superiores. A anarquia provocada pela discussão ou comentário de uma ordem é muito mais danosa que todas as conseqüências más ou injustas que ela possa produzir”.⁴⁵⁹

Neste trecho fica claro o princípio de obediência e disciplina total, mas podemos observá-lo em todos os rituais integralistas, caracterizados pela uniformidade e a busca por normatizar a vida de seus adeptos.

Outro dever de suma importância a todo integralista era repelir qualquer ação dos inimigos da nação ficando sempre vigilante, “dia e noite, hora a hora, minuto a minuto”.

O título de eleitor era considerado a “arma” de todo integralista, por isso era obrigação possuí-lo. O membro que não o possuísse sofria a pena de expulsão do movimento. Além disso, todos os integralistas tinham o dever de alistar toda sua família.

Os rituais e símbolos integralistas constituíram-se num meio eficaz de definir gestos, comportamentos, já que produziram regras de condutas, de respeito e de obediência, legitimando a hierarquia e o autocontrole (definidos papéis) e servindo para criar uma comunidade de sentido, além de constituírem-se em uma forma de materializar e legitimar seu discurso.

A normatização de gestos, vestimentas, acessórios e principalmente de comportamentos serão amplamente difundidos também pela imprensa partidária do movimento que assumiu o papel de reforçar a conduta de todos os integralistas, como também de ampliar o âmbito de ação do movimento utilizando-se de um recurso de legitimação: a sacralização da figura do chefe nacional e do próprio movimento. Em torno de personagens símbolos como o homem providencial, o Chefe, o Guia, o Salvador, exprime-se, como alerta Girardet, “uma visão coerente e completa do destino coletivo. Em torno deles cristalizam-se poderosos impulsos de emoção, de espera, de esperança e de adesão”⁴⁶⁰.

3.3. A sacralização da Imagem de Plínio Salgado e da Ação Integralista Brasileira nas páginas das revistas *Anauê!* e *Panorama*.

Como apontamos no capítulo dois, Plínio demonstrava ter consciência do poder cristalizado em torno da imagem de um “alguém”, de uma elite dirigente que pudesse

⁴⁵⁹ Ibid, artigo 237, p.140. Grifos nossos.

⁴⁶⁰ GIRARDET. Op.cit., p.70.

seduzir as multidões que pediam algo “novo” a reger suas vidas. Por isso criou vários dispositivos discursivos difundidos na imprensa partidária do movimento que objetivavam construir perante as multidões a imagem de um chefe nacional que assumiu a missão de guia, de salvador, de homem “predestinado” a “ressuscitar” o Brasil.

Sabemos que a religião influencia nossas vidas em vários âmbitos, exercendo poder sobre nossa maneira de estar no mundo, em nossas práticas cotidianas. Interessante é podermos pensar que a religião forma opiniões, exercendo uma influência muitas vezes silenciosa, camuflada, principalmente quando formos falar em legitimar ações e consagrar personalidades.

O racionalismo não resolveu totalmente os problemas da humanidade e por isso muitos ainda acreditam que o invisível possa dar conforto e que o irracional, muitas vezes, pode fornecer as explicações que a razão não conseguiu alcançar, necessária para podermos sobreviver em sociedade; por isso muitos continuam acreditando em milagres, profetas predestinados, “guerra santa”, sacrifícios, mártires para poder chegar ao tão idealizado paraíso. O papel legitimador exercido pela religião sobre a política é claro.

Importante destacarmos que a religião exerce múltiplas funções na sociedade, que na análise de Pierre Bourdieu é ideológica, pois legitima o arbitrário, possui efeito de consagração. Em outros termos:

...a religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social (efeito de consagração como sacralização pela ‘naturalização’ e pela eternização)⁴⁶¹.

Por isso o discurso religioso foi e ainda é amplamente utilizado para legitimar o discurso político, pois instaura a ordem sob o signo do “natural” e do “verdadeiro”, transformando-se em uma espécie de “escudo” protetor, como forma de assegurar o poder.

Outra forma de legitimar o discurso político é a utilização do mito em torno de um homem providencial. O mito exerce, segundo Girardet, uma função explicativa do real, mas também exerce a função de vetor mobilizante. Os mitos políticos são partes constitutivas dos imaginários sociais e auxiliam na mobilização de grandes contingentes de indivíduos, agregando um alto poder de atração. O mito em torno de um homem

⁴⁶¹BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 1987, p.46.

providencial acaba por oferecer aos indivíduos uma identidade coletiva, canalizando suas angústias e esperanças⁴⁶², torna-se o executante da vontade coletiva. Os mitos podem adquirir várias reinterpretações, assumindo várias faces em diversos contextos históricos.

Os períodos de desequilíbrios, como analisamos anteriormente, fazem surgir líderes contra-revolucionários que se utilizam das incertezas e dos medos para legitimar a intervenção de um “chefe/líder salvador”:

No estado de vacuidade afetiva e moral que acompanha de fato toda crise de legitimidade política, o recurso ao Salvador parece depender, bem autenticamente, desse tipo de mecanismo psíquico que (...) conduz a esse apelo (...) a um novo mestre, a um novo tutor, a um novo guia.⁴⁶³

Os meios de comunicação em massa tornaram-se instrumentos eficazes para promover a legitimação política, pois auxiliam na construção da imagem do homem providencial que serve como uma espécie de guia que deve ser seguido nestes momentos de crise:

Nas sociedades contemporâneas, os meios de comunicação de massa passaram a dispor de aparatos técnicos e científicos altamente sofisticados; eles permitem a fabricação e a manipulação dos imaginários coletivos que constituem uma das forças reguladoras da vida social e peça importante no exercício do poder (...) os meios de comunicação fabricam necessidades, abrindo possibilidades inéditas à propaganda que se encarrega, ela mesma, de satisfazê-la.⁴⁶⁴

Ao estudarmos a cultura política vigente nos anos 30 deparamo-nos com um fenômeno: a propaganda política. A AIB inserida neste contexto, passou a usufruir das novas tecnologias de comunicação para divulgação e arregimentação de militantes. San Tiago Dantas nos fornece o conceito de imprensa pela ótica integralista: “Ela aparece em face da doutrina e das aspirações políticas do Movimento, como uma verdadeira função pública, uma atividade de governo, exercida por homens que se devem manter continuamente à altura da colaboração que lhes pede o Estado”⁴⁶⁵. Seguido este pressuposto Plínio e demais dirigentes integralistas preocuparam-se em criar uma rede de impressos em 1935 (jornais, revistas, panfletos, livros) que pudesse atingir um público de leitores cada vez mais amplo. Um exemplo desse esforço fica expresso no editorial da revista *Anauê!*⁴⁶⁶:

... Se faça ouvir entre pobres e ricos, brancos e pretos, pequenos e grandes,

⁴⁶² BAZCKO. Op.cit., p.314.

⁴⁶³ Idem, ibid, p.90.

⁴⁶⁴ BACZKO apud CAPELATO. Op cit, p.36.

⁴⁶⁵ O Integralismo e a Imprensa. In: *Enciclopédia do Integralismo*, V.IX, 1958, p.191.

⁴⁶⁶ A Revista *Anauê!* teve duração de três anos: de 1935 a 1937.

velhos e moços o verbo empolgante de PLÍNIO SALGADO e seus mais ilustres discípulos – surgiu ‘Anauê!’(...) É nossa intenção melhorar sempre a revista. Fazer dela o ‘arquivo do integralismo’(...). Que satisfaça a aspiração de todos os companheiros e seja sempre interprete fiel do Pensamento do Chefe Nacional.⁴⁶⁷

A revista objetivava levar ao conhecimento de todos o “mais glorioso movimento do século”, para que pudesse ser ainda mais difundida “a doutrina bendita do Sigma” através de uma linguagem acessível a todos. A revista *Anauê* era a “netinha” do chefe nacional: “Ai está a ‘netinha’ do Chefe: pequenina, humilde, mas com vontade de crescer e de levar avante o importantíssimo programa que lhe foi traçado...”⁴⁶⁸.

A revista *Anauê!* diferia da revista *Panorama*, lançada em 1936. Enquanto a revista *Anauê!* era descrita como sendo a revista ilustrada da AIB, representada como o arquivo do Integralismo, dirigida a todos independentemente da condição social, a revista *Panorama*, representava a “revista cultural” do movimento, de pesquisa acerca dos problemas nacionais, dirigida à elite intelectual, feita pela e para esta elite, objetivando ser um “laboratório de idéias e ao mesmo tempo uma escola de futuros estadistas da Nação Integral”⁴⁶⁹. O depoimento de Tasso da Silveira, reconhecido como grande intelectual, deixa explícito as pretensões da revista: “Não se destina apenas a fazer a propaganda política do Integralismo (...)É um repositório de estudos sobre a nossa realidade: sobre a soberba realidade que Deus nos pos nas mãos para que a conduzíssemos a glorioso Destino”⁴⁷⁰.

Ao optar por divulgar sua doutrina nas revistas partidárias, o movimento integralista buscou seguir um modelo de impresso que já fazia sucesso no século XIX e desenvolvia-se cada vez mais, pela sua forma gráfica, por ter custo menos elevado que o livro e por poder atingir um público leitor e também não-leitor. As revistas conseguem condensar em uma única publicação um grande número de informações, em textos verbais e visuais. Ana Luiza Martins esclarece-nos acerca da importância que foi adquirindo as revistas ao longo do século XIX, que refletem sua ampliação contínua no século XX:

⁴⁶⁷ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I, n.2, maio de 1935, p.2. Neste edital do segundo número da revista, foi divulgado que a revista havia sido recebida com simpatia “em todas as províncias da Pátria”, esgotando-se o primeiro número, cuja tiragem fora de “10 mil exemplares”.

⁴⁶⁸ *Anauê!* Rio de Janeiro, ano I, n.1, janeiro de 1935, p.1.

⁴⁶⁹ *Panorama*. São Paulo, ano I, n.1, janeiro de 1936, p.2. A revista *Panorama* era dirigida por Miguel Reale com sub-direção de Rui Arruda. Assim como a revista *Anauê!*, a *Panorama* era mensal.

⁴⁷⁰ *Panorama*. São Paulo, ano II, n.13., 1937, p.4. O recurso à depoimentos de intelectuais renomados como Oliveira Vianna, Tasso da Silveira entre outros, garante respeito e legitimidade às publicações na revista.

Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguiu-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos.⁴⁷¹

Na revista *Anauê!* a difusão de imagens era uma constante. A propaganda da revista era feita justamente enfocando as imagens: “... todos os meses excelente reportagem fotográfica do Movimento do Sigma em todo o Brasil”⁴⁷², principalmente para representar a propagação do movimento pelo país, seu constante crescimento, além de retratar os militantes em seus afazeres esportivos, assistenciais, em marchas, nos núcleos, enfim, o cotidiano destes/destas militantes. As imagens, em sua grande maioria fotografias, potencializavam as informações vinculadas na revista, levando-as até o militante alfabetizado e analfabeto.

Por sua vez, a revista *Panorama* não vinculava em suas páginas uma avalanche de imagens, pelo contrário, eram textos repletos de erudição, como temas como: “As Bases Filosóficas do Pensamento de Einstein”, ou “O Indígena e o Negro na Formação Brasileira”, “A Eletrificação da Central do Brasil”, “Capital e Trabalho”, entre inúmeros outros temas que pudessem interessar o seu público leitor intelectualizado que não necessitava ser seduzido necessariamente pelo poder das imagens; em alguns números encontramos desenhos em forma de charges. Enquanto as capas da revista *Anauê!* trazia cores, desenhos, a capa da revista *Panorama* apenas trazia o símbolo do movimento e sobre este, o sumário dos assuntos e dos autores daquele número da revista.



Figura 5: capa da revista *Anauê!*
n.2. Maio de 1935

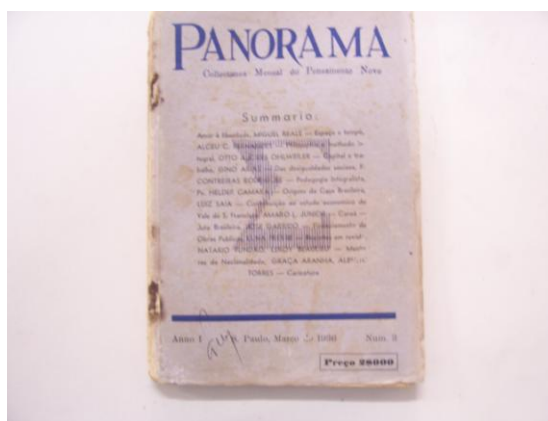


Figura 6: capa da revista *Panorama* n.8. Março de 1936.

⁴⁷¹ MARTINS, Ana Luiza. Op.cit., p.40.

⁴⁷² **Panorama**. São Paulo, ano II, n.12, 1937, contracapa. A revista *Panorama* fazia propaganda da revista *Anauê!* e esta da *Panorama*, outra estratégia de atingir públicos diversos que pudessem ter acesso as duas revistas.

Sabemos que as imagens servem como dispositivos discursivos de propaganda e atendem a finalidades políticas. Servem para difundir carga emotiva e sensorial com o objetivo atingir o público receptor, produzindo estados de aceitação, contentamento e satisfação⁴⁷³.

Diante da forma diversa de se dirigir ao público leitor nas revistas integralistas, não podemos deixar de nos remeter a Roger Chartier que nos alerta que as formas dos textos são intencionais, são produtoras de sentidos, não são “neutras”. Desta forma compreendemos as intenções de vincular o mesmo discurso integralista de maneira diferente nas duas revistas em questão.

Porém, as duas revistas integralistas convergiam em um ponto: nada acontecia sem as ordens do chefe, tudo que fosse produzido em termos de impresso deveria estar fielmente ligado ao pensamento do chefe nacional e aprovado por ele porque representava a personificação do movimento, era insubstituível, um guia. O editorial do primeiro número da revista *Anauê!* comprova este fato: “Aos irmãos do norte e do sul, do leste e do oeste, ANAUÊ! E a PLÍNIO SALGADO, Chefe Supremo e insubstituível, encarnação do Integralismo, nosso Irmão, nosso Amigo e nosso Guia...”⁴⁷⁴

Este chefe que tudo sabe e tudo controla assumiu várias faces diante do público leitor dos impressos integralistas: de intelectual, de homem do povo, de salvador e guia, ou até o próprio representante de Cristo na terra. Por isso iremos apontar diversas maneiras de exaltar o símbolo representado pela figura de Plínio Salgado que apareceram nas revistas *Anauê!* e *Panorama*.



Figura 7: Plínio Salgado representado como um intelectual. Revista *Anauê!* n.2, maio de 1935, p.5.

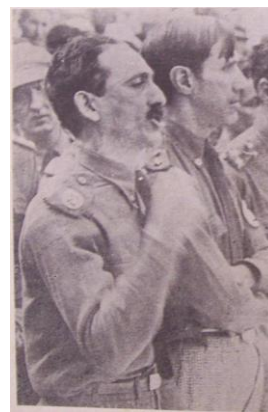


Figura 8: Plínio Salgado entre militantes em Blumenau, SC. Revista *Anauê!* n.3, agosto de 1935, p.3.

⁴⁷³ LENHARO, Alcir. Op.cit., p.16.

⁴⁷⁴ *Anauê!* Rio de Janeiro, ano I, n.1,janeiro de 1935, p.1.

Queiroz Ribeiro, chefe do departamento nacional de polícia da AIB, buscou difundir sua visão do chefe nacional nas páginas da revista *Anauê!*. Vejamos:

E Quem é o chefe?

E nós respondemos: É Plínio Salgado, uma expressão nacional do pensamento e da cultura, uma das inteligências mais robustas do momento atual (...) Plínio Salgado é a força viva de construção (...) foi Plínio Salgado a força viva que ergueu, para tão patrióticos desígnios, o Brasil imenso. A sua força é hoje a força de todos os Camisas Verdes (...) É um forte. É um Homem infatigável, que trabalha de amanhecer a amanhecer, que dedica todos os seus pensamentos a meditações, seus artigos a livros, suas lições e discursos, seu espírito e a própria vida, à Grandeza e Glória do Brasil. É a esse Homem, que despertou a Nação, que os integralistas impuseram o *sacrifício de conduzir os destinos da Grande Pátria*.⁴⁷⁵

Queiroz Ribeiro buscou enfatizar neste artigo que Plínio representava um grande intelectual nacional preocupado com as mazelas nacionais. De sua pessoa emanava a força para todos os integralistas. O movimento dependia dele para sobreviver porque ele era um forte, que havia sacrificado sua própria vida em prol do bem comum: um exemplo a ser seguido.

Já Alarico de Menezes, dirigindo-se aos “Brasileiros Dignos”, buscou demonstrar que o movimento estava sendo dirigido por um homem cuja intelectualidade era reconhecida tanto no Brasil como no exterior:

Brasileiros!!

O movimento integralista é um movimento de cultura e dignidade nacional.

De cultura porque, Plínio Salgado o chefe supremo e perpétuo deste movimento de salvação da nacionalidade e grande pensador (...) já se firmou no conceito da elite cultural dos maiores centros intelectuais...

Plínio Salgado que há quase duas décadas, vem estudando incessantemente os complexos e misteriosos segredos dos povos, principalmente do povo brasileiro, desde seus primórdios, concluiu, que, para salvar o Brasil só havia um recurso:

A Revolução do espírito.
A Revolução do sistema.
A Revolução do caráter.
A Revolução integral (...).

O Integralismo é a redenção da Pátria. É a Idéia inspirada por Deus a Plínio Salgado para a libertação integral de um continente (...).

Um movimento de Deus, inspirado por ele, à quem rendemos graças e por cuja glória iremos à vitória ou à morte.⁴⁷⁶

Alarico acaba por reafirmar que o movimento deveria ser dirigido por alguém da elite cultural, que já havia longamente estudado os problemas nacionais e estava pronto para salvar a nação, através de uma revolução integral, inspirado por Deus, para que assim pudesse enfrentar qualquer ação inimiga, que para o autor tinha a face do judeu,

⁴⁷⁵ *Anauê!* Rio de Janeiro, ano I, n.1, janeiro de 1935,p. 62-63.

⁴⁷⁶MENEZES, Alarico de. Aos Brasileiros Dignos. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I, n.3, agosto de 1935, p. 31.

de sua filosofia: “filosofia judaica, criada e propagada, entre todos os povos cristãos afim de desfribá-los, acostumando-os ao mais torpe materialismo”⁴⁷⁷.

Na seção “*Homens e Idéias*”, da revista *Panorama*, o padre Helder Camara deixa-nos suas impressões sobre a figura do chefe nacional: Um homem patriótico impulsionado pela providência:

Este homem é sobretudo um grande artista cheio de Brasil. É um milagre imenso de vitória sobre si mesmo a obra política sem igual que ele realiza no nosso país. Deve andar nas suas marchas e nos seus gestos um impulso da providência, pois não se entende de outra maneira que um poeta, um sonhador tenha nas mãos, palpável, concreta, a soma tão vasta de realizações. Multiplica-se, soma-se, divide-se, aparece em todos os pontos do Brasil, em toda a parte construindo a grande Nação.⁴⁷⁸

Na revista *Panorama*, a imagem mais difundida era a do intelectual Plínio Salgado, apto para resolver os grandes problemas que afligiam o povo brasileiro. Por isso era divulgados artigos sobre seus romances, seus livros doutrinários, não havendo um apelo explícito ao mito do homem providencial. Encontramos nas páginas da revista *Panorama* uma imagem de Plínio entre os “heróis nacionais”. Vejamos:

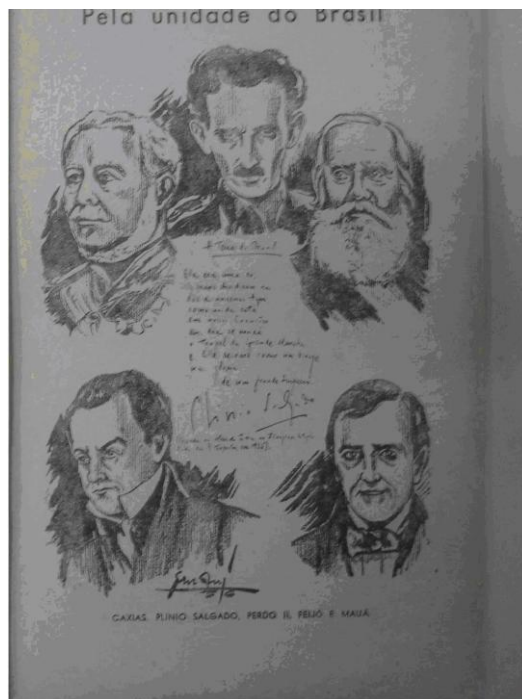


Figura 9: Plínio entre “grandes heróis” nacionais responsáveis pela “unidade do Brasil”: Caxias, Pedro II, Feijó e Mauá. Revista *Panorama* n.8, 1936, p.5.

Na revista *Anauê!* nos deparamos com várias pequenas “histórias” de cunho

⁴⁷⁷ Idem, *ibid*, p.31.

⁴⁷⁸ CAMARA, Helder. Geografia Sentimental. In: *Panorama*. São Paulo, 1937, ano II, n.13., p.39. Em seu depoimento, o padre Helder Câmara analisa também a obra pliniana “*Geografia Sentimental*”, como sendo de “puro e autêntico patriotismo”.

popular que propagavam o caráter “salvador” do chefe dos “Camisas-Verdes” e por isso será interessante observarmos seus dispositivos discursivos que buscam demonstrar a relação dos militantes com o movimento e com chefe . Um dos exemplos é a história de um homem do povo em idade avançada que ao se deparar em um comício com a imagem do chefe começa a chorar e agradecer porque o chefe havia salvado a vida de seu filho:

- Seu Genésio, eu tenho um filho que ganha uns 30 ou 45 contos por semana. Punha tudo no jogo, gastava tudo na orgia. E muitas vezes havia fome lá em casa. Este moço vestiu a camisa verde e nunca mais faltou pão lá em casa! Eu não queria morrer , seu Genésio, sem vir aqui para ver pelo menos o retrato do Chefe Nacional!

E, voltando-se novamente para a fotografia, que de certo ele via mais porque estava com os olhos cheios d’água, repetiu pausadamente:

MUITO OBRIGADO, CHEFE... MUITO OBRIGADO!⁴⁷⁹

Outro exemplo interessante é o diálogo entre um caipira integralista e um bacharel, vejamos:

Um caipira estava lendo... a “Quarta Humanidade”!

Aproxima-se dele um bacharelzinho pedante e começa a zombar do pobre homem.

- Então, que livro é esse?

- É a “Quarta Humanidade”.

- Mas você não entende isso... É um livro muito difícil para você...

(...) - Seu Doto; isso qui é livro do Chefe Nacioná.

E livro do Chefe Nacioná é cumo o Ivangelho de Nosso Sinhô. Quando a gente não entende, a gente acredita,ouviu?

E.C.M.⁴⁸⁰

Esta pequena “história” buscou representar os livros de Plínio como verdadeiros evangelhos. Os militantes integralistas não precisariam necessariamente compreender suas obras, era necessário apenas possuí-las e acreditar sem questionar no conteúdo das mesmas, assim como nas atitudes do chefe nacional.

Plínio também apareceu como o “remédio” para todos os males, na pequena historinha: “*Bom Pra Tudo*”:

- Seu Doutô, eu queria um frasco de remédio.

- Mas que remédio?

- Ah! seu Doutô. Eu me esqueci do nome. Mas espera ai, é um remédio bom p’ra febre, p’ra defluxo, p’ra reumatismo, p’ra tudo enfim seu Doutô.

O farmacêutico pensa:

- Elixir de Nogueira....

- Não! Não! Deixa ver seu doutô, parece coisa que tôu me lembrando.

É isso mesmo! O nome do remédio é... Plínio Salgado!⁴⁸¹

A linguagem utilizada na maioria dos diálogos é coloquial, dependendo da região,

⁴⁷⁹ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I,n.4, outubro de 1935, p.26. “Seu Genésio” era chefe do núcleo integralista de Caruaru, em Pernambuco.

⁴⁸⁰ E.C.M. A gente acredita. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano II, n.6, janeiro de 1936, p. 10. Pelas iniciais do nome indica que o autor seja Eurípides Cardoso de Menezes.

⁴⁸¹ Bom Pra Tudo: In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano III, n.14, abril de 1937, p.8.

se ocorre não cidade ou no campo, e apresenta-se como uma estratégia de atingir um público leitor popular.

Já o diálogo entre pai e filho integralistas buscou representar uma situação cotidiana, em que o pequeno pliniano precisava tomar um remédio e não queria, mas o pai lhe convence porque o “*Chefe mandou*”:

Uma das maiores conquistas do Integralismo foi, certamente, ter criando no norte e no sul, entre velhos e jovens, um *senso profundo de disciplina* que assombra e faz tremer os adversários do Sigma.

O episódio que vamos narrar, contado pelo cônego Aquino, dá uma amostra da disciplina integralista, até mesmo entre as crianças.

Télinho, um pliniano entusiasta, estava adoentado e precisa tomar um remédio (...) Não havia jeito de se lhe dar a droga.

Depois de muito trabalho infrutífero, veio ao pai de Télinho uma idéia luminosa:

- ‘Télinho, toma o remédio. Foi o Chefe Nacional que mandou.

- O Chefe Nacional!

- Sim meu filho. Para você ficar forte e poder trabalhar pelo bem do Brasil...

Não terminará o ‘discurso’, o Télinho já havia tomado o óleo de rícino sorrindo e fazendo caretas simultaneamente. *Ordem do Chefe Nacional não se discute...*

E.C.M.⁴⁸².

O diálogo demonstra novamente um senso de comportamento fundamental que todos integralistas deveriam possuir deste a mais tenra idade para assim tornar-se um “verdadeiro homem integral”: senso de disciplina e obediência incondicional ao chefe Plínio Salgado. Também marca a amplitude da atuação que movimento buscava ter nos lares, nas práticas sociais de seus adeptos, onde a presença do chefe a direcionar a conduta de vida de todos deveria ser constante.

Com o intuito de propagar a imagem e a presença do chefe nacional na vida dos militantes, a revista *Anauê!* publicou em seu primeiro número um retrato de Plínio de tamanho de uma página para ser destacado pelo leitor, e explicado a eles a necessidade de possuir o retrato do chefe nacional em destaque nos lares integralistas:

O Integralismo é a Revolução da Família. Por isso não deverá faltar nos lares brasileiros o retrato do CHEFE NACIONAL. Ai o tem os leitores. Está feito de modo a ser facilmente destacado e colocado num quadro que deverá honrar a sala de visita de todo o integralista. ‘O Chefe não é uma pessoa e sim a Idéia’. Mas as visitas, levadas pela curiosidade, perguntarão pela pessoa e ouvirão, em resposta, a Idéia.

Além disso, não é justo que só os núcleos possuam a fotografia do Chefe; as famílias, como verdadeiros sub-núcleos, assiste igual direito.

Inaugure-se, pois, no país inteiro, o retrato de quem se fez dono dos nossos corações. Que cada chefe de família convide seus amigos, vizinhos e parentes e, ao som do hino da Pátria, renove o juramento de fidelidade ao Chefe Nacional PLÍNIO SALGADO, diante da vida e diante da morte!⁴⁸³

⁴⁸² *Anauê!* Rio de Janeiro, ano III, n.13, março de 1937, p.24. Grifos nossos.

⁴⁸³ *Anauê!* Rio de Janeiro, ano I, n.1, janeiro de 1935, p.2.

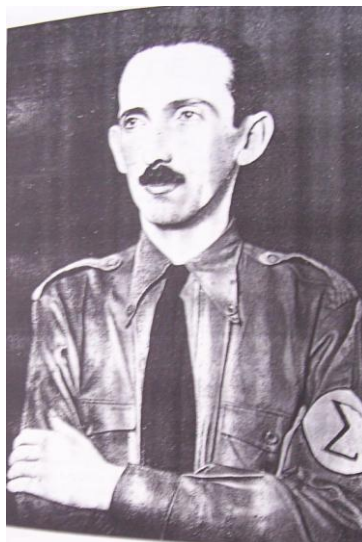


Figura 10: Imagem propaganda do chefe nacional divulgada na revista. *Anauê!* n.1 de janeiro de 1935, p.4.

Neste editorial podemos perceber o apelo às famílias, representadas como um sub-núcleo integralista, para que estas agissem como canais de propaganda do movimento divulgado a imagem de Plínio para com isso cooptar mais militantes.

Além de ter salvado a vida de um jovem, de ser um remédio para todos os males, dos seus livros serem considerados “evangelhos”, Plínio carregava também a responsabilidade de “salvar” a Pátria, por isso todo militante que fosse digno, “idealista puro”, tinha a obrigação moral de ler os livros do chefe, pois seria a maneira de adentrar na alma do homem que inspirou em todos militantes uma filosofia nova:

Se o Camisa Verde tem o dever de acompanhar tudo quanto aparece no mercado sobre a doutrina que ele abraçou, muito maior é sua obrigação moral se o trabalho traz o nome de Plínio Salgado na primeira página.

O integralista sincero, idealista puro, impõe a si mesmo o dever de estudar, linha a linha, os livros de seu Chefe (...) E tudo quanto ele sentiu, tudo quanto ele concluiu, pinga lentamente na folha de papel, formando sínteses profundas de uma filosofia nova (...) Todos vós conheceis, ao menos por uma fotografia, a pessoa do Chefe Nacional, mas nem todos conhecem a alma deste homem (...) esse Homem Novo que tem sobre si a responsabilidade de salvar uma Pátria.⁴⁸⁴

Além das pequenas histórias envolvendo o cotidiano dos militantes mais populares, depoimentos exaltando a figura do chefe também serviram de estratégia discursiva nas páginas da revista *Anauê!*, como este depoimento de Gilberto Passos Noronha declarando o porquê de erguer o braço e gritar “Anauê”:

Anauê! Anauê! Anauê! mais que tudo, nesses três “Anauês” eu saúdo ao CHEFE que nos encaminha a um porvir glorioso, saúdo uma linda bandeira – azul como o céu e branca como paz que almejamos (...) – e saúdo a vitória de um Brasil forte, unido e gigantesco, sem divisões de

⁴⁸⁴ VIVEIROS, Custódio. “Despertemos a Nação”. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I,n.4, outubro de 1935, p.18.

Estados e sem divisões de idéias!⁴⁸⁵

O militante em questão faz questão de divulgar a todos os leitores o seu orgulho em dizer anauê para o chefe que iria construir a nação sem divisões, ligando todos a uma única doutrina: a integralista.

Já o militante Ernani Moraes declarou em seu depoimento como havia se tornado um integralista, servido como exemplo a tantos outros “céticos” que ainda não haviam se convencido que o melhor para a Pátria era adentrar nas fileiras do Sigma:

Cético, medroso, desanimado em relação a qualquer movimento de natureza política (...) nada me empolgava, nada me despertava o interesse.

Um dia – bendito seja esse dia! – deram-me um livrinho de PLÍNIO SALGADO, “o que é o Integralismo”.

Li. Entusiasmei-me...

E desde então, como me sinto alegre! Identifiquei-me com o movimento. (...) “quem lança mão no arado e volta para traz não é digno do reino dos Céus!”, disse o Mestre dos mestres. Quem veste a camisa verde e depois se acovarda e retrocede não é digno da Pátria (...) não é digno da Grande Nação que o Integralismo realizará.

Para a frente, companheiros! Difundindo a doutrina do Sigma, pela palavra escrita e pela palavra falada... ”.⁴⁸⁶

A doutrina idealizada por Plínio além de ser representada como uma “filosofia nova” representava também um “evangelho social”, pois o Integralismo estava concentrando todos seus esforços para promover uma verdadeira “evangelização”, tanto nas cidades como no campo, até na selva amazônica. No artigo “*Nas Selvas Amazônicas*”, a revista *Anauê!* procurou divulgar o trabalho “evangelizador” do Integralismo ligando-o aos interesses de Plínio pelos estudos indianistas:

PLÍNIO SALGADO, que passou noites a fio a estudar a língua tupi, que penetrou nas profundezas da alma brasileira, que soube fazer-se o intérprete da Raça, recebe agora, comovido e vencedor, os “anauês!” mais puros, mais sublimes, mais brasileiros, os “anauês!” de 5.000 índios integralistas que José Guimard foi evangelizar nas florestas amazônicas.⁴⁸⁷



Figura 11: índias do amazonas fazendo o gesto integralista , como se já estivessem “convertidas” para seguir a doutrina do sigma. Mais acima o responsável pela “evangelização”, devidamente uniformizado. Revista *Anauê!* n.2, maio de 1935, p.15

⁴⁸⁵ NORONHA, Gilberto Passos. *Anauê!* In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano II,n.9, abril de 1936, p. 14.

⁴⁸⁶ MORAES, Ernani. Como me fiz integralista. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I,n.2, maio de 1935, p.24.

⁴⁸⁷ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I, n.2, maio de 1935, p.15.

Neste trecho Plínio é colocado como o verdadeiro interprete da “raça”, da “alma” nacional, como podemos observar em suas obras doutrinárias, mas agora o seu discurso podia ser visualizado, materializado na imagem que auxilia na propagação do caráter evangelizador do movimento, pois demonstra índias do Amazonas fazendo o gesto integralista já “convertidas” à doutrina do Sigma.

Mas se alguém duvidasse do caráter espiritual do movimento, deveria saber que até o próprio Deus era integralista, como ficou expresso no artigo do Frei Nosô:

DEUS É INTEGRALISTA!

Deus é Integralista, disse um dos nossos oradores!

Quem não experimentou os efeitos benéficos da transformação espiritual, de certo não compreenderá o sentido exato da revolução interna, porque integralismo é renúncia!

‘Transformae-vos pela renovação do espírito e sede uma nova criatura’, ensina o grande Apóstolo São Paulo.

Eis a verdadeira revolução interior. Eis porque os materialistas nos não compreendem (...).

É a eterna luta do bem e do mal!...

Necessário se torna viver para a glória de Deus, para o bem da coletividade, para a exaltação da Família, para a grandeza da Pátria!

Integralismo é o evangelho social, é a salvação da nacionalidade, é o emprego da moral no Estado, é o Estado dentro da moral...

Já muitos camisas verdes tombaram na luta pelo bem do Brasil. Outros ainda serão sacrificados, porém, a idéia permanecerá e a vitória será certa, porque é o espiritualismo contra o materialismo, é o bem contra o mal!

Deus é integralista!⁴⁸⁸

Frei Nosô intensifica o caráter evangelizador do Integralismo, a necessidade da revolução interior, utilizando o potencial mobilizador da imagem de Deus, como forma de consagrar os ideais integralistas.

Mas devemos salientar uma estratégia fundamental de persuasão muito utilizada que acaba por aproximar o Integralismo do Cristianismo: o apelo ao *sacrifício*. Todos precisavam renunciar sua vida, como havia feito o chefe nacional, em prol do movimento e de seus ideais, pois àqueles que lutassem pelo Integralismo tornar-se-iam mártires: “Aos que sucumbiram na defesa do ideal, aos nossos mártires, gloriosos cujo sangue regou o solo bendito da Pátria, produzindo milhares de novos companheiros, a comovida homenagem da revista *Anauê!*”⁴⁸⁹. Todos iriam para as “Milícias do Além”, já que “no Integralismo ninguém morre: os que tombam a serviço da Pátria viverão eternamente no coração dos camisas-verdes”⁴⁹⁰.

Uma das homenagens aos “mártires” integralistas foi publicada na revista *Anauê!* de abril de 1936. Era um desenho que retratava o momento da morte do “mártir” José

⁴⁸⁸ Frei Nosô. Revolução Interior. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I, n.5, dezembro de 1935, p.35.

⁴⁸⁹ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I, n.2, maio de 1935, p.9.

⁴⁹⁰ Idem, ibidem, p.9.

Luiz Schroeder, morto em confronto em São Sebastião do Cai, RS, em 24 de fevereiro de 1935. Ele se encontrava nos braços de sua irmã (Nancy), segurando as bandeiras do Brasil e do Sigma, e ao fundo está Jesus Cristo, esperando-o de braços abertos, para compor as “Milícias do Além”:

Nancy, transfigurada, naquele instante trágico, não era simplesmente a irmã, mas representava a mulher brasileira plangente e conformada oferecendo aquele sacrifício em nome do lema que aquela mocidade defendera com o próprio sangue. ‘Meu Deus’, ‘Mamãe’. As Bandeiras unidas. Ele ofereceu a própria vida pelo lema que o dirigiu não sua curta existência terrena: POR DEUS, PELA PÁTRIA E PELA FAMÍLIA!⁴⁹¹



Figura 12: desenho homenageando o mártir integralista. Revista Anauê! n.9, abril de 1936, p.15.

Buscou-se demonstrar aos leitores o sacrifício e a renúncia de dois jovens integralistas. O mártir havia defendido com seu sangue, sua própria vida o lema que “dirigia” sua vida. Até no momento da morte o jovem carregou consigo os dois símbolos mais caros aos integralistas: a bandeira nacional e do sigma, demonstrando seu compromisso para com a Pátria e o Sigma. Sua jovem irmã apresentava-se “conformada”, pois seu irmão havia morrido por Deus, pela Pátria e pela Família e isso era a “glória”. Acreditamos que ao publicar tal imagem em destaque na revista, o movimento buscava encorajar a juventude frente aos combates travados pelo “bem da nação”, mas também ditar uma maneira de se comportar frente à situação de morte, demonstrando que todos os sacrifícios deveriam ser feitos para defender os ideais integralistas.

⁴⁹¹ Por Deus, Pela Pátria e Pela Família. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano II, n.9, abril de 1936, p.16.

Outro artigo intitulado “*Mãe Brasileira*” narrou o ritual fúnebre integralista na morte de outro “mártir”: Sechin, buscando mais uma vez demonstrar a renúncia e sacrifício, agora de uma mãe para com o movimento. Ela oferece os outros filhos para morrer pela nação:

Despede-se de Sechin (...) Nesse instante, instante que nunca mais se apagará dos meus olhos, a velha mãe de Sechin ergue o braço e diz: ‘FILHO QUERIDO, PELO BEM DO BRASIL, ANAUÊ!’ E virando-se para nós acrescenta: ‘DIGAM AO CHEFE NACIONAL QUE AINDA TENHO DOIS FILHOS PARA MORREREM PELA GRANDEZA DA PÁTRIA!’⁴⁹²

A revista procurou divulgar um modelo de conduta feminina, de renúncia e sacrifício como podemos vislumbrar através dos dois artigos acima citados, mas também era um instrumento eficaz na cooptação de mais mulheres para as fileiras integralistas já que estavam assumindo novos papéis na sociedade, como vislumbramos anteriormente. O movimento integralista pregava o “*O Verdadeiro Feminismo Cristão e Brasileiro*”:

A mulher nas páginas sagradas; a mulher ao pé da cruz; a mulher lançada às feras e vertendo o sangue em testemunho de sua fé no coliseu romano; a mulher nas longas vigílias ao lado do berço do filhinho enfermo; a mulher nos hospitais; a mulher nas fileiras do Sigma com sua candura, sua fé e seu admirável espírito de sacrifício.

É ela, a mulher brasileira, identificada com a doutrina e com o espírito do Integralismo, que plasmará o caráter da nova geração nascida sobre a bandeira azul e branca e batizada de camisa verde!⁴⁹³

O “verdadeiro feminismo” era cristão, porque era sacrifício, era testemunho de fé. Seu compromisso ao adentrar nas fileiras do sigma para preparar a nova geração, inserida dentro de um cenário de ressurgimento nacional.



Figura 13: “Blusas Verdes” do município de Barra Mansa/RJ. Imagem divulgada no artigo: “O verdadeiro feminismo, cristão e brasileiro!”

Enfatizava-se nas páginas da revista *Anauê!* que todos os movimentos de

⁴⁹² Mãe Brasileira. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano II, n.10, maio de 1936, p.10-11. Grifos do autor.

⁴⁹³ O verdadeiro feminismo, cristão e brasileiro! In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I, n.4, outubro de 1935, p.29.

“ressurgimento” e de “reação” como o Integralismo passavam por momentos difíceis, de provação, em que necessitavam usar todas as armas para se impor, mesmo que fosse a morte de seus militantes, que honrariam com seu sangue o lema integralista, pois juraram pela sua honra e por Deus ser fiel ao chefe nacional diante da vida e diante da morte.

O Integralismo encontrava-se na sua “fase heróica”, resistindo bravamente a todas as calúnias e difamações. Porém, faltava aos inimigos dos integralistas, moral, renúncia e sacrifício, características inerentes de todos os militantes “Camisas - verdes”. Os ataques contra o movimento serviriam apenas para aumentar sua vontade de vencer. Para se tornar um “herói” era necessário primeiramente sacrifício:

Longe, porém, de criar entraves à avançada dos soldados verdes estas campanhas que se procuram fazer contra nós nos animam a continuar, com a cadência rítmica dos nossos passos, a marcha redentora de nossos exércitos é a marcha gloriosa de uma Idéia.

Este é, fatalmente, a hora mais bela do Integralismo. A hora da provação. A hora da bravura. A hora do sacrifício.⁴⁹⁴

Entretanto, apesar das perseguições, calúnias e difamações, o Brasil havia ressuscitado perante a mobilização integralista. A ressurreição do Brasil foi anunciada pelos “anjos verdes”:

Aqui jaz um povo escravizado ao capitalismo judeu internacional. Aqui está uma Raça ameaçada de desaparecer sobre a volúpia imperialista dos novos bárbaros. Repousa aqui uma Pátria vilipendiada pelo abandono e criminoso utilitarismo de filhos espúrios...

Mas, chegará o 3º dia! Quando os piedosos amantes da Pátria procurarem no túmulo o Brasil amortalhado encontrarão a tumba vazia.

Anjos verdes, armados de sigmas flamejantes como outras tantas espadas de arcanjos dirão então:

- (...) O Brasil não está aqui! Ressuscitou, como disse: *Anauê!*⁴⁹⁵

A legitimação divina constrói o discurso difundido nas páginas da *Anauê!*. Sacrifício, momentos de provação, renúncia, unidade, ordem, disciplina, obediência são algumas características que aproximam ainda mais o Integralismo do Cristianismo, mas é Eurípides de Menezes, chefe da redação da revista, pastor luterano, que nos apresenta analogias entre o Cristianismo e o Integralismo:

‘O sangue dos mártires foi a semente da Igreja’. Onde tombava um cristão, surgiam mil!

O sangue dos mártires da Revolução Integralista, caindo nesta terra abençoada, fertilizou-a de tal sorte que tem hoje a impressão de que brotam diariamente no solo, aos milhares, os novos companheiros que vem tomar o lugar dos que se foram!

⁴⁹⁴DIAS, José Carlos. A Fase heróica. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I,n.3, agosto de 1935, p.23. Este militante era responsável pela Secretaria de organização política do município de Iguçu/RJ. Era jornalista.

⁴⁹⁵DIAS, José Carlos. Ao terceiro dia. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I,n.5, dezembro de 1935, p.34. O militante faz uma analogia entre a ressurreição de Cristo e a a ressurreição do Brasil e a visita a seu sepulcro das “Marias” ao terceiro dia, como narrada nas histórias bíblicas.

Foi a perseguição que deu maior impulso ao Cristianismo. Foi a campanha iníqua movida contra nós que nos enrijeceu a fibra e fez da Ação Integralista Brasileira esta potência invencível que ai está!”

Zombavam os pagãos dos “fanáticos” seguidores de Cristo, o pobre justificado como ladravaz ou homicida no alto do calvário.

Escarneciam também os liberais-democratas e os comunistas dos que entusiasticamente se declaram seguidores da doutrina política de Plínio Salgado (...) que em 1932 nenhum prestígio eleitoral e nenhum outro recurso possuía senão a sua fé inabalável na misericórdia divina e nas virtudes da raça (...).

Com o milagre da multiplicação de pães e dos peixes, deu Jesus de comer a milhares de pessoas. Com a multiplicação dos jornais integralistas, vai a doutrina do Sigma saciando a fome deste povo generoso e bom, já fatigado de pedir pão e receber pedras dos padraços desalmados da “imoral-democracia”!

O Chefe Nacional, que viajava antigamente com tanta dificuldade, é hoje, em certo sentido, quase onipresente. Não tendo, embora, nenhum atributo divino, não podendo estar conosco a toda hora em carne e osso, está sempre em nossa mente pela Idéia que ele tão admiravelmente encarna, e em nossos corações pelo amor que lhe vota mais de meio milhão de camisas verdes. E até seus discípulos (...) são hoje, pelo milagre do Sigma, transportados dum lugar para outro (...) afim de predicarem a Doutrina Nova ao povo brasileiro!⁴⁹⁶

As intenções de aproximar o Integralismo do Cristianismo são claras, principalmente na utilização de símbolos e figuras míticas mobilizantes tais como: sangue dos mártires, perseguição dos pagãos, multiplicação de pães e peixes, onipresença. Como haviam zombado de Cristo, zombaram de Plínio Salgado, que também não possuía prestígio no início de sua vida pública. Cristo fizera a multiplicação de pães e peixes alimentando seu povo; Plínio Salgado fez multiplicar os jornais integralistas que divulgaram a doutrina do Sigma, representando o alimento para milhares de brasileiros. O chefe nacional representava o “pai” daquele povo, até então maltratado, ignorado pelos “padraços” liberais. Diante desta afirmação, nos remetemos a Girardet que afirma que a imagem do chefe providencial, do salvador adquire autoridade de pai e acaba por agregar em torno de si sentimentos de respeito e devotamento, assumindo um papel de protetor, que restaura a confiança, a segurança, o sentimento de pertencimento⁴⁹⁷.

A imagem do chefe nacional é aproximada da imagem de Cristo. Porém, Eurípides de Menezes tratou logo de não delegar a Plínio um atributo divino, mesmo que tenha feito todas as analogias desde o início do artigo. Alegou que o chefe nacional não poderia estar presente em pessoa em todos os lugares, mas todos os integralistas deviam carregar Plínio no coração e levar consigo suas idéias, assim tornar-se-ia

⁴⁹⁶MENEZES, Eurípides C. de. Cristianismo e Integralismo. Analogias. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I, n.5, dezembro de 1935, p.4-5.

⁴⁹⁷ GIRARDET, Raoul. Op.cit., p.91.

onipresente, como Cristo, que ninguém pode ver, mas que pode carregar no seu íntimo para onde for. Os discípulos de Plínio levariam ao povo faminto a doutrina do Sigma: o “milagre” que todos esperavam, assim como os discípulos de Cristo levaram o evangelho ao povo.

Outro artigo de Eurípidés C. de Menezes buscou assinalar as “afinidades” entre Plínio Salgado e Paulo de Tarso:

Na cristianização dos gentios o grande predestinado foi Paulo de Tarso. Na salvação do Brasil, Plínio Salgado!

E a quem estuda a vida de ambos, não poderá escapar a extraordinária afinidade que os une por cima de vinte séculos!

Paulo de Tarso era senador, doutor da Lei, filósofo, escritor (...) tudo abandonou para se dedicar de corpo e alma à Causa do Evangelho. Plínio Salgado, também filósofo e escritor (...) tudo deixou, inclusive a cadeira de deputado, para se consagrar à Causa do Brasil, para ir de vila em vila, de cidade em cidade, pregar aos seus irmãos a doutrina redentora do Sigma!

(...) Ambos bondosos e enérgicos, absolutamente identificados com a sua tarefa e atribuindo não a si mas ao auxílio de Deus o êxito de seu grandioso apostolado.

(...) Um e outro lançaram mão duma arma apenas, aliás, a mais poderosa: a palavra. (...) ambos conquistando os corações bem formados, convertendo os pervertidos e levantando um edifício cuja construção exige abnegação porque seu destino é sobreviver aos séculos!

(...) Como Paulo se identificou com o cristianismo e com seus discípulos e irmãos, também o Chefe se identificou com a Causa do Sigma e com os seus ‘camisas verdes’. Um e outro, privando-se do aconchego do lar, constituíram uma enorme família espiritual.⁴⁹⁸

Plínio Salgado e Paulo de Tarso: apóstolos anunciadores da “boa nova”, possuidores de valores superiores que a tudo renunciaram, utilizaram-se da palavra como arma para “converter” os incrédulos, constituindo uma grande família espiritual. Mesmo não atribuindo explicitamente poderes divinos a Plínio, nestes dois artigos de Eurípidés de Menezes podemos vislumbrar que o chefe dos “Camisas-Verdes” não era um ser humano comum, pois era o “predestinado” a ressuscitar o país, usando sua bondade, mas ao mesmo tempo sua energia, sua doutrina, mas também seu poder de persuasão frente ao militante:

Amai-vos uns aos outros, - recomendou Jesus Cristo, o doce nazareno de bondade e sabedoria infinitas, que pelo imenso amor que dedicou à humanidade, foi crucificado pelos homens... Essa recomendação do Cristo não pode ser esquecida por nenhum homem capaz de elevar o espírito a um plano acima do materialismo dissolvente que envenena o mundo na hora que passa, e de compreender que o ser humano é alguma coisa diferente de uma simples peça de máquina. Plínio Salgado, o homem predestinado que desvendou aos brasileiros que sentiam o sofrimento da Pátria sem lhe perceberem a causa profunda, o único rumo certo para atingir a salvação, quando lançou aos quatro cantos do Brasil a Doutrina Integralista, não

⁴⁹⁸MENEZES, Eurípidés Cardoso de. Paulo de Tarso - Plínio Salgado: Afinidades. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano II, n.6, janeiro de 1936, p. 5-6.

esqueceu aquelas palavras do mestre⁴⁹⁹.

Depoimentos aproximam ainda mais o Integralismo do Cristianismo, enfatizando que todo cristão deveria ser também integralista, como no artigo: “*Por Deus e Pela Pátria*”:

... Como cristão, não posso deixar de ser integralista, e como integralista sou obrigado a executar as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores hierárquicos. Quando se recebe uma nomeação no Integralismo, tal nomeação equivale a uma ordem que tem de ser cumprida.

Nossa Pátria corre o perigo de ser aniquilada pelo comunismo materialista e pagão; a onde vermelha de Moscou ameaça desonrar a Família brasileira, quebrar nossos altares, menosprezar o que nos é sagrado, substituir a cruz pela foice e pelo martelo bolchevista, profanar nossos templos (...), fazer reinar o Anti-Cristo no lugar de Cristo Nosso Senhor.

... Meu coração de cristão e de brasileiro palpita por Deus e pela Pátria. Convicto que o Integralismo é a aplicação prática dos princípios de Cristo na vida social(...) renovo o juramento que fiz por Deus e minha honra, de ‘trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando sem discutir as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores’.

...no dia que vossa reverendíssima ouvir o Chefe Nacional, quando ler a bibliografia integralista cotejando-a com o evangelho de Cristo (...) envergará sob as vestes eclesiásticas a gloriosa camisa verde...⁵⁰⁰

A divulgação da carta do pastor luterano serviu como exemplo aos demais integralistas, pois buscava valorizar a renúncia de interesses pessoais em prol do movimento, o acatamento incondicional às ordens do chefe nacional, a luta contra o inimigo comum: o “anti-Cristo”, representado pelo “comunismo materialista pagão”, que ameaçava a instituição sagrada da família e os templos sagrados. O Integralismo era o movimento que colocaria em prática os princípios de Cristo, por isso todos os cristãos deveriam ser integralistas, deveriam jurar trabalhar no movimento, porque as obras doutrinárias integralistas complementavam os ensinamentos de Cristo.

Outro artigo publicado na revista *Anauê!* liga o movimento aos cristãos. Oswaldo de Assumpção Rego Filho criou um artigo em forma de oração à Pátria e ao chefe nacional, lembrando a oração do Pai Nosso, amplamente conhecida, entre os cristãos:

PÁTRIA nossa que estás em nossas almas e és do Senhor a filha protegida (...) Santificada sejas pela nossa fé ardente (...). Venha a nós a seiva fecundante das tuas florestas verdes! (...). Seja feita pelo amor dos “Camisas-Verdes”, o farol de luz branca, iluminando o mundo em brumas submerso, PÁTRIA QUERIDA – o Patriotismo nosso de todo dia, fortalece-o hoje e cada vez mais, para que possamos, sem desânimo, fazer de ti, PÁTRIA QUERIDA, embora tenhamos que nos sacrificar, o BERÇO DA LUZ DO MUNDO NOVO, A AURORA SUBLIME DA ‘QUARTA HUMANIDADE’. Perdoa-nos haveremos te abandonado tantos séculos (...)

⁴⁹⁹ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I,n.1,janeiro de 1935, p.42.

⁵⁰⁰ HEINE, Augusto, apud, MENEZES, Eurípides Cardoso. “Por Deus e Pela Pátria”. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, outubro de 1935, ano I,n.4, p.10. Augusto Heine era pastor luterano em Caxias do Sul, RS, envia a Eurípides de Menezes uma carta em que abria mão de reassumir seu posto de ministro da Igreja Luterana em favor do Integralismo.

Não nos deixe, jamais, ó PÁTRIA MÃE, morrer longe de teu pavilhão auri-verde, longe da bandeira azul e branca do Sigma, irmã salvadora da tua bandeira sacrosanta (...) Anauê!⁵⁰¹

O texto em forma de oração trás a imagem da cruz, um dos símbolos máximos do cristianismo⁵⁰².

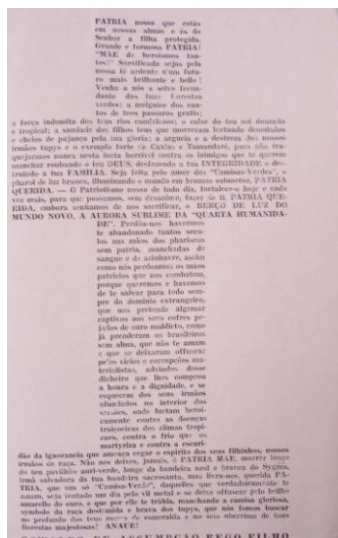


Figura 13: Revista *Anauê!* n.7, fevereiro de 1936, p.15.

Mas como ficava a ligação do movimento com as instituições religiosas e pessoas vinculadas a elas? Nas diretrizes integralistas número XX, ficou expresso o que seria na teoria a relação do Integralismo com a Igreja: “O princípio do Integralismo em matéria de cooperação religiosa é o regime de concordata, sem perda de autonomia das partes e visando sempre a grandeza nacional dentro do ideal cristão da sociedade”⁵⁰³. Na revista *Anauê!* também havia referências dos elos que ligavam os interesses do movimento a instituições religiosas:

O integralismo não admite a exclusividade de uma religião por aceitar todas as religiões que adoram a Deus, amam a Pátria e respeitam a família (...) que sendo totalitário aceita todas as convicções religiosas uma vez que abracem aquela trilogia: Deus, Pátria e Família (...) se o inimigo é comum justo e necessário é que contra ele se unam todos que lhe são contrário⁵⁰⁴.

O trecho acima deixa claro que todos os credos que estivessem lutando contra o inimigo comum: o materialismo e sua materialização: o comunismo, eram bem vindos no Integralismo.

Na revista *Anauê!* encontramos várias imagens atrelando o movimento a instituições religiosas, mas uma foto ecumênica onde estão vários padres, pastores, até espíritas, representantes da “*Frente Única Espiritual*” chamou-nos a atenção:

⁵⁰¹ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano II, n.7, fevereiro de 1936, p. 17.

⁵⁰² Segundo Alcir Lenharo, a cruz é o símbolo amplamente utilizado para designar ordem.

⁵⁰³ SALGADO, Plínio. O Integralismo Perante a Nação. In: **Obras Completas**, V. IX, 1955, p.122.

⁵⁰⁴ *Anauê!* Rio de Janeiro, ano I, n.1, janeiro de 1935, p.40.

No centro do banco vêem-se, assentados, lado a lado, dois sacerdotes de dois ramos católicos que não se reconhecem oficialmente: O Padre Antonio F. de Mello (católico romano) e o Ver Gastão P. de Oliveira (católico anglicano), ainda ladeando o Padre Mello, vê-se na extrema, o Pastor Eurípides C. de Menezes (protestante-luterano) (...) Vê-se ai também a família espírita do companheiro Thompson Filho.

É a resposta unânime, que dá um povo profundamente espiritual, ao grito de alerta do seu grande Chefe Plínio Salgado, o chefe suscitado por Deus para salvar o Brasil.⁵⁰⁵

O artigo enumera as pessoas que estão na foto e comenta que mesmo pertencendo a instituições religiosas diferentes, todas estavam unidas pelo bem da nação, guiados pelo “grande chefe” integralista, designado por Deus para salvar o país. Então, percebemos que mesmo sendo as instituições religiosas independentes, estas deviam acatar as ordens de Plínio, mostrando a unidade em seguir a doutrina da “salvação” nacional, além disso, o artigo não liga o movimento a um credo, buscando, desta forma, cooptar cristãos de várias confissões religiosas.



Figura 14: Frente Única Espiritual. Revista *Anauê!*, n.3, agosto de 1935, p.7.

Inúmeros artigos da revista voltavam-se para a crítica aos “inimigos” da “Frente Espiritual”, como, por exemplo, no número onze da revista, em julho de 1936, onde foi publicado os “*Dez Mandamentos Comunistas*”⁵⁰⁶ e é interessante apontarmos:

- I - Odiar o Senhor, vosso Deus;
- II – Amaldiçoar o Senhor vosso Deus;
- III – Desprezar o dia do Senhor;
- IV – Desprezar pai e mãe;
- V – Matar;
- VI – Impureza;
- VII – Furtar;
- VIII – Mentir;
- IX – Desejar a mulher do próximo;
- X – Preparar a revolução universal;

Estes “Dez Mandamentos” assinados pelo cônego Mello Lula, serviram para provar a todos que tivessem acesso à revista que o comunismo era contrário aos mandamentos divinos, que representavam e representam um modelo de conduta a ser

⁵⁰⁵ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I, n.3, agosto de 1935, p.7.

⁵⁰⁶ LULA, Mello. Os Dez Mandamentos Comunistas. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano II, n.11, julho de 1936, p.26.

seguido, aceito como verdade pela grande maioria. No momento que a revista publica tais mandamentos, totalmente contrários à moral cristã, utiliza-os como estratégia de arregimentação entre os cristãos, e entre os anticomunistas.



Figura 15: Capa da revista Anauê! n.9, abril de 1936.

Buscando cooptar militantes entre os cristãos católicos, a revista publicou uma advertência aos católicos que ainda não haviam aderido ao Integralismo, utilizando a figura do Jackson de Figueiredo, ícone da intelectualidade laica católica,. No artigo apresentam ao “Brasil- Integralista” o irmão de Jackson, Jacintho de Figueiredo:

INTEGRALISTAS

Apresentemos ao Brasil- Integralista o companheiro Jacintho de Figueiredo, irmão de JACKSON, que, juntamente com toda sua família, vestiu a “camisa verde”! A maneira cordialíssima por que foi recebido o nosso diretor pela genitora de JACKSON, quando de sua recente estadia em Sergipe e os seus “anauês” enviados ao Chefe Nacional, constituem, ao nosso ver, significativa advertência aos católicos que ainda não entram para o Movimento.⁵⁰⁷

Adesão de uma família tradicional católica que havia “vestido a camisa verde”, vários membros dos mais diversos credos assinando artigos na revista revelam a busca por legitimar a ligação entre o discurso político e o discurso religioso, servindo de incentivo à adesão dos cristãos. No livro: *O Integralismo Perante a Nação*, observamos mais uma demonstração desta busca pela aproximação entre os ideais do Integralismo e do Catolicismo, onde vários depoimentos de arcebispos católicos aparecem prestigiando os ideais integralistas o chefe nacional, como este, do arcebispo de Aterrado:

⁵⁰⁷ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano II, n.6, janeiro de 1936, p. 15. Segundo os estudos de Héglio Trindade, a quase totalidade dos militantes integralistas se proclamava cristã, mas o grupo majoritário era da confissão católica, principalmente entre os dirigentes nacionais e regionais, mas não se pode esquecer da presença considerável de protestantes, principalmente no estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. TRINDADE, Héglio. Op.cit.

Aconselhamos aos bons católicos e ao Clero que prestigiem o Integralismo, único meio de ação atualmente, capaz de impedir a derrocada tremenda que ameaça a Religião e a Pátria (...). Se, pois, no Integralismo temos uma escola de patriotismo sã, e uma ideologia muito aproximada da Doutrina Católica, prestigiá-lo será prazer da nossa parte para que Deus nos ajude, sobretudo na hora incerta e perigosa que vivemos.⁵⁰⁸

Na seção “publicações recebidas”, a revista *Anauê!* publicava notas sobre a revista católica argentina *Criterio*⁵⁰⁹, como uma outra estratégia de conseguir mais adeptos entre os católicos:

“Critério” – é o nome da excelente revista católica argentina dirigida por monsenhor Gustavo J. Franscshi, um dos mais altos expoentes de cultura e espiritualidade do país amigo. Tivemos a grande satisfação em receber p número 345, dedicado especialmente ao Congresso Eucarístico de Buenos Aires.⁵¹⁰

Considerando que as idéias estão sempre em movimento, inseridas em contexto histórico determinados, o Integralismo buscou demonstrar sua preocupação em divulgar entre seus leitores que a revista *Anauê!* estava em sintonia com o restante do mundo, tanto na América Latina como na Europa. Em seções como “Pelo Mundo”, ou “Panorama Internacional”, eram publicados vários fatos que ocorriam pelo mundo.

Até aqui vislumbramos várias nuances dos discursos vinculados às revistas *Anauê!* e *Panorama*, principalmente a preocupação em divulgar como “redentora” a doutrina integralista, assim como regras de conduta aos militantes, tanto homens quanto mulheres, além de empenhar-se em ligar o Integralismo ao Cristianismo e sacralizar a imagem do chefe nacional. Mas a partir de 1937 a ênfase das publicações da revista *Anauê!*⁵¹¹ recaía sobre a figura do chefe nacional como candidato à presidência da república e também no alistamento de eleitores entre os leitores da revista de uma forma mais declarada. Plínio era anunciado o “candidato do Brasil” por ser o único a primar pela unidade nacional:

Daí agora, contemplamos os candidatos das correntes partidárias as mais diversas possíveis, já preparados para as lutas das urnas. E entre estes, destaca-se, apenas, Plínio Salgado – legítima expressão da vontade e do querer de milhares de camisas verdes que, num magnífico plebiscito, o apontaram à Nação como a *encarnação de uma Idéia, a personificação de uma Doutrina, único capaz de salvar o Brasil* das garras dos seus múltiplos inimigos, da confusão e da desordem que o tornariam presa fácil a todos os

⁵⁰⁸ A Igreja Católica e o Integralismo. In: O Integralismo Perante a Nação. Op.cit, p.211.

⁵⁰⁹ A revista *Criterio* representou a equivalente argentina da revista *A Ordem*, organizada pelo Centro Dom Vital no Brasil. A revista *Criterio* tornou-se a porta voz do laicato católico argentino, constituindo-se em um dos meios de divulgação dos livros dos intelectuais. Foi fundada em 1928. Tinha como principal inimigo o comunismo. Para saber mais consultar BEIRED. Op.cit.

⁵¹⁰ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano I,n.5, dezembro de 1935, p.6.

⁵¹¹ No ano de 1937 Eurípides C. de Menezes sai da direção da revista e assume Manoel F. Hasslocher, chefe dos protocolos da chefia nacional da AIB. Para Eurípides C. de Menezes, Manoel Hasslocher era um ótimo nome, pois representava a continuidade estável da revista.

imperialismos.⁵¹²

Alguns apontamentos se fazem necessários ao nos depararmos com este artigo. Ele resignifica a imagem do chefe, ligando-a ao sentimento de pertencimento, de unidade que agrega em torno de si todos os anseios e esperanças; representa a personificação de um ideal comungado por todos os militantes integralistas: Plínio e a doutrina integralista representam a mesma entidade, o homem predestinado a salvar o país do medo da desordem de dos inimigos. Podemos perceber claramente a construção de uma imagem: a do líder carismático, reforçada pelo apelo à sacralização de sua figura.



Figura 16: Plínio Salgado: candidato à Presidência da República pela Ação Integralista Brasileira.

Revista Anauê! n.17, julho de 1937, p.9.

Neste mesmo número da revista aparecem lembretes em letras garrafais para que aos militantes não esquecessem de sua obrigação: votar. “ALISTAI-VOS – é a palavra de ordem do Chefe Nacional”⁵¹³. Outros diziam que o Integralismo precisava de um milhão de eleitores e que todo integralista que não fosse eleitor estaria quebrando seu juramento. Um anúncio chamou-nos a atenção pela ambigüidade em relação à ordem do chefe para todos alistarem-se. Vejamos: “O Integralismo não alicia máquinas humanas de votar, mas, pela pregação de uma doutrina nítida, torna o voto consciente e livre”⁵¹⁴. Como vislumbramos nos protocolos e rituais integralistas, era *dever* de todo militante possuir seu título eleitoral, sob pena de ser julgado. Mas quando divulga que pregava

⁵¹² O candidato do Brasil. In: *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano III, n.16, junho de 1937, p.9. Grifos nossos.

⁵¹³ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano III, n.16, junho de 1937, p.27.

⁵¹⁴ Idem, *ibid*, p.3.

uma doutrina, aceita como verdade pelo militante, buscava amenizar o tom antidemocrático da obrigatoriedade.

Além destes lembretes, outra estratégia foi adotada pelo movimento para cooptar mais eleitores, principalmente entre as camadas sociais menos favorecidas: inúmeras fotos divulgavam o trabalho assistencial promovido pela AIB, como de restaurante popular, lactários, ambulatórios. Este anúncio fala do restaurante “*O Pão de Cada Dia*”:

Trata-se de uma realização magnífica no campo da assistência social e que veio suprir uma lacuna e atender a uma necessidade imperativa de conforto aos trabalhadores humildes da Capital da República. Por preços acessíveis a todos (...) um serviço de restaurante que honra o Integralismo e constitui motivo de justo orgulho para os cariocas.⁵¹⁵



Figuras 17 e 18: Assistencialismo em destaque: restaurante popular e lactários nas páginas da revista. *Anauê!*, n.16, junho de 1937, p.63-66.

Aproveitando o clima de eleições e aliando-o ao mês do trabalhador, a revista *Anauê!* de maio de 1937 foi dedicada ao mês dos trabalhadores, e no editorial, escrito por Manoel Hasslocher, buscava demonstrar que a participação dos trabalhadores da nação só seria possível através do corporativismo, base de sustentação do estado integral, prometendo aos trabalhadores justiça social, redenção e esperança num futuro dirigido pelos integralistas:

A democracia representativa não tem nenhum sentido para nós, fora dos institutos sindicais com base no sufrágio restrito ao âmbito das profissões organizadas. É mentirosa essa democracia de diretórios arbitrários (...) Queremos organizar a Nação Brasileira dando ao nosso trabalhador rural e urbano o primeiro lugar na linha de realização da justiça social. Anima-nos um desejo sincero de levar às populações exploradas deste imenso Brasil a

⁵¹⁵ Idem, *ibid*, p.31.

palavra de redenção e o grito de esperança nos destinos da Pátria.⁵¹⁶

Mas a revista logo tratou de defender os integralistas no momento que eram acusados de serem anti-democráticos:

O Integralismo quer vencer dentro da lei, dentro da ordem, pela persuasão. Por isso publica livros doutrinários, jornais, folhetos e revistas de propaganda. Organiza bandeira de oradores que percorrem o país (...) levando a palavra do Sigma às populações abandonadas do sertão e ao povo céptico das metrópoles.⁵¹⁷

Afirmavam que o único candidato do povo era Plínio Salgado porque havia sido eleito como candidato pelos membros do movimento em todas as sedes integralistas. Mas obviamente que os militantes iriam elegê-lo representante dos “Camisas-Verdes” por ser o chefe nacional, já que era a personificação da doutrina integralista. Mas como sabemos, o projeto de “salvar” o Brasil ficou não se concretizou, mas a imagem de Plínio como o homem predestinado permaneceu no imaginário de seus fiéis seguidores.

O campo da fé, da crença no salvador envolve todo aparato emocional dos militantes integralistas, construindo sua identidade, sua ligação com o “Sigma”, que não representou algo “exótico” aos que viviam o processo político dos anos 30, mas sim uma alternativa aos anseios e expectativas dentro de um contexto histórico específico. Prova da influência da doutrina integralista e do discurso sacralizador de Plínio Salgado é perceptível no depoimento do ex-camisa-verde Mário José Maestri:

Quando eu morrer, eu quero ser enterrado com o ritual integralista (...) Porque no Integralismo ninguém morre. Iam três anauê quando estão te enterrando (...) Todo mundo bota time de futebol e eu vou botar a bandeira da AIB...⁵¹⁸

A imagem de Plínio Salgado como o homem predestinado a salvar a nação brasileira foi construída intencionalmente por conter alto poder de mobilização. O discurso político da Ação Integralista Brasileira, materializado nas revistas integralistas, utilizou-se do discurso religioso e da figura mítica em torno de seu chefe para legitimar-se e também para aumentar o contingente de militantes, ancorando-se a uma comunidade de sentido em torno do imaginário cristão, que encontra ainda mais plausibilidade em momentos de crise, de transformações, de enfraquecimento nos princípios que norteiam a vida cotidiana. Por isso que encontramos inúmeras vezes nas revistas palavras como: sacrifício, mártires, renúncias, salvação, evangelizar, homem

⁵¹⁶ *Anauê!*, Rio de Janeiro, ano III, n.15, maio de 1937, p.9.

⁵¹⁷ Idem, *ibid.*, p.35.

⁵¹⁸ CALIL, Gilberto Grassi. SILVA, Carla Luciana (orgs). **Velhos Integralistas: a memória de militantes do Sigma**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.97.

predestinado, renúncia, salvação, guia, ou entidades como Deus, Cristo, apóstolos, evangelizadores.

Devemos levar em conta que a década de 30 foi um divisor de águas na historiografia brasileira, em que as pessoas tentavam readaptar-se às mudanças culturais, políticas, econômicas e sociais, buscavam sua identidade. Diante deste quadro, a cultura política também sofreu ressignificações, as “massas” não podiam mais ser ignoradas pelos agentes políticos, estes deveriam voltar suas atenções para as “massas”, apresentando-lhes um guia, um “salvador” que pudesse conduzi-las. Nas palavras do intelectual autoritário Francisco Campos: “Os desimportantes, os desesperançados, assistem à ‘ascensão do mytho solar da personalidade’, que virá imprimir ‘ unidade de uma vontade dura e poderosa ao chãos de angústia e de medo de que se compõe o pathos ou a demonia das representações collectivas? ...’”.⁵¹⁹

O Integralismo beneficiou-se da política da crise, pois surgiu em um momento de disputas e desequilíbrios no cenário político e cultural do Brasil, onde os indivíduos buscavam criar elos identitários e afetivos e por isso estavam aptos para mobilizar-se em prol de um chefe que personificava uma doutrina. Os contra-revolucionários, para formar uma comunidade de sentido, irão apelar justamente para idéias, símbolos, ritos e mitos já conhecidos, que acabaram servindo também como produtos de propaganda para divulgar um ideal e um líder.

Já que: “*A fé opera em terreno que não permite a dúvida e só semeia certezas*”⁵²⁰, Plínio buscou implantar a sua ordem, num movimento contrário à revolução comunista e o liberalismo, por isso utiliza-se da sacralização como um recurso de impor suas “verdades”.

⁵¹⁹ CAMPOS, Francisco, apud, LENHARO, Alcir. Op.cit., p.59.

⁵²⁰ LENHARO, Op.cit., p.97. Grifos nossos.

Considerações finais:

Neste estudo nos desafiámos a compreender as especificidades do discurso pliniano e como este discurso foi fundamental para a construção de uma imagem sacralizada de Plínio Salgado e do movimento integralista entre os anos de 1932 a 1937. Detivemo-nos no estudo de seus romances *O Estrangeiro* e *O Esperado*, de suas principais obras doutrinárias e também nas revistas que faziam parte da rede de impressos da AIB.

Para alcançar nosso objetivo, partimos do pressuposto que havia durante as décadas de 20 e 30, tanto no Brasil como no mundo, uma disposição totalitária que sustentava a imagem de uma sociedade uma, indivisa, onde a vida de todos os indivíduos deveria ser controlada, normatizada e conduzida por uma personalidade que detivesse em suas mãos amplos poderes de decisão. Observamos que o discurso pliniano convergia para este tipo de organização social vislumbrando-a como a única forma de “sanar” os problemas nacionais, causados pelo predomínio do materialismo sobre o espiritualismo. Portanto, vislumbramos neste estudo como os discursos estão inseridos em um determinado contexto histórico, e que o Integralismo não representou um anacronismo, um discurso fantasioso sem referências, pois havia no Brasil uma estrutura de plausibilidade que o sustentava. Mesmo assim, o discurso pliniano necessitava legitimar-se e por isso aproximou-se do discurso religioso e utilizou símbolos, ritos, personalidades que compõem o imaginário cristão como forma de construir uma comunidade de sentidos em torno da doutrina do Sigma e de seu idealizador e assim ser reconhecido como verdade pelos seus militantes.

Num primeiro momento, focamos nosso estudo na ambientação cultural na qual Plínio Salgado estava inserido, pois era fundamental entendermos onde começou a se formar seu discurso. Plínio viveu as angústias, os questionamentos que acompanharam o processo de modernização do país. A modernidade instalou um novo padrão cultural, formador de novas identidades e também de novos questionamentos. Os problemas nacionais passam a ser vistos por novos atores da cena social, que estavam em busca de seu espaço. Plínio, assim como muitos intelectuais, delegaram-se a “missão” de pensar o Brasil. Integrando o grupo dos verde-amarelos dentro do movimento modernista, Plínio ergueu a bandeira do “verdadeiro” Brasil, aquele do interior, com sua gente simples, representada pela figura do caboclo, reflexo positivo da mestiçagem. O autoritarismo passou a ser defendido como condição para a independência cultural e

política do país. Era necessário barrar a influência estrangeira, principalmente o comunismo e o liberalismo.

Ao estudarmos os romances plinianos que antecederam o movimento integralista, *O Estrangeiro* e *O Esperado*, tínhamos o objetivo de nos aproximar do imaginário que estava perpassando a vida de Plínio naquele momento, mas também detectar os pilares discursivos que prenunciavam suas obras doutrinárias. Podemos considerar neste momento Plínio não só como um intelectual engajado, mas também como um político que se utiliza da literatura como forma de colocar na fala de seus personagens os principais aspectos da doutrina que estava formando, como se cada um estivesse representando em suas atitudes cotidianas os temas defendidos e repudiados pelo autor como: espiritualismo, anticomunismo, anti-liberalismo, valorização da mestiçagem, idealização do campo, nacionalismo, como a noção do que seria o futuro “Homem Integral” que iria promover a “Revolução Integralista”.

Num segundo momento centramos o nosso estudo no discurso pliniano materializado nas suas principais obras doutrinárias. Nestas obras, muitas vezes de repletas de erudição (*Psicologia da Revolução*, por exemplo), buscamos compreender a dimensão da concepção de revolução defendida por Plínio, já que os seus “inimigos” declarados: os comunistas, também defendiam a revolução.

Compreendemos que a revolução defendida por Plínio era uma contra-revolução, que entendemos não como estagnação, retrocesso, mas como mobilização, participação consciente do militante na defesa da concepção espiritualista da existência. A revolução espiritualista pliniana não poderia ficar apenas na teoria (obras doutrinárias), ela necessitava ser operacionalizada. Mas de que maneira? Percebemos que foi necessário criar vários mecanismos, várias estratégias de convencimento de sua legitimidade para que a doutrina adentrasse efetivamente nas vidas de seus militantes: mulheres, homens, jovens e crianças, que foram: a educação Integral, o assistencialismo, a rede de impressos, comícios, ritos, símbolos.

Mais que uma revolução idealizada, anacrônica, o movimento liderado por Plínio necessitava representar uma nova concepção de vida entre os seus adeptos, ligando-os ao ideal integralista.

Num terceiro momento, nos dedicamos justamente na análise da construção de uma imagem sacral de Plínio Salgado e do movimento integralista. A doutrina integralista foi idealizada para apresentar-se como sendo a única maneira de “salvar” a nação brasileira, e buscou-se fabricar a imagem de Plínio Salgado como sendo o homem

predestinado a cumprir a missão de guiar e salvar o Brasil.

Em todo o seu discurso, Plínio recorreu à religião como uma maneira de promovê-lo e naturalizá-lo. Defendeu a concepção espiritualista da existência nos seus romances, nas suas obras doutrinárias, mas as revistas foram responsáveis por tornar mais atraente este discurso já que os seus ideais doutrinários, assim como sua imagem de guia e salvador, foram “embalados” como produtos a serem consumidos por um amplo público leitor e ou não-leitor, através da divulgação de inúmeras imagens. Os protocolos dos símbolos e rituais integralistas nos auxiliaram nesta análise, pois representaram a normatização dos comportamentos dos militantes perante o movimento e perante o chefe nacional. O discurso pliniano materializado nos ritos, nos símbolos, como nas regras de conduta, tinha como objetivo construir um sentimento de identificação entre os militantes e o Integralismo, e conseqüentemente entre estes e o chefe nacional, já que Plínio representava a personificação da doutrina do Sigma, a sua unidade. Mas para que o seu discurso fosse aceito como legítimo Plínio buscou ancorá-lo a uma comunidade de sentido em torno do imaginário cristão, já cristalizado nas práticas sociais da maioria dos militantes. Por isso era recorrente aparecer nas revistas integralistas palavras como: sacrifício, mártires, renúncia, salvação, evangelização, predestinação, guia. Consideramos que nessa direção é clara a aproximação do chefe com o sacrifício cristão e com o trabalho apostólico.

Fontes:

BARROSO, Gustavo. **O que o Integralista precisa saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

Enciclopédia do Integralismo, volumes: III, V, IX, X, XI, Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1958.

SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade, p.9-161. In: **Obras Completas**, Vol. V. São Paulo: Ed das Américas, 1955. [1ª edição: 1936].

_____. **O Estrangeiro**. São Paulo. Ed: Hélios, 1926.

_____. Despertemos a Nação, p.9-164. In: **Obras Completas**, Vol. X. São Paulo: Ed das Américas, 1955. [1ª edição: 1935].

_____. O Esperado. In **Obras Completas**, Vol. XII. São Paulo: Ed das Américas, 1955. [1ª edição: 1931]

_____. O Integralismo perante a nação, p.79-280. In: **Obras Completas**, Vol. IX, São Paulo: Ed das Américas, 1955. [1ª edição: 1948].

_____. A Psicologia da Revolução, p.9-180. In: **Obras Completas**, Vol. VII. São Paulo: Ed das Américas, 1955. [1ª edição: 1934].

_____. O que é o Integralismo, p.9-77. In: **Obras Completas**, Vol. IX. São Paulo: Ed das Américas, 1955. [1ª edição: 1933].

_____. Palavra Nova dos Tempos Novos, p.187-329. In: **Obras Completas**, Vol. São Paulo: Ed das Américas VII, 1955. [1ª edição: 1936].

_____. Páginas de Ontem, p.165-258. In: **Obras Completas**, Vol. X. São Paulo: Ed das Américas, 1955.

Revistas **Anauê!**: n.1, ano I, janeiro de 1935; n.2, ano I, maio 1935; n.3, ano I, agosto 1935; n.4, ano I, outubro 1935; n. 5, ano I, dezembro de 1935; n.6, ano II, primeira quinzena de janeiro 1936; n. 7, ano II, fevereiro de 1936; n.8, ano II, março de 1936; n.9, ano II, abril de 1936; n. 10, ano II, maio de 1936; n.11, ano II, julho de 1936; n.12, ano II, setembro de 1936; n.13, ano III, março de 1937; n.14, ano III, abril de 1937; n.15, ano III, maio de 1937; n.16, ano III, junho de 1937; n.17, ano III, julho de 1937.

Revistas **Panorama**: n.1, ano I, janeiro de 1936; n.3, ano I, março de 1936; n.4 e 5, ano I, abril e maio de 1936; n.6, ano I, junho de 1936; n.7, ano I, julho de 1936; n.8, n.10, n.11, ano I, 1936 (não consta mês da publicação); n.12 e n. 13, ano II, 1937 (não consta

mês da publicação).

Referências Bibliográficas:

- AGUIAR, Odílio Alves... [et al] (orgs). **Origens do Totalitarismo: 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2001.
- ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento. A geração de 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e Revolução. O Integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi V.5. Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda 1985.
- BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da Nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- BEIRED, José Luis. **Sob o Signo da Nova Ordem: Os Intelectuais Autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 1987.
- BRANCHER, Ana. História na Literatura, História e Literatura. In: BRANCHER, Ana (org). **História de Santa Catarina. Estudos Contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. p.199-210.
- BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo:UNESP, 1992.
- CALIL, Gilberto. **O Integralismo no Pós-guerra. A formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CAMPOS, Cynthia Machado. As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na era Vargas. In: BRANCHER, Ana (org). **História de Santa Catarina. Estudos Contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. p.149-165.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. **Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: o caso do integralismo em Ijuí**. Ijuí: Ed. UNIUI, 1999.

(Coleção trabalhos acadêmico-científicos. Série dissertação de mestrado).

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Ed UNB, 1983.

CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em Cena. Propaganda Política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Papirus, 1998.

_____. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo:Contexto, 1988.

_____, SILVA, Carla Luciana. **Velhos Integralistas: A memória de militantes do Sigma**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações**. Porto Alegre: Ed UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 1988.

CHAUÍ, Marilena. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

CRISTOFOLETTI, Rodrigo. **As Celebrações do Jubileu de Prata Integralista (1957-1961)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis, São Paulo, 2002.

DITZEL, Carmencita de H. Mello. **Manifestações Autoritárias: O Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955)**: Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário: Imaginário Político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ; Belo Horizonte: Ed: UFMG, 1997.

FALCÃO, Luiz Felipe. A Guerra Interna (integralismo, nazismo e nacionalização). In: BRANCHER, Ana (org). **História de Santa Catarina. Estudos Contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. p. 167-198.

_____.A implantação da AIB em Santa Catarina. In: **Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: editora UNIVALI, 2000. p.124-205.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999, p.243-389.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

- _____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo**, Rio de Janeiro, FGV, 1999.
- GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. **Novíssima: Estética e Ideologia na década de vinte**, São Paulo, Ed: USP, 1987.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação e Realidade**, 22(2), 15-45, jul./dez, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LAHUERTA, Milton. Os Intelectuais e os anos 20: Moderno, Modernista, Modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de. COSTA, Wilma Peres da (org). **A Década de 1920 e as origens do Brasil Moderno**. São Paulo, Ed: Unesp, 1997.
- LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político na Primeira República. Uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (org). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II. O Brasil republicano, 2º volume – Sociedade e Instituições (1889-1930). 4ª edição, 1990.
- LEFORT, Claude. **A Invenção Democrática. Os Limites do Totalitarismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. São Paulo: Papyrus, 1986.
- LIMA, Delcio Monteiro de. Remendando a Camisa Verde. In: **Os Senhores da direita**. Rio de Janeiro: Antares, 1980.p.79-132.
- LOUREIRO, Maria Amélia. **Plínio Salgado, Meu Pai**. São Paulo: GRD, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da USP: FAPESQ, 2001.
- MAYER, Arno J. **A Dinâmica da Contra-Revolução na Europa, 1870-1956. Uma estrutura analítica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil, 1920-1945**, São Paulo. Difel, 1979.
- MORAES, Eduardo Jardim de: **A Brasilidade modernista: sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX (O Espírito do Tempo)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. **“Perante o tribunal da história”: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ORLANDI, P. Eni. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. 2 ed. Campinas. SP: Pontes, 1987.

_____. (org) **Discurso Fundador: A formação do país e a construção da Identidade nacional**. São Paulo: Pontes, 2001.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

POSSAS, Lúcia M. Vianna. Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-1938). In: GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de Si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

RÉMOND, René (org). **Por uma História Política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (orgs). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anti-comunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **A Ordem - uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)**. Belo Horizonte: Autêntica/ FAPESP, 2005.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira; MEDEIROS, Sabrina; VIANNA, Alexander M. (orgs). **Dicionário crítico do pensamento da direita. Idéias, Instituições e Personagens**. Rio de Janeiro: FAPERJ, Mauad, 2000.

SILVA, Giselda Brito. (org). **Estudos do Integralismo no Brasil**, Pernambuco: Ed: UFRPE, 2007.

_____. **A lógica da Suspeição contra a força do Sigma: discursos e polícia de repressão aos integralistas em Pernambuco**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de

Pernambuco, Recife, 2002.

SILVA, Ricardo. **A ideologia do Estado autoritário no Brasil**. Chapecó: Argos, 2004.

SILVA, Rogério S. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê. In: **Revista Brasileira de História**, dezembro de 2005, vol. 25, n 50.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e Abusos da História Oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002

SOUZA, Célia Ferraz de, PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1997.

SWAIN, Tânia Navarro (org). **História no Plural**. Brasília: Editora da UNB, 1994.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Mito da Originalidade Brasileira. A trajetória intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 20 ao Estado Novo)**. Dissertação de Mestrado PUC-RJ, 1983.

TRINDADE, Hélió. **O Nazi-fascismo na América Latina**. Porto Alegre, Editora da UFRGS.

_____. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**, São Paulo: Difel, 1979.

ZANOTTO, Gisele. **Tradição, Família e propriedade (TFP): as idiossincrasias de um movimento católico (1960-1995)**. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. **É o caos!!! A luta anti agro-reformista de Plínio Corrêa de Oliveira**. Dissertação (Mestrado em História Cultural) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.